

**LIVROS PREFACIADOS OU APRESENTADOS OU COM ABAS DO
HISTORIADOR OU HISTORIADORES POR MIM APRESENTADOS OU
SAUDADOS
CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO**



**Cel Claudio Moreira Bento
Cel Eng QEMA
Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista**

**LIVROS QUE FUI HONRADO PARA
PREFACIAR, APRESENTAR OU FAZER
ABAS OU QUE NA FALTA DE PREFÁCIO,
POSFÁCIO OU ABAS, OS APRESENTEI**

Livro Digital

Editado por Camila Karen C. S. Renê

SUMÁRIO

- 1 – Meu Prefácio do livro *Reis* de SARA REGINA POYARES DOS ET CASTIGLIONE, FRANCISCO JAVIER.
- 2- Minha apresentação no livro *Resendense por amor* do CMG DANTAS NEY
- 3 – Meu prefácio no livro *Honório Lemes – As Revoluções de seu tempo* do JORNALISTA JORGE TELLES
- 4 – Meu prefácio no livro *Cruzes Paulistas* do Ten. R2 Historiador BIAJONE
- 5 – Meu prefácio no livro *Centenário de Tiro de Guerra Itapetininga* do Ten. R2 Historiador BIAJONE
- 6 – Minha apresentação no livro *OS BRUMMER*
- 7 – Citação do autor no livro *Engenharia, Aspectos fundamentais* de AIMONE CAMARDELLA
- 8 – Meu prefácio no livro *A Ordem Unida na Evolução da Doutrina Militar* do 1º Ten. PMSP HÉLIO TENÓRIO DOS SANTOS
- 9 – Meu prefácio no livro *Soldados Que Vieram de Longe* do Prof. Ten. R2 Art. ISRAEL BLAJBERG
- 10 – Meu prefácio em *Estrela de David no Cruzeiro do Sul* do Prof. Ten. R2 Art. ISRAEL BLAJBERG
- 11 – Meu prefácio no livro *Inteligência Militar* do Cel PMRS ANDRÉ LUIS WOLOSZYN
- 12 – Meu prefácio no livro *História da FEB Dia a Dia* de CEL LUIS ERNANI CAMINHA GIORGIS
- 13 – Meu prefácio no livro *A Vida de Caxias Dia a Dia* do CEL LUIS ERNANI CAMINHA GIORGIS
- 14 – Minha apresentação em *AHIMTB – Delegacia* RINALDO PEREIRA CÂMARA CEL LUIS ERNANI CAMINHA GIORGIS
- 15 – Meu prefácio no livro *27º GAC – Grupo Monte Carlos* do Cel Art QEMA WAGNER SARMENTO LECOMTE
- 16 – Meu prefácio no livro *Raízes* do 18º GAC de CEL ERNESTO CARUSO
- 17 – Minha introdução no livro *AD/6 – Marechal Gastão de Orleans*
- 18 – Meu prefácio no livro *Reminiscências do Ceará na 2ª GM* de MÁRIO HENRIQUES ARAGÃO
- 19 – Meu prefácio em *Era Uma Vez em Canguçu...* de ELOAH MOREIRA MORALES DO NASCIMENTO
- 20 – Minhas abas no livro *9º RCB Regimento: João Propício* de EVANDRO LUPCHINSKI, CEL CAMINHA E OSÓRIO FIGUEIREDO
- 21 – Minha apresentação no livro *Conhecendo Canguçu Um Novo Olhar*
- 22 – Minhas abas no livro *O Bgdo José da Silva Paes o Estruturador do Brasil Meridional* de WALTER PIAZZA
- 23 – Meu prefácio no livro *Turma Avaí* do CEL EDU CASTRO LUCAS
- 24 – Meu Prefácio em *Trilogia Genealógica Cabrita_ Camisão_ Cony* do Eng. LUIZ ALBERTO C. FERNANDEZ

- 25 –Minhas abas em *Museu do RGS* do Museólogo AROLDO MEDINA e GILNEI BUENO
- 26 – Meu prefácio do livro *Terras E Mares do Chuí* de PÉRICLES AZAMBUJA
- 27 – Minha recepção a LUIZ PHILIPPE PEREIRA LEITE como sócio correspondente do IHGB
- 28 – Minha opinião como membro da Comissão de História do Exército sobre o Local do Descobrimento do Brasil em Baía de Cabrália
- 29 – Minha oração de recepção no IGHMB ao sócio CEL ALBERTO MARTINS DA SILVA
- 30 – Minha apresentação no livro *Canguçu – primeiros moradores* da genealogista ILKA GUITTEZ NEVES
- 31 – Meu prefácio análise do livro *A Força do Espelho de um barbeiro de Canguçu* da prof. AUTA SIRLEI BARBOSA
- 32 – Minha introdução de *A Casa da Memória Histórica de Canguçu – Patronos, Acadêmicos, Homenageados e Presidentes de Honra*
- 33 – Meu prefácio do livro digital *Síntese das ATAS da ACANDHIS* da Prof. MIRIAM ZULEICA REIS BARBOSA
- 34 – Minha apresentação do livro digital *Posse de INGRID GOULART BOHMER FERRAZ*
- 35 – Minha apresentação em *200 anos da Matriz N. S. da Conceição de Canguçu 1800-2000*
- 36 – Meu prefácio no livro digital *O mais garboso dos Sinuelos* da prof. AUTA SIRLEI BARBOSA OLIVEIRA
- 37 – Minha apresentação no *Índice da Revista do Clube Militar 1926-1987*
- 38 – Minha apresentação no *Índice da Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil*
- 39 – Minha apresentação em *O Exército no IHGB e em sua Revista*
- 40 – Minha saudação a EVA HILDEN na cadeira Toivo Suni
- 41 – Minha oração de recepção como acadêmica da AHIMTB de ALDA BERNARDES FARIA E SILVA
- 42 – Minha oração de Recepção como sócio correspondente da AHIMTB – Itatiaia ao prof. CARLOS LIMA DA SILVA
- 43 – Minha Recepção ao CELSO DUTRA como acadêmico da ARDHIS
- 44 – Minha oração de Recepção na FAHIMTB do Acadêmico Cel Med FLÁVIO ARRUDA ALVES
- 45 – Minha oração de Recepção na AHIMTB como sócio acadêmico GERALDO LEVASSEUR FRANÇA
- 46 – Minha carta ao Gen Div JULIO CÉSAR ARRUDA
- 47 – Minha Recepção ao Gen TOMÁS Cmt da AMAN como 3º presidente de honra da FAHIMTB e 1º da AHIMTB
- 48 – Minha Recepção ao acadêmico Gen NOVAES na cadeira Mar. José Pessoa
- 49 – Minha Recepção ao Gen Bda RICARDO AUGUSTO FERREIRA COSTA NEVES como 3º presidente de honra da FAHIMTB
- 50 – Minha análise do livro *Minha vida de cadete* de JOÃO BOSCO CAMURÇA
- 51 – Minha apresentação da plaqueta *Eng. Tácito Viana Rodrigues* do Cel ALCEU VILELA PAIVA
- 52 – Minha recepção ao acadêmico Dr. PEDRO CALMON FILHO

- 53 – Minha recepção do acadêmico GILSON RUDINEI PIRES MOREIRA
 54 – Minha recepção ao acadêmico Dr. EDSON MARTINS AREIAS
 55 – Minha recepção ao acadêmico CAIRO MOREIRA PINHEIRO
 56 – Minha recepção como sócio do IHGB o prof. GUILHERME ANDREA FROTA
 57 – Minha Oração de recepção na AHIMTB ao Ten. Cel WALDYR JANSEN DE MELLO
 58 – Curriculum Vitae do acadêmico CMG DINO WILLY COZZA na AHIMTB pelo Cel. Bento.
 59- Minha aba no livro E foi assim que a cobra fumou da Major Enfermeira Elza Cansação Medeiros

ÍNDICE NOMES CITADOS

- SARA REGINA POYARES DOS ET CASTIGLIONE....	9
- FRANCISCO JAVIER.....	9
- NEY DANTAS.....	15
- JORGE TELLES.....	17
- JEFFERSON BIAJONE.....	20
- JEFFERSON BIAJONE.....	21
- CLÁUDIO MOREIRA BENTO.....	30
- AIMONE CAMARDELLA.....	32
- HÉLIO TENÓRIO DOS SANTOS.....	37
- ISRAEL BLAJBERG.....	41
- ISRAEL BLAJBERG.....	45
- ANDRÉ LUIS WOLOSZYN.....	48
- LUIS ERNANI CAMINHA GIORGIS.....	51
- LUIS ERNANI CAMINHA GIORGIS.....	52
- LUIS ERNANI CAMINHA GIORGIS.....	54
- WAGNER SARMENTO LECOMTE.....	55
- IVAN DE FREITAS VASCONCELOS Jr.....	55
- JAIR CARDOSO DE OLIVEIRA.....	55
- ERNESTO CARUSO.....	60
- CLÁUDIO MOREIRA BENTO.....	62
- MÁRIO HENRIQUES ARAGÃO.....	64
- GUSTAVO AUGUSTO DE ARAÚJO.....	64
- ELOAH MOREIRA MORALES DO NASCIMENTO.....	69
- EVANDRO ITAMAR LUPCHINSKI.....	74
- LUIS ERNANI CAMINHA.....	74
- OSÓRIO SANTANA FIGUEIREDO.....	74

- ROSENDA.....	76
- LAURA.....	76
- LAEDI.....	76
- NEIVA.....	76
- MARGARIDA.....	76
- ADRIANA.....	76
- MARIA	76
- IVONETE.....	76
- ALIETTE.....	76
- MARIA HELENA.....	76
- IRMÃ CECÍLIA SANCLER.....	76
- MARA.....	76
- MÁRCIA.....	76
- SANDRA.....	76
- WALTER PIAZZA.....	78
- EDU CASTRO LUCAS.....	79
- LUIZ ALBERTO C. FERNANDEZ.....	81
- AROLDO MEDINA.....	84
- GILNEI BUENO.....	84
- PÉRICLES AZAMBUJA.....	85
- LUIZ PHILIPPE PEREIRA LEITE.....	92
- CLÁUDIO MOREIRA BENTO.....	99
- ALBERTO MARTINS DA SILVA.....	100
- ILKA GUITTZ NEVES.....	106
- AUTA SIRLEI BARBOSA.....	113
- CLÁUDIO MOREIRA BENTO.....	117
- MIRIAM ZULEICA REIS BARBOSA.....	118
- INGRID GOULART BOHMER FERRAZ.....	124
- CLÁUDIO MOREIRA BENTO.....	125
- AUTA SIRLEI BARBOSA OLIVEIRA.....	127
- CLÁUDIO MOREIRA BENTO.....	131
- CLÁUDIO MOREIRA BENTO.....	133
- CLÁUDIO MOREIRA BENTO.....	135
- EVA HILDEN.....	139
- ALDA BERNARDES FARIA E SILVA.....	141
- CARLOS LIMA DA SILVA.....	146
- CELSO DUTRA.....	149

- FLÁVIO ARRUDA ALVES.....	150
- GERALDO LEVASSEUR FRANÇA.....	152
- JULIO CÉSAR ARRUDA.....	153
- TOMÁS MIGUEL MINÉ RIBEIRO PAIVA.....	155
- ANDRÉ LUIS NOVAES MIRANDA.....	158
- RICARDO AUGUSTO FERREIRA COSTA NEVES.....	159
- JOÃO BOSCO CAMURÇA.....	161
- ALCEU VILELA PAIVA.....	162
- PEDRO CALMON FILHO.....	167
- EDSON MARTINS AREIAS.....	173
- CAIRO MOREIRA PINHEIRO.....	175
- GUILHERME ANDREA FROTA.....	177
- WALDYR JANSEN DE MELLO.....	180
- DINO WILLY COZZA.....	185
- CARLOS AUGUSTO RAMIRES TEIXEIRA.....	186
- MAJOR ELZA CANSANÇÃO MEDEIROS.....	188

1- MEU PREFÁCIO DO LIVRO AZAMBUJA, PÉRICLES. HISTÓRIA DAS TERRAS E MARES DO CHUÍ. CAXIAS DO SUL: UCS/EST, 1978. PREFÁCIO

2 – CAMARDELLA, Aimone. **Engenharia Aspectos fundamentais**. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 2012. (Escreveu sobre o autor e sua obra e sobre a Engenharia de Combate e Construção do Exército).

3 - CAMURÇA, João Bosco. **Minha vida de cadete**. Fortaleza: ABC, 2007. (Memórias do autor sobre o seu tempo de cadete em Resende).Apresentação

4 - BRAJBERG, Israel. **Os soldados que vieram de longe**. Barra Mansa: AHIMTB/ FIERJ, 2008. Prefácio.

5 - _____. **Estrela de Davi no Cruzeiro do Sul**.Resende:FAHIMTB,2015.Prefácio 6 –DANTAS, Ney. Resendenses por amor.Rio de Janeiro: Edição do Autor,2013. Prefácio 7 -FERNANDES, Luiz Alberto. Trilogia genealógica-Cabrita, Camisão, Cony. Rio de Janeiro: Autor, 2008 (em CD e impressa).Prefácio.

6 - GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **O Duque de Caxias Dia a Dia**. Porto Alegre: Evangraf/FAHIMTB, IHTRGS,2011.(ISBN: 978-85-7727-338-8). Prefácio.

9- _____. **General Rinaldo Pereira Câmara**. Porto Alegre:AHIMTB,2000.Prefácio.

7- MEDINA, Aroldo. **Museus do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Cia de Idéias, 2000.abas,.

8- NASCIMENTO, Eloah (Moreira) Morales. **Era uma vez em Canguçu**. Pelotas: Gráfica Princesa, 2007. (Basicamente memórias da

autora e sua prima e em especial da Chacrinha de nossa avó Firmina Percília Matos Moreira (1855-1941). Prefácio.

18- **REVISTA DA ACADEMIA ITATIAIENSE DE HISTÓRIA**. Itatiaia: Prefeitura Municipal de Itatiaia/ACIDHIS, 2005. (Atuamos como seu colaborador na qualidade de acadêmico e presidente fundador, emérito e de Honra). Apresentação. Capas de Capitão de Mar – e - Guerra Carlos Norberto Stumpf. Bento.

19- **REVISTA 200 ANOS DE CANGUÇU** (org). Resende: ACANDHIS, 2000. Apresentação.

20- RIGO, Irmã Cecília. (org). **Conhecendo Canguçu um novo olhar**. Canguçu, 2007. (Com o concurso de professoras de Canguçu respondendo a nosso desafio). Prefácio.

21- SANTOS, Hélio Tenório dos. Cap PMSP. **A ordem unida na evolução da doutrina militar**. São Paulo: Kuk Gráfica e Editora Ltda, 1999. Prefácio.

23 – BARBOSA, Miriam Zuleica Reys. **Síntese das Atas da Academia Canguçuense de História. 1988- 2018** Prefacio

24- ARAGÃO, Mário Henriques et AUGUSTO, GUSTAVO. Augusto. **Reminiscências do Ceará na 2ª Guerra Mundial**. Fortaleza, 2018. Prefácio.

25- LUCAS, Edu Campelo de Castro Lucas. **Turma Avaí**. Porto Alegre, 2016 Prefácio.

26- WOLOSZYN, André Luiz. **Inteligência Militar**. Rio de Janeiro: BIBLIEx. 2019, Prefacio ISBN: 978-85-7011-601-7

27- BENTO, Claudio Moreira In: PIAZZA, Walter. **O Brigadeiro José da Silva Paes - estruturador do Brasil Meridional**. Rio Grande: FURG, 1988. Abas ISBN: 85-85042-25-7

BENTO, Claudio Moreira Bento Minha Apresentação e Saudação do Historiador LUIZ-PHELIPPE PEREIRA LEITE, como sócio correspondente do IHGB

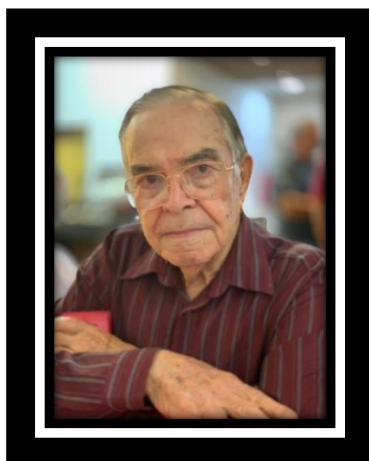
28- GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **A FEB Dia a Dia**

29- _____. **Duque Caxias Dia a Dia**.

30- _____. **General Rinaldo Pereira Câmara**

34- MINHA INTRODUÇÃO DO LIVRO CARUSO, ERNESTO. RAÍZES HISTÓRICAS DO 18º GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA MEMÓRIAS.

INTRODUÇÃO



Cel Cláudio Moreira Bento

Há 51 anos nos dedicamos a preservar, pesquisar e divulgar e em especial a História do Exército Brasileiro , a da Academia Militar das Agulhas Negras, a do Rio Grande do Sul e de meu berço natal Canguçu-RS etc. Neste meio século fundamos e presidimos a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e as academias Canguçuense, Resendense Itatiaense e Piratiniense de História.

Coordenamos o Projeto, Construção e Inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, Integramos, como Adjunto do Presidente Cel Francisco Ruas Santos, a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército, fomos Instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980 e Dirigimos o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990 e desenvolvemos o Projeto Histórico do Exército no Rio Grande do Sul composto de 21 livros.

Companheiros e amigos tem nos considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos, pelo volume de minha obra historiográfica e civil, o que creio tenham razão, o que pode ser confirmado ou não, pelo meu site www.ahimtb.org.br.

E neste período fomos honrados com convites para prefaciar livros e realizarmos, a convite, recepções de sócios e acadêmicos de diversas entidades históricas citadas.

E o presente livro digital é uma homenagem aos que me honraram com convites para prefaciar ou apresentar livros ou de recepcioná-los em entidades históricas. Homenagem reforçada com a colocação de suas fotos e a minha no tocante a trabalhos que apresentei. Fotos repetidas para que os textos sejam usados como cópias por leitores ou pesquisadores interessados.

É esta a minha intenção ao recordar trabalhos que aos poucos caíram no esquecimento, abafados pela a imensa massa de informações hoje produzidas na Era digital.

E minha contribuição a Historiografia Militar e Civil está disponível em meu site www.ahimtb.org.br. E não vivi em vão!. A história militar é importante e alguém tem que escrevê-la. E creio ter sido escolhido para escrevê-la e eu a escrevi e a divulguei expressivamente. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação.

Cel Eng QEMA Cláudio Moreira Bento

Historiador Militar e Civil, Memorialista e Jornalista

1- MEU PREFÁCIO DO LIVRO REIS, SARA REGINA POYARES CASTIGLIONE, FRANCISCO JAVIER. O BRIGADEIRO JOSÉ CUSTÓDIO DE SÁ E FARIA, DE PORTUGAL À AMERICA MERIDIONAL- UMA TRAJETÓRIA. FLORIANÓPOLIS: OFFICIO, 2018. PREFÁCIO: ISBN:978-85-66582-10-9. EM PORTUGUÊS E ESPANHOL.



Sara Poyares

Francisco Javier

Historiador militar brasileiro militante e hoje também jornalista e como filho do Rio Grande do Sul, não poderia deixar passar em branco a História da ilha de Santa Catarina, ligada a fundação do Rio Grande do Sul pelo Brigadeiro José da Silva Paes, sobre o qual fomos honrados, pelo destacado historiador catarinense e confrade Walter F. Piazza, a escrever a orelha ou aba esquerda de seu livro **O Brigadeiro José da Silva Paes – o estruturador do Brasil Meridional**. Florianópolis: Ed. da UFSC. Rio Grande: Ed. da Fundação Universidade do Rio Grande, 1988.

Em 1976 trabalhamos intensamente no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IHGMB), no tema sobre a expulsão dos espanhóis do Rio Grande do Sul, consolidado em nosso livro: **A guerra da**

Restauração do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

Em 1977, de passagem pela ilha de Santa Catarina, me hospedei com a minha família na praia de Canavieiras onde próximo visitamos a Fortaleza de São José da Ponta Grossa. Visita o que nos levou a escrever sobre as fortificações da ilha de Santa Catarina, traduzido em nosso artigo na **Revista Militar Brasileira** nº 1977, jul/dez p. 23/47, intitulado: **Em torno da Fortaleza São José da Ponta Grossa.**

E nossa principal fonte foi a obra do grande historiador catarinense Osvaldo Rodrigues Cabral, **As defesas da ilha de Santa Catarina no Brasil Colônia.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. Historiador familiar da historiadora Sara Regina Poyares dos Reis que nos convidou para prefaciar a sua obra e de seu parceiro argentino Francisco Javier Rodrigues intitulada: **O Brigadeiro José Custódio de Sá Farias, de Portugal à América Meridional – uma trajetória.**

O Brigadeiro Sá e Faria personagem meu conhecido que passou a História de Portugal, como uma trajetória de traição a Portugal, depois de conquistada a ilha de Santa Catarina, onde ele se encontrava, e onde foi feito prisioneiro do General D. Pedro Cevalhos em 1777 e levado para Buenos Aires. General. Ceballos que também conquistou, em definitivo, a Colônia de Sacramento e não conseguiu reconquistar a Vila de Rio Grande, em razão, segundo constou, de sua Esquadra haver sofrido um temporal que dispensou suas unidades.

Esta classificação de traidor de Portugal não combinava com a minha visão do Brigadeiro de Sá Farias como Governador do atual Rio Grande do Sul, em 1764 que assim abordamos em conferência no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e publicada nos **Anais do Simpósio da Restauração do Rio Grande do Sul**, que abordarei a seguir e de meu livro citado **A Restauração do Rio Grande** as p. 24/26 as quais a seguir transcrevo.:

“Fortes do Estreito e Taquari

Em março 1764, o Coronel José Custódio Faria assumiu, em Viamão, o governo do Rio Grande. Imprimiu novo ritmo à guerra a qual estava paralisada..

Em agosto concluiu o Forte São Caetano da Barranca do Estreito. Entregou seu comando ao Capitão Francisco Pinto Bandeira. Referido forte foi reforçado por 4 companhias de paulistas enviadas pelo Governo de São Paulo.

Em Taquari atual, erigiu o Forte do Tebiquari. Junto a ele aldeou deslocados da invasão de 1763.. Com o Forte Tebiquari e o São Caetano

cobriu as direções estratégicas, incidindo sobre Viamão: São José do Norte-Viamão e Rio Pardo- Viamão.

O Coronel José Custódio implementou as guerrilhas contra o invasor para a cobertura de Rio Pardo sobre as direções: Missões — Rio Pardo e a de Bagé (atual) — Rio Pardo e a de Rio Grande — Rio Pardo. Para a liderança dessas guerrilhas foram destacados dois oficiais dos Dragões, já referidos, o Capitão Francisco Pinto Bandeira e seu filho Rafael Pinto Bandeira.

Assalto frustrado à vila de Rio Grande

Na noite de 28/29 maio 1766, sob a liderança do Tenente Coronel Marcelino de Figueiredo proveniente de Portugal e que assumiu o comando do Forte São Caetano, fracassou a sua tentativa de assalto a vila de Rio Grande. Ventos fortes e cerração dispersaram os barcos com as forças de assalto. Marcelino fora mandado para o Brasil com nome trocado em razão de haver morto em duelo, um oficial inglês. Chama-se Sepulveda.

Tentava-se aproveitar situação favorável, resultante da atração, para o forte do São Gonçalo, Pelotas atual, de contingentes dos Dragões do Rio Pardo e de guerrilhas baseadas na Estância de Luiz Marques de Souza, em Canguçu atual, de forças espanholas da guarnição do Rio Grande. Localizamos as ruínas desta estância, pertencente ao irmão de Manoel Marques de Souza, por sua vez, parente próximo e mais tarde segundo versão não comprovada, padrinho de nosso Almirante Tamandaré e, herói desta guerra..

Reconquista da Margem Norte — contribuição paulista

No dia do fracassado assalto a Rio Grande, os intrépidos capitães Marques de Souza, mencionado, e Cypriano Cardoso, atacaram a base espanhola em São José do Norte. Aprisionaram sua cavalcada e 19 soldados. Em 5 de maio, novo ataque comandado por Marcelino de Figueiredo. O inimigo retirou-se a noite. Na madrugada de 6 de maio, aniversário de D. José I, Portugal ficou senhor da margem norte, há 3 anos em poder de Espanha. Paulistas que reforçaram São Caetano, tiveram destacada atuação nestas ações.

Consequências dos ataques a Rio Grande e a Margem Norte (São José do Norte atual)

Estes dois eventos repercutiram negativamente em Portugal. Contrariaram esforços do Marquês de Pombal, junto a Espanha, no sentido de, unidos, pressionarem o Papa a extinguir os jesuítas. Estes responsabilizados pelo fracasso da Demarcação no Sul e Guerra Guaranítica.

Em consequência caiu o Vice-Rei, o Coronel José Custódio foi chamado a Lisboa para responder por seu "fogoso desatino", Marcelino foi afastado do Rio Grande. Felizmente, não cumpriu-se ordem de devolver-se São José do Norte."

Vê-se que o Coronel o Sá e Faria demonstrou o seu valor militar como estrategista e conseguiu conquistar e manter São José do Norte, onde, em 1775 o Exército do Sul se organizou para a conquista da Vila de Rio Grande aos espanhóis em 1º de abril de 1776. Creio que não foi a Portugal responder por seu "fogoso desatino". . E com a queda da ilha de Santa Catarina, seguramente que sua cabeça estivesse a prêmio, como a do Coronel Luiz Thomas Osório que feito prisioneiro em 1763 pelo General Pedro Ceballos, terminou sendo executado a força em Portugal,. por julgado injustamente culpado pela invasão do Rio Grande em 1763. .E creio serviu de bode expiatório de responsabilidades gerais.

Esta foi uma questão, semelhante a do Brigadeiro de Sá e Faria que enfrentei, ao defender no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a memória do citado Coronel de Dragões Thomas Luiz Osório, o comandante da Fortaleza de Santa Tereza, conquistada em 1763 pelo General D. Pedro Cevallos, Governador de Buenos Aires. Personagem que terminou sendo enforcado em Portugal, por conclusões de uma **Devassa sobre a conquista da Vila do Rio Grande pelos espanhóis**.

Penso e repito que ele foi usado como o bode expiatório da citada Devassa. E creio que talvez o então valoroso Brigadeiro de Sá Faria temesse o mesmo destino e para o evitar terminou trabalhando em Buenos Aires, como arquiteto competente ,sem pegar em Armas contra Portugal,sendo em consequência promovido a Brigadeiro espanhol.E em Buenos Aires viúvo desde 1755, onde perdeu sua esposa no Terremoto de Lisboa longa data pode viver com sua única filha, fruto de uma ligação como viúvo, com uma mulher solteira..

E contra o que consideravam injustiça ao Coronel Thomas Osório protestaram os seus parentes drs Fernando Luiz Osório, filho e neto, do General Osório, e também seus biógrafos. E com ele também concordava General Francisco de Paula Cidade.

Tentamos apresentar nosso trabalho no Instituto de Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual ainda não éramos sócios, embora tenhamos contribuindo como sócio do Instituto Histórico e Geográfico e História Militar do Brasil , então parceiro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e com conferência intitulada A Guerra da Restauração do Rio Grande, publicada as p.527/553 do 2º volume dos **Anais do Simpósio Comemorativo do**

Bicentenário da Restauração do Rio Grande do Sul (1776-1976), Rio de Janeiro:IGHMB/IHGB.1979.

Mas minha contribuição sobre o Coronel Thomas foi recusada pelo historiador Abeillard Barreto, que coordenava o Simpósio com apoio na citada **Devassa** sobre a invasão do Rio Grande. Inconformado enviei exemplar de minha idéia recusada ao Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório, sob o título: Em defesa da Memória do Coronel de Dragões Thomaz Luis Osório. Ele foi um dos primeiros proprietários das terras onde se situa a cidade de Pelotas, onde sua memória é cultuada no Centro de Tradições Gauchas Coronel Thomaz Luiz Osório. E o Engenheiro encarregado da construção da Fortaleza de Santa Tereza rendida a Pedro Ceballos, constava ser ligado a Abeillard Barreto,

Finalmente foi possível expressar meu ponto de vista em meu livro **General Osório o maior herói e líder popular brasileiro. -Bicentenário Resende-RJ::IHTRGS/AHIMTB, 2008;**

Duvidando da ideia dominante de traição a Portugal, do Brigadeiro Sá Faria a historiadora Sara Regina Poyares dos Reis e seu parceiro Francisco Javier Castiglione, sem apoio financeiro oficial, reviraram céus e terra, na procura de documentos comprobatórios do Brigadeiro José de Sá e Faria não haver traído Portugal. E os dois autores Sara e Javier, ela brasileira e ele argentino e naturais dos países onde o Brigadeiro Sá e Farias viveu grande parte de sua vida, procuram provar que o Brigadeiro de Sá não foi um traidor e sim um herói, impressão que dele guardei ao transcrever neste Prefacio sua valorosa atuação militar como estrategista,contida em nossa em nossa interpretação citada sobre a Guerra do Sul 1774/1776 que culminou com a Restauração do Rio Grande do Sul, depois de cerca de 13 anos de denominação espanhola de cerca de 2/3 do atual Rio Grande do Sul. Restauração concretizada em época coincidente com a Independência dos Estados Unidos da América da Inglaterra.

História é Verdade e Justiça! E é o que os dois autores, com enormes sacrifícios e notável persistência procuram provar e classificar o Brigadeiro Sá Farias como uma das maiores inteligências do século XVIII na América Meridional.E resgataram a desconhecida vida e obra do Brigadeiro Sá Faria, de onde ela se encontrava sob profunda e espessa camada de pátina dos tempos E o fizeram muito bem?

O brigadeiro português e também brigadeiro espanhol por 16 anos, de Sá Faria, depois de ter sido preso em 1777, na conquista da ilha de Santa Catarina pelo Vice Rei do Rio da Prata general Pedro Ceballos e por ele ter sido levado preso para Buenos Aires, talvez quem sabe com o temor de ser executado a força por Portugal, como o fora, o Coronel de Dragões Thomas Luiz Osório.

E uma leitura interessante e valiosa para o historiador e leitor interessados apreenderem novas lições e emitirem suas opiniões com empatia.

Brigadeiro José Custódio de Sá Faria, traidor; ou injustificado?

Penso que ele de igual modo que o Brigadeiro de Sá Faria, o Coronel Thomas Luiz Osório e o Coronel Marcelino de Figueiredo se enquadram nesse pensamento do Padre Antônio Vieira ao ouvir um interlocutor queixar-se de ser vítima de ingratidão de sua pátria. E ouvir como palavras de consolo:

“Se a pátria te foi ingrata, tu fizestes o que devias e ela, o que costuma!.”

E na época em Portugal, o Marques de Pombal exercia um governo absolutista, embora classificado como um déspota esclarecido. E assim cometeu também injustiças com chefes militares, Confirmar é obra de simples raciocínio e verificação das vidas e obras dos valorosos soldados Marcelino Figueiredo, Thomas Luiz Osório e José Custódio de Sá Farias.

Este livro é muito sério e relevante em termos de demorada pesquisa e valiosas revelações e se constitui uma grande contribuição a historiografia brasileira e argentina, no ano do Bicentenário da Argentina para cujo progresso arquitetônico foi expressiva a contribuição do Engenheiro Militar José Custódio de Sá Faria. Votos de boa receptividade do beneditino trabalho dos autores empenhados em fazer justiça ao seu personagem e comprovar esta consideração que fizeram e com a qual concordo plenamente.

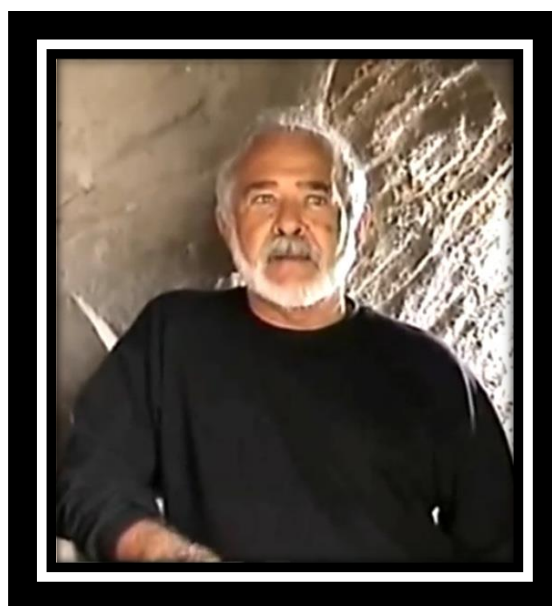
“A História é uma grande ciência que dá condições de se buscarem horizontes longínquos, a vida de personagens que se tornaram esquecidos e que o historiador os faz viver novamente.”

E os autores conseguiram ressuscitar, a vida obra do soldado, arquiteto, engenheiro, urbanista, estrategista, administrador, cartógrafo, geógrafo e historiador Brigadeiro José Custódio de Sá Faria, comprovando a afirmação deles transcrita e cuja notável obra arquitetônica se beneficiaram Portugal, Uruguai, Argentina e o Brasil através de suas obras no Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e o Rio Grande do Sul.

(x) E presidente e fundador da Federação de Academia de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS). E sócio benemérito do Instituto de Geografia e

História Militar do Brasil (IGHMB) e emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.(IHGB). E acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História, e sócio correspondente da Real Academia de História da Espanha, da Academia Argentina de História e dos Institutos Históricos e Geográficos do Uruguai e Paraguai, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. E jornalista e a grande parte de seus trabalhos estão disponíveis na Internet no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br

2- MINHA APRESENTAÇÃO DO LIVRO RESENDESES POR AMOR DO CMG NEY DANTAS



Capitão de mar-e-guerra Ney Dantas

É com muito prazer e honrado que apresento o livro **Resendense por amor, de** autoria de um filho de Três Corações – MG, e resendense de coração, como também o considero, por consagrado, como cidadão resendense, titulado pelo povo de Resende, através de seus representantes na Câmara Municipal.

Trata-se do Comandante de nossa Marinha Ney Dantas, apreciado amigo que passou suas infância e adolescência na área da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), filho do Coronel Professor Jayme Dantas e cujos saudosos dias de sua infância e adolescência ele resgata, com riqueza de detalhes e com o concurso de seus amigos e amigas, em parte filhos e de Professores e Oficiais da AMAN, com os quais conviveu nas décadas de 40 e 50.

Resendenses por amor é um livro de Memórias juvenis coordenado por um consagrado escritor e historiador naval, que teve sua formação

educacional inicial em Resende, no Grupo Escolar Olavo Bilac 1945/49 e no Ginásio D. Bosco: 1950/1953, no qual lecionavam, em sua maioria, professores da AMAN.

Como Presidente Grande benemérito e fundador da Academia Resendense de História e ocupante da cadeira nº 2, Conde de Resende e Presidente e Fundador da Academia Militar Terrestre do Brasil / Resende - Marechal Mário Travassos e acadêmico emérito que inaugurou a cadeira Marechal Jose Pessoa Cavalcanti de Albuquerque prosigo.

Na nossa Marinha Ney Dantas consagrou-se como respeitada autoridade brasileira em Sinalização Náutica, e Segurança da Navegação no Brasil. Possui alentada obra literária na forma de livros, contos e crônicas, traduções e monografias onde destaco - **André Thevet, o capuchinho cartógrafo de I** 2002, e sua preciosa e artística obra **Luzes do Novo Mundo** que me foi mostrada por meu filho Comandante Carlos b Stumpf Bento, como Adido Naval em Buenos Aires, quando visitei aquela Aditância Naval. Seu autor exerceu importantes comissões navais, onde destaco as de comandante do Balizador "**Castelhanos**", Navio Hidrográfico "**Taurus**" Faroleiro "**Graça Aranha**". Na Reserva foi Gerente Regional para a América Latina da empresa inglesa PHAROS MARINE, entre março de 1985 de 1989 e da empresa norte-americana AUTOMATIC INC para a América do Sul entre 1º julho de 1989 e 21 janeiro a 1999, especializadas em produtos e projetos de Sinalização Náutica. Desde 1999 dedica-se a atividades literárias como presidente da Academia de Artes e Ciências e Letra de Paquetá, onde tem propriedade e convive na citada com o meu novo amigo e acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil o Ten. R/2 de Engenharia Luiz Alberto da Costa Fernandes (Dom Beto) titular da cadeira General de Exército Aurélio Tavares, e foi quem me apresentou o comandante Ney Dantas. Foi com toda esta notável bagagem cultural Comandante Ney Dantas com seus amigos e amigas de suas infância e adolescência, que produziu esta preciosidade histórica, de notável riqueza iconográfica, justo no bicentenário da Academia Militar da Agulhas Negras, a cuja sombras viveu suas infância e adolescência. Com a expressiva e inédita à História da AMAN e a de Resende e com os seus amigos, com riqueza de detalhes, restauraram com expressiva iconografia inédita alusiva as décadas da AMAN e de Resende - a primitiva N. S. da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova. Saudosas lembranças suas e de seus amigos de infância e adolescência, sentimentos que acredito hoje que melhor os traduziu foi que o poeta Casimiro na poesia, **Meus oito anos**, que o Autor lembrou nas páginas deste livro .Poesia que eu cresci ouvindo ser recitada por meu saudoso pai em Canguçu - RS, e cujos versos iniciais seu filhos mandaram gravar em seu túmulo que um dia será nossa morada. Mas não estou com pressa!

"Oh que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida

Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais"...

3- MEU PREFÁCIO DO LIVRO HONÓRIO LEMES AS REVOLUÇÕES DE SEU TEMPO, DO JORNALISTA JORGE TELLES. PORTO ALEGRE: EVANGRAF, 2012.(ISBN:978-85-7727-444-4).



Jornalista Jorge Telles

Honório Lemes - as revoluções de seu tempo é o excelente e oportuno livro do membro do nosso Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), jornalista Jorge Telles, de Rosário do Sul. Terra esta, cenário da Batalha do Passo do Rosário, em 20 de Fevereiro de 1827, a maior batalha campal brasileira. E também das manobras de Saicã de 1940, as maiores realizadas pelo Exército, guardadas as devidas proporções no tempo e no espaço, quanto aos efetivos e equipamentos ali empregados. Rosário do Sul, cenário principal da vida e obra, no dizer do autor “do cavalheiresco, aventureiro romântico General (Revolução 23/25) Honório Lemes da Silva, o lidador de 23, Leão do Caverá e Tropeiro da Liberdade”. Vulto histórico nascido em Cachoeira do Sul, em 23 Dez 1864, durante a Guerra contra Aguirre, do Uruguai, pódmomos da Guerra do Paraguai, e falecido em 30 Set 1930, três dias antes da eclosão da Revolução de 30, aos 65 anos, e sepultado em Rosário, Apelando em poesia **Testamento** a seguinte inscrição na lápide em seu túmulo: - **Aqui jaz o tropeiro “O Leão do Caverá”**, figura carismática de líder militar, e guerrilheiro nato. Honório Lemes descendia do bandeirante Fernão Dias Paes Lemes, o descobridor de Minas Gerais e de igual forma que o outro líder revolucionário de 23, o General Zeca Neto, por nós estudado em **O Tradição** (nº 112, 15 Mai 1983). Zeca Neto era neto de Ana Rodrigues Sene (nossa trisavó), descendente dos Lemes, que casou com Antônio de Souza Mattos, fundador da Estância da Armada, em Canguçu, local onde existe a ADALEME (Associação dos Descendentes e Afins dos Lemes) a qual

pertencemos junto com Barbosa Lessa e Bento Gonçalves, entre outros.

É um livro excelente de expressiva contribuição à História e às Tradições do Rio Grande do Sul, e o melhor e mais documentado resgate da História da Revolução de 23, no território, outrora chamado distrito espanhol de Entre Rios, entre os rios Ibicuí, Santa Maria, Quaraí e Uruguai, que foi incorporado a Portugal pela força das Armas, entre 1812-21 e cenário das guerras contra Artigas em 1816 e 1821. Jorge Telles, com apoio no estudo acurado de 28 fontes que relaciona ao final, resgatou a vida e obra de Honório Lemes dentro de uma moldura política, econômica, social e militar do Rio Grande da época, dentro da qual atuou de cerca de 1890 a 1920, como Tropeiro- -chefe de boiadas para as charqueadas e ,mais tarde para os frigoríficos de sua região, liderando cerca de 20 tropeiros. Tarefa em que conheceu palmo a palmo e em detalhes o território e, inclusive, a serra do Caverá, mais tarde cenário de seus feitos militares. Jorge Telles, em linguagem clara, direta e objetiva e em estilo jornalístico resgatou um belo capítulo da História gaúcha, além de dar expressiva contribuição à História Militar Terrestre do Brasil, em especial à Doutrina da Resistência, uma doutrina militar baseada na estratégia da fraco contra o forte - a guerra à gaúcha - da qual Honório foi um mestre e a enriqueceu. E dentro do seu livro merece destaque o relacionar como causa da Revolução de 1923 a influência do término da 1ª Guerra Mundial, que reduziu drasticamente as exportações de carne para a Europa, com graves reflexos na Pecuária. E como ponto alto as lições deixadas por Honório Lemes e Flores da Cunha, em grande parte responsáveis pela Revolução de 23, ser considerada A Revolução de Cavalheiros. Isto em contraposição à de 1893, chamada de Revolução de Bárbaros, Maldita, da Degola, onde a 1ª degola foi as das virtudes de Firmeza e Doçura que os republicanos farrapos fizeram inscrever sob a forma de dois amores perfeitos no losango do Brasão Gaúcho. Firmeza, simbolizando em combate, lutar com toda a garra, bravura e determinação. Doçura após o combate, traduzida por respeito, como religião, à vida, à honra, à família e ao patrimônio de vencido inerme.

E disto Flores da Cunha, em 08 Out 1925, deu imortal exemplo ao receber a rendição de Honório Lemes, conforme escreveu:

“Honório estava esperando a faca e eu o abracei. Honório arrancou do revólver e do espadim para entregá-los a mim o que não aceitei e disse-lhe: - guarde as suas armas general, um homem como o senhor não deve andar desarmado, e abraçamo-nos e os olhos de Honório umedeceram. Falou-me então: Como quer que eu lhe chame, de doutor ou de general? E respondi-lhe! Sou bacharel em Direito. Pode me chamar de doutor, se quiser! Está certo disse- me Honório - porque general até um índio rude e grosso como

eu pode ser”.

Honório Lemes em sua poesia **O Testamento** escreveu a certa altura:

“Se pretendem me entregar”...

A minha cortante espada.

Podem dar ao camarada.

General Flores da Cunha

Que me pegou quase a unha.

E .não quis me fazer nada”.

Testemunhou a Firmeza e a Doçura de Honório o Gen. Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra que pacificou a Revolução de 23 de maneira exemplar, segundo Sérgio da Costa Franco em **A Pacificação de 23** (Porto Alegre: Graf, da UFRGS, 1993). Escreveu o general Setembrino: “General Honório Lemes onde estiver. Cumprimento prezado e distinto patrício pela sua atuação na campanha. Valente na ação (Firmeza) e magnânimo na vitória (Doçura)..

. “Jorge Telles revigora com seu excelente livro, o que escreveu Ruy Ramos, ao prefaciá-lo **Galpão da Estância**, do grande Jaime Caetano Braun e que abordamos em nossa apresentação da **História da 3ª Região Militar 1808-1953 e Antecedentes** (Porto Alegre: SENAI/RS, 1995).

“O culto das tradições gaúchas representa no Rio Grande um impulso espontâneo e irredutível da alma da raça... Falar das lutas e das dores do gaúcho para definir e fixar os limites do Brasil no Sul e manter a posse da terra e dominá-la. é tocar na corda sensível das gerações gaúchas”.

E Jorge Telles terá este poder com seu livro que a certa altura encerra esta preciosa lição de vida de Honório Lemes entre muitas outras.

“Em todos os partidos há homens bons e maus. Os bons são em maior número, mas os maus são mais audaciosos e por isso andam sempre na frente, sendo necessários cortar-lhes a ação...”

Enfim a condenação do maniqueísmo político de que o bem é monopólio de uma corrente política e o mau monopólio da oposta,

(x)Cel Claudio Moreira Bento Presidente do Instituto de História e Tradições do RGS , da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e da

Academia Canguçuense de História.

4 - MEU PREFÁCIO À REEDIÇÃO DIGITAL DO LIVRO CRUZES PAULISTAS, EM HOMENAGEM AOS REVOLUCIONÁRIOS MORTOS NA REVOLUÇÃO DE 1932



Historiador Ten R2 Jefferson Biajone

Desde a Infância em Canguçu- RS, minha terra natal, ouvia falar na Revolução de 32 e sua projeção local, sobre o Combate do Cerro Alegre, na vizinha Piratini, a antiga capital farroupilha, quando ali foi aprisionado o ex-presidente gaúcho, Antônio Augusto Borges de Medeiros, que saíra em campo, na liderança de um grande grupo de gaúchos, em defesa dos paulistas e justo no dia 20 de setembro de 1932, no 97º aniversário do início da Revolução Farroupilha. E ali por pouco não foi preso meu pai Conrado Ernani Bento, Prefeito de Canguçu que atendera o chamado de Borges de Medeiros e estava a caminho quando ocorreu o combate do Cerro Alegre. E daí por diante sempre estudamos este movimento, o traduzindo no artigo A Revolução Paulista de 1932 - Operações Militares, na Revista **A Defesa Nacional** (1993) e, na mesma revista, ano 1997, publicamos o artigo Operações da Aviação do Exército e da Revolução em Resende na Revolução de 1932. Movimento que abordamos também na publicação: **História da Polícia Militar de São Paulo**, publicado pela Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP) em seu sesquicentenário, por iniciativa do hoje patrono de cadeira na Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), o grande historiador da PMESP Cel PM Edilberto de Oliveira Mello. Outrossim, como membro da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército de 1971/74 compulsamos a documentação do Exército relativa a esta Revolução e desconhecida dos revolucionários e comentada por um jornalista paulista sob o título. *“Todos os revolucionários paulistas eram valentes.”* Isto após me entrevistar. Mas vamos a outras considerações nesta reverência aos bravos tombados cujos nomes foram perenizados no livro **CRUZES PAULISTAS** (1936) sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, a qual esta para São Paulo, assim como a Revolução Farroupilha 1835/1845, esta para o Rio Grande do Sul. Episódio histórico este sobre o qual muito pesquisei e escrevi como o livro **O Exército farrapo e os seus chefes** (Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1992) em que demonstrei que a revolução farroupilha foi um laboratório de táticas e estratégias militares gaúchas. E mais do que isto, uma escola de líderes de

combate que depois de combaterem quase 10 anos em campos opostos como republicanos farrapos e imperiais, se irmanaram na defesa do Brasil nas guerras externas contra Oribe e Rosas 1851/52, contra Aguirre em 1864 e contra o governo do Paraguai 1865/70. E de igual modo pode ser considerada a Revolução de 1932, um laboratório de táticas e de formação de líderes e soldados para enfrentaram a Segunda Guerra Mundial, entre os quais o soldado constitucionalista paulista Carlos de Meira Mattos que se consagrou como herói brasileiro nesta guerra, bem como os bravos paulistas do 6º Regimento de Infantaria - Regimento Ipiranga - que em Forno receberam a rendição alemã, sem nos esquecer os bravos da Polícia Militar do Estado de São Paulo que integraram a FEB como a sua Polícia Militar, o que o acadêmico Coronel PM Telhada preservou em livro de sua autoria. Esta é, pois, a minha contribuição em homenagem aos bravos paulistas reverenciados no livro **CRUZES PAULISTAS** que doaram suas vidas em defesa de suas verdades. Prefácio em atendimento a convite do professor Ten R2, Jefferson Biajone de Itapetininga/SP, onde ele desenvolve com seus camaradas louvável e dinâmica atuação de preservação, pesquisa e divulgação da rica e bela História Militar paulista.

Mas me orgulho de formar nesta comemoração ao lado dos membros da FAHIMTB, o patrono em vida Cel PM Edilberto de Oliveira Mello, do presidente benemérito da AHIMTB/SP Gen Bertoldo Klinger, Professor Adilson César e mais dois acadêmicos da FAHIMTB na PMESP, os coronéis PM Telhada e Arruda, sem esquecer o Coronel PM Paulo Rocha Marques, hoje impossibilitado de participar e o promissor historiador Major PM Hélio Tenório dos Santos, todos cultores da História Militar de São Paulo, e, em especial, das gloriosas História e Tradições da Polícia Militar deste Estado. E sem esquecer o grande historiador paulista da Revolução de 32, o nosso falecido acadêmico emérito e apreciado amigo Hernani Donato. Finalizando a minha homenagem e a da FAHIMTB aos organizadores da edição de 1936 de **CRUZES PAULISTAS**, o Dr Benedito Montenegro e o Sr. Alberto Weissolin, aos redatores Alcindo Guanabara de Arruda Miranda e Horacio de Andrade e, mais recentemente, aos que o digitalizaram a obra, disponibilizando-a na rede mundial de computadores, os senhores Carlos Felipe do Nascimento e Silvio Luiz da Rocha. Grande serviço que estes cidadãos prestaram para a perenização da memória dos bravos que tombaram em 32, relacionados em **CRUZES PAULISTAS**. Por fim, neste livro faltam os comandados de Borges de Medeiros que tombaram no combate de Cerro Alegre e que poderiam ser lembrados em **CRUZES PAULISTAS** como os revolucionários gaúchos mortos desconhecidos de 1932, **“e que não foram poucos”**, segundo os historiadores deste combate, os acadêmicos da FAHIMTB Osório Santa Figueiredo e Jose Luiz Silveira, mas que a História os esqueceu. Mas História é Verdade e Justiça!

5- MEU PREFACIO DO LIVRO CENTENÁRIO TIRO DE GUERRA: SENTINELA DOS CAMPOS DE ITAPETININGA



Historiador Ten R2 Jefferson Biajone

Honrado, aceitei o convite para fazer o prefácio livro **Tiro de Guerra de Itapetininga**, do destacado empreendedor e historiador militar Tenente R/2 Jefferson Biajone que se intitula ser o ponta de lança da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil naquele município, o que confirmo! Obra preciosa que pereniza e preserva na internet, a História do Tiro de Guerra de Itapetininga, ao torná-la acessível para leitura digital em escala mundial, Jefferson Biajone repetiu o sucesso que obteve em seu complexo projeto de publicar **Cruzes Paulistas** em 2017, no qual fomos também prefaciador convidado, naquela obra recordando uma história de solidariedade dos gaúchos com os revolucionários paulistas na Revolução de 1932, sob a liderança do ex-presidente do Rio Grande do Sul, o Dr. Augusto Borges de Medeiros, preso no combate de Cerro Alegre em Piratini, em 20 setembro de 1932, 97 anos depois do início da Revolução Farroupilha. Digna de registro é a notável contribuição dos acadêmicos do curso superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas da Faculdade de Tecnologia (Fatec) de Itapetininga: Adriana Ayumi Tanaka, a digitalização de 10.038 nomes completos de atiradores da TG Itapetininga tornando possível a criação digital do **Almanaque dos Atiradores do Tiro de Guerra de Itapetininga (1945 e 1952-2017)** e dos acadêmicos Christian Felipe Costa Silva e Emanuel Ferreira Prado pela completa digitalização, transcrição e atualização ortográfica de matérias do jornal **O Estado de São Paulo**, relativas ao Tiro de Guerra pesquisado. Considero também elogiável e exemplar a colaboração solidária das entidades que ombream com o Biajone na realização do livro: Banda do Tiro de Guerra, Academia de Letras, Prefeitura Municipal, Museu da Imagem e do Som, Portal dos Ex-Combatentes, Faculdade de Tecnologia, Instituto Histórico Geográfico e Genealógico, Núcleo do MMDC, Associação dos Direitos de Cidadania e do Meio Ambiente e Associação dos Ex-Atiradores e Amigos de Tiro de Guerra, todos de Itapetininga que se encontra ligada no passado ao meu Rio Grande do Sul, ao tempo do tropeirismo de mulas e tropas de animais para

alimentarem e apoiarem as atividades de mineração de ouro em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás e a exploração das lavouras de Café no Vale do Paraíba e o transporte de sua produção em lombo de mulas, através da Serra do Mar, para os portos litorâneos do Rio de Janeiro. E para falar de Itapetininga é necessário falar de Venâncio Aires. Com efeito, Itapetininga, foi berço do grande advogado e jornalista, tão cultuado entre os gaúchos com nome de um de seus pujantes municípios e de uma importante Avenida de Porto Alegre.

Venâncio de Oliveira Aires nasceu em Itapetininga a 12 de novembro de 1841, quando ia acesa e viva a Revolução Farroupilha (1836-1845). Formado advogado no Largo do São Francisco em São Paulo, montou sua bem sucedida banca em sua cidade natal, lá também fundando um jornal e, anos mais tarde, teve seu nome atribuído a tradicional clube local, o centenário Clube Venâncio Aires. Reconhecido como um pioneiro de idéias abolicionistas e republicanas, em 1884 foi um dos fundadores do Partido Republicano do Rio Grande do Sul e de seu Jornal **A Federação**. As teses republicanas de Venâncio Aires foram sustentadas pelos líderes Dr. Júlio Prates de Castilhos, Pinheiro Machado e Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros. O Partido Republicano do Rio Grande do Sul foi o único do Brasil, a manter-se fiel as bases lançadas por esse célebre cidadão. Algo que também ocorreu com este prefaciador, por conta da influência que tivemos de meu avô, Coronel da Guarda Nacional Gentil Bento e de meu pai Conrado Ernani Bento, os quais foram sensíveis ao chamado em 1932 do Dr. Borges de Medeiros para apoiar a causa revolucionária paulista. Ai está a explicação para o filhos de Itapetininga da expressiva projeção de seu conterrâneo Venâncio Aires no Rio Grande do Sul. E maior projeção ele teria não fosse sua morte prematura em 1885, aos 43 anos, em Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. O Tiro de Guerra de Itapetininga, contudo, comemora seus 100 anos e por conta desse fato, outra personalidade de relevo nos vem a memória, o Coronel Honorário do Exército Antônio Carlos Lopes, o fundador do Tiro de Guerra no Brasil. Antônio Carlos Lopes nasceu em Rio Grande/RS em 1870 e faleceu em 1931 na mesma cidade. Foi ele o idealizador e criador dos tiros de guerra no Brasil, ao fundar, a 7 de setembro de 1902, no 80º aniversário da Proclamação da Independência, em reunião vespertina do Clube Caixeral, no Rio Grande, a Sociedade de Propaganda do Tiro Brasileiro, que inspirou Marechal Hermes da Fonseca, então Ministro da Guerra, a criar por Decreto n.º 1503 de 5 de Setembro de 1906, a Confederação do Tiro Brasileiro. Naquela época, a ideia de Antônio Carlos Lopes já havia se propagado, com a criação, entre outros, dos Tiros de n.º 1, em Rio Grande, o n.º 2, em Santos, o n.º 3, em São Paulo, o n.º 4, em Porto Alegre, enquanto que, em abril de 1906, foi criado, no Rio de Janeiro, o Clube de Tiro Federal, inspirado em modelo também trazido da Suíça pelo Dr. Furquim Werneck.. Antônio Carlos Lopes, com cerca de 20 anos, fora

testemunha dos sangrentos episódios decorrentes da Guerra Civil (1893-95) combinados com os da Revolta na Armada (1893-94) que envolveram o Rio Grande do Sul. Após tornar-se Químico-Farmacêutico em Ouro Preto/MG, Antônio Carlos estagiou nos então famosos laboratórios suíços, oportunidade em que teve a sua atenção despertada para o sistema de defesa da Suíça, onde cada natural desse país recebia instrução de tiro e uma arma que guardava em casa, ficando em condições de atender à convocação militar, caso necessária. De regresso ao Brasil, concebeu a ideia de promover-lhe a defesa, com pequeno dispêndio e potencial para mobilizar, em caso de emergência, grande número de reservistas atiradores, habilitados no uso de armas de fogo. A iniciativa de Antônio Carlos Lopes foi providencial e antecipou-se de muito, à Primeira Guerra Mundial, que ocorreria doze anos mais tarde. Nesse espaço de tempo, ele percorreu o Brasil, às suas expensas, distribuindo seu livro, **O Problema das Reservas do Exército**, assunto de cuja gravidade tinha noção exata. Seu outro famoso livro, **O Tiro Brasileiro**, com mais de 200 gravuras, instruindo como construir um estande de Tiro, o manejo e a nomenclatura das armas e como funcionar uma sociedade de tiro, foi aprovado e adotado em todas as sociedades de tiro então em vigor por ordem do Ministro da Guerra, Marechal Hermes da Fonseca, o modernizador do Exército. Olavo Bilac, em sua campanha (1915-16) em favor do Serviço Militar, no início da Primeira Guerra Mundial, assim proclamava: “Para que haja pátria é necessário que haja consciência, coesão e disciplina. E é justo isto que vem fazendo Antônio Carlos Lopes na cidade de Rio Grande, com a fundação da Sociedade de Propaganda do Serviço Militar.” Como se pode concluir, foi relevante a iniciativa do patriota Antônio Carlos Lopes, ao criar a Sociedade de Propaganda do Tiro Brasileiro, raiz histórica do Tiro- de -Guerra do Brasil. Com efeito, em 1910 já havia 10 mil atiradores à disposição do Exército, algo que até 1916, esta instituição não dispunha de reservas efetivas. Foi, portanto, no contexto adverso de um exército profissional sem reservas, que se situou, com expressivo destaque, a grande projeção da obra de Antônio Carlos Lopes. Sua patriótica iniciativa lhe valeu o título de Coronel Honorário do Exército Brasileiro e a construção, em Porto Alegre, por iniciativa do Tiro de nº. 4, e em Rio Grande, sua terra natal, por iniciativa do Tiro de nº. 1, de duas hermas para perpetuar sua memória na gratidão nacional. Acreditamos que o Brasil está a dever-lhe muito mais, pela imensa projeção de sua obra pioneira teve quando colocada no contexto da Reforma Militar ocorrida nos anos de 1898 a 1922. E se ouvida a voz da nossa História Militar, consagrá-lo como Patrono dos Tiros de Guerra do Brasil. Parece-nos essa consagração uma questão de justiça necessária de ser feita. Por este motivo a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, durante as comemorações do bicentenário da Academia Militar das Agulhas Negras, em 23 de abril de 2011, decidiu reverenciar Antônio Carlos Lopes por sua patriótica iniciativa, dando o seu nome a sua Delegacia em Rio Grande, ora

subordinada a AHIMTB/RS General Rinaldo Pereira Câmara, presidida pelo, acadêmico benemérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e designar como o seu delegado o historiador filho de Rio Grande Prof. João Marinônio Carneiro Lages. O Prof. João Marinônio assinou o artigo O Tiro Naval Brasileiro, quando presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Rio Grande e ligado está a diversas iniciativas de resgate, preservação e divulgação da História Militar naquela cidade, a citar o Memorial do Brigadeiro José da Silva Pais, junto ao Grupo de Artilharia Marques de Tamandaré e que construído foi no comando do então Tenente Coronel Augusto Cesar Martins de Oliveira, os quais, juntos, balizaram os locais onde uma vez existiram as Fortalezas Jesus Maria José e Nossa Senhora da Conceição, erigidas pelo Brigadeiro José da Silva Pais ao fundar a Vila de Rio Grande em fevereiro de 1737, assunto que abordamos em detalhes em nosso livro **A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1774/1776**. Iremos nos referir agora sobre a Reforma Militar em cujo contexto foram criados os Tiros de Guerra de Sorocaba e de Itapetininga, ambos em 1917. De fato, a partir de 1874, com a adoção do Regulamento de Ensino voltado para o bacharelismo militar, o nosso Exército, sem dispor de reservas, atingiu um índice operacional inferior ao da Guerra do Paraguai (1865/1870) ao combater a Guerra Civil combinada com a Revolta na Armada (1893/1894) e, a seguir, a Guerra de Canudos em 1897. Em 1898, teve início a Reforma Militar que se prolongou até 1945, coroada com o desempenho da Força Expedicionária Brasileira, a qual apresentou índices elevados de operacionalidade. A seguir, o leitor poderá visualizar o significado da criação do tiro de guerra brasileiro, na retrospectiva que apresentamos dentro do contexto histórico das principais ações da anunciada Reforma Militar até o Centenário da Independência em 1922.

Em 1898 - Em viagem à Europa, o Capitão Tasso Fragoso trouxe a ideia da necessidade de se criar um Estado-Maior para o nosso Exército, enquanto Antônio Carlos Lopes trouxe da Suíça a ideia do tiro-de-guerra brasileiro para a formação de reservas para o Exército, que até então não as possuía. - Foi criado o Estado-Maior do Exército (EME) e a Fábrica de Pólvora sem fumaça, em Piquete/SP, a única da América do Sul. 1899 - Fundação da Revista Militar pelo Estado Maior do Exército, a qual defendeu a instituição do Serviço Militar Obrigatório. - Plano de Reforma do Exército do Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet visando um Exército com todas as características do povo brasileiro.

Ano de 1902 - Em 7 de setembro, Antônio Carlos Lopes funda em Rio Grande/RS a Sociedade de Propaganda de Tiro Brasileiro, ideia que propagou pelo Brasil. Ano de 1904 - O Ministro da Guerra, Marechal Hermes da Fonseca, no seu artigo Reforma do Exército, defendeu a reforma do Ensino do Exército como questão de vida ou morte para os destinos do

Brasil e do próprio Exército. - Fechamento da Escola Militar da Praia Vermelha, templo do bacharelismo militar, seguido da sua extinção. - Adoção do Regulamento de Ensino do Exército, ponto de inflexão do bacharelismo para o profissionalismo militar, e criação da Escola de Comando e Estado Maior (ECEME), Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e Escola de Sargentos.

Ano de 1905 - O Marechal Hermes da Fonseca realizou as manobras militares no Curato de Santa Cruz, exercício de adestramento que não se realizava desde 1888, quando ele era ajudante de ordens do Conde D'Eu que comandou as citadas manobras, bem como as de Porto Alegre (Parque da Redenção) e em Saicã.

Ano de 1906 - Criação da Escola de Guerra, em Porto Alegre, para implementar o Regulamento de Ensino de 1905. Foi esta escola a formadora, até 1911, das gerações de oficiais que mais tarde consolidariam a Reforma Militar. - Oficialização das Sociedades de Tiro desenvolvidas desde a criação da Sociedade de Propaganda do Tiro Brasileiro por Antônio Carlos Lopes.

Ano de 1908 – Reorganização do Exército pelo Marechal Hermes da Fonseca, da qual surgiram as leis do Serviço Militar, Sorteio Militar, Voluntariado e dos Tiros brasileiros, bem como da criação das brigadas estratégicas, a construção de novos quartéis e aparelhamento do Exército com fuzis Mauser, metralhadoras Madsen e canhões Krupp, armas adquiridas com respectivas fábricas de munições.

Ano de 1908 20 - 25 de novembro. É apresentado, na Praia Vermelha, ao Ministro da Guerra, Marechal Hermes da Fonseca, como primeira reserva do Exército, o Tiro de nº 7 no contexto da Grande Exposição Internacional que ali teve lugar.

Ano de 1910 - Envio de oficiais para estagiarem no Exército da Alemanha até 1912. Os tiros no Brasil atingem o efetivo de 10 mil atiradores. - Fundação da **Revista dos Militares** na 3ª Região Militar como preparação para uma Missão Militar estrangeira para o Exército. Já há dois anos, a Força Pública do Estado de São Paulo era instruída por uma missão militar francesa

Ano de 1911 - 5 de abril. Fundado o primeiro Tiro Naval, este por iniciativa do deputado federal Deoclécio de Campos, então eleito o seu primeiro presidente e que teve os estatutos aprovados pelo Ministro da Marinha Almirante Joaquim Baptista Marques de Leão, em 5 de abril de 1911. A inauguração foi em 23 de dezembro de 1911 nas instalações do Clube Naval do Rio de Janeiro, destinado a proporcionar aos jovens,

instrução de Marinha de Guerra. - No Rio Grande/RS, houve a fundação de outro Tiro de Guerra Naval que funcionando junto à Capitania dos Portos do Estado do Rio Grande do Sul, formou várias turmas, que reforçaram a reserva de nossa Marinha. - As unidades do Tiro Naval se multiplicam pelo território nacional, vinculadas e apoiadas pelas diversas Capitânicas dos Portos. O Tiro Naval mais destacado foi o do Estado de São Paulo, que funcionava na cidade de Santos, ao qual se deve a formação de mais de 4.000 reservistas da Marinha e que ainda teve destacada atuação no combate à epidemia da gripe espanhola. Ainda hoje lá existe a denominada rua “do Tiro Naval”.

Ano de 1912 - Outubro. Início da Guerra do Contestado no Paraná e Santa Catarina onde as tropas do Exército a pacificaram, conforme abordo em meu livro **A Revolta do Contestado 1912/1916 nas memórias e ensinamento militares de seu pacificador**, o General Fernando Setembrino de Carvalho.

Ano de 1913 - Fundação da revista **A Defesa Nacional** pelos jovens turcos, oficiais que, em maioria, estagiaram no Exército Alemão. - Fundação da Escola Militar do Realengo, reunindo as diversas escolas existentes de formação de oficiais.

Ano de 1915 - Campanha pela adoção do Serviço Militar Obrigatório no Brasil em plena Primeira Guerra Mundial, levada a efeito por Olavo Bilac, nela cooperando Antônio Carlos Lopes, até 1916. 21 Ano de 1914 - Início da atuação da Expedição General Setembrino no combate a Guerra do Contestado, o que consegue pacificar em 1916, deixando precioso relatório feito ao Ministério do Exército, no qual demonstra a grande evolução operacional do Exército em 17 anos de Reforma Militar.

Ano de 1916 - 7 de setembro. Criação da Liga de Defesa Nacional (LDN), o que ocorreu a 14 anos depois da criação da Sociedade do Tiro Brasileiro. - 10 de dezembro, Primeiro Sorteio Militar no Brasil, no atual Palácio Duque de Caxias, com a presença do presidente Wenceslau Brás.

Ano de 1917 – 31 Maio. Criação do Tiro de Guerra de Sorocaba em cujo centenário foi organizado pelo acadêmico benemérito Adilson Cezar da AHIMTB/São Paulo e que estivemos presente representando a FAHIMTB. Elaboramos ainda uma reportagem amplamente ilustrada intitulada Comemoração do Centenário do Tiro de Guerra de Sorocaba, ocorrida em 31 de maio de 2017 e que disponível está em www.ahimtb.org.br - 7 de Outubro. Fundação do Tiro de Guerra de Itapetininga com a entrega da Bandeira Nacional à Sociedade do Tiro Brasileiro n.º 234 pelo General Luiz Barbedo, objeto do presente prefácio deste livro de autoria do professor e Tenente R/2 Jefferson Biajone.

Ano de 1918 - Brasil envia à França vinte e dois oficiais em caráter reservado para absorção de doutrina militar, vendo e combatendo no Exército da França e para observarem a evolução dos armamentos com vistas a serem adquiridos para o Exército. - Extinção da Guarda Nacional. As Forças Públicas, atuais Polícias Militares, se tornam forças auxiliares e reservas do Exército.

Ano de 1919 - Criação da Missão Indígena, na Escola Militar sob a direção de oficiais que haviam estagiado no Exército alemão e fundado a revista A Defesa Nacional. A Missão atuou até 1921. Foram oficiais de escol selecionados em concurso pelo Estado - Maior do Exército.

Ano de 1920 - Contrato da Missão Militar Francesa para o nosso Exército.

Ano de 1922 - Centenário da Independência. Em Ordem do Dia do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá/MG, unidade que tivemos o privilégio de comandar de 1981 a 1982 foi assinalado em seu Boletim Interno que:

“O Exército Brasileiro está organizado à moderna. A instrução é baseada em ensinamentos da Primeira Guerra Mundial. Está equipado com o que de melhor produz a indústria bélica mundial. A tropa habita quartéis higiênicos e confortáveis. Os arsenais funcionando no reparo de armas bem como as fábricas de munições Já dispõe de carros de combate, esquadrilhas aéreas e das escolas ECEME, EsAO e de Sargentos. Realizou as manobras de Saicã da 3º RM. Ocorreu concentração rápida para atender a emergência interna, A convocação de várias classes de reservistas na parada do Centenário da Independência, foi notável. O Exército está em boa situação e se prepara para o desempenho da sua missão que lhe compete: a Segurança da Pátria. “

O General Augusto Tasso Fragoso, na introdução de seu livro **A Batalha do Passo do Rosário**, faz um ato de contrição apontando os grandes equívocos na formação do oficiais na Escola da Praia Vermelha, por influência do bacharelismo militar e do Positivismo. Uma leitura imperdível que, sem dúvida, esclarece ocorrências diversas da época.

REFERÊNCIAS BENTO, C. M. Serviço Militar Obrigatório no Brasil: sua implantação através do Sorteio Militar. Disponível em acesso em 15 Out 2017

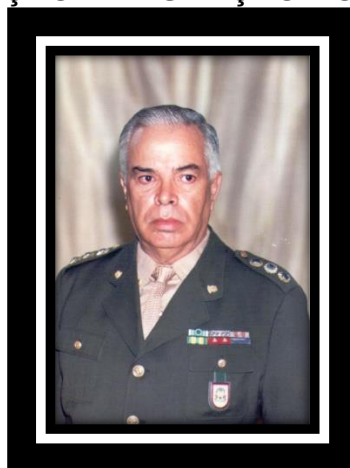
. _____.O Criador e idealizador do Tiro de Guerra Brasileiro. Revista do Exército Brasileiro. Vol. 139,1º Quadrimestre. 2002. p.20-23.

_____. A Defesa Nacional nº 729, Jan/Fev 1987. p. 120-138, com 14 ilustrações. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. História do Exército Brasileiro: perfil militar de um povo, Rio de Janeiro: Sergraf. 1972. v.2. p. 801-813. SOUZA. Á. T. de. Antônio Carlos Lopes: criador do tiro-de-guerra brasileiro. O Rio Grande. 4 de novembro de 1979.

LAGES, J. M. C. O Tiro Naval Brasileiro. Transcrito pelo autor nas comemorações do Centenário do Tiro de Guerra de Sorocaba.

(*) Coronel reformado do Exército Brasileiro. Natural de Canguçu/RS, historiador militar e jornalista, sócio benemérito dos IHGMB e do IHGB, sócio das Academias Portuguesa da História de Espanha, Argentina e dos Institutos Históricos e Geográficos de São Paulo, Sorocaba e também do Uruguai e do Paraguai. É presidente-fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, do IHTRGS.

6- APRESENTAÇÃO DE MEU LIVRO INEDITO OS BRUMMER, CUJO ORIGINAL DOEI AO MUSEU DE SÃO LEOPOLDO, MAS PARTE FOI PUBLICADO EM MEU LIVRO ESTRANGEIROS E DESCENDENTES NA HISTORIA MILITAR DO RIO GRANDE DO SUL, PREMIADO PELO BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL



Cel Cláudio Moreira Bento

Em 1494, a América, do Sul foi dividida entre Espanha e Portugal, pelo meridiano de Tordesilhas, linha imaginária comumente aceita como ligando Belém, no Pará, à Laguna, em Santa Catarina. Se isto vigorasse para sempre, o Brasil ficaria bastante reduzido. A ele não pertenceriam, no sul, o Rio Grande do Sul, praticamente todos os Estados do Paraná e Santa Catarina e cerca da metade de São Paulo. Em 1580, as coroas de Portugal e Espanha uniram-se sobre a cabeça do Rei de Espanha, Felipe II. Este evento derogou, de direito e de fato, o meridiano de Tordesilhas. A partir de então, tanto portugueses como espanhóis poderiam transpor esse meridiano na exploração e conquista de novas terras. Os portugueses tomaram agressivamente a iniciativa nesse sentido. Em 1637-38, o capitão Pedro

Teixeira, saindo de Belém, extremo norte do meridiano de Tordesilhas, subiu o Amazonas. Na foz do rio Aguarico com o Napo fundou a localidade portuguesa de Franciscana.

A seguir tomou posse para Portugal, em nome do rei de Portugal e Espanha, de todas as terras situadas a leste deste ponto. Com este gesto, de incalculável projeção geopolítica, conquistaria para sempre toda a imensa Amazônia Brasileira. .

No Rio Grande do Sul, de 1637-1640, dentro do mesmo princípio e em nome do rei de Espanha e Portugal, os bandeirantes paulistas transpuseram o meridiano de Tordesilhas e foram chocar-se naquela área, com súditos de Espanha, em franco expansionismo para oeste, na direção de São Paulo.

Eram os jesuítas que haviam estabelecido reduções indígenas no Rio Grande do Sul que dali foram expulsos, na ocasião, pelos bandeirantes. Data, desde esta época, o início dos choques armados entre os portugueses versus espanhóis e, após, continuados entre os descendentes de ambos.

Esses choques se prolongariam durante os **243** anos seguintes, até 1870, objetivando o estabelecimento de uma fronteira definitiva entre esses povos na Bacia do Prata.

Em 1680, os portugueses fundaram Colônia de Sacramento, defronte a Buenos Aires.

Os jesuítas, na mesma, época, em nome de interesses do Rei da Espanha, retornariam ao Rio Grande do Sul e fundariam os Sete Povos das Missões.

A partir de então, a fronteira entre Portugal e Espanha, no Rio Grande do Sul, sofreu diversos fluxos e refluxos, seja por força de muitos e frequentes choques armados, seja por força de tratados diplomáticos, Madrid, El Pardo, Santo Ildefonso etc. Por esta razão o Rio Grande do Sul foi chamado, com muita propriedade, de **Fronteira do Vaivém**. Para a fixação dessa fronteira, definição do Rio Grande do Sul brasileiro e preservação da integridade e soberania brasileiras no sul, os alemães e seus descendentes brasileiros e outros germânicos contribuiriam militarmente, de modo expressivo, direta ou indiretamente um século coincidente com o período mais agudo dessas lutas (1767-1870).

Mostrar essa contribuição será o objetivo principal desse ensaio, visando cooperar para eliminar aquele estereótipo da imigração alemã, colonos agricultores, de baixo nível cultural e social, desembarcando no Rio Grande do Sul, em levas sucessivas, a partir de 24 de julho de 1824, chegada em São Leopoldo no navio "**Protector**", com os 43 primeiros imigrantes, para promoverem o desenvolvimento econômico do Estado através da enxada, na agricultura, alheios às lutas militares, internas e externas, que tiveram o Rio Grande do Sul por cenário durante um século

(1824-1924).

Neste ensaio focalizaremos, de modo especial, a imigração militar alemã de 1851, composta de 1800 a 2000 legionários alemães, contratados pelo Brasil para lutar contra Oribe no Uruguai e Rosas na Argentina, na guerra ' de 1851-52. Guerra que teve seu epílogo na Batalha de Monte Caseros, de 3 de fevereiro de 1852, na qual 80 legionários alemães armados de fuzis Dreyse a agulha ,tiveram participação decisiva.

Evidenciaremos que após esta guerra eles se radicaram no Rio Grande do Sul, onde passaram a ser conhecidos como brummers (rezingões). Então aceleraram o desenvolvimento cultural e industrial da Província, dada a excelência de suas culturas e habilidades técnicas e por transferência de tecnologia em diversos setores.

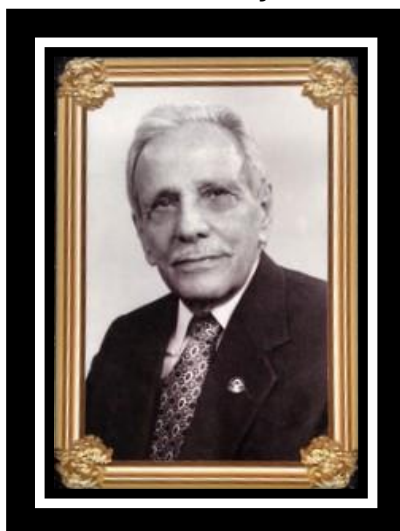
Aos vigorosos braços dos primeiros colonos, em sua grande maioria agricultores, eles somaram cérebros e mãos de hábeis artífices dos quais o Rio Grande do Sul era tão carente.

E dessa composição muito feliz e oportuna, resultou maior grandeza para a imigração alemã no Rio Grande do Sul, para esta importante unidade da Federação e para a Pátria Brasileira.

Pátria que, por uma coincidência muito significativa, é presidida, neste ano do Sesquicentenário da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul, por um filho de imigrantes alemães desse Estado, Presidente Ernesto Geisel, após realizar hem sucedida* e profícua carreira no Exército Brasileiro.

Cel Claudio Moreira Bento

7 – CAMARDELLA, AIMONE. ENGENHARIA ASPECTOS FUNDAMENTAIS. RIO DE JANEIRO: FOLHA CARIOCA, 2012. (ESCREVEU SOBRE O AUTOR E SUA OBRA E SOBRE A ENGENHARIA DE COMBATE E CONSTRUÇÃO DO EXÉRCITO).



Professor Aimone Camardella

Em preciosa síntese, **Aspectos Históricos Fundamentais da Engenharia**, o jovem em espírito, experimentado e idealista autor, do alto de seus 91 anos, muito bem vividos e produtivos, o Mestre Aimone Camardella, engenheiro civil, nuclear e de segurança do trabalho, doutor em Física e professor da Escola Nacional de Engenharia por 39 anos, trata do referido assunto. O citado Mestre é uma vida preciosa, de um ilustre brasileiro dedicado à Engenharia, e ao desenvolvimento do Brasil e à Cultura.

No último caso, como membro das Academias de Letras, Artes e Ciências, da de Literatura, da Academia Luso-Brasileira de Letras, autor de 13 livros e por último, acadêmico da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), na qual inaugurou a cadeira Especial Professor Paulo José Pardal, em sessão solene e concorrida, que tivemos o imenso prazer de presidir, em 7 de dezembro de 2011, no Salão Nobre da Congregação da Antiga Escola Politécnica, no Largo de São Francisco, no ano do Bicentenário da Academia Real Militar, que ali teve a sua sede por mais de quatro décadas

E, também, inspirado poeta, autor do Hino do Engenheiro. A sua sessão de posse encontra-se disponível, na íntegra, em Artigos de Sócios no site www.ahimtb.org.br

Em **Aspectos Históricos Fundamentais da Engenharia**, com ênfase na Engenharia Brasileira, o autor recorda o desdobramento profissional do Engenheiro, atualmente em cerca de 60 especialidades e sempre em busca de um progresso brasileiro mais pronunciado.

Recorda e sintetiza, com apresentação de imagens, as Sete Maravilhas do Mundo Antigo, as Sete Maravilhas do Mundo Medieval e as Sete Maravilhas do Mundo Moderno, na última incluindo o nosso Cristo Redentor, cuja bela história detalha.

Recorda estas 21 Maravilhas com o objetivo de divulgá-las a todas as comunidades e, em especial, aos seus colegas e futuros Engenheiros, para demonstrar que a capacidade técnica e tecnológica do ser humano, “ *que sempre foi pródiga e exuberante*”.

A seguir aborda a Engenharia Brasileira nascida em 1792, na Casa do Trem, local do atual Museu Nacional, com a Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho, berço do ensino superior de Engenharia e do ensino militar acadêmico nas Américas, nove anos antes portanto da criação da Escola Militar de West Point, em 1801, pelo Congresso dos EUA.

Real Academia resgatada de sob a pátina dos tempos que a encobria, pelo seu patrono na FAHIMTB, Paulo Pardal, em sua obra; **Brasil 1972, Início do Ensino de Engenharia Civil no Brasil**. Rio de Janeiro – Odebrecht.

E felizes constatamos no trabalho do autor, a imagem da citada Real Academia, hoje tão generalizada, a qual a retiramos de precioso Panorama

do Rio de Janeiro, que conseguimos transferir de Brasília para o Arquivo Histórico do Exército, quando éramos seu diretor de 1985-90. Panorama de autoria do Cel Engenheiro Miguel Ângelo Blasco, Quartel Mestre General, do Exército, Demarcador do Tratado de Madrid, no Sul, por ocasião da Guerra Guaranítica 1754/56, e cuja vida e obra sintetizamos em: **Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS**: Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1975. p.205/207.

A partir desta Real Academia, o Mestre Aimone aborda a evolução no Brasil da Engenharia Civil e a da Engenharia Militar. A última até a criação, em 1959, do Instituto Militar de Engenharia (IME), hoje com denominação histórica de Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho. E a Engenharia Civil, a partir de seu nascimento na Real Academia, e a sua evolução até 1965, para a Escola de Engenharia da UFRJ, na Ilha do Fundão, que teve seu nome novamente alterado, em 2003, para Escola Politécnica da UFRJ.

Assim, de 1812- 1966, o Ensino de Engenharia Civil foi ministrado por cerca de 154 anos no histórico prédio do Largo de São Francisco, onde por 44 ano, ela havia formado concomitantemente, oficiais do Exército e engenheiros civis e militares.

O autor defende o prédio do Largo de São Francisco como sendo o berço da Engenharia Brasileira e a Casa do Engenheiro, por ser o local onde a Engenharia brasileira realmente evoluiu, tanto na área militar, como na área civil, razão de ser a sua preservação, por demais relevante, tratando-se de importante Monumento Histórico do Brasil que merece ser tombado pelo Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural e, transformado em Memorial da Engenharia Brasileira, a ser entregue, depois de restaurado pelo Governo, inicialmente às seguintes instituições entre outras: o Clube de Engenharia, a -Associação dos Ex-alunos da Politécnica, já ali sediada, às Associações de Engenheiros, à Academia de História Militar Terrestre do Brasil/ Rio de Janeiro. Ou, em síntese, neste sagrado ícone e Berço da Engenharia Brasileira e Casa do Engenheiro do Brasil, ali se estabelecer o Memorial da Engenharia Brasileira Civil e Militar. Julgamos fundamental este pleito para que o Engenheiro possua a sua Casa, o seu Templo, à semelhança do Banco do Brasil, dos Correios, dos Advogados, dos Médicos etc.

Sugere ainda o Professor Aimone que para tal a Associação dos ex-alunos da Politécnica e o Clube de Engenharia estabeleçam inicialmente Estratégias para tal objetivo.

No Bicentenário, em 2010, dos 200 anos da criação da Academia Real Militar, publicamos a obra **2010 - 200 anos da Academia Real Militar a AMANAN** - Resende AHIMTB, 2010, em que registramos, inclusive, a História da formação de engenheiros civis e militares pelo Exército.

E para bem escrevê-la recorreremos a obras de nossos confrades no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ligados ao Largo de São Francisco: Pedro Calmon, Mário Barata, Paulo Pardal, Pedro Carlos da Silva

Teles e Sidnei Gomes dos Santos e, por último, ao acadêmico emérito da FAHIMTB, Eng. Israel Blajberg.

Como oficial da Arma de Engenharia cabe-nos aqui explicar o seu significado aos Engenheiros civis:

Em 1851-52, foi criado o Batalhão de Engenheiros no Exército Imperial, uma especialidade dentro da Arma de Artilharia, para apoiar o seu Movimento em campanha.

Durante a Guerra do Paraguai este Batalhão de Engenheiros foi utilizado no apoio ao Movimento do 1º Corpo de Exército do Brasil. E foi criado nesta guerra o Batalhão de Pontoneiros para apoiar o Movimento do 2º Corpo de Exército.

O Batalhão de Engenheiros se consagrou na Batalha de Tuiuti de 24 de maio de 1866, ao ser peça relevante na construção do fosso na frente da Artilharia, de Mallet, que foi decisiva para conter a penetração inimiga em nosso dispositivo defensivo.

A célebre Estrada do Chaco, construída por Caxias, para envolver a posição do Piquiciri, e desembarcar de surpresa na retaguarda profunda inimiga, contou com o fundamental concurso destes dois batalhões.

A saga do Batalhão de Engenheiros foi resgatada pelo então Major de Engenharia Aurélio de Lyra Tavares, também engenheiro civil formado pela Escola Politécnica, autor da Canção da Arma de Engenharia do Exército do qual foi ministro e que faleceu acadêmico da Academia Brasileira de Letras.

A história do Batalhão de Pontoneiros resgatamos no nosso artigo; Os Brummers os primeiros pontoneiros do Exército Brasileiro, nos **Anais da Colonização Alemã do RGS**. São Leopoldo: Rotermond, 1974. p. 333-357. Batalhões que executavam missões planejadas por suas Comissões de Engenheiros Militares.

A Real Academia de 1792, e a seguir a Academia Real Militar de 1810, ambas criadas sob a égide do Príncipe D. João, destinavam-se prioritariamente, antes da Revolução Industrial, a construir o Brasil, não exigindo das armas de Infantaria e Cavalaria, formação militar sofisticada para o combate corpo a corpo.

Depois da Revolução Industrial, com a descoberta da máquina a vapor, ela teve grande repercussão no Campo de Batalha, com armas e munições em profusão e intensidade, obrigando os exércitos a buscarem proteção atrás de trincheiras e fortificações planejadas por engenheiros militares e a refinarem progressivamente as táticas e instruções das armas bases a Infantaria e Cavalaria e as de suas armas de apoio de Fogo, de Movimento, de Comunicações e Logística.

A Arma de Engenharia do nosso Exército foi criada, na Reforma de 1908, pelo Marechal Hermes da Fonseca, na forma de um batalhão para cada Brigada Estratégica então criada.

Arma de Engenharia com a missão de, em campanha, apoiar o Movimento das Forças amigas e de dificultar Movimento das forças inimigas.

Hoje ela atua também no Brasil com seus Batalhões de Construção, dispondo de Engenheiros Militares, para o planejamento de suas ações e de oficiais de Arma de Engenharia, no comando da execução de obras de Engenharia, programadas, em especial na construção de rodovias, ferrovias e aeroportos, missões não concorrentes com iniciativa privada, mas construindo para o desenvolvimento e integração do Brasil e assim se adestrando para o mais eficiente desempenho em campanha.

Como oficial de Engenharia servimos em unidades de Comunicações e Construções, o que nos deixou nas melhores condições para comandar um Batalhão de Engenharia de Combate, onde não se pode adestrar a Engenharia de Combate construindo obras a baixíssimos custos.

Em **Apontamentos sobre Balística**, do Engenheiro Industrial, General Gilberto Azevedo, segundo o Mestre Aimone, ele demonstra e prevê um desenvolvimento sem precedentes da tecnologia de míssil, artefato hoje considerado fundamental para as forças armadas em guerras, em substituição, com vantagens as enormes quantidades de carros blindados, cada vez mais vulneráveis aos mísseis e os drones.

No restante de seu precioso trabalho o Mestre aborda assuntos relacionados com a profissão Engenheiro: Engenharia Civil e Engenharia Militar, sobre o Modelo Estrangeiro de Engenharia, Avaliação das Instituições de Ensino de Engenharia, O problema de Custo do Curso de Engenharia, A moralidade do Ensino de Engenharia, A Avaliação de Alunos de Engenharia, As Principais Leis do Ensino Superior. A Graduação e Pós-Graduação em Engenharia, O Exercício Profissional da Engenharia e Considerações Finais onde, faz considerações especiais sobre a complexa organização das Escolas de Samba e sua requintada disciplina consciente e congregando diversas classes sociais, *“onde atuam engenheiros como principais responsáveis pela concepção, projeto, planejamento e construção de verdadeiras Obras de Arte”*.

E conclui o Mestre Aimone Camardella: *“E assim, com toda esta pompa de beleza e tecnicismo, o carnaval brasileiro é divulgado no mundo inteiro como o maior evento dessa natureza.”*

E, as reverencia com uma original poesia de sua lavra, que talvez um dia alguém para ela elabore uma música que venha a ser enredo de uma dessas maravilhosas Escolas de Samba, que a cada ano que passa, mais belas e monumentais se apresentam.

Sobre as preciosas considerações do Mestre Aimone Camardella, sobre aspectos da profissão Engenheiro, só nos resta sugerir como historiador, que os futuros engenheiros brasileiros e os atuais, reflitam e

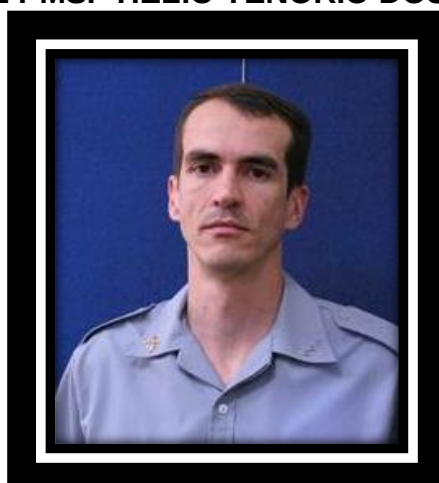
aproveitem a experiência deste grande Mestre, aos 91 anos.

Cel. Cláudio Moreira Bento

Historiador Militar, Memorialista e Jornalista

(x) Historiador militar e jornalista, Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAH1MTB) e da Academia de História Militar Terrestre de Resende/Marechal Máio Travassos e sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. E benemérito do Instituto Geográfico e Histórico Militar do Brasil e sócio acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História Site www.ahimtb.org.br

**8-MEU PREFÁCIO DO LIVRO A ORDEM UNIDA NA EVOLUÇÃO DA
DOCTRINA MILITAR (DA ANTIGUIDADE À ATUALIDADE) DO 1º
TENENTE PMSP HÉLIO TENÓRIO DOS SANTOS**



1º ten. da PMESP Hélio Tenório dos Santos

O jovem e muito inspirado historiador militar terrestre brasileiro, 1º Tenente PM **Hélio Tenório dos Santos**, da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP), apresenta a seguir, o primeiro ensaio no Brasil focalizando a **História da Ordem Unida**, no contexto da História Militar Terrestre Universal, sob o título "**A Ordem Unida na Evolução da Doutrina Militar (Da Antiguidade à Atualidade)**".

É do conhecimento hoje de todo chefe militar, que a Ordem Unida educa o soldado, com vistas ao fortalecimento das três vigas mestras de uma instituição militar - **a Disciplina, a Hierarquia, a Glória e a Tradição**. Isto por desenvolver o espírito de coesão, os reflexos de obediência, o respeito hierárquico e o espírito de corpo. Este, fruto da valorização e culto da **Tradição**. Esta no caso, filha da **História** e enraizada no grande capital patrimonial histórico e moral da Polícia Militar de São Paulo, o que se confirma no majestoso **Corredor Histórico (da PMESP)** exposto na Associação dos Oficiais da Reserva da Polícia Militar de São Paulo, por iniciativa do emérito historiador da PMESP e presidente daquela Casa, Coronel PM Edilberto de Oliveira Mello e baseado em sua obra **Marcos Históricos da PMESP**. Casa acolhedora, na qual, em 10 de março de

2.000, presidimos memorável sessão de três horas de duração, de posse na Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), como acadêmico, do citado Coronel Edilberto e como correspondentes na PMESP dos Capitães Francisco Possebom e Luiz Eduardo Pesce de Arruda, tendo como Presidente de Honra da sessão, o Comandante Geral da PMESP Coronel PM Rui Cesar Melo, também historiador militar do Regimento de Cavalaria "9 de Julho" da PMESP, ao comandá-lo. Sessão que contou com a presença maciça, em uniforme de gala, de cadetes (moços e moças) da PMESP. Reunião que foi encerrada por brilhante oração de Miguel Costa Filho, nonagenário, filho do herói da PMESP General Miguel Costa, e antigo mestre de História dos cadetes do Barro Branco. Cadetes que ao final aplaudiram de pé Miguel Costa Filho por sua mensagem vibrante. Reunião onde conhecemos outros historiadores da PMESP, os Coronéis PM Alaor Silva Brandão, Plínio Anganuzi e João Batista dos Santos; Tenente Coronel PM Álvaro Guimarães dos Santos, Tenente PM Osvaldo Evangelista do Nascimento e o autor, todos pretendendo dinamizar a Delegacia Coronel PM Pedro Dias de Campos da AHIMTB, então criada em caráter experimental temporário, no âmbito da PMESP, sob o abrigo da Associação presidida pelo Coronel Edilberto, nomeado então delegado da AHIMTB. Que prospere a idéia!

E foi assim que o Tenente Hélio, rebuscando a Antiguidade grega e depois a romana, demonstrou em seu ensaio cuidadoso e apoiado em fontes numerosas e fidedignas, como a Ordem Unida em combate foi essencial para movimentar, como um todo e internamente as falanges gregas e depois as legiões romanas, duas máquinas de guerra das mais perfeitas, e até hoje estudadas, em seus detalhes táticos, de equipamento e de organização como marcos da Arte Militar Ocidental, como iniciação aos cursos de História Militar Terrestre nas escolas militares do mundo. Organizações até hoje presentes e inspirando em suas variações, dispositivos táticos modernos. E, mais do que isto, fontes de inspiração para a adoção de dispositivos táticos e equipamentos policiais militares de choque, para o combate e de tumultos e situações de proteção de concentrações populares no campo e nas cidades, etc.

Enfim, foi esta a motivação focal do autor que o levou a estudar a evolução dos dispositivos de combate em que a ordem unida elemento essencial para as vitórias, até por volta de 1870, em decorrência do advento da Revolução Industrial com a descoberta da máquina a vapor. Com a máquina a vapor, as indústrias passaram a produzir em série armas e munições em grandes quantidades, que obrigaram o combatente a se dispersar e a cavar trincheiras para proteger-se da enorme densidade de fogos na superfície do campo de batalha, que o navio e o trem, acionados pela máquina expandiram sobremodo, provocando o surgimento da Guerra Total, da qual a nossa Guerra do Paraguai, 1865-70, foi a primeira entre as nações e a Guerra Civil de Secessão nos Estados Unidos, na mesma

década, foi a primeira no mundo.

No contexto da evolução da Arte e da Ciência Militar o Tenente Hélio se deteve na apreciação dos reflexos na Doutrina Militar de certas inovações como o uso do estribo na Cavalaria, da pólvora, do arcabuz, da Artilharia de Campanha, do cartucho de pólvora, do carregamento pela culatra, da automação das armas de canos raiados, da metralhadora, etc. E nesta evolução cabendo especial ataque à arma individual do combatente - **o fuzil**, a síntese, numa só arma, do **arcabuz** e do **pique**. Este uma enorme lança de inicialmente seis metros, que com o aumento da velocidade de tiro transformou-se na baioneta. E por fim no longo fuzil, tendo na ponta uma longa baioneta para o combate corpo a corpo à guisa de lança. Arma que, em função do carregamento pela culatra e aumento da capacidade e cadência de tiro, ficou reduzida hoje a um pequeno, curto e leve fuzil automático, com grande capacidade de tiro e com uma curta baioneta na ponta, para um remoto combate corpo a corpo.

Na evolução da Arte Militar assinalou o autor que depois da queda do Império Romano ela se degradou na Idade Média. E com ela a Ordem Unida em combate, para despertar mais tarde e inspirada na Arte Militar grega e romana, com o genial Rei Gustavo Adolfo da Suécia, passando por outros grandes capitães, como Frederico II e Napoleão, que a empregaram com excelentes resultados táticos e estratégicos a Ordem Unida em combate, para manobrar suas peças de manobra.

E mencionou o holandês Príncipe de Nassau que, inspirado em Gustavo Adolfo, organizou os seus exércitos com apoio na Ordem Unida em combate e superou na Europa a doutrina espanhola baseada nos quadrados de Infantaria dos Terços.

Doutrina de Gustavo Adolfo com inovações do Príncipe de Nassau que, posta em confronto com a Guerra de Emboscadas dos luso - brasileiros no Nordeste, durante a dominação holandesa 1624- 54, terminou por ser vencida nas duas batalhas dos Guararapes em 1648 e 1649. Batalhas vitoriosas, nas quais despertou o espírito de força armada e de nacionalidade brasileiras, no consenso de analistas do processo histórico brasileiro. Confrontos que estudamos a fundo, pioneiramente na obra "**As batalhas dos Guararapes - análise e descrição militar**" (Recife:UFPE,1971,1v) ora na Internet no site da AHIMTB www.ahimtb.org.br e estudada a 1ª batalha em nosso Manual "**Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**"(Brasília: EME/EGGCF,1978) e ora reeditada pelo Estado - Maior do Exército.

Guerra de Emboscadas, em realidade guerra de guerrilhas, a estratégia do fraco contra o forte, e conhecida na Europa entre os generais como **Guerra Brasílica**, e cuja diferença com a doutrina holandesa no Nordeste foi assim estabelecida pelo Major Antônio Dias Cardoso, depois da 1ª batalha dos Guararapes, numa troca de prisioneiros junto às muralhas do Recife, ao responder a um oficial holandês que lhe disse despeitado: "- **Da**

próxima vez nós venceremos, pois lutaremos dispersos como vocês lutaram!" E Dias Cardoso, o mestre das Emboscadas e da Guerra Brasília, assim respondeu **"- Melhor será ainda para nós ! Pois cada soldado nosso em combate será um capitão. E cada soldado de vocês para combater necessitará ao seu lado um oficial para obrigá-lo a combater.**

A ordem unida como hoje se pratica, a utilizamos muito como comandante de Companhia de Engenharia do 1º Batalhão Ferroviário destacada em construção de ferrovias no Rio Grande do Sul para fortalecer os laços de disciplina, hierarquia e espírito de Corpo que com o trabalho tendiam a enfraquecer. E a usava também para enquadrar sargentos, o subtenente e os oficiais por os encarregar de ministrarem ordem unida, o que os obrigava a se auto-enquadrar. O resultado era excelente!

Um grande expert em Ordem Unida no Exército foi o Marechal Odylio Denys, um estudioso brasileiro de Napoleão. Ele ministrava Ordem Unida, inicialmente com a tropa em coluna, girando em torno de um eixo. E dela retirava os recrutas com mais dificuldade, para um treinamento mais intensivo à parte, E avançava na instrução com os que apresentavam melhor resultado, sem os nivelar por baixo, com os mais deficientes, ao custo de sacrifícios desnecessários aos mais destacados. Isto que equivaleria a castigo e não a prêmio por bom desempenho. E estes eram usados como monitores dos que apresentavam dificuldades.

Mostrar a permanência da Ordem Unida na Evolução da Doutrina Militar e a sua atualidade para formulação e execução de táticas policiais militares de choque com apoio nas falanges gregas e romanas e de outras formações dela derivadas, ao longo da Militar Universal, foi o propósito desta contribuição original do Tenente Hélio, historiador militar da Polícia Militar de São Paulo instituição tão pioneira no Brasil, em iniciativas doutrinárias e de evolução doutrinária, ao ponto de haver, em 1906, contratado Missão Militar Francesa para instruí-la, cerca de 10 anos antes que o Exército contratasse a sua para instruí-lo e à sua Aviação. E mais contribuiu com cerca de quase uma centena de seus guardas para integrarem Polícia do Exército na Força Expedicionária Brasileira em defesa da Democracia e da Liberdade Mundial ameaçadas pelo nazi-facismo.

Assim, espera-se que, da notável e original contribuição do Tenente Hélio, se inspirem os chefes, pensadores e planejadores da Polícia de São Paulo, no sentido de enriquecer a sua Policial Militar, à altura dos seus compromissos no 3º Milênio, com a proteção e a defesa da Sociedade Paulista. Que assim seja!

Para nós, estudioso de História Militar e também historiador da PMESP com a plaqueta **"Polícia Militar de São Paulo - Lealdade e Constância"** (São Paulo: Museu PMESP, 1981) que então dedicamos: **"A memória dos heróis da Polícia Militar de São Paulo que tombaram, desde 1831, na defesa da Pátria, da Ordem, da Lei e da Sociedade Paulista, na luta contra o crime"**, foi uma honra prefaciá-lo o presente valioso e original ensaio

- **A Ordem Unida na Evolução da Doutrina Militar**, do historiador militar 1º Tenente PMESP Hélio Tenório dos Santos, que seguramente, com o devido estímulo, ainda muito produzirá sobre a História da Polícia Militar de São Paulo, para contribuir para o fortalecimento de sua grande viga mestra, ao lado da **Disciplina** e da **Hierarquia** - a sua invejável **Tradição**.

Cláudio Moreira Bento

Cel Eng QEMA Ref

Acadêmico Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Resende, A Cidade dos Cadetes, 12 de março de 2.000

9 - MEU PREFÁCIO DO LIVRO **SOLDADOS QUE VIERAM DE LONGE** DO PROFESSOR ISRAEL BLAJBERG



Prof. Eng. e Ten R2 Art Israel Blajberg

Cel Cláudio Moreira Bento

É com muita honra que fui convidado para apresentar o livro **Soldados que Vieram de Longe**, de autoria do Tenente R/2 de Artilharia Israel Blajberg, dirigente e exemplar acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, da qual, por merecimento é o seu 3º Vice Presidente e seu Delegado na Delegacia Marechal João Baptista de Mattos no Rio de Janeiro, homenagem ao historiador dos monumentos brasileiros.

Obra editada em parceria da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) com a Federação Israelita do Rio de Janeiro.

Em 1944/1945 o Brasil enviou à Itália a Força Expedicionária Brasileira para dar a sua contribuição ao esforço de guerra aliado, para defender a Democracia e a Liberdade Mundial, seriamente ameaçadas pelo Nazismo e o Fascismo que se espalharam ameaçadores sobre extensas áreas da Europa, Ásia e África, na idéia de dominar o mundo, inclusive o Brasil, em especial o Sul. por ali possuir colônias alemãs e italianas em expansão.

E nesta luta dos Aliados, no Brasil se incorporaram as Forças Armadas do Brasil em defesa da Democracia e da Liberdade Mundial 42 homens de origem judaica, dos quais 29 do Exército, e dentre eles oficiais R/2, formados

como Israel também nos CPORs, do que é muito orgulhoso desta formação, a integrar, na sua expressão, a Reserva Atenta e Forte, cuja memória pesquisa, preserva e divulga de forma comovente, não deixando que sejam esquecidos na mídia castrense, participando dos eventos históricos do Exército, em especial na cidade do Rio de Janeiro, registrando os mesmos pela Internet acompanhados de fotos expressivas.

Da Marinha Mercante registra 5 participantes, assuntos que abordamos em conjunto com as demais forças em nossa plaqueta **As Forças Armadas do Brasil e sua Marinha Mercante na 2ª Guerra Mundial**, em duas edições em 1995 e 2000, prefaciadas por dois acadêmicos eméritos da AHIMTB, General Plínio Pitaluga e Vet FEB José Conrado de Souza, heróis da FEB na guerra e na paz, por na paz liderarem expressiva parcela de veteranos em defesa de seus interesses.

Registra 3 descendentes de judeus na Força Aérea, força esta cuja atuação evocamos na citada plaqueta.

Sem dúvida além da importante participação de descendentes de judeus filhos de imigrantes vindos de Marrocos, Rússia, Polônia, etc, eles corriam além do risco de perecer em combate, o de serem capturados pelos alemães e executados sumariamente, ou do envio para campos de extermínio, como ocorreu com milhares de soldados judeus combatendo nos exércitos da Rússia e Polônia, aumentando o expressivo número de milhares de judeus sacrificados barbaramente nos crematórios e câmaras de gás, no evento sem igual da barbárie humana que passou a História como Holocausto.

E Israel dá visibilidade a estes soldados brasileiros e os coloca em merecido alto relevo entre os bravos brasileiros de várias origens étnicas que integraram a luta contra o nazismo. Providência que tomamos em relação aos sargentos brasileiros do Exército mortos na campanha da FEB em pesquisa solicitada pela Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos em Cruz Alta - RS e ESA em Três Corações MG que intitulamos: **Os 68 Sargentos heróis da FEB mortos em Operações de Guerra na Força Expedicionária Brasileira.**

Bravos que segundo Péricles, estrategista e dirigente grego no século V, A.C., que levou o seu nome, assim também os considero.

"Aquele que morre por sua Pátria serve-a mais em um só dia que os demais em toda a sua vida".

Lamentavelmente não tivemos um patrocinador para dar uma mais profunda e justa divulgação impressa desses bravos, somente o fazendo com cópias digitadas com apoio do então Diretor do Centro de Recuperação do Exército Cel Médico QEMA Flávio Arruda Alves.

Através do ilustre e falecido casal Egon e Frida Wolf nossos confrades no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, conhecemos através de seus numerosos livros detalhes da colônia judaica no Brasil sobre a qual

escreviam. E muito deles, seus convidados conhecemos nas Bodas de Ouro do casal no Hotel Glória no Rio.

E com o Acadêmico Arnaldo Niskier juntos estivemos numa mudança de guarda no Monumento aos Mortos da 2ª Guerra Mundial em 1984, onde representamos o Exército e ele como secretário de Educação do Rio de Janeiro.

E ali por certo recordou a participação dos 42 descendentes de Judeus e em especial, os que ali jaziam e que este livro de Israel Blajberg faz justiça na voz da História.

Em 1977 estivemos numa sinagoga em São Paulo, como representante do Gen Ex Dilermando Monteiro comandante do atual Comando Militar do Sudeste e ali sentimos a dimensão do Holocausto nas exposições em filmes daquela tragédia humana, incluindo depoimento de sobreviventes do Holocausto.

Exposição em filmes e fotos que foi possível graças a esta histórica decisão do General Eisenhower, comandante dos Aliados no Dia D da invasão na Normandia e depois presidente dos Estados Unidos. Ele ordenou que fossem levados para visitar os campos de extermínio todos os moradores de áreas vizinhas para testemunhar o que eles apresentavam e documentar com fotos aquela barbárie nazista para prevenir que no futuro alguém se apresentasse negando a existência do Holocausto.

Conhecíamos a projeção de Osvaldo Aranha na criação do Estado de Israel por sua atuação neste sentido na ONU, mas desconhecíamos que ele era muito reverenciado pela Colônia judaica do Rio de Janeiro. E então a pedido de Israel lhe fornecemos alguns subsídios que ele abordou em homenagem ao ilustre gaúcho que estudou no Colégio Militar do Rio de Janeiro e integrou o Esquadrão de Cavalaria de seus alunos. Mais tarde como militar civil na Revolução de 1926, participando do combate do Seival próximo a Lavras do Sul, foi atingido por tiro de fuzil no calcanhar que provocou intensa hemorragia, quase o levando a morte. Foi um dos principais articuladores da Revolução de 30 e o primeiro a defender a memória do General Bento Manoel Ribeiro injustamente condenado popularmente, o que foi agravado recentemente por seu linchamento moral injusto pela novela **A casa das sete mulheres**. Em realidade Bento Manuel foi o maior general farrapo e para o lado que pendesse levava a vitória. E acompanhamos a interpretação deste grande brasileiro em nosso livro **O Exército farrapo e seus chefes**, BIBLIEx, 1992 com apoio em fontes históricas confiáveis sobrepujadas pela vitória do mito popular consagrado. Osvaldo Aranha teve um de seus filhos integrando como soldado a FEB, em defesa da Liberdade e Democracia.

Israel Blajberg orgulhoso de pertencer a Reserva Atenta e Forte do Exército, enfatiza que dos tenentes que integraram a FEB, a metade era constituída de oficiais oriundos do CPORs e que constituíram a metade dos

tenentes mortos em ação na FEB. Por oportuno, o primeiro comandante que tivemos no Exército ao ingressarmos em 1950, como soldado na 3ª Companhia de Comunicações em Pelotas foi o Tenente Isaac Glerrman que era muito apreciado por todos, e formado pelo CPOR/PA.

Israel Blajberg dá especial atenção e muito justo destaque na elaboração dos perfis dos 42 brasileiros descendentes de Judeus, ao oficial brasileiro filho de judeus, a mãe descendente de imigrantes e o pai convertido ao judaísmo, o atual Marechal Waldemar Levy Cardoso, hoje com 107 anos, o único Marechal vivo e atual detentor do Bastão de Comando da FEB. Como Tenente Coronel comandou um Regimento de Artilharia da FEB. E deste modo ele inicia a sua exposição apresentando os feitos dos combatentes descendentes de judeus da FEB que se destacaram na carreira das Armas, das artes, letras, etc. E o Marechal Levy Cardoso deu seu incentivo poderoso ao autor, conforme carta que lhe escreveu que figura em destaque na 4ª capa do livro.

Resende, a cidade dos Cadetes, 25 de agosto de 2008, Dia do Soldado.

Cel Cláudio Moreira Bento

Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio

10- MEU PREFÁCIO DO LIVRO *ESTRELA DE DAVI NO CRUZEIRO DO SUL*, DO ACADEMICO BENEMÉRITO ENG ISRAEL BLAJBERG, LANÇADO NO FORTE DE COPACABANA



Prof. Eng. e Ten R2 Art Israel Blajberg

O presente livro intitulado **ESTRELA DE DAVI NO CRUZEIRO DO SUL**, de autoria do historiador Israel Blajberg, atual acadêmico Benemérito da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) ,é mais uma contribuição sua ao desenvolvimento da História das Forças Armadas do Brasil e de sua Marinha Mercante , abordando a contribuição de judeus e de brasileiros de origem judaica que integraram as

Forças Armadas do Brasil, na Paz e na Guerra, do Descobrimento até a atual Missão de Paz do Brasil no Haiti. Neste livro seu autor da continuidade e complementa expressivamente, os estudos dos historiadores judeus , alemães, o distinto casal Egon e Frida Wolff, naturais de Berlim. Casal lamentavelmente falecido , com o qual tive o prazer de conviver como seu confrade no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e estar presente na concorrida Bodas de Ouro do casal no hotel Glória, no Rio de Janeiro. Eles escreveram 43 livros, a maioria em co-autoria, o primeiro em 1975 e pela Universidade Federal de São Paulo e os demais até a década de 90, além de 400 artigos, sobre o tema Judeus no Brasil. E Frida Wolff dedicou-se a temática Judeus militares brasileiros, assunto que Israel da continuidade no presente livro e amplia expressivamente. Tendo estreado no tema com seu livro **Soldados que vieram de longe**. Resende: Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2008, por nós apresentado, Livro tratando dos 42 brasileiros com descendência judaica que combateram na 2ª Guerra Mundial em nossas Forças Armadas e em nossa Marinha Mercante, cabendo destacar dentre estes bravos, o Marechal Waldemar Levy Cardoso, como tenente coronel comandante de uma unidade de Artilharia da FEB e hoje consagrado patrono de cadeira especial da FAHIMTB. Obra esgotada que foi lançada de 2008 a 2013 em 11 cidades brasileiras na oportunidade de Encontros Nacionais de Oficiais da Reserva do Exército ENOREX, egressos dos CPOR e NPOR. ENOREX planejados pelo Conselho Nacional de Oficiais R2 (CNOR) sobre a Presidência, desde a sua fundação há 17 anos, do historiador militar e acadêmico da FAHIMTB Ten R2 Sérgio Pinto Monteiro titular da cadeira Major Apolo Resk , do qual é biógrafo, oficial este que é um ícone na galeria de oficiais R2 que lutaram em nossa FEB. O CNOR congrega 17 Associações de Oficiais que antes do CNOR, que as coordena 3 atuavam isoladas . ENOREX que desde então tem a sua sede no CPOR RJ na Avenida Brasil 5292. Reserva de Oficiais R2 que se orgulha hoje de ostentar o título de RESERVA ATENTA E FORTE, do Exército e já projeta este ano realizar em sua sede no Rio, o primeiro curso de atualização para oficiais R2 do Exército, com conferências de autoridades do Exército a partir de seu comandante e do Chefe do Departamento de Educação e Cultura, A presença de judeus do Brasil, segundo o autor deste livro, teve início com dois deles integrando a frota de Pedro Álvares Cabral que descobriu o Brasil em 1500. O Mestre João, Médico e Astrônomo e que foi o primeiro a identificar a constelação de Cruzeiro do Sul, o que teria inspirado um dos primeiros nomes da terra descoberta, Terra de Santa Cruz e, Gaspar da Gama intérprete que acompanhara Vasco da Gama as Índias, como comandante da nau que transportava mantimentos da expedição. Além destes, dois faziam parte da guarnição da Esquadra de Cabral, cristãos novos, judeus que foram obrigados a se converterem ao catolicismo e mudaram de nome. E o autor ao longo de seu alentado trabalho desfila os nomes e dados biográficos de judeus e descendentes que ao longo do

processo histórico brasileiro integraram as nossas Forças Armadas, na Paz e na Guerra. Eu lembro de um deles, oficial brasileiro, descendente de judeus, o 2º Ten R/2 Eng Isaac Clerman, porto-alegrense que foi o meu primeiro comandante em 1950, há 65 anos quando ingressei no Exército, como soldado na 3ª Companhia de Comunicações, acantonada no 9º Regimento de Infantaria em Pelotas, o Regimento Tuiuti, o Regimento do Brigadeiro Antonio de Sampaio, ao qual o Patrono da Infantaria esteve ligado de Capitão a Brigadeiro, até Tuiuti, onde foi a sua Vanguarda. O Tenente Clerman era muito apreciado por seus comandados. Israel Blajberg nascido em 31 de maio de 1945, no Rio de Janeiro, decorridos 23 dias do Dia da Vitória da Liberdade e Democracia Mundiais, escreveu em seus 70 anos uma bela história de vida, em especial de relacionamento com assuntos e integrantes das Forças Armadas do Brasil e, em especial há 12 anos com seu intenso trabalho como acadêmico da cadeira nº 24 Mario Clementino, o “Jovem Turco”, autor do histórico Editorial da revista nº 1 A Defesa Nacional. Atuação dedicada e destacada que o levou a Delegado da FAHIMTB, no Rio de Janeiro da Delegacia – Marechal João Batista de Matos e a partir de 21 de abril de 2011, Bicentenário da criação da Academia Real Militar, Delegacia transformada em AHIMTB – RJ e Israel elevado a Acadêmico Benemérito da FAHIMTB e agraciado com a sua Medalha de Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, além de titular da cadeira 79, Marechal Mascarenhas de Moraes do Instituto de Geografia de História Militar do Brasil, (IGHMB) de cuja diretoria participou. Foi declarado há 50 anos, Ten R/2 de Artilharia em 1965 – turma Marechal Candido Mariano Rondon, pelo CPOR/RJ e tem se dedicado a prestar serviços desde 2002, à Associação dos Antigos Alunos Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro. O autor mantém inteira ligação com assuntos relacionados com a História de nossas Forças Armadas em especial no Rio de Janeiro, no contexto de suas funções, inicialmente de Delegado da Delegacia da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) Delegacia Marechal João Batista de Matos e a partir de 21 de abril de 2011, transformada em AHIMTB – RJ, federada a então criada Federação de Academia de História Militar do Brasil (FAHIMTB) com sede em instalações no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) onde em 1912, Israel Blajberg se destacou no Encontro de Historiadores Militares, ali realizado por iniciativa da Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural de Exército (DPHICEx) junto com o Ten R2 Sergio Pinto Monteiro, presidente do CNOR. Israel é membro do Instituto Histórico e Geográfico Militar do Brasil (IHGMB) onde integra sua diretoria e foi empossado na cadeira de Marechal Mascarenhas de Moraes, o comandante da Força Expedicionária Brasileira FEB. É diplomado pela Escola Superior de Guerra e é diretor de Relações Públicas da Associação de Veteranos da FEB de Janeiro que o consagrou como seu sócio benemérito. E tem sido uma presença constante nos ENOREX (Encontros Nacionais de Oficiais da Reserva), realizados

anualmente em diversas cidades brasileiras desde 2003. Israel Blajberg diplomado em 2004 pela Escola Superior de Guerra pelo CAEPE – Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia e pelo CLMN – Curso de Logística e Mobilização Nacional. Se destacou por suas contribuições a História Militar do Brasil. no 1º Encontro Nacional de Historiadores Militares realizado em 2012 na Academia Militar das Agulhas Negras, promovido pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército. Atualmente é diretor de Relações Públicas da Associação Nacional de Veteranos da FEB. Por sua atuação intensa no campo da História Militar tornou-se muito apreciado no seio das Forças Armadas, onde possui largo círculo de amizade e de conhecidos sendo agraciado pelas Forças Armadas com A Medalha do 5 Mérito da Defesa (oficial) e de Defesa, pelo Ministério da Defesa, Ordem de Mérito Militar e Pacificador pelo Exército, Mérito Aeronáutico pela Força Aérea Brasileira e Mérito Almirante Tamandaré pela Marinha do Brasil. E engenheiro eletrônico pela Escola Nacional de Engenharia e dedica especial atenção a campanha pela preservação do prédio do Largo do São Francisco inaugurado como sede da Real Academia Militar, o Berço da Engenharia Militar e Civil no Brasil e depois sede da Escola Politécnica que ele estudou. Estes são partes dos títulos no que se refere as suas ligações com as Forças Armadas do Brasil, que se constituem em atração e motivação para que o presente livro se constitua numa pioneira contribuição a história das Forças Armadas do Brasil, nas quais foram exemplos, segundo Israel, os Marechais Manoel Deodoro da Fonseca e o Manoel Luiz Osório fornecem , segundo o autor serem descendentes de judeus, cristãos novos. Votos de sucesso e boa acolhida dos leitores a este novo livro de Israel coincidente com o ano em que comemora o, seu Jubileu de Diamante de idade junto com o Jubileu de Diamante do Dia da Vitória e o seu jubileu de Ouro de Ouro como integrante da Reserva Atenta e Forte do Exército do Brasil Cel Claudio Moreira Bento Historiador Militar e Jornalista Membro Grande Benemérito, fundador e presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) Resende – RJ, 21 de fevereiro de 2015 No Jubileu de Diamante do Combate de Monte Castelo Apresentação

**11- MEU PREFACIO DO LIVRO INTELIGENCIA MILITAR DO CEL
PMRS ANDRE LUIS WOLOZYN**



Cel PMRS André Luis Wolozyn

É com prazer e certo orgulho que, como presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e analista A, pela Escola Nacional de Informações, em 1975, prefaciamos mais um valioso trabalho do acadêmico André Luís Woloszyn, especialista, por vocação, em inteligência (informações), e membro da FAHIMTB, na sua federada AHIMTB/RS. André Luís é autor dos livros: **Terrorismo Global – aspectos gerais e criminais**, **Ameaças e desafios à segurança humana no século XXI**, ambos editados pela Biblioteca do Exército Editora; **Guerra nas sombras: os bastidores dos serviços secretos internacionais** (São Paulo: Editora Contexto, 2013) e **Vigilância e espionagem digital: a legislação internacional e o contexto brasileiro** (Curitiba: Juruá, 2016). Atuou como palestrante sobre o tema “Terrorismo Internacional e Inteligência” no Instituto Rio Branco, em 1998, na Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), em 2000, e no Serviço de Inteligência Federal, em Berlim, em 2004. Sobre inteligência publicou, ainda, artigos na **Revista do Exército Brasileiro**, na revista **A Defesa Nacional**, no site **Defesa Net** e nos jornais **Folha de São Paulo**, **Jornal do Brasil**, **Zero Hora** e **Correio Braziliense**. Seus trabalhos confirmam a autoridade do autor, que agora ensaia, em caráter pioneiro, o tema “**Inteligência Militar**”, seu uso pelo Exército Brasileiro nas suas campanhas de 1648 a 1945 e, sua evolução no campo internacional. Externando agradecimentos ao Arquivo Histórico do Exército, OM que dirigimos de 1985 a 1990, o autor esclarece que apoiou sua pesquisa no manual do Exército Brasileiro – IP-30-01, que define a inteligência militar como: “Atividade técnica militar permanentemente exercida no planejamento de operações militares, de interesse do comandante, em qualquer nível hierárquico, com a finalidade de proteger conhecimentos sensíveis, instalações e pessoal do Exército, contra ações realizadas e/ou patrocinadas por forças oponentes adversas, de qualquer natureza.” Suas ações estão relacionadas com fator da **DECISÃO MILITAR** o INIMIGO, em complemento aos demais fatores MISSÃO, TERRENO E

MEIOS, e seguem o princípio de Sun Tzu: “Conhece o teu inimigo como conheces a ti mesmo!”. O autor inicia seu trabalho analisando nosso livro **As batalhas dos Guararapes, descrição e análise militar**, publicado em 1971 pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), destacando a atuação do major Antônio Dias Cardoso, por nós revelado, em toda a sua dimensão na citada obra, e hoje consagrado como o patrono das Forças Especiais do Exército Brasileiro. A respeito das informações militares, quero destacar a atuação do coronel e depois tenente general Joaquim Xavier Curado, pouco conhecida e que passo a abordar. Em defesa dos interesses de Portugal no Rio da Prata, o tenente-general Joaquim Xavier Curado, na iminência da guerra que ocorreria em 1801, numa terceira tentativa espanhola, agora frustrada, de invadir o atual Rio Grande do Sul, foi enviado em missão secreta ao Rio da Prata e lá levantou todo o dispositivo militar da Espanha na região. No ano seguinte, viajou em missão secreta a Portugal, tendo sido feito prisioneiro em viagem, por franceses que o desembarcam em Cádiz, no Mediterrâneo. Curado foi obrigado a decorar os documentos que trazia e depois destruí-los. Conseguiu fugir e chegar a Portugal, tendo cumprido a sua difícil missão de entregar as informações militares que colheira no Rio da Prata. De retorno ao Brasil foi nomeado, já coronel, governador da estratégica Ilha de Santa Catarina (Desterro), que fora invadida em 1777 por espanhóis e devolvida, no mesmo ano, em função do Tratado de Santo Ildefonso. Xavier Curado ali permaneceu até 1805. Em 1808, após ter sido promovido a brigadeiro, foi enviado em missão secreta a Buenos Aires e levantou o dispositivo militar espanhol na região, o qual entregou ao governo do Brasil Colônia, na sua Memória das fortalezas do Prata. Por essa razão sugerimos que ele poderia ser patrono dos serviços de inteligência do Exército, da mesma forma que, por nossa sugestão, aprovada, o major Antônio Dias Cardoso, foi consagrado à condição de patrono das Forças Especiais do Exército Brasileiro. Em 1972, no contexto das comemorações do Sesquicentenário da Independência, homenageamos a memória do tenente-general Joaquim Xavier Curado, filho de Goiás, herói da Independência e da Integridade do Brasil, com um artigo em jornal de Goiânia-GO. Esse artigo, segundo fomos informados, foi transcrito nos Anais da Assembléia Legislativa de Goiás. Herói da Integridade por haver preservado a Integridade do Brasil nas guerras contra Artigas (1816- 1821) e, da Independência, por haver liderado as tropas brasileiras que garantiram o gesto de D. Pedro, no Dia do Fico: “Se é para o bem do povo e felicidade geral da Nação diga ao povo que fico”. A Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil consagrou seu nome em Cadeira Especial tenente-general Joaquim Xavier Curado. No Posfácio, o acadêmico benemérito da FAHIMTB, Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Presidente da federada *AHIMTB-RS – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara amplia, com abordagens históricas, conceitos de inteligência, atividade em que nosso acadêmico André Luís Woloszyn por vocação (vocare- chamado)

se especializou e com a qual tem beneficiado as instituições em que tem servido.

Cel Cláudio Moreira Bento, presidente e fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil Complemento sobre informações históricas e militares retiradas de meu livro **Como estudar e pesquisar a História do Exército**, publicado pelo Estado-Maior do Exército, edições de 1979 e 1999 e por este órgão distribuídos as AMAN, ESAO, ECEME E FAHIMTB e acessível para ser baixado no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br.

METODOLOGIA HISTÓRICA E DE INFORMAÇÕES – SEMELHANÇAS: A metodologia histórica, em essência, é igual à metodologia para a produção de informações em geral. Ambas visam à reconstituição e interpretação de fatos do passado. A Histórica, de um fato mais recuado. A de informações, de um fato mais próximo. Presumimos que Arnold Toynbee, um dos maiores historiadores do mundo ocidental, se beneficiou – sobremodo, para pesquisar História – da metodologia de produção de informações militares e gerais. Isto ao fazer carreira no Serviço Secreto da Inglaterra onde, inclusive, chegou a chefiar : serviço respectivo da Marinha de Guerra daquele país. Em sua obra **A Sociedade do Futuro** chegou ao mais alto estágio de historiador. Após estudar o passado, para compreender o presente, estimou: futuro, para fornecer subsídios aos dirigentes mundiais, para que moldassem o futuro da Sociedade, com oportunidade, antes que fosse tarde demais. Além da reconstituição do fato histórico e de sua interpretação, estágio desejado pelos maiores historiadores, ele procurou estimar o futuro. Aplica sua metodologia para reconstituir fato nebuloso, a ser difundido a seu cliente, para conhecimento, decisão ou como dado de planejamento. Possui, por outro lado, uma metodologia para estimar as projeções no futuro, de um fato em evolução, A idéia de fontes históricas encontra paralelo na produção de informações. Elas baseiam-se, primordialmente, em informações (essência da verdade) e informes A-1. Este último é o documento de mais alto índice de veracidade e de idoneidade, após a Informação. A diferença fundamental das metodologias histórica e de informações diz “respeito à profundidade. Em informações existe o princípio da oportunidade, assim traduzido na prática: “Informação é como peixe, quanto mais fresco melhor”. É melhor dispor de uma informação incompleta, na hora certa, do que uma perfeita fora de hora. O historiador, habilitado a raciocinar em séculos e milênios, não sofre esta imposição. Pode conduzir sua pesquisa no tempo e com a perfeição desejados. Com estas breves considerações procuramos demonstrar que o Militar, com ou sem o curso da Escola Nacional de Informações, aprendeu a metodologia da produção de informações que poderá apropriá-la, para desenvolver suas potencialidades de historiador militar. A seguir, comparo as metodologias de pesquisa de História com a de produção de Informações: Ver quadro comparativo abaixo.. Em 1975, ao cursar o Curso A

de analista de alto nível .Em concurso ARGUS minha monografia intitulada A PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES ESTIMADAS, mereceu MENÇÃO HONROSA. Hoje ela esta disponível em Assuntos Militares em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org

12- MEU PREFÁCIO DO LIVRO HISTÓRIA DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA DIA A DIA, DO ACADÊMICO BENEMÉRITO CEL LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS



Historiador Militar Cel Inf QEMA Luiz Ernani Caminha Giorgis

O presente trabalho é mais uma Cronologia, disciplina auxiliar da História, a qual o autor vem se dedicando de longa data. Cronologia disciplina auxiliar da História que imortalizou o Barão do Rio Branco, “o diplomata com alma de soldado”, como o defini em artigo, e autor das célebres **Efemérides do Barão do Rio Branco**, que são lidas na abertura das seções do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, onde ele ingressou jovem e seria seu memorável presidente como o Dr. Pedro Calmon. O autor em sua Cronologia da FEB na 2º Guerra Mundial, contribuição ao 70º aniversário do dia da Vitória da 2º Guerra Mundial, da Democracia e da Liberdade Mundial, contra o nazi fascismo, aborda a participação do Brasil na 2º Guerra Mundial, através particularmente nossa Força Expedicionária Brasileira, cujo comandante o General João Baptista Mascarenhas de Moraes, patrono da cadeira da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, disse para outro patrono de cadeira na FAHIMTB, o General Francisco de Paula Cidade, grande historiador militar crítico do Exército e jovem turco que atuou como Juiz Militar na FEB. “Cidade vamos partir para a maior aventura de nossa História Militar” E foi uma aventura vitoriosa onde nossa FEB fez muito boa figura ao lutar em aliança ou contra representações de frações dos melhores exércitos do mundo presentes na Europa na 2º Guerra Mundial. Vitória, cujos louros, de retorno, da Itália Comandante da FEB depositou nos Montes Guararapes, local de duas batalhas memoráveis que asseguraram, segundo o patrono de cadeira na FAHIMTB Gilberto Freyre na Câmara Federal, “o destino do Brasil de ser

hoje um só e não dois ou três hostis entre si.” E nos Montes Guararapes, onde tiveram lutar as batalhas dos Guararapes tivemos o privilégio cívico em 1970-1971 de coordenar o projeto, a construção e a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes e publicar nosso primeiro livro **As batalhas dos Guararapes – descrição e análise militar**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971. E, com apoio da Prefeitura do Recife levantar monumento contendo em placa de bronze estas palavras de Comandante da FEB proferidas ao depositar os louros da Vitória da FEB nos Guararapes.

“Nesta colina sagrada, na batalha vitoriosa contra o invasor ,a Força Armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre, a base da nação brasileira. Na qualidade de Comandante da Força expedicionária Brasileira, deposito no Campo de Batalha dos Guararapes, os louros que os soldados de Caxias alcançaram contra as tropas germânicas nos campos de batalha da Itália....”

Votos de que o autor diligente e persistente historiador militar brasileiro, um dia edite um trabalho História Militar do Brasil Dia a Dia, para ser lida no início das seções da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e de suas AHIMTB federadas e Delegacias em reuniões isoladas.

Cel Claudio Moreira Bento
Presidente e Fundador da FAHIMTB

13- MEU PREFÁCIO DO LIVRO A VIDA DE CAXIAS DIA A DIA DO CEL LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS



Historiador militar Cel Inf QEMA Luiz Ernani Caminha Giorgis

A Cronologia é uma valiosa disciplina auxiliar da História, onde, o seu conteúdo é apresentado em ordem, como exemplificamos em nosso manual **Como estudar e pesquisar a História do Exército**, em Disciplinas Auxiliares da História, mandado publicar pelo Estado-Maior do Exército em 1978 e 1999. É a Cronologia expressivamente desenvolvida dos fatos relacionados com a vida e obra do Duque de Caxias que o Cel Luiz Ernani

Caminha Giorgis nos brinda neste seu trabalho **A Vida de Caxias dia-a-dia**. Com este instrumento de trabalho do historiador do Exército que me foi dada a honra de prefaciá-lo, o Cel Caminha torna mais fácil e orienta a leitura e as pesquisas sobre a vida e aspectos de Duque de Caxias, personagem que tivemos a oportunidade de avançar em sua biografia em nosso livro **Caxias e a Unidade Nacional**, que publicamos em seu bicentenário em 2003 e no qual fizemos uma Cronologia mais ampliada das até então disponíveis. Mas muito precisa ainda ser desenvolvido sobre a vida e obra de Caxias e, em especial no tocante ao seu pioneirismo como historiador militar crítico ao realizar uma análise militar crítica da Batalha do Passo do Rosário, a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual era membro honorário. Análise de Caxias que publicamos em nosso livro **2002 – Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário**. Porto Alegre: Gênese, 2003, sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, da qual o Duque de Caxias é também o patrono. E por esta razão em especial. Esta Cronologia servirá especialmente para o estudo do Duque de Caxias como o pioneiro do sonho do desenvolvimento de uma Doutrina Militar Terrestre Brasileira, quando, em 1861, como Ministro da Guerra e Chefe do Gabinete de Ministros, adaptou as Ordenanças de Portugal, de influência inglesa, para as realidades operacionais, sul-americanas, que Caxias vivenciara nas campanhas militares vitoriosas que comandou, na pacificação do Maranhão, de Minas Gerais, de São Paulo e do Rio Grande do Sul e na Guerra contra Oribe e Rosas (1851- 52). E finalizou, “até que o Brasil disponha de uma Doutrina Militar Terrestre genuína”. Sonho este ainda por realizar. E a desafiar as atuais e futuras gerações do Exército com o concurso de seus historiadores militares críticos. Como sabemos, a documentação relacionada com o Duque de Caxias não foi preservada por seus descendentes, como teria sido desejável, como ocorreu com a documentação relacionada com o General Osório, hoje toda preservada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, conforme assinalo em meu livro **General Osório – o maior herói e líder popular brasileiro**, publicado em seu bicentenário em 2008 no Projeto História do Exército na Região Sul que desenvolvo desde 1994 e com participação destacada do autor do trabalho em foco. Recordo como a Cronologia foi importante em três trabalhos de História que realizamos. O primeiro foi a incluímos na Cronologia da História Militar Mundial, que apresentamos ao coordenar a obra publicada pela Cadeira de História da AMAN em 1978: **História da Doutrina Militar da Antiguidade a 1945**, a cronologia da História Militar do Brasil em negrito, permitindo-nos concluir originalidades de Doutrina Militar Terrestre Brasileira e, em especial, em vitoriosas guerras de Resistência no Nordeste, como a **Guerra Brasílica (1624/1654)** contra os holandeses e, no Sul, com a **Guerra à Gaúcha (1763/1776)** contra os espanhóis. O terceiro foi a Cronologia da História de Canguçu, minha terra natal, em **Canguçu – 200 anos**, obra preparatória e orientadora para publicarmos nosso livro em 2007: **Canguçu – reencontro**

com a História – Um exemplo de reconstituição de memória comunitária. Trabalho de reconstituição de uma história comunitária perdida, cuja reconstituição motivou minha presença na historiografia, regional, estadual, nacional e até internacional. Como modelo de Cronologia cito as **Efemérides do Barão do Rio Branco**, o nosso grande diplomata com alma de soldado e patrono de cadeira na Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil, cujas citadas efemérides, riquíssimas em História Militar do Brasil, são lidas no início das sessões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Cumprimento por este valioso trabalho o meu principal parceiro e dedicado Cel Caminha na produção e divulgação da maioria dos livros que integram o Projeto História do Exército na Região Sul, já prestes a ser concluído, no tocante ao Exército no Rio Grande do Sul. Votos de boa acolhida por todos os integrantes do Exército e da FAHIMTB que, daqui por diante, desejarem conhecer mais sobre a vida e obra do patrono do Exército e de nossa Academia de História Militar Terrestre do Brasil. “Ditosa pátria que tal filho teve” (Camões) Cláudio Moreira Bento, Coronel Presidente da FAHIMTB, do IHTRGS e da ACANDHIS

14 - MINHA APRESENTAÇÃO DO LIVRO GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA DO CEL LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS



Historiador militar Cel Inf QEMA Luiz Ernani Caminha Giogis

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) tem procurado resgatar, preservar e divulgar vida e obra de assinalados historiadores militares terrestres brasileiros, do Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares, elegendo-os sócios correspondentes, acadêmicos, acadêmicos eméritos, patronos de cadeiras ou patronos de suas delegacias, as quais vem estabelecendo por todo o Brasil, o que pode ser confirmado em nosso livro **“Resende, História Militar 1744-2001”** (Resende: AHIMTB, 2001), comemorativo dos 200 anos de Resende.

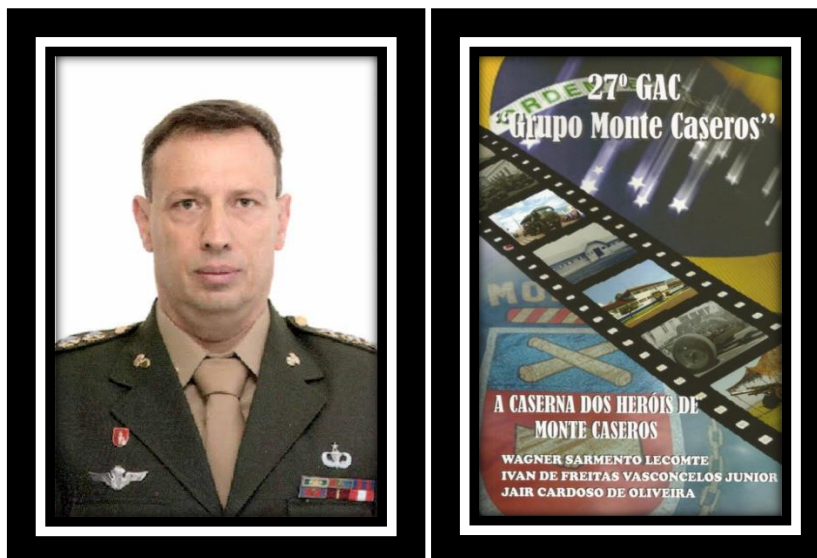
E para a delegacia do Rio Grande do Sul elegemos o General Rinaldo Pereira da Câmara, autor, no nosso entender, da mais expressiva e alentada biografia de um militar do Exército a do Marechal José Antônio Correia da

Câmara, dentro de uma moldura muito bem feita da História do Rio Grande Sul, sem esquecer seu ilustre ancestral, o Marechal Patrício Correia da Câmara, Visconde de Pelotas, patrono da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, cuja biografia, de nossa lavra, abordaremos na História desta Grande Unidade, que estamos desenvolvendo em parceria com o historiador militar e nosso Delegado no Rio Grande do Sul, Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, com o 7º volume do Projeto História do Exército na Região Sul, sob jurisdição do Comando Militar do Sul e não mais do Exército no Rio Grande do Sul.

É com satisfação que a AHIMTB apresenta o trabalho a seguir, da lavra do dedicado Delegado da Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara.

Cláudio Moreira Bento - Acadêmico emérito
Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

15- MEU PREFACIO DA OBRA 27º GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA – GRUPO MONTE CASEROS.



Cel Art QEMA Wagner Sarmiento Lecomte e Capa do livro onde aparecem os co-autores Ivan de Freitas Vasconcelos Junior e Jair Cardoso de Oliveira

É com imenso prazer castrense que, na qualidade de historiador militar, jornalista e autor da História do Comando Militar e de suas Grandes Unidades na área da 3ª Região Militar e, desta Grande Unidade e, de igual modo, como presidente e fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) há 19 anos, ao abrigo de instalações da Academia Militar das Agulhas, é que escrevo o prefácio deste modelar e muito louvável livro, que resgata e divulga a saga do **27º Grupo de Artilharia de Campanha – Grupo Monte Caseros**. Unidade que possui suas mais profundas raízes e gloriosas tradições no Corpo de Artilharia a Cavalo, criado em 1831 na então província do Rio Grande do Sul, o mais tarde Regimento Mallet, o Boi de Botas, do modelar artilheiro Marechal Emílio Mallet, consagrado na voz da história do Exército, como o artilheiro símbolo e patrono da arma de Artilharia e o recordista, entre os patronos do Exército, dos serviços e das armas, em relevantes serviços prestados ao

Exército por 68 anos. Este livro descerra a cortina da bela e heróica saga do **27° GAC**, articulado há 73 anos na cidade de Ijuí, com a seguinte reflexão:

“A única coisa que sobrevive a nossa existência são as obras que neste mundo edificamos, pois aquele que cultiva bons frutos, por certo quando na eternidade, será lembrado com saudades”.

Neste particular cabe esta expressão: “O homem será eterno enquanto a sua obra permanecer e for lembrada”.

Acreditamos que esta modelar história do Grupo Monte Caseros, desenvolvida em equipe, chefiada pelos jovens autores Tem. Cel. Wagner Sarmiento Lecomte, 1º Tenente Ivan de Freitas Vasconcelos Júnior e 1º Tenente. Jair Cardoso de Oliveira e com capa muito expressiva do Cabo Gilberto dos Santos, permanecerá, e será bem lembrada e servirá de modelo e incentivo para as unidades de nosso Exército, em especial as da área do Comando Militar do Sul.

Escrevemos a **História da AD/3 General Gurjão** com o concurso dos historiadores e acadêmicos da FAHIMTB Cel. Ernesto Caruso e Cel. Luiz Ernani Caminha Giorgis em cujo contexto abordamos, às páginas 187/190, uma síntese da saga do 27° GAC, em cuja galeria de ex-comandantes figura o atual Comandante Militar do Sul, General de Exército Antônio Hamilton Martins Mourão, 1º Delegado de Honra da AHIMTB/RS – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, acolhida nas instalações do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), presidida pelo acadêmico benemérito Cel. Luiz Ernani Caminha Giorgis e federada à FAHIMTB.

O 27° GAC possui uma ilustre galeria de ex-comandantes na qual figuram, em fotos, o Marechal Emílio Luiz Mallet; o Cel. Hermenegildo Porto Carrero, herói da defesa do Forte de Coimbra, na Guerra do Paraguai; o Cel. Alexandre de Argolo Ferrão, projetista da construção da Estrada do Chaco na Guerra do Paraguai; o Ten. Cel. Severiano Martins da Fonseca e seu irmão o Cel. Manoel Deodoro da Fonseca, Este presidente do Clube Militar que protestou pelo uso do Exército na captura de escravos fugidos, do que resultou a abolição de fato da escravidão no Brasil e que, a seguir, proclamou a República, consolidação do sonho dos republicanos farroupilhas; o Cel. Manoel Gama Lobo D'Eça, comandante da artilharia do 2º Corpo de Exército na Guerra do Paraguai; o Cel. Bello Augusto Brandão, o sogro do artilheiro Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB; o então Capitão Salvador César Obino, ligado à criação da Escola Superior de Guerra; o Tem. Cel. Abdias da Costa Ramos e o Cel. Darke Nunes de Figueiredo, que doou ao 27° GAC a pintura da Batalha de Monte Caseros, da lavra do maior pintor do Exército de todos os tempos o acadêmico emérito da FAHIMTB – Cel. Pedro Paulo Cantalice Estigarribia. Como presidente e fundador da FAHIMTB manifesto a nossa alegria e recompensa cultural de ver aproveitadas em notas de pé de páginas e na bibliografia obras dos patronos de cadeiras da FAHIMTB, os generais Tasso Fragoso, João Borges Fortes e Ten. Cel. Henrique Oscar

Wiedersphan e a dos acadêmicos, em ordem alfabética, Sargento Carlos Fonttes, Cel. Cláudio Moreira Bento, Francisco Doratioto, Luiz Ernani Caminha Giorgis e o Sub. Ten. Osório Santana Figueiredo, os quais têm contribuído, com seus escritos para o resgate da história da artilharia de campanha no Rio Grande do Sul. E creio que as várias notas **“História da 3ª Região Militar”** sejam de minha autoria nos três volumes que escrevi sobre a História da 3ª RM dentro do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, composto de 21 livros. Projeto concluído com a **História da AD/3 da 3ª Divisão de Exército – AD General Gurjão**.

Bom proveito fizeram os autores da obra dos livros Regimento Mallet do Cel. Alexandre Amendola.

Aliás, aqui cabe uma referência: ao ser criada a arma de Engenharia em 1908, o 4º BE Cmb, atualmente em Itajubá/MG, foi organizado com uma bateria do Regimento Mallet. E bom proveito igualmente fizeram do livro **22º GAC – De São Gabriel a Uruguaiana, cento e setenta anos de operacionalidade e tradição**. Santa Maria: Palotti, 2001. Unidade cuja história ,sintetizamos na obra em parceria com o Cel. Luiz Ernani Caminha Giorgis – **2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Charrua**. Porto Alegre: Metrópole, 2007, p. 213/217. Unidade comandada durante a Revolução de 1964 pelo Tem. Cel. Amerino Raposo Filho, patrono de cadeira na FAHIMTB, meu prezado mestre em 1967 na ECEME onde iniciei, com as preciosas lições de seu precioso livro **A Manobra na Guerra**, meus estudos e análises de História Militar crítica de Arte e Ciência Militar e que apliquei em meu primeiro livro **As Batalhas dos Guararapes descrição analise militar**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971. Mas me cabe aqui uma referência especial ao primeiro comandante na galeria de ex-comandantes o Major Art. José Mariano de Matos (1831-1935) cuja vida e obra sintetizamos em nosso livro obra **O Exército farrapo e os seus chefes**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1992, v.1, p. 145/150. Ele se formou em artilharia na Academia Real Militar. E em 1831, ano da abdicação de D. Pedro, coube-lhe, como major, organizar em Porto Alegre o Corpo de Artilharia a Cavalos, como seu primeiro comandante. Com a abdicação forçada de D. Pedro I, os novos detentores do poder decidiram que o Exército devia deixar as capitais e ser destacado no litoral e nas fronteiras. A guarnição do Exército no Rio Grande do Sul era constituída de três regimentos de Cavalaria destacados em Jaguarão, Bagé e Alegrete e a unidade de Infantaria em Porto Alegre, ao comando do Major João Manuel Lima e Silva, tio do Duque de Caxias. Esta perseguição ao Exército provocou uma série de revoltas Brasil afora. No Rio de Janeiro, a guarnição do Exército se revoltou e a solução foi criar o Batalhão Sagrado para combater a revolta. Caxias comandante do Batalhão do Imperador e seus tios não reagiram à imposição da abdicação, por prudência, para que dela não resultasse a república. Em Fortaleza, o atual patrono da infantaria participou como soldado da revolta de sua unidade, em apoio ao seu

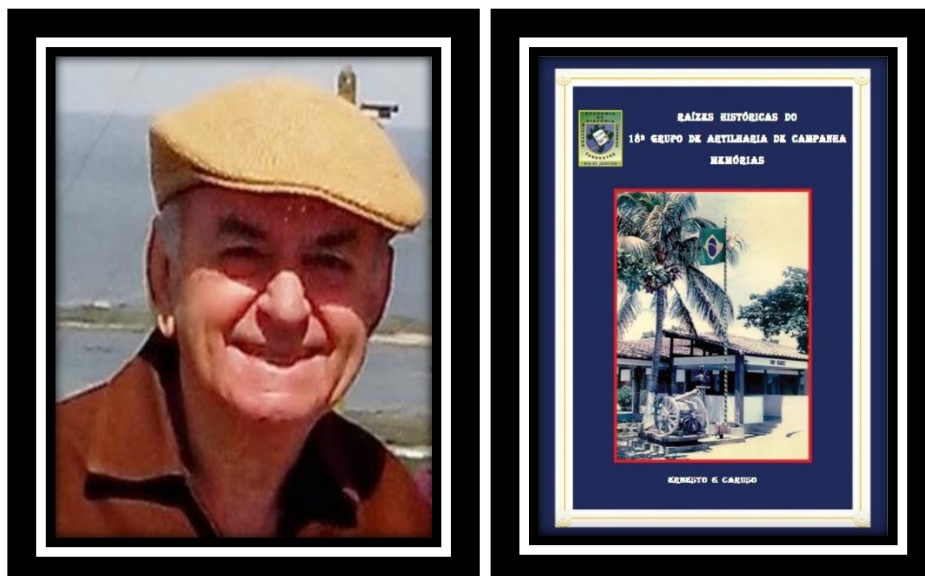
comandante, depois dela cumprir uma missão de combater uma revolta pró-volta ao trono de D. Pedro I. Ao retornar da missão o seu quartel fora extinto. No Rio Grande do Sul a Infantaria e a Artilharia, articuladas em Porto Alegre, respectivamente, ao comando dos maiores formados na Academia Real Militar João Manoel da Lima e Silva e José Mariano de Mattos, veteranos da Guerra da Independência na Bahia de igual modo que Caxias, receberam ordens de seguirem para seus novos destinos, a Infantaria para São Borja e a Artilharia para Rio Pardo. E os dois se encontraram em Rio Pardo, onde teve início o projeto da Revolução Farroupilha, que culminaria com a participação de toda a guarnição do Exército. Bento Gonçalves coronel de Estado-Maior, ligado ao regimento de Jaguarão e agora no comando da Guarda Nacional, lidera o movimento. O Cel. Bento Manoel Ribeiro, também Oficial de Estado-Maior ligado ao regimento de Alegrete lidera a revolta em sua área. No regimento de Bagé, o seu comandante se recusa a aderir e é conduzido até a fronteira pelo Tenente Manoel Luis Osório que lidera a revolta no regimento. O início da Revolução Farroupilha foi decidido numa loja maçônica de Porto Alegre, na qual estavam presentes o Coronel Bento Gonçalves da Silva e o Major José Mariano de Mattos, que se consagrou como o cérebro político-militar da revolução. Vitoriosa a revolução, Bento Gonçalves assume a liderança e Mariano José de Mattos o assessora. Proclamada a república rio-grandense em 11 de setembro de 1836, sob a inspiração dos maiores João Manuel Lima e Silva e José Mariano de Matos, este assume a função de Ministro da Marinha e do Exército e mais tarde a de vice-presidente. Ao final da revolução foi aprisionado em Canguçu, pelo guerrilheiro imperial Tenente Coronel da Guarda Nacional Francisco Pedro de Abreu, o Moringue, na cadeia que mandou construir e que sonega informações solicitadas pelo Barão de Caxias sobre o paradeiro de Mariano de Matos, conforme registram seus Ofícios, publicação que reúne seus ofícios sobre a pacificação da revolução. Francisco Pedro havia ocupado Canguçu em agosto de 1843 e ali articulou, a seu comando, a ala esquerda do Exército Pacificador do Barão de Caxias. Pacificada a revolução, Caxias convidou o Cel. José Mariano de Matos para ser o ajudante geral do seu Exército na guerra contra Oribe e Rosas, 1851/1852. Finda a guerra, o Cel José Mariano de Mattos volta ao Rio e é readmitido no Exército, comanda a Fábrica de Pólvora de Estrela e em 1863 é nomeado Ministro da Guerra. Ele foi o autor do brasão e da bandeira da revolução, adotados em 1891, pelos constituintes gaúchos como símbolos do Rio Grande do Sul. E no brasão, como bom artilheiro, ele colocou um pequeno canhão, corpo estranho nos combates farrapos, onde predominava a cavalaria e, em menor proporção, a infantaria. Esta abordagem, espero que contribua para o melhor conhecimento deste valoroso soldado afro descendente que figura como primeiro comandante dos grupos de artilharia com origem no Regimento Mallet. E que em algumas ocasiões presidiu a república Rio Grandense. Ele é considerado o primeiro afro descendente a presidir o Rio Grande do Sul, E

na Constituinte Farroupilha em Alegrete propôs a abolição da escravatura na República Riograndense. Este livro responde à Diretriz do Estado-Maior do Exército para as atividades de história no Exército que tem as seguintes finalidades: contribuir para a formação dos quadros e da tropa, contribuir para o desenvolvimento da doutrina militar, e preservar e divulgar o patrimônio histórico e cultural do Exército. Objetivos que procuramos explicitar em nosso manual **Como estudar e pesquisar a história de Exército**, aprovado e publicado pelo Estado-Maior do Exército em 1978 e 1999. Desta última edição foram destinados exemplares para a AMAN, EsAO e ECEME. Mas está disponível em “Livros para baixar” no site da AHIMTB www.ahimtb.org.br.

Muito feliz a abordagem pela equipe da Batalha de Monte Caseros origem da denominação histórica do 27ºGAC. No mais, meus efusivos cumprimentos à equipe que trabalhou incansavelmente na produção deste notável livro, a começar pelo comandante Tem. Cel. Wagner Sarmento Lecomte, que criou as condições para a realização desta obra e que pode proclamar em nome de toda a equipe: “Missão cumprida. Mãos lavadas. Entrega feita. A ti senhor, o meu amanhã Amém”.

Cel. Cláudio Moreira Bento Presidente, fundador e acadêmico Grande Benemérito da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil

16 - MEU PREFÁCIO DO LIVRO RAÍZES HISTÓRICAS DO 18º GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA - MEMÓRIAS. DO CEL ERNESTO CARUSO



Cel Art QEMA Ernesto Caruso

O Coronel Ernesto Caruso, titular da cadeira nº 2 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil - Rio de Janeiro, Cadeira Capitão Alfredo Pretextato Maciel, o biógrafo dos generais do Exército do Império, brinda os pesquisadores e leitores de História Militar, com mais uma valiosa obra —

Depois de haver idealizado e participado da obra **Artilharia Divisionária da 3ª Divisão de Exército, AD Brigadeiro Gurjão**, em parceria com este prefaciador e com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Obra esta do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, que nos coube presidir e concluir num total de 23 livros.

O Coronel Caruso que comandou o 18º GAC, de 1987 a 1988, e por considerar incompleta a sua História, resolveu aprofundá-la, com apoio em fontes históricas primárias, fidedignas, autênticas e íntegras, as quais, em modelar garimpagem, conseguiu localizar e as interpretar.

Iniciou seus estudos através dos predecessores do 18º GAC, o 1º Batalhão de Artilharia a Pé e o 1º Regimento de Artilharia a Cavalo. E ao longo de sua pesquisa focaliza como ex-comandantes da unidade os irmãos Olympio e Percílio de Carvalho Fonseca, netos de D. Rosa da Fonseca, a patrono da Família Militar do Exército, e filhos do Marechal Severiano Martins da Fonseca, Barão de Alagoas, grande autoridade em Artilharia no Império e denominação histórica do 24º CAC. E mais adiante focaliza como ex- integrante da unidade em Canudos, o heróico Capitão Salomão da Rocha, que inspirou uma canção com esta frase - “Abraçado ao canhão morre o artilheiro em defesa da Pátria e da Bandeira...”

O Coronel Ernesto Caruso ao longo de sua vida como oficial, desenvolveu intensa atividade cultural militar, como autor de poesias e artigos, inclusive em páginas eletrônicas, e em acordo com a realidade da Era Digital, a que estamos vivenciando, desde que foi descoberta a Informática com Computadores de mesa no final década de 70 do século passado e, a Internet no fins de 1980, segundo o presidente da AHIMTB-RJ, Engenheiro Israel Blajberg, autor das abas do presente livro.

Artigos que publicou nos seguintes periódicos **Defesa Nacional, Revista do Clube Militar, Revista do Clube da Aeronáutica, Forças Armadas em Revista e Letras em Marcha** e nos periódicos civis, **O Globo, Tribuna da Imprensa, Jornal do Brasil, Correio do Estado, O Estado MS, O Farol, Inconfidência** e vários sites constantes de seu expressivo currículo a o final deste livro. É mentor e mantenedor do portal Museu Vítima dos comunistas:

<http://museuvitimasdoscomunistas.com.br>

Integrou Comissão presidida pelo heróico General Plínio Pitaluga, organizada, em 28 Jan 2.000, no Clube Militar, visando à construção de um monumento em homenagem às vítimas dos comunistas nas décadas de 1960/1970, à semelhança ao da Intentona Comunista na Praia Vermelha, e iniciativa sugerida pelo Coronel Caruso, conforme publicou a **Revista do Clube Militar** em janeiro de 2.000 e no **Jornal do Brasil** de 3 Jan 2.000 e registrada em placa no hall de entrada Clube Militar, e onde figuramos em placa como Diretor Cultural e do Clube Militar em seu Centenário em 1987.

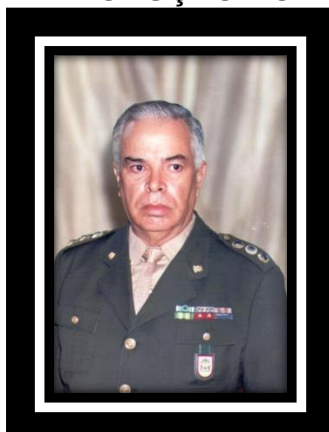
O Coronel Caruso criou a Biblioteca General Andrade Serpa na Associação dos Pequenos Produtores de Piabetá (complementada pela

autoria do livro, **Brasilidades**. É co-autor Canção da AD/3, Brigadeiro Gurjão em Cruz Alta, RS e de estudos que culminaram com a denominação histórica de Brigadeiro Gurjão da citada AD/3, bem como da ereção do Monumento Emilio Luiz Mallet, Patrono da Arma de Artilharia.

Sinceros votos ao Coronel Caruso de boa acolhida ao precioso livro, em especial por todos os integrantes do 18º Grupo de Artilharia de Campanha, de Rondonópolis

Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista e Presidente e Fundador da FAHIMTB.

17- MINHA INTRODUÇÃO AO LIVRO AD/6



**Cel Eng QEMA Cláudio Moreira Bento
Presidente da FAHIMTB**

O presente volume, **AD/6 - Artilharia Divisionária Marechal Gastão de Orleans - 6ª Divisão de Exército** - constitui o 9º volume do Projeto História do Exército na Região Sul, correspondente à área do Comando Militar do Sul.

Projeto iniciado com a História da **3ª Região Militar**, em 2 volumes, seguido do **Comando Militar do Sul - Quatro décadas de História, 1953-95**, da **História da 3ª Região Militar, 1953-1999**, da **8ª Brigada de Infantaria Motorizada - Brigada Manoel Marques de Souza 1º**, da **6ª Divisão de Exército - Divisão Voluntários da Pátria**, da **3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada Patrício Corrêa da Câmara**, e da **6ª Brigada de Infantaria Blindada - Brigada Niederauer**.

O presente trabalho constitui uma contribuição da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, através de nós, em parceria com o acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Delegado da AHIMTB no Rio Grande do Sul - Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara - que pesquisou e redigiu o Capítulo Quarto, sobre a História das OM da AD/6 e coordenou o trabalho junto a ela, e também os de revisão e de edição junto à Editora.

E mais, com a colaboração em Porto Alegre, do acadêmico emérito Veterano da FEB José Conrado de Souza, no tocante aos expedicionários da FEB egressos da AD/6. Em Brasília, do acadêmico Cel Manoel Soriano

Neto, Diretor do Centro de Documentação do Exército, no tocante a dados biográficos dos comandantes da AD/6 e complementados por dados coletados no Arquivo Histórico do Exército, pelo correspondente da Academia no Palácio Duque de Caxias, 2º Sgt Com Nelson Soares.

No Capítulo Primeiro realizamos uma síntese histórica da AD/6.

No Capítulo Segundo biografamos o Marechal Gastão de Orleans, denominação histórica da AD/6, interpretando a sua destacada mas esquecida atuação militar no âmbito da Artilharia Brasileira, como seu comandante por 20 anos. Creio que fizemos justiça a um dos mais injustiçados chefes militares do Brasil, por paixões políticas decorrentes da Proclamação da República, e o seu conseqüente banimento como membro da Família Imperial. Creio que esta seja a maior contribuição da Academia de História Militar Terrestre do Brasil neste trabalho, por fiel a este pensamento: História é verdade e justiça! E creio que o cumprimos, o que deixamos ao julgamento sereno dos leitores.

No Capítulo Terceiro, focalizamos, com retratos, cada um dos comandantes da AD/6, como os agentes principais do seu processo de evolução histórica, e outros dados complementares, que permitam aos leitores e pesquisadores interessados, concluir, das experiências agregadas por cada comandante, as suas ações e lições de comando, e também o registro dos principais eventos históricos da AD/6 durante seus comandos.

No Capítulo Quarto, o acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis aborda uma síntese histórica das Unidades que integram a AD/6. Tudo com apoio em informações enviadas pelas citadas unidades.

No Capítulo Quinto atualizamos os comandantes do CMS, 1996/2000, e os da 3ª RM, 1998-2002, no tocante às suas experiências, ações e lições de comando.

E finalmente, nos anexos, a relação dos integrantes do Comando da AD/6 e uma síntese da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e de seus membros, que tornaram possível esta obra, que se constitui por certo numa contribuição à conquista do objetivo atual nº 1 do Exército:

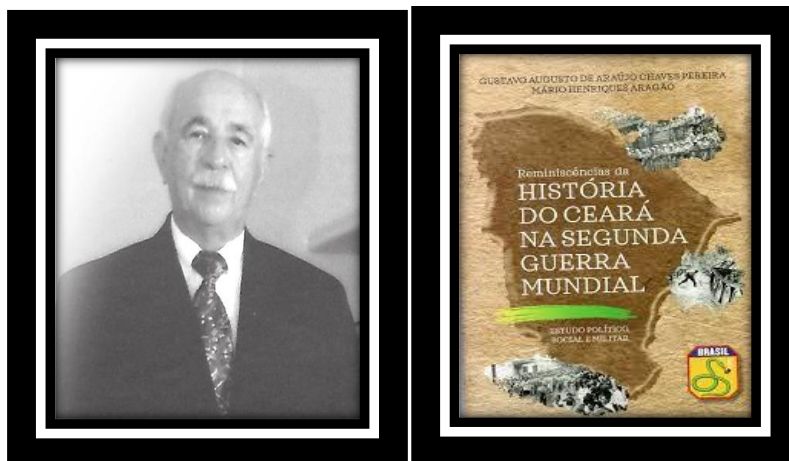
"Pesquisar, preservar, cultivar e divulgar a memória histórica, as tradições e os valores morais culturais e históricos do Exército".

Os próximos trabalhos, já em adiantado curso, serão as histórias da 2ª Bda C Mec, para depois passarmos à História da 5ª RM/DE, com jurisdição sobre Santa Catarina e Paraná e solicitada por seu comandante.

CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Acadêmico Emérito - Presidente da Academia de História
Militar Terrestre do Brasil, do Instituto de História e Tradições
do Rio Grande do Sul e da Academia Canguçuense de História

18- MEU PREFÁCIO DA OBRA REMINISCÊNCIAS DO CEARA NA 2ª GUERRA MUNDIAL



Mário Henriques Aragão e capa que contém o co-autor Gustavo Augusto de Araújo

Como presidente e fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e, como historiador e pensador militar que muito tem se dedicado a pesquisar, preservar e divulgar a História da Força Expedicionária Brasileira (FEB), passo a prefaciar a oportuna, pioneira e original obra de autoria dos historiadores militares Gustavo Augusto de Araújo Chaves Pereira e Mario Henriques Aragão. Pioneira e original, ao abordar a participação de um estado brasileiro na FEB Obra escrita até sua página 60 pelo historiador militar civil Mario Henriques Aragão e, a partir da página 61, pelo historiador militar Gustavo Augusto capitão e Mario Enriques Engenheiro Agrônomo e que assim redigem a Apresentação, alertando para a relevância da História, declarando com sabedoria. “O povo que não tem passado não tem História , e, quem não tem História não tem futuro”. Quem discorda? E declaram que escrever sobre a História do Ceará na 2ª Guerra Mundial, foi uma longa viagem de pesquisa, embora enfadonha, mas de grande prazer, ao descobrirem tantas coisas importantes do passado, que, de outra maneira não teríamos oportunidade de conhecer. Comprovando a relevância do conhecimento da História, para se conhecer o passado, para se entender o presente e assim, em melhores condições, projetar o futuro com segurança. E o presente livro muito contribui para o conhecimento do passado do Ceará, durante a 2ª Guerra Mundial e da projeção e preservação da memória deste passado no Ceará, depois da Guerra. Mario Henriques inicia sua participação definindo os sistemas políticos dominantes e suas ramificações, declarando que “A política não traduz os mais profundos anseios do ser humano”. E aborda os sistemas políticos durante a 2ª Guerra: O comunismo, o Fascismo, o Nazismo, o Integralismo e o Estado Novo no Brasil que vigorou durante a 2ª Guerra Mundial. A seguir recorda sua infância durante a 2ª Guerra em seu berço natal vila de Meruoca na serra do mesmo nome e distrito de Sobral. Descrição saborosa e imperdível pela riqueza de detalhes. Logo em seguida descreve Fortaleza durante a 2ª Guerra e que inicia com este bordão de um anônimo. “As lembranças não são as chaves do passado, mas a do futuro”. Informa que Fortaleza possuía

180 mil habitantes. Descreve a Mídia de Fortaleza e o papel dos cinemas Moderno e Majestic. E, como em outras comunidades brasileiras, os jovens faziam o footing, oportunidade de conhecerem seus respectivos namorados e namoradas e se encontravam nas casas dos pais das namoradas. Mais uma página deliciosa para quem acredita como eu de que Recordar é reviver. Lembra o choque da população com o torpedeamento por submarinos alemães de 34 navios mercantes brasileiros com 1080 mortos. E a revolta da população com o quebra-quebra, de casas comerciais de estrangeiros, em especial de alemães E a infra estrutura em Fortaleza, da Força Aérea Americana no Campo de Pouso e a convivência da população com cerca de 50 norte-americanos que estiveram em Fortaleza durante a guerra, incluindo os acidentes aviatórios ocorridos em Fortaleza com aeronaves norte-americanas e os 32 norte-americanos falecidos nestes acidentes, e a seguir o legado precioso norte-americano desta convivência em Fortaleza, outra página preciosa, cujos detalhes estavam esquecidos. A seguir outra preciosa abordagem sobre o Exército no Ceará, com este bordão anônimo. “O comportamento do soldado depende do brio de seu comandante, quer no quartel ou no campo de batalha”. E descreve com riqueza de detalhes a estrutura do Exército no Ceará, subordinada a 7ª Região Militar em Recife, da qual destaco a 10ª Companhia de Transmissões, a qual transferida para Pelotas-RS, para a 3ª Divisão de Infantaria, nela ingressamos em fevereiro de 1950, como soldado, tendo como instrutores muitos sargentos cearenses. Companhia acantonada no 9º RI de Infantaria, o Regimento do Brigadeiro Antonio de Sampaio, ao qual ele esteve ligado no Sul, de Capitão em 1845, a Brigadeiro na Batalha de Tuiuti, onde ele foi a sua vanguarda. Companhia na qual serviríamos como oficial em Cachoeira do Sul 1959/1961, 10ª Companhia de Transmissões que por paradas e denominações sucessivas hoje se encontra em Santa Maria-RS, com a denominação de 3ª Cia de Comunicações Blindada, integrante da 9ª Brigada de Infantaria Blindada, cuja bela História, publicamos em nosso livro **6ª Brigada de Infantaria Blindada “Brigada Niderauer**. Porto Alegre: Promoarte, 2002. Brigada que integra seguramente, a mais poderosa grande unidade do Exército a 3ª Divisão de Exército. A Divisão Encouraçada, a herdeira das tradições da Divisão comandada pelo Brigadeiro Antônio de Sampaio, o cearense, Bravo dos bravos de Tuiuti, que tivemos a honra de o biografar em seu bicentenário com o livro **.O Brigadeiro Antônio de Sampaio –o patrono da Infantaria. Bicentenário**, hoje disponível para ser baixado em Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br. E destaca Mario Henrique a existência em Fortaleza, da 2ª Brigada de Infantaria, sucedida em 17 de set 1942, pela criada 10ª RM. Aborda o Colégio Militar, cujo edifício teve sua pedra fundamental lançada em 1877, em homenagem a D. Pedro II, onde teve a sua parada de 1892 a 1898, por cerca de 6 anos, a Escola Militar do Ceará, que formava oficiais junto com as Escola Militar do Rio de Janeiro e

Escola Militar do Rio Grande do Sul, Aborda a estrutura da Marinha e da Aeronáutica no Ceará e a Base Aérea de Fortaleza. E recorda O Pacto entre as Forças Armadas do Brasil e dos EUA, iniciando com este bordão: “Deve-se pensar com grandeza e agir com nobreza” (De Lauro). E recorda a criação em 24 de agosto de 1942, pelo presidente Getúlio Vargas da FAB e da FEB destinadas a lutarem na Europa, depois do rompimento das relações do Brasil como Eixo. E os símbolos da FEB “A cobra está fumando”, o dos aviadores que lutaram na Europa. “O senta a Pua” e a Esquadrilha de Ligação e Observação (ELO), “Olho Nele!”. E a seguir o Acordo bilateral Brasil/EUA, definindo o Saliente Nordestino, e como locais de concentração da defesa da América Latina: Natal-RN, Recife-PE, e as ilhas de Fernando de Noronha e Trindade e o Atol das Rocas, por se tratar da região mais próxima da África. Aborda os participantes do Acorde Bilateral e transcreve este bordão de Gregory Peck: “Os grandes soldados não morreram continua vivos na memória de povo.” Recordando as autoridades militares brasileiras, generais Mascarenhas de Moraes, Eurico Dutra, Góis Monteiro e as americanas Mark Clark, Willis Grittenberg, e a inglesas Montgomery, Leare e Sir Alexander e o historiador Chefe em Washington da Comissão Militar Brasil –EUA pelo qual passavam todas ligações Brasil –EUA. Aborda em detalhes a Estrutura Militar da FEB e a seguir O Ceará e a FEB com este bordão de Napoleão: “A coragem é como o amor, precisa nutrir-se de esperança.” Recorda os nomes dos oficiais cearenses incorporados a FEB em número de 48, cumprindo-me destacar os integrantes da FEB, e membros da FAHIMTB: Humberto de Alencar Castelo Branco, patrono de cadeia, que foi inaugurada pelo Cel Elber de Mello Henriques da ELO e pelo General Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira, acadêmico emérito e que o biografamos sinteticamente em nossos livros **História da 6ª Brigada de Infantaria Motorizada** em Pelotas-RS e na **História da 3ª Divisão de Exército** em Santa Maria, grandes unidades que ele comandou e com o qual mantivemos estreito contato epistolar, e em comum escrevemos análises militares críticas do combate de Jenipapo no Piauí. Relaciona os nomes dos 86 praças do Ceará que combateram na FEB e dos 6 que morreram em combate e os 83 falecidos depois da guerra com suas naturalidades. Aos que morreram em combate recordo este pensamento de Péricles, nascido em Atenas, no século 5 A.C. que levou seu nome: “Aqueles que morrem em defesa de sua pátria, fazem mais por ela naquele momento que os demais em toda as suas vidas”. E dentre os mortos quatro sargentos que reverenciei em meu livro **Os 68 sargentos heróis da FEB, em operações de guerra**, hoje disponível no site da FAHIMTB: 2º Sgt Francisco Firmino Pinto de Quixeramobim, 2º Sgt Hermínio Augusto Sampaio, de Crateús, do Regimento Sampaio, tombou em Monte Castelo, 3º Sgt Edson Sales de Oliveira, de União, do Regimento Sampaio, tombou em Montese e o 3º Sgt Francisco de Castro de São Benedito do Regimento Sampaio, tombou em Zocca. 3 bravos cearenses integrando o 1º RI

Regimento Brigadeiro Antônio de Sampaio, o Patrono da Arma de Infantaria do Exército. Aborda a relação das 192 praças cearenses que integraram a FEB e que inicia com este bordão anônimo: “O medo é natural do homem valente, saber vencê-lo é ser valente”. Descreve a partida, o embarque, a travessia do Atlântico, a chegada na Itália e as Operações de Guerra, a atuação da 1ª DIE e ataques, a Monte Castelo e seus heróis. A primavera, o Plano Encore, a Última Batalha e a ação da Infantaria. A tomada de Castelnuovo, Soprassaso Montese e Rendição em Fornoovo que inicia com esta 5 expressão de sua autoria: “O momento mais dramático da guerra e a rendição do vencido, pois a última arma que lhe resta é a vergonha da derrota”. E menciona os principais confrontos vencidos pela FEB, onde os pracinhas brasileiros aprisionavam 2 generais, 493 oficiais e 14.779 praças. E destaca os elogios recebidos pela FEB do general Mark Clark e do Papa Pio XII, este transmitido pelo então Coronel Bina Machado, mais tarde meu comandante no hoje Comando Militar do Nordeste, cuja espada honrou-me que a fizesse entrega a Academia Militar das Agulhas Negras, com pompa e circunstância e cujas preciosas **Memórias** ajudei com informações e , o exemplar que me destinou esta disponível em **Memórias**, na sede da FAHIMTB, na AMAN. E foi a seguinte, a Mensagem do Papa ao soldado brasileiro que vale a pena recordar. “Agradecimento à tropa brasileira na Itália, pelo carinho e generosidade como tratava os patrícios, os pobres italianos. Tropa brasileira cuja fama de bondade, de bom comportamento e grande coração de seus oficiais e soldados, enchera a Itália e era do conhecimento de todos.” E que ele Santo Padre queria agradecer, por intermédio do Ministro de Guerra, ao povo e governo do Brasil, essa grande e generosa prova de solidariedade humana e transmitir pelo Ministro da Guerra, aos integrantes da FEB e ao Exército Brasileiro em geral, os seus mais cordiais agradecimentos.”

E sobre o Papa Pio XII, Mario Henriques inicia sua descrição sobre os combatentes brasileiros na Itália com este pensamento do Santo Padre. “Nada é perdido com a paz. Mas tudo pode ser perdido com a guerra” E também descreve Carta da Irmã Maria Ágata ao Capitão Celestino Nunes de Oliveira, da qual transcrevo este trecho: “Prezados senhores, a bondade que usaram com nossas crianças pobres e tão grande que estou certa de que Deus em seu livro de ouro, anotara este ato generoso de vocês a minha pessoa e também beneficiando nossas crianças de Gênova, desabrigadas no Salso.” E Mário Rodrigues Aragão concluiu sua valiosa descrição de historiador militar civil abordando o retorno da FEB ao Brasil dos 377 cearenses, que representaram o nordestino, em especial, com suas virtudes e defeitos e de todas as classes sociais e que descreve “que acreditavam em Deus e se identificavam com o povo bom e simples da Itália”. E a seguir descreve a chegada dos febianos cearenses em primeira leva desembarcados no Porto de Mucuripe em 17 de agosto de 1945. E que desfilaram ovacionados pelo povo e autoridades em agradecimento ao seu

denodo, para preservar a Liberdade, a Democracia e a Paz Mundial, em grave ameaça. E Mario Rodrigues termina a sua participação com a Canção do Expedicionário que havíamos aprendido a cantar em 1945, como aluno da 1ª série do Ginásio Gonzaga em Pelotas, para uma homenagem do irmão Prefeito do Ginásio, a seu irmão Sargento da FEB que retornava ao pampa, trazendo por divisa o V que simbolizava Vitória. E Mário H. Aragão encerra a sua rica e inspirada participação neste precioso livro com os depoimentos de 4 ex- combatentes, Geraldo Rodrigues de Oliveira, Antônio Alexandre Correia Lima, Luiz Leão de Souza ,todos em 2016, 71 anos desde o Dia da Vitória. E neste ponto o Capitão Gustavo Augusto assume sua descrição. preservando e divulgando a História da ANVFEB – Regional de Fortaleza e da Associação de ex combatentes do Brasil – Seção Ceará, bem como o histórico da ANVFEB, fundação, registro, regulamentação. Instituição que muito tenho frequentado no Rio de Janeiro, presidindo posses de acadêmicos da FAHIMTB inclusive febianos. Gustavo Augusto também aborda a seção de Fortaleza, a sua evolução e a composição de suas diretorias. E em Memórias de Guerra evoca Frei Orlando, o Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército, o Padre Joaquim Dourado e os oficiais cearenses dentre os quais o Tenente Coronel Humberto de Alencar Castelo Branco – Chefe da 3ª seção de Operações da 1ª DIE e hoje consagrado como denominação histórica da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e introdutor no início da década de 60 do século passado da idéia na AMAN do ensino de História Militar Crítica, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar, como iniciação e o despertar de vocações de historiadores militares críticos, planejadores militares e capacitados a desenvolver e cuidar da Doutrina o Exército, e bem assessorar os futuros, comandantes de operações militares como seus assessores de Estado-Maior. Dimensão que temos praticado desde 1971, ao escrevermos sobre as Batalhas dos Guararapes e praticada com instrutor de História na AMAN 1978-1980. História Militar Crítica que agrega Sabedoria Militar, ao contrário da História Militar Descritiva que agrega Conhecimento militar mas não a Sabedoria, essencial para o desenvolvimento da Instrução e do Ensino dos Quadros e da Tropa e da Doutrina Terrestre Militar Brasileira de suas forças terrestres, para a sua progressiva capacitação operacional, em benefício da Defesa Nacional, com maior capacidade dissuasória. E prossegue, citando o capitão Aldenor da Silva Maia do 3º Batalhão do 6º RI Regimento Ipiranga que pelo seu valor militar recebeu diversos elogios e diploma de Membro Honorário do IV Corpo de Exército e Medalha de Cruz de Combate de 1ª Classe e a de guerra Britânica. Capitão Celestino Nunes de Oliveira, que comandou a Companhia de Petrechos Pesados do Regimento Sampaio, e que teve brilhante atuação operacional e foi agraciado com diversas condecorações. Capitão Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira. Comandante da Companhia do Quartel General da 1ª DIE, meu chefe e amigo e acadêmico emérito da FAHIMTB e que já abordei antes a

sua projeção como historiador militar. Capitão Heitor Caracas Linhares que atuou com Oficial de Operações do 3º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria de São João do Rei. Cap. Nelson Gomes Bessa. Atuou como chefe da 1ª Sec/EM de 1º/6º RI. Foi condecorado por sua eficiente participação na FEB. 1º Tenente Antônio Alexandrino Correia Lima, que atuou com grande eficiência como oficial de Comunicações do 6º RI. "Oficial competente, dedicado, engenhoso, calmo, valente, criterioso, inteligente, boa presença de espírito e corajoso, participou da captura de Camaioire". 1º tenente Edynardo Rodrigues Weyne. Destacou-se por enviar cartas da Front para os pais e companheiros que eram divulgadas pelos jornais e rádios de Fortaleza.. 1º tenente Elber de Mello Henriques integrou a 1ª ELO, com atuação importante na vitória da tropa brasileira. Intelectual e historiador militar publicou o livro, **A FEB doze anos depois**. Era acadêmico emérito da FAHIMTB, onde inaugurou a cadeira Marechal Castelo Branco. No Estado-Maior do Exército coordenou a preciosa revista **Cultura Militar**, na qual contribuimos com artigo sobre a importância dada pelo Exército dos EUA a sua História Militar. 2º Tenente José Leôncio Pessoa de Andrade, combateu na 7ª Cia do 6º RI. Foi ferido em ação com um tiro de canhão 88, tendo quebrado sua perna direita, tendo sido evacuado para o Brasil por impossibilidade de combater. 2º tenente R2 Bento Leite Costa Lima Albuquerque. Participou da Campanha da FEB como advogado de Justiça Militar. Pelos excelentes serviços prestados recebeu 15 condecorações e escreveu o livro, **A Justiça Militar na Campanha da Itália**, prefaciado pelo Comandante da FEB. Gustavo Augusto, registra os logradouros e monumentos de Fortaleza homenageando expedicionários: Bairro de Montese e outros. Um grande e rico livro!

Seguem diversas fotos e conclui com as fontes consultadas, onde deparo minha plaqueta a **Participação das Forças Armadas e da Marinha Mercante do Brasil na 2ª GM**, hoje disponível no site da FAHIMTB, www.ahimtb.org.br. Obra, cuja capa é de autoria do General Plínio Pitaluga, o comandante da Cavalaria da FEB, bem como o prefácio e, também acadêmico emérito da FAHIMTB, dedicado e batalhador presidente da Associação de ex-combatentes do Brasil

Ouvi um historiador em Barra Mansa afirmar, quando tomávamos posse na cadeira Marechal Floriano Peixoto da Academia de História local de que o ser humano tem três mortes. "A primeira, ao dar o último suspiro. A segunda, ao baixar a sepultura e a terceira e definitiva, a última vez que seu nome for lembrado ou pronunciado." E Mário Henriques Aragão e Gustavo Augusto, neste precioso trabalho, usando como historiadores, seus poderes ressuscitadores, resgataram para o convívio com os vivos, os nomes de muitos bravos cearenses já mortos em definitivo.

Esta ideia de perfumar nossos mortos, de levantá-los de seu passado e trazê-los para o convívio da contemporaneidade, nos une de algum modo com os egípcios. Enquanto eles mantinham o cadáver mumificado e fisicamente presentes, o homem ocidental culto faz seus mortos presentes

na página de sua história, e, quando escrevem sobre os nossos antepassados há um perfume suave de convívio, pelo que eles nos legaram com sacrifícios sangue e as próprias vidas, os seus nobres exemplos de vida à posteridade. No caso, a comunidade cearense, em especial, com os seus ícones da História Militar do Brasil, o Brigadeiro Antônio de Sampaio, o Coronel Tibúrcio Ferreira de Souza e o Marechal Humberto de Alencar que como instrutor chefe do Curso de Infantaria da Escola Militar do Realengo propôs seu heróico conterrâneo, o Brigadeiro Antônio de Sampaio como patrono da Arma de Infantaria.

Aqui como filho de Canguçu- RS, onde três cearenses muito participaram da vida da comunidade, o então Capitão Antônio de Sampaio, durante cerca de 4 anos depois da Revolução Farroupilha, no comando de uma Companhia de Infantaria e onde conheceu a filha da terra Júlia dos Santos Miranda e com ela casou em Jaguarão, a seguir o bispo de Pelotas D. Joaquim Ferreira de Melo, natural do Crato-CE, ao qual muito está a dever a fundação do Colégio N.S. Aparecida, onde estudamos de 1938/1944 e, finalmente, o mais tarde, General Hélio Ibiapina Lima, que, como tenente, lá chegou como vanguarda do 1º Batalhão Ferroviário e logo se integrou na comunidade.

Finalizo cumprimentando em meu nome das Entidades que fundei e presido, os autores, por este valioso resgate histórico e, saber que a Delegacia da FAHIMTB historiador Cel José Aurélio Câmara, que tinha por delegado o acadêmico emérito Paulo Airton de Araújo, possa ter continuidade com o concurso dos historiadores militares autores deste modelar e pioneiro resgate na sua abrangência, caso aceitem integrar os quadros da guerreira FAHIMTB, como se poderá constatar de seu *site* o precioso e volumoso acervo perenizado e tornado acessível a qualquer computador e smartphone pela Internet.

19- MEU PREFACIO DO LIVRO ERA UMA VEZ EM CANGUÇU, QUANDO AS CRIANÇAS FAZIAM ARTE DE ELOAH MOREIRA MORALES DO NASCIMENTO



Eloah Moreira Morales do Nascimento

Ensinarão-me que recordar é viver. Julgo que, em verdade, recordar seja reviver! E como me foi possível reviver fatos importantes com minha prima irmã Eloah Moreira Morales do Nascimento, com este seu excelente e

oportuno livro de família!

Ela é uma Moreira a manifestar o gens literário dos Moreiras, com origem talvez, em nosso bisavô José Inácio Moreira, que foi o oficial de gabinete de Ministro de Interior da República Rio Grandense, o Coronel José Pinheiro Ulhoa Cintra, filho de São João Del Rey - MG, poeta e escritor considerado o ghost rither de Bento Gonçalves. José Inácio Moreira casou com Delfina Antônia da Silveira filha de Serafim Silveira, presidente da Câmara de Piratini na Revolução Farroupilha. José Inácio fora enviado para Canguçu em 1857 na sua fundação como município há 150 anos e na qualidade de seu primeiro serventuário de Justiça. Trouxe entre os filhos lá nascidos, Franklin Máximo e Carlos Norberto, que teriam grande destaque social em Canguçu, inclusive na fundação do Clube Harmonia, caso de Franklin Máximo, e a seguir Carlos Norberto, na aquisição da primeira sede do citado clube no local onde se ergue a Prefeitura Municipal e ambos ligados ao movimento cultural gaúcho, como seus leitores e colaboradores e, também, em parceria como colecionadores do **Almanaque Literário e Estatístico do RS 1889/1917** de Alfredo Ferreira Rodrigues. Coleção que foi dada por tia Alice, filha de Carlos Norberto, ao adolescente Luis Carlos Barbosa Lessa, servindo-lhe de inspiração ao seu tradicionalismo o que o tornaria” um dos gaúchos do século XX.”

O gens literário projetou-se, segundo abordamos na inauguração da cadeira da ACANDHIS Clóvis Rocha Moreira, com a concordância de Cairo Moreira Pinheiro, o genealogista, das famílias Mattos e Moreira, nos seus diletos filhos, Franklin Maximo Moreira e Carlos Norberto Moreira. Deste para seus netos, este autor, o Major Ângelo Pires Moreira e agora para uma neta Eloah. Manifestou-se também em bisnetos Luiz Carlos Barbosa Lessa e Clovis Rocha Moreira e na bisneta, a única filha Eloah, a falecida Hilda Nascimento Dias que conhecemos numa reunião da ACANDHIS onde procurava saber de sua bisavó Firmina Mattos Moreira, nome este hoje consagrado em rua na outrora Chacrinha de sua propriedade e passando junto à casa que pertenceu. Gens que creio foi transmitido aos bisnetos de Carlos Norberto Moreira o Capitão de Mar-e- Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento e possivelmente a outros descendentes de José Inácio Moreira, Eloah, segundo seu filho Paulo Armando Morales do Nascimento, na Introdução revelou sempre grande carinho pela preservação de fotos de seus familiares, o que minha mãe também o fazia e creio que herdei isto dela e de meu pai cujos acervos e menos o da família Mattos que transferi para um sobrinho dos citados irmãos Frankilin Carlos Norberto, e neto de Amenaide Moreira Mattos, o escritor e artista plástico, para mim também, um herdeiro do gene literário e artístico dos Moreiras, o Mário Barbosa de Mattos.

Eloah recorda fatos e pessoas de sua infância que conheci, a maioria das que menciono em minhas Memórias, em **Canguçu reencontro com a História**, na minha genealogia dos **Lemes da Ilha da Madeira aos Mattos, Moreiras e Bentos de Canguçu** agora, em trabalho que desenvolvo. **Memórias do cotidiano em minha infância Canguçu, 1931-1944.** Mas de grande relevo para mim foram as considerações da prima Eloah para melhor definir o perfil de nosso avô Carlos Norberto Moreira, meu patrono de cadeira na ACANDHIS e nome que dei a meu filho Carlos Norberto Stumpf Bento, Capitão de Mar-e-Guerra de nossa Marinha de Guerra que também

herdou o gens dos Moreira e escreve muito bem ,e é artista plástico, administra meu site e tem sido o artista que desenhou as capas de muitos de meus livros sobre o Exército na Região Sul e do **Canguçu reencontro com a História**, comemorativo dos 150 anos de Canguçu em 2007(Eloah apresentou nosso avô Carlos Norberto que ela não conheceu, mas que dele recebeu informações de sua avó Firmina e mãe de criação.

Em justa homenagem a duas Firminas, a prima Eloah homenageia nossa avó Firmina a responsável por sua criação e primorosa educação e mais a minha e dela grande amiga Irmã Firmina Simon, hoje patrona de cadeira na ACANDHIS, pelos relevantes serviços que prestou a Canguçu que a consagrou como Cidadã Canguçuense, em projeto que tive a felicidade de elaborar sua síntese biográfica notável, a pedido do vereador radialista Adão Jesus Marques Pereira. Serviços relevantes que a acadêmica que ocupa sua cadeira, a Irmã Cecília Rigo, muito bem a tem substituído na vida social da comunidade, muito bem representando a sua Ordem das Irmãs Franciscanas, além de ser uma modelar líder ecumênica.Sobre nossa avó Firmina com quem pouco convivi e só nas ocasiões de visitá-la aos domingos com minha mãe, recordo seu vulto simpático e sei que era muito amada por minha mãe Cacilda.

Eloah definiu sua avó e mãe de criação Firmina, como pessoa caridosa que fornecia leite a famílias necessitadas e doava gêneros de que recebia a 3ª parte de agricultores que cultivavam suas terras. Era devota de Santa Terezinha e muito cuidadosa e paciente, em acomodar situações, sendo chamada pelo marido de Nossa Senhora da Paz e pelos pobres que ajudava de Mãe dos Pobres. Ela combatia preconceitos contra a juventude e a violência política, como a ocorrida no lamentável episódio conhecido como Noite do Bambu, em que opositores do governo foram castigados no prédio do hoje Clube Harmonia, com uma surra por tropa de soldados Provisórios, de passagem, com bambus cortados na praça. Isto a levou a visitar em companhia de Eloah e na Vila dos Campos, o Sr Ermilio Campos, muito castigado no episódio e hoje patrono de cadeira na ACANDHIS, ocupada pela acadêmica professora Ivete Possas da Silveira. Conta-nos Eloah que nossa avó era vaidosa e andava sempre perfumada, o que confirmo, usando perfumes que ela mesma preparava e muito dedicada a criação das netas que criara. A Eloah e Maria Bertoldi, ao perderem a mãe Joana, (Joaninha) e mais os netos Firmina (Firmininha) e Firmo (seria Firmino) depois de perderem sua mãe. E mais Antonina, filha de sua filha Alice que faleceria deixando sua prole órfã, da qual criou e educou Cely Moreira Pereira.

Lembro-me, como Eloah, da preocupação que tomou conta da família, e da qual participei, por minha avó ter de viajar a Porto Alegre para ser operada de catarata, então uma cirurgia delicada e que nossa avó apreciava a leitura de romances lidos em voz alta, para uma empregada e amiga.

Vó Firmina definia seu marido Carlos Norberto como um homem educado, apreciador de belos objetos e que com eles decorava sua casa, inclusive adquirindo um gramofone onde era tocada com frequência a Ópera **Guarani** de Carlos Gomes. Na sala de jantar, usava toalhas de linho irlandês, porcelana inglesa e faqueiro de prata. E até um requintado prato de maionese de lagostas. Estas em latas de conserva. Eloah descreve detalhes da vida e costumes na Chacrinha que conluo se projetaram na minha casa, com minha mãe, na fabricação de doces caseiros em tachos e os trabalhos

de crochê aprendidos com sua mãe e fazia inclusive colchas com as quais presenteava filhos. Principalmente aprendeu como a vó Firmina o bem cuidar da saúde disto recorrendo a sua eficaz farmácia e tratamentos caseiros consagrados que ela usava num local com raros médicos.

Vá Firmina nasceu em 13 de maio de 1856 e ficou viúva aos 50 anos. Faleceu depois de câncer de mama, em 18 de dezembro de 1945, aos 89 anos, beirando os 90 anos. Notícia que me alcançou quando eu treinava futebol no Campo do Cruzeiro. Foi golpe para a minha mãe que já havia perdido dois filhos moços, o Genes e o Carlos depois de prestarem o Serviço Militar e Flávio Bandarra seu primeiro neto com 8 anos. Politicamente Vó Firmina era borgista e conservava na sala de visita a foto de Júlio de Castilhos, Carlos Norberto e seu irmão Franklin foram líderes republicanos em Canguçu seguramente, do republicanismo farrapo de seu pai que chegou a ser preso junto irmão Pedro, em Pelotas, pelos imperiais, conforme registro no jornal farrapo **O POVO**.

Nossa avó era prima irmã do general revolucionário Zeca Netto, que numa de suas tomadas de Canguçu em 1923, manifestou o desejo de visitar a prima Firmina na Chacrinha e ela respondeu: Que não receberia a visita de um primo que perseguira seus filhos Afonso Celso (Chicuta) e Carlos Licurgo (Carlitos) que lutavam nas forças contrárias. Mas Firmina, por intervenção de um parente, terminou o recebendo. Suas netas e minha irmã Luiza, enfeitaram a pinguela de acesso a Chacrinha, com flores e para receber Zeca Netto. Mas ficaram frustradas, pois ele entrou de carro, por segurança, pela entrada destinada a carroças e automóveis.

Eloah conta que estava na frente da Chacrinha com seu pai e dali ouviu tiroteio no Combate de Cerro Partido em 18 de julho de 1823. Sendo ordenado que procurassem abrigo na casa, para não serem atingidos por balas perdidas.

Fui criado no respeito e na veneração das figuras de meus pais, avós e outras pessoas caras que nos deixaram. As fotos de meu avós lado a lado, figuravam na sala de minha casa em local de destaque e hoje se encontram Municipal por iniciativa da amiga Marlene Barbosa Coelho, que as preservou e entronizou no Museu onde as contemplo com frequência junto com as figuras de meus bisavós e trisavôs da família Mattos e de meus bisavós Antonio e Isabel Vaz Bento, em razão de eles terem sido importantes no desenvolvimento da comunidade. Pois meus avós Genes Gentil e Carlos Norberto, meu bisavô Ten Cel Theóphilo de Souza Matos e mais meu tio bisavô Franklin Maximo foram consagrados patronos de cadeiras na ACANDHIS, bem como Genes Gentil. E os citados mais as minhas avós Firmina e Maria da Conceição (dona Noca) foram consagrados pelo Povo de Canguçu em nome de ruas.

Vó Firmina possuía 9 anos quando seu pai partiu para a guerra do Paraguai, no comando do Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Canguçu, retornando quase 5 anos após, quando ela já era menina moça com 14 anos. Voltou como Tenente Coronel Honorário do Exército Theóphilo de Souza Mattos. Vó Firmina teve três netos oficiais do Exército, o autor, o Ten Cel Jose Carlos Borba Moreira, o Major Ângelo Pires Moreira e um seu filho de criação, o 1º Ten Nicolau Moura Ferreira que estudou advocacia e terminou sua carreira no Palácio Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, onde eu servi por cerca de 9 anos de 1983 a 1991, e dele fizeram boas

referências pessoas que o conheceram e com ele privaram.

Eloah menciona que nossa avó e sua mãe de criação e de Maria esposa de meu padrinho de crisma Fernando Bertoldi, revelava um sentimento de revolta pela escravidão. Relata ainda que não gostava que seus netos tomassem sua benção, beijando a sua mão, costume a que faziam jus os avós, pais, tios e padrinhos, e que eu alcancei. Eloah revelou o motivo, Vó Firmina percebera que um neto sentia uma espécie de nojo em beijar a mão enrugada da avó. Afirmo que não era eu!

Eloah que revelou especial pendor para o magistério e a convite da grande mestra Irmã Firmina, que percebeu a sua potencialidade junto com a de Ana, lecionou no Aparecida de 1940-1943, período em que cursei o 3º, 4º e 5º anos, sendo que, em 1942 fui aluno da citada e saudosa professora Ana que conseguiu que eu tivesse um bom rendimento por fiel à pedagogia da grande mestra Irmã Firmina. Lembro que a aula da Eloah era ao lado da cozinha do Colégio numa espécie de Jardim de Infância u talvez como alfabetizadora.

Em 1944 quando eu estava no 6º ano ela fundou na casa de nossa vó, ao lado do Hotel Telesca, a Escola Cristo Rei. E ali, para seu orgulho, foram seus alunos os futuros prefeitos e deputados Odilon Almeida Mesko e Gilberto Moreira Mussi, o último hoje acadêmico da ACANDHIS ocupante da cadeira Dr. Luis Oliveira Lessa. Lembro que minha irmã Maria foi sua aluna. E que brincávamos com ela, dizendo, Marianinha é a segunda aluna em aproveitamento em sua aula no Cristo Rei ,ao que alguém ironicamente observava: Também pudera, a sua aula só tem dois alunos! .

Eloah a convite de meu pai eleito prefeito, foi Orientadora de Ensino da Prefeitura em 1952/1953, tendo prestado relevantes serviços à Educação em Canguçu durante anos, antes de mudar-se para as Missões acompanhada do marido Nelson Nascimento que era funcionário do Posto de Saúde. Ela presta valioso testemunho da orientação de meu pai, na política educacional que ele seguia no seu 3º mandato.

Eloah refletiu o que aprendera com a excepcional mestra Irmã Firmina, contato com ela retomei ao receber do reitor da Universidade de Pernambuco carta por ela escrita e que ele nos mostrou, onde a Irmã Firmina agradecia a remessa de meus livros e a **Batalhas dos Guararapes e a Grande festa dos Lanceiros** editados por aquela Universidade, onde declarava com orgulho que o autor fora seu aluno na Escola Aparecida. Dali em diante nossa relação resultou em forte amizade e muita ajuda nossa na formação da sua Biblioteca do Aparecida. Sempre que voltava a Canguçu era visita obrigatória, A visitei com frequência até seus últimos dias no Convento da Ordem em Santa Maria. Ela por nossa indicação ao Mestre Dante de Laytano, foi delegada em Canguçu da Academia Brasileira de História e teve atuação marcante no renascimento cultural de Canguçu no governo de Gilberto Mussi, liderando as professoras Laedi Bachini Bosenbecker, Marlene Barbosa Coelho e o radialista Adão Jesus Marques Pereira.

Lembro que me hospedei alguns dias no Aparecida em 1941, com meus irmãos José, Jesus e Maria, na doença de nosso irmão Genes que veio a falecer. Irmã Firmina, nos acolheu com um carinho quase maternal, consolando-nos carinhosamente em momento de muita tristeza. Poderia dizer que ela era firme e doce. Firme na manutenção da disciplina e doce

quando se fazia necessário. E foi assim que ela me cativou. No meu arquivo pessoal conservo muitas cartas dela e os cartões originais e artísticos feitos por ela própria. A descrição da Chacrinha de Eloah coincide com a minha visão. Lembro com saudades de um corredor estreito de acesso a uma pinguela que transpunha o arroio. Do lado esquerdo uma cerca de grinaldas e do lado direito outra junto ao arroio. Corredor que terminava na pinguela que atravessava o arroio. Logo depois, à direita, uma elevação de pedras que eu visitava na ida e na volta da Chacrinha, parar ver e sentir a água quente do sol, em três bacias naturais, na enorme pedra que chamávamos de Cacimbinha.

A contribuição da prima Eloah é valiosa para o resgate da História de Canguçu, tarefa a que me dedico há mais 50 anos. E ela cobriu lacunas importantes de minhas memórias sobre a Chacrinha e de seus moradores e instalações, do que guardo forte memória que registrei. Eloah com seu relato contribui para ressuscitar ou retardara 3ª morte de seus personagens, a ser-verdade o que eu ouvi de um genealogista ao tomar posse na Academia Barra- Mansense de História, na cadeira Marechal Floriano em 3 de outubro de 2006. Ou seja: “O ser humano tem 3 mortes: a primeira ao expirar, a segunda ao ser sepultado e a terceira na última vez que seu nome for lembrado ou mencionado.

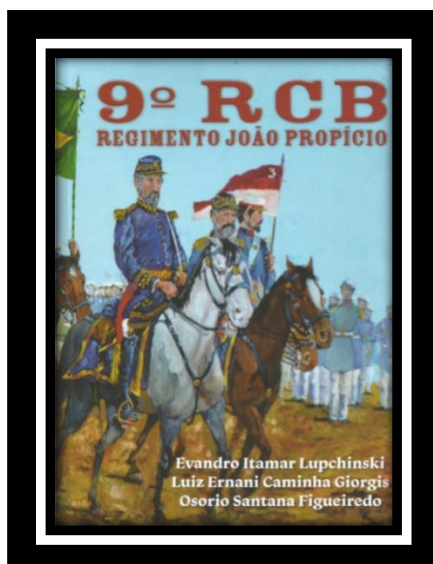
Assim como eu e Cairo Moreira Pinheiro, e agora Eloah. Temos ressuscitado pessoas queridas ou conhecidas, na maior parte das vezes mergulhadas no esquecimento pelas gerações que as sucederam, promovendo paradoxalmente sua terceira morte. E assim estamos no caso em tela, preservando a nossa identidade familiar, através da genealogia, informando na medida do possível, suas contribuições e exemplos deixados em suas passagens por este mundo e revelando parentescos que a maior parte das vezes foram esquecidos na construção da comunidade canguçuense sesquicentenária em 2007 e bicentenária de fundação em 2000 como Capela Curada N.S, da Conceição de Canguçu que foi a padroeira do Exército de Portugal e do Exército do Império do Brasil.

Que outros canguçuenses sigam o exemplo de Eloah Moreira Morales do Nascimento, cultuando a memória de seus entes queridos, para a referência das gerações que lhes seguirão pelos tempos afora. Eu tenho a consciência que dei o exemplo e desfruto a agradável sensação deste dever muito bem cumprido à semelhança do praticado por culturas orientais, para os quais família não se restringe à que vive sob o mesmo teto mas a ampla família levantada pela Genealogia, ciência auxiliar da História.

Cláudio Moreira Bento Coronel

Presidente da Academia Canguçuense de História Resende, A cidade dos Cadetes, 12 de fevereiro de 2007, Ano do sesquicentenário do Município de Canguçu

20- ABAS DE MINHA AUTORIA NO LIVRO 9º RCB REGIMENTO JOÃO PROPÍCIO



Cel Cav Evandro Itamar Lupchinski, Cel Inf QEMA Luis Ernani Caminha e SubTenente Osório Santana Figueiredo

A História do Exército no Rio Grande do Sul é um pioneirismo historiográfico militar brasileiro, constituído de 21 livros, abordando as histórias das suas grandes unidades, biografias de líderes de batalhas e combates e a História de suas escolas de formação de oficiais no passado, o Casarão da Várzea, a casernado atual CMPA e as Escolas Militares do Rio Pardo. E todos sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e Instituto de História e Tradições do RGS(IHTRGS), entidades que fundamos e presidimos. Projeto para cujo desenvolvimento contamos com os mais expressivos e produtivos historiadores militares gaúchos contemporâneos, o Cel Luiz Ernani Caminha Georges, natural de D. Pedrito e o Sub Ten Osório Santana Figueiredo, natural de São Gabriel, “a Atenas e Esparta Brasileiras”, o qual considero o maior e mais produtivo historiador militar residente em nossas fronteiras. E ao qual meu berço natal Canguçu-RS, esta a dever-lhe este bordão CANGUÇU- A MAGNÍFICA DOS CERROS!

E cumprimento o Ten Cel Cav QEMA Evandro Itamar Lupichinski pela feliz escolha de convidar estes dois historiadores para escrever a História do 9º Regimento de Cavalaria Blindado - Regimento Marechal João Propício Barreto, personagem do qual Osório Figueiredo, creio seja o seu maior biógrafo.

Unidade que visitamos em 2001, em companhia do Cel Caminha e tendo como guia Osório Figueiredo, quando com o Cel Caminha levantamos a **História da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Patrício Correia da Câmara**, lançada em 2002. E na página nº 255, deste citado livro em que abordamos a síntese do 9º RCB e, a nossa foto com os citados historiadores Caminha e Osório e o então comandante do 9º RCB Ten Cel Luiz Fernando Azevedo Garrido, nosso ex-aluno de História Militar na AMAN.

Não temos dúvidas do bom acolhimento desta obra de parte de seus leitores. E votos de que outras OM do Exército no Rio Grande do Sul sigam os exemplos do 9º RCB e, do 27º GAC Monte Caseros de Ijuí que nos honrou para prefaciá-lo. E deste modo detalharem ainda mais a História do Exército no Rio Grande do Sul e, contribuírem, de modo assinalado, para o atendimento da Diretriz do EME para as atividades de História no Exército: “Contribuir para a formação dos quadros e da tropa. Contribuir para o desenvolvimento da Doutrina das Forças Terrestres Brasileiras e, Preservar, Pesquisar e Divulgar o Patrimônio Histórico Cultural do Exército.”

Cel Claudio Moreira Bento Presidente da FAHIMTB e IHTRGS

Nota: A bela capa e de autoria do acadêmico emérito da FAHIMTB, Cel Cav. Pedro Paulo Cantalice Estigarribia e co-autoria do Cel Evandro, comandante do RCB e do 3º Sargento José Dagoberto Almeron Vaz. O livro traz um espaço destinado a dedicatórias, lição que aprendi. O Cel Estigarribia, o maior pintor do Exército de todos os tempos! Estivemos juntos no QG do CML quando ele inaugurou suas pinturas no hall do QG do CML, no qual em seu Salão de Honra lancei em 1995, o meu livro **Comando Militar do Sul (Quatro décadas de História (1953-1995) e Antecedentes**. Livro que o cel Caminha e o acadêmico coronel Ernildo Heitor Agostini Filho preparam a 2ed atualizada, Mas bem antes em 22 agosto 2003, no Regimento Dragões da Independência de Brasília, em seção da Confraria dos Camaradas de Cavalaria de Brasília presidida pelo Gen Ex Vírgilio Ribeiro Muxfeldt o Cel Estigarribia abordou aspectos da Cavalaria e nós sobre a Amizade Caxias e o General Osório. No bicentenário do General Osório em 2008, ambos publicamos biografias do Legendário. Recordar é reviver.

21- MINHA APRESENTAÇÃO DO LIVRO CONHECENDO CANGUÇU UM

NOVO OLHAR

Autoras do Livro Canguçu um Novo Olhar. Em cima, da esquerda para direita: Maria Ivonete, Maria Helena, Aliette, Irmã Cecília, Mara, Sancler, Márcia. Abaixo: Rosenda, Laura, Laedi, Neiva e Margarida. Nomes das que não aparecem na foto: Adriana e Sandra.

Iniciamos a pesquisar a História de Canguçu em 1956, com vistas ao centenário do município de Canguçu. E desde então, dando curso a nossa vocação de historiador, então revelada, objetivamos resgatar a esquecida e desconhecida história de Canguçu,

Fomos avançando procurando nas variadas fontes históricas regionais, estaduais, nacionais e até internacionais e assim recompomos a História de Canguçu.

O resultado é expresso na 2ª edição do nosso livro **Canguçu reencontro com sua História, um exemplo de reconstituição da memória comunitária**, a ser lançado no contexto das comemorações dos 150 anos da criação do município de Canguçu.

Em 13 de setembro de 1988 criamos a Academia Canguçuense de História - ACANDHIS. Era o ano de centenário de meu pai, Conrado Ernani Bento, do qual herdamos valiosas fontes bibliográficas, documentais e iconográficas sobre Canguçu que ele colecionava e guardava com carinho, razão de sua escolha como Patrono da ACANDHIS. Este acervo tem servido para pesquisa e estudos, logo acrescido por valiosos trabalhos dos membros acadêmicos desta Academia.

Os membros da ACANDHIS traduziram suas pesquisas sobre Canguçu em 2000, na **Revista dos 200 anos da fundação de Canguçu**, editada pela ACANDHIS.

Nesta Revista, na apresentação, desafiamos outros filhos de Canguçu de nascimento ou de coração, a que dessem continuidade à pesquisa, à

preservação, ao culto e à divulgação da História de Canguçu, que deparei menino, coberto por espessa camada da pátina dos tempos, tendo a impressão de haver nascido numa comunidade marginal na História do Rio Grande dos Sul.

E o presente livro **Conhecendo Canguçu - um olhar** nos 150 anos, prefaciado pela operosa acadêmica Aliette Martins Ribeiro, que considero uma resposta ao nosso citado desafio e respondido neste trabalho teórico didático por mestras de História, Pedagogia, Letras e Geografia.

Obra que faz um retrospectivo histórico de alguns aspectos da vida canguçuense de ontem até hoje: Aspectos históricos geográficos e símbolos; Agricultura, Pecuária, Comércio e Meios de Transportes e de Comunicações, Poderes Legislativo e Judiciário e Cartórios, Serviços Essenciais, Educação, Lazer, Entidades Culturais, Igreja e ao final um, dos filhos de coração de Canguçu que foram consagrados como Cidadão e Cidadã Canguçuense pelo Povo de Canguçu, seus representantes na Câmara, em reconhecimento a contribuições marcantes para o desenvolvimento de Canguçu.

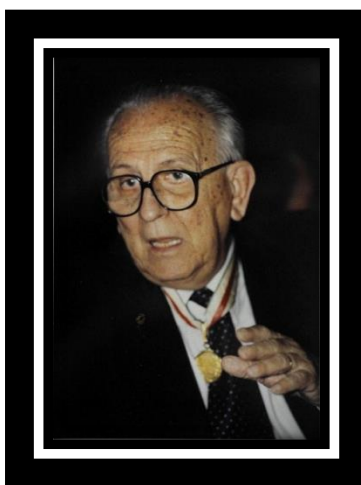
Assim é que com grande emoção que apresento este trabalho teórico didático, feliz e com sensação de realização de que meu trabalho de meio século de pesquisa, preservação divulgação da História de Canguçu, ter a competente continuidade, dando curso a definição de História, atividade esta que estuda o Passado, para se entender o Presente e planejar em bases realistas o Futuro.

Resende, A cidade dos Cadetes, 20 de março de 2007

Coronel Cláudio Moreira Bento

Presidente da ACANDHIS

22- ABA DO LIVRO DE WALTER PIAZZA: O BRIGADEIRO JOSE DA SILVA PAES O ESTRUTURADOR DO BRASIL MERIDIONAL



Historiador catarinense Walter Piazza

É bastante conhecido no sul do Brasil, haver sido o brigadeiro José da Silva Paes, o fundador dos atuais estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, como bases militares destinadas a aproximar o apoio militar do Rio

de Janeiro à distante Colônia do Sacramento, no atual Uruguai, a qual foi alvo de disputadíssima atuação, diplomática e militar, de 1680-1777, por Portugal que a fundou e por Espanha que terminou a incorporando em definitivo em 1777..

É conhecido do ilustre soldado, engenheiro e administrador sua obra naquelas paragens, como por exemplo, a fortaleza de São José da Ponta Grossa, as mais antigas ruínas do Sul do Brasil que remontam a 1741.

Pouco conhecidas, entretanto, eram em quase todos os seus contornos, a vida e obra do ilustre militar, antes e depois de Santa Catarina e Rio Grande do Sul terem sido fundados oficialmente, tarefa relevante que o ilustre historiador catarinense Walter Piazza, membro, inclusive, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, acaba de resgatar neste trabalho, em detalhada e extensa pesquisa que o levou a Portugal, no final de 1979, a pesquisar, particularmente, no Arquivo Histórico Militar. Ao tirá-lo do esquecimento Walter Piazza fez justiça histórica ao grande soldado José da Silva Paes, que apresenta inclusive, como um iluminado oitocentista, por haver fundado, sob sua égide, como Governador ao Rio de Janeiro e em seu Palácio, em 6 maio 1736, a Academia dos Felizes, reunindo as maiores expressões culturais do Rio de Janeiro. É mais uma assinalada contribuição de Walter Piazza ligada à História do Brasil no Sul.

Cel. CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Diretor do Arquivo Histórico do
Exército

**23 - MEU PREFÁCIO DO LIVRO TURMA AVAI DO CEL EDU CASTRO
LUCAS ACADEMICO DA FAHIMTB CADEIRA GENERAL FRANCISCO
PAULA CIDADE**



Acadêmico Cel Edu Castro Lucas

E com imensa satisfação e honrado, como integrante da Turma Aspirante Francisco Mega, AMAM 15 fev 1955 e historiador da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) que prefacio este original e completo

histórico da Turma Avaí AMAN de 6 de janeiro de 1956, com a qual convivi por cerca de 2 anos e que completará em 6 de janeiro de 2016, 60 anos de declaração de Aspirantes, os quais na AMAN pretendo revê-los em grande numero.

Livro de autoria do acadêmico emérito da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) Cel Cav QEMA Edu Campello de Castro Lucas. FAHIMTB há 19 anos acolhida pela AMAN com o seu valioso e volumoso acervo sobre História Militar das Forças Armadas Brasileiras (Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica , Polícias e Bombeiros Militares) e desde 23 de abril de 2011 –Bicentenário da AMAN, acolhida no interior da AMAN em amplo espaço. E neste espaço em três caixas colocadas em ordem alfabética junto com livros de acadêmicos, estão à disposição três caixas com o Informativo **Avaiano** da Turma Avaí, redigidos pelo Coronel Edu e com índice de conteúdo do Informativo, disponível em Artigos de sócios no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br. Site criado e administrado há 16 anos pelo hoje Capitão de Mar –e – Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, nosso, filho hoje instrutor de Navegação na Escola Naval e autor de obra sobre o assunto.

Desconheço Turma tão orgulhosa de sua denominação e de sua história tão bem cuidada. História que o Cel Edu com o presente livro pereniza pelos tempos afora. Um valioso trabalho do Cel Edu Campello de Castro Lucas acadêmico emérito da Cadeira General Francisco de Paula Cidade e natural de Porto Alegre e um dos maiores e mais notáveis historiadores do Exército de todos os tempos, cuja vida e obra resgatamos e preservamos na **Revista A Defesa Nacional** nº 709, set/out 1983.p.13/35.General Paula Cidade hoje nome da Delegacia da FAHIMTB em Gramado- RS.

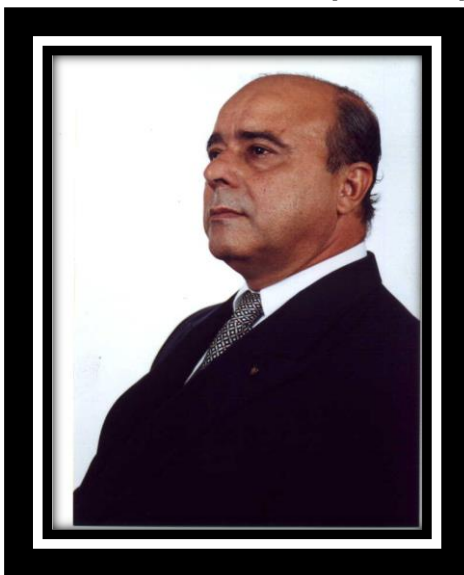
Este livro registra a saga da Turma Avaí em 60 anos: A Chegada da Turma na AMAN. A origem de cada cadete. A Tradição do trote e seus personagens, os trotistas - os veteranos (os Augustíssimos) do 3º, os Calouros os cadetes do 2º ano e as vítimas - os Bichos, cadetes do 1º ano. A Declaração de Aspirantes da Turma, a despedida da AMAN. A distribuição dos integrantes da Turma pelas diversas guarnições do Brasil. Os cursos, carreiras e mito. A primeira placa da Turma na AMAN. A criação de uma Comissão Central da Turma e que a manteve presente e unida em 60 anos. Curiosidades sobre a Turma, O Avaiano, o site, o logotipo, o estandarte, o diploma de amigo da Turma e a Canção e homenagem as viúvas da Turma.

Próximo dos 60 anos da declaração de Aspirantes é hora de cada sobrevivente recorrer a idéia de que **Recordar é reviver!** Ou seja, recordar os bons e saudosos momentos vividos ao longo de suas vidas, para compensar as dificuldades e limitações gerais que por volta dos 80 anos nos atingem. E também cada Avaiano avaliar a sua história de vida e refletir se deixará na terra uma boa história digna de ser recordada com saudades pelos pósteros. Parabéns Cel Edu em nome da FAHIMTB por este valioso e

meritório trabalho que preserva e divulga a Saga da Turma Avaí. E vida longa para os sobreviventes da Turma.

Cel Claudio Moreira Bento
Acadêmico Grande benemérito
Presidente e Fundador da FAHIMTB
Turma Aspirante Francisco Mega AMAN 15 fev 1955

**24- MEU PREFÁCIO DO LIVRO TRILOGIA GENEALÓGICA
CABRITA_CAMISÃO_CONY DO ACADEMICO ENG LUIZ ALBERTO DA
COSTA FERNANDES (D.BETO)**



Muito honrado pelo convite feito pelo autor, de prefacio do seu valioso livro. **Trilogia Genealógica: Cabrita — Camisão– Cony**, o qual logo despertou minha atenção e interesse, por focalizar O Patrono da Arma de Engenharia, o Ten Cel João Carlos Vilagran Cabrita, patrono da minha arma e sob o qual havíamos publicado artigo, ampliando por interpretação sua história, em Vilagran Cabrita – Herói da ilha da Redenção, na **Revista Militar Brasileira** v. 104, jan/jun 1974] e haver sido o orador convidado para a inauguração do seu Memorial no Batalhão Escola de Engenharia – Batalhão Vilagran Cabrita, em 17 abril 1998, e, então, como Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) em seu 2º ano de existência. E mais as genealogias do Cel Carlos de Moraes Camisão, o patrono do 9º Batalhão de Engenharia de Combate em Aquidauana – MS. Batalhão que integrou a FEB na 2ª Guerra Mundial e mais o Brigadeiro Jacinto Desidério Cony, oficial português que veio para o Brasil em 1799, antes, portanto de D. João. Oficial que, com a Independência do Brasil, ingressou no Exército Brasileiro. E personagem ligado ao autor D. Beto por laços familiares. E os três, Engenheiros Militares! Livro da lavra do Ten Eng R/2 Luiz Alberto da Costa Fernandes (Dom Beto) que fez carreira como Engenheiro da Varig, trabalhando inicialmente no Galeão, na ilha do Governador, e permanecendo na Varig até se aposentar. Coursou o CPOR/RJ, no comando do Cel Francisco Ruas Santos, recém-falecido, por

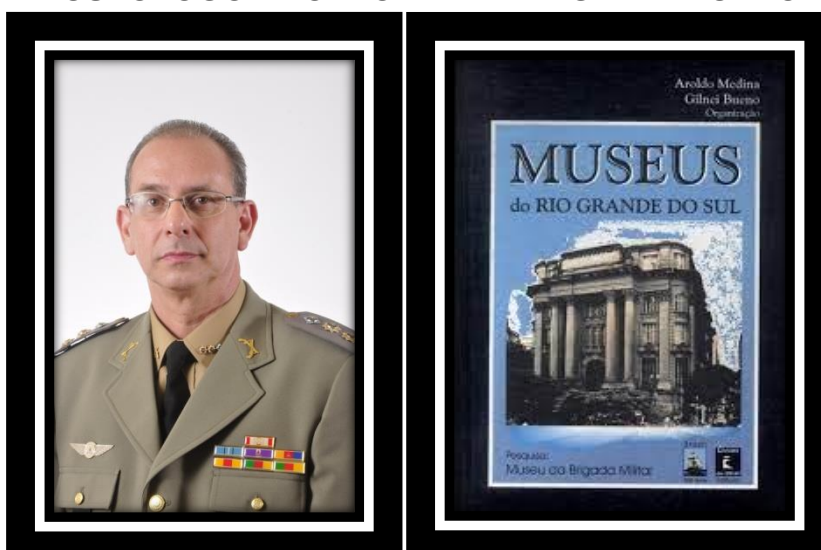
quem revelou grande apreço à sua obra, como profissional militar e historiador militar notável, e do qual fui Adjunto na Comissão de História do Estado–Maior do Exército e no planejamento do Centro de Documentação do Exército, por ele idealizado. Luiz Alberto foi o primeiro lugar de sua turma de Engenharia do CPOR/RJ, recebendo como prêmio a sua espada, que lhe foi entregue pelo Ministro do Exército Gen Ex Aurélio de Lyra, primeiro historiador da Arma de Engenharia, quando Major. Ao assistirmos em Barra Mansa, na Academia Barra-mansense de História, cuja fundação orientamos seus fundadores e a presidimos e, na qual ocupamos a cadeira Marechal Floriano Peixoto, que faleceu em Barra Mansa em 1895. Personagem que combatera em Tuiuti como integrante do Batalhão de Engenheiros, ali em Barra Mansa ouvimos esta afirmação de um genealogista em sua posse como acadêmico: “O homem tem três mortes! A primeira ao exalar o último suspiro; A segunda ao baixar a sepultura; E a terceira e última, ao ser seu nome lembrado ou pronunciado pela última vez”. Com esta motivação decidimos publicar nossa genealogia sob o título: **Dos Lemes da Ilha da Madeira aos Mattos, Moreiras e Bentos de Canguçu – RS 2006**, pela Academia Canguçuense de História que fundamos em 1988 e a presidimos deste então. Com ela procuramos ressuscitar simbolicamente nossos ancestrais, em maioria da 3ª morte, quando seus nomes foram lembrados ou pronunciados pela última vez. O que acreditamos haveremos realizado. E este é o grande poder da genealogia, ciência auxiliar da História, de ressuscitar simbolicamente personagens históricos da 3ª morte, o que temos praticado intensamente, em conjunto, nos nossos 21 livros do **Projeto História do Exército na Região Sul**, ao resgatar a vida, obra e lições deixadas pelos generais que comandaram Grandes Unidades na Região Sul. Luiz Alberto da Costa Fernandes é filho do Almirante Erico Bacellar da Costa Fernandes. De seu pai recebeu apontamentos genealógicos, de seu bisavô paterno e, de sua mãe, apontamentos do pai desta, o Comandante Walter Perry, irmão do lendário Almirante Filinto Perry e primo do Almirante Washington Perry de Almeida com quem convivi no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1977/ 1984, onde ele gozava da estima geral. E foi de posse desses dados que Luiz Alberto empreendeu longa e atenta jornada de pesquisas genealógicas nas mais variadas fontes e locais, em busca bem sucedida de subsídios genealógicos sobre sua família. E a seguir para a sua **Trilogia Genealógica**, em análise, a qual se constituiu numa expressiva contribuição a História Militar Terrestre do Brasil que a Academia de História Militar vem desenvolvendo com resultados positivos há 12 anos. Lembra de certa forma nossa luta com vistas a resgatar a história de minha terra natal, Canguçu – RS. Memória apagada e que depois de 57 anos de pesquisas em todos os locais possíveis e imagináveis conseguimos resgatar em nosso livro, **Canguçu reencontro com a História – História – um exemplo de reconstituição de memória comunitária** 2007. (Sesquicentenário em 2007). Com este objetivo aos poucos nos tornamos historiador regional, estadual, nacional e especialista em História do Exército etc. e admitido em entidades estaduais, nacionais e internacionais dedicadas ao estudo da

História. Foi uma luta intensa mais vencida! Luiz Alberto, agora historiador militar terrestre brasileiro, enriqueceu de maneira notável a biografia do Ten Cel Vilagran Cabrita, patrono de sua arma, com os seus profundos e persistentes estudos sobre o personagem, ao realizar a genealogia de Vilagran Cabrita, revelando seus ascendentes e descendentes e valiosa iconografia inédita militar e civil, ainda inexplorada. Acreditamos que nenhum dos patronos no Exército, incluindo o próprio Duque de Caxias e o General Osório, dos quais fui biógrafo em seus bicentenários, possuem genealogias tão detalhadas quando esta de Vilagran Cabrita. Resta-lhe realizar nova biografia de Vilagran Cabrita e integrar nela trabalhos de outros autores integrantes de nossa Academia de História Militar Terrestre do Brasil como a do seu Patrono de Cadeira, ainda em vida, Gen Ex Aurélio de Lyra Tavares, autor também da Canção da Arma de Engenharia. Na genealogia do Coronel Camisão, que pereceu na épica Retirada da Laguna, imortalizada na pena de Alfredo de Taunay, Luiz Alberto recorda a sua participação nesta Retirada, bem como recorda a participação do Tenente Camisão no combate de Santa Luzia, ao comando de Caxias, em 1842 e depois em Pernambuco, na Revolução Praieira, na qual tomou parte em vários combates. E, de igual modo que a Vilagran Cabrita, o autor reuniu valiosos subsídios iconográficos e históricos e a ascendência e descendência do herói Cel Camisão, enriquecendo assim a biografia do patrono do 9º BE de Combate. Cel Camisão que dorme seu sono eterno no Monumento aos Heróis de Laguna, em sua terra natal, entre a Escola de Comando e Estado-Maior e Instituto Militar de Engenharia, na Praça General Tibúrcio, no Rio de Janeiro. Este outro herói popular na Guerra do Paraguai, junto com o General Osório, com bicentenário neste ano é por nós evocado em nosso livro **General Osório o maior herói e líder popular brasileiro**. Heróico 9º BE de Combate que integrou a FEB no comando do Ten Cel Machado Lopes. Batalhão integrado por 57 bravos do 4º BE Combate de Itajubá que o citado chefe comandou, antes de partir para a FEB. Batalhão que tivemos a ventura de comandar de 1981-82, onde, na entrada do Pavilhão de Comando, inauguramos placa com os nomes destes bravos do Batalhão e à frente dela uma placa com os nomes dos integrantes dos três contingentes do Batalhão destacados no Arquipélago de Fernando de Noronha, para defendê-lo de ameaça nazista, realizando o serviço de carga e descarga de soldados e suprimentos em geral, e construção de um píer para o desembarque de canhões de Artilharia de Costa, que até hoje lá permanecem. Sobre o Marechal de Campo Jacinto Cony, Luiz Alberto descreve sua atuação como engenheiro cartógrafo no Brasil e integrante da Divisão de Voluntários Reais de Portugal, que atuou na conquista de Montevidéu e na integração do Brasil do atual Uruguai ao Brasil como Província Cisplatina 1821/28, tendo aderido ao Brasil quando de sua Independência. E aprofundou sua ascendência e descendência genealógica, a qual iniciara no seu livro **Apontamentos Genealógicos das famílias Costa Fernandes, Bacellar, Perry, Braga e aliadas**. Notável e original é a apresentação do Índice onomástico em tabela ao final de sua **Trilogia Genealógica**, onde relaciona, pelo primeiro nome e também pelo

último nome de cada um, em ordem alfabética, o Tomo onde é encontrado e o capítulo onde cada personagem é tratado. Sem dúvida sua **Trilogia Genealógica** é uma notável contribuição a História Militar Terrestre do Brasil que a Academia de História Militar do Brasil desenvolve há 12 anos e que muito espera do Ten R/2 de Engenharia Luiz Alberto da Costa Fernandes para o seu progresso e desenvolvimento. É um historiador militar brasileiro nato pronto. Parabéns!

O autor da Trilogia o acadêmico da FAHIMTB Eng e Tem Eng R2 Luiz\ Alberto Costa Fernandes , destacado genealogista que muito contribuiu para as biografias do Brigadeiro Antonio de Sampaio e Cel Camisão

25- MINHA ABA DO LIVRO MUSEU DO RIO GRANDE DO SUL PELO MUSEÓLOGO AROLDO MEDINA E GILNEI BUENO



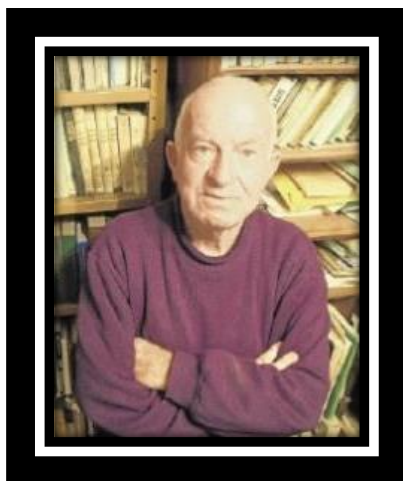
Aroldo Medina e capa do livro que contém o nome do co-autor Gilnei Bueno

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil, no transcurso do seu aniversário, sente-se honrada em participar deste trabalho editorial, para dizer algo a respeito do seu organizador: o nosso acadêmico Capitão Aroldo Medina, ocupante da cadeira que tem por patrono, em vida, o Coronel Hélio Moro Mariante. Traduzindo os sentimentos da AHIMTB, o acadêmico Osório Santana Figueiredo, escalado por esta Instituição para ser o seu porta voz, na recepção acadêmica deste jovem oficial, por ocasião de sua posse como membro de nossa Academia, na 2ª cadeira destinada à gloriosa Brigada Militar do RGS, assim se desempenhou em nome da AHIMTB: "Sigo a ascendência deste jovem escritor, desde sua adolescência. Seu pai, Ivo Medina, nosso contemporâneo, hoje de saudosa memória, residiu com sua família, no sub-distrito do Cerro do Batovi, cidade de São Gabriel (RS). Foi lá, concorda Aroldo Medina, que a partir dos cinco anos, sentiu o fluxo de inspiração criadora, pela contemplação diária do lendário Cerro do Batovi. Sua visão solitária e dominante na lonjura da coxilha em volta, tem o encanto nostálgico da evocação distante de outras eras. E fascinante. Naqueles lugares ermos encontram-se pedaços marcantes da história do Rio Grande do Sul, da história do Brasil e da América do Sul. Todo este cenário telúrico, palco histórico do passado, criou tradições, inspirou lendas,

gerou costumes locais, empolgando o menino Aroldo, que sentiu em si o despertar de um talento criador que inundou-lhe a alma e o cérebro imaginoso, com a curiosidade do saber, uma faculdade dos designados para serem artistas das palavras que laminam as páginas dos acontecimentos e, registram a saga dos povos para a posteridade. Temos que o historiador, como o escritor, são os tabeliães do tempo, sem os quais, os povos não teriam memória, nem fronteiras demarcadas, nem línguas definidas, nem definições simbólicas, nem a bandeira nacional, nem o cântico dos seus hinos, nem o sentimento pátrio, nem a consciência do passado, nem a noção do presente, nem o descortino do futuro. Uma turba desmemoriada, simplesmente. Mas o criador, na sua sabedoria infinita, não os quis assim. Deu ao homem a inteligência criativa, dotando-o de vocações predestinadas, aureoladas pelo saber, a fim de alargar os conhecimentos do ser humano.”

Aroldo Medina é filho do gabriellense Ivo Medina e de dona Nilva de Wallau Medina, prenda das missões. Nasceu em Santana do Livramento, à 31 de março de 1964. Possui uma filha, Natália Medina, porto-alegrense com três anos de idade. Ao revermos o currículo de Aroldo Medina, surpreende-nos sua ascensão literária, com uma produção fértil e permanente. Inovando, construindo, participando ou associando-se àqueles que estão divulgando e difundindo as letras e a história rio-grandense, com pertinácia e determinação obstinadas. É um idealista que faz do seu trabalho, uma obra de aspiração nobre, eficiente e operoso. Na Brigada Militar vem procurando enaltecer sua Corporação com seu brilhantismo profissional, exercendo funções inerentes a carreira de um oficial. Sem dúvida é um escritor por excelência, o escultor das palavras, capaz de perenizar atos e fatos na textura da linguagem escrita. Já dizia José de Alencar: ***"A palavra, esse dom celeste que Deus deu ao homem e recusou ao animal, é a mais sublime expressão da natureza."*** - E, interpretamos nós que, se dado por Deus, esse dom literário, ninguém poderá tirá-lo. A Academia de História Militar Terrestre do Brasil foi feliz e justa, ao incorporar entre seus membros o novo acadêmico, capitão. Aroldo Medina, jovem escritor e historiógrafo que vem se impondo no campo literário por seus próprios méritos, uma esperança que se acentua cada vez mais, prometendo e será por certo, uma fulguração na literatura rio-grandense e brasileira. A Academia foi igualmente justa, ao empossá-lo na cadeira que tem por patrono, Hélio Moro Mariante, historiador de elevada grandeza, justamente porque o jovem acadêmico sempre foi o seu mais fervoroso discípulo, desde sua época de cadete. Almejamos que seja sempre assim: singelo na sua expressão, fidalgo na sua simplicidade, dinâmico na sua disposição, coerente com seu idealismo, predicados indispensáveis que ornaram o caráter do homem devotado ao engrandecimento cultural de seu povo. Que Deus o inspire sempre às boas causas". Pelo Major Claudio Moreira Bento da Comissão de História do Exército do EME

26- MEU PREFÁCIO DO LIVRO TERRAS E MARES DO CHUÍ DO ESCRITOR PÉRICLES AZAMBUJA



Péricles Azambuja

História das terras e mares do Chuí de Péricles Azambuja, historiador e jornalista, já conhecido dos rio-grandenses por sua obra específica nos jornais **Platéia** de Livramento, **Rio Grande** da Noiva do Mar, **Liberal** de sua terra natal e no **Correio do Povo** de Porto Alegre. Trata-se de importante contribuição que nos agrada e honra sobremodo prefaciá-lo, pelo valor, como repositório de informações aos estudiosos em geral, muitas das quais, verdadeiras pedras preciosas que se vão colhendo, deliciado, durante a leitura.

Esta obra ensaia aspectos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais e militares das terras e mares uruguaios e brasileiros, entre os arroios Las Balizas no Uruguai e Taim no Brasil. O primeiro, nosso extremo sul pelo Tratado de Madrid de 1750. O segundo, para onde recuou aquele ponto extremo pelo Tratado de Santo Ildefonso de 1777. Tratado este que transformou o atual Município de Santa Vitória, a estremadura Brasília, até 1814, em Campos Neutros ou Terra de Ninguém, para amortecer choques e disputas armadas entre portugueses e espanhóis naquela faixa litorânea, tendo, como causa remota, a fundação, por Portugal, em 1680, defronte a Buenos Aires, da Colônia do Sacramento, cujo destino uruguaio foi definido em 1777.

A área estudada se tornou ao longo do processo histórico de definição de seu destino, hoje uruguaio-brasileiro, autêntica fronteira flutuante ou do vai-e-vem, pelos fluxos e refluxos dos limites que nela tiveram lugar, em consequência de choques armados e disputas diplomáticas entre Portugal e Espanha no Prata. Quis o destino caprichoso que os limites entre o Uruguai e o Brasil dividissem a região, irmãmente, entre as duas nações, pelo arroio Chuí. Local onde o Brigadeiro José da Silva Pais colocou em 1737, balizado por uma guarda de 15 dragões de Minas Gerais, após fundar, 7 meses após, oficialmente, a base militar e naval constituída pelo Forte Jesus- Maria- José, origem da cidade de Rio Grande e célula-mater do Rio Grande do Sul.

A História dos mares e terras do Chuí, do ponto de vista histórico, transcende do interesse comunitário das localidades brasileiras e uruguaias

que estuda, para o das histórias regionais dos Departamento de Rocha e Estado do Rio Grande do Sul e, por extensão, para o das histórias do Uruguai e do Brasil.

Para a História do Brasil revela aspectos poucos pesquisados e divulgados, muitos inéditos, da região onde está localizado seu ponto extremo Sul - o arroio Chuí, rio das tartarugas ou rio manso. Região até a inauguração da Br 471 — Rodovia Brigadeiro Silva Pais — remota e insulada que, contra tudo e todos, manteve-se, pelo forte fio do patriotismo e brasilidade de seus filhos, integrada espiritualmente à Nacionalidade Brasileira, já que material e culturalmente foi-lhe sobremodo adverso manter a ligação. É obra internacional, por interessar à história de dois países irmãos. Terá o mérito de estreitar e solidificar, ainda mais, os fortes laços de amizade, admiração, respeito e sangue que tradicionalmente unem as populações brasileiras e uruguaias contíguas ao arroio Chuí, como o demonstra e prova o autor.

Passemos à análise sintética, por capítulos, do conteúdo da obra de Péricles Azambuja, cunhador da expressão extremadura brasílica, para designar Santa Vitória — sua terra natal.

Preâmbulo histórico e **A questão de limites** longos, eruditos e bem apoiados, rememoram aspectos das lutas diplomáticas e militares pela posse da região, finalizando o primeiro com a incorporação do Uruguai, como Província Cisplatina, em 1821, ao Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves.

As guarnições militares do Chuí reconstitui importantes partes da História das Forças Terrestres Brasileiras do Chuí, desde quando lá expedicionou o Brigadeiro Silva Pais, em 1737, para fundar o forte São Miguel e estabelecer uma guarda de 15 dragões de Minas no Chuí, até o estabelecimento, em 1964, no mesmo local, do Destacamento de Fronteira do Chuí, do Exército. O relato cresce em emoção ao descrever a partida, em 1906, do 10º Regimento de Cavalaria, proveniente de Magé- RJ, em 1893. Durante 13 anos a unidade fundira-se com a comunidade santa-vitoriense, por laços de amizade e casamento. Ao partir levava como integrantes muitos filhos da terra, mais tarde, alguns, destacados oficiais de nossas Forças Armadas. E lembrado o capitão Nestor de Andrade, herói da FEB, nome envolto numa aura de bravura e valor militar quando servi em 1950, em Pelotas, como soldado e cabo, junto com alguns santa-vitorenses, na 3ª Companhia de Comunicações do Exército.

De município evoca a fundação de Santa Vitória. Aborda as origens romanas e evolução das instituições municipais. Destaca alguns aspectos administrativos e a vida e obra do médico e prefeito Osmarino Terra que ao desaparecer com ele foi sepultado o último caudilho santa-vitorense, segundo o autor, carinhosamente e com admiração.

Pioneiros registra o pioneirismo nos transportes e nas comunicações que terminavam, em 1969, com a rodovia Silva Pais, por romper o insulamento daquela região brasileira. Primitivos caminhos. Tempo das diligências e dos perigos de assaltos. Primeira linha fluvial. O primeiro

automóvel e o primeiro transportador rodoviário. A passagem de um dirigível sobre Santa Vitória para que seu construtor, Graff Zeppelin, cumprimentasse seu conterrâneo lá residente. Inauguração da linha aérea para Santa Vitória no dia em que o avião Jahú alçava vôo de Porto Praia para sua épica travessia do Atlântico rumo ao Brasil. O CAN e os santa-vitorienses, hoje brigadeiros Polycarpo Azambuja e Flávio Castro. A luta do autor para que se fizesse justiça ao brigadeiro José da Silva Pais, batizando com o seu nome a BR—471. Pioneirismo na região que posteriormente detalhei em artigo na **Revista Militar Brasileira** jul./dez. 76, sob o título **Santa Vitória na história militar**, alusivo ao seu centenário como município. A construção da primeira linha telegráfica Rio Grande- Santa Vitória, em 1890, pelo engenheiro militar Bento Ribeiro Carneiro Monteiro, mais tarde Chefe do Estado-Maior do Exército e Prefeito do Rio de Janeiro, neto dos generais Bento Manoel Ribeiro e Victorino Carneiro Monteiro, heróis militares do passado. E mais, o tenente do Exército que foi o primeiro telegrafista em Santa Vitória. A instalação dos correios e do telefone e seus pioneiros. Belo e emocionante capítulo, em que se inclui, também, uma síntese da história cultural.

O caudilho de Curral de Arroios aborda Gumersindo Saraiva, que considero o maior líder de combate federalista da Revolução de 93, no sentido técnico-militar. Líder militar nato, sincero de propósitos, corajoso, justo, rústico, afetivo aos seus liderados. Gumersindo, o Napoleão dos Pampas, foi estancieiro em Santa Vitória, onde repousam, no cemitério local, seus restos mortais. Nascido no Brasil, passou sua infância e mocidade no Uruguai.

Santa Vitória colônia calabresa estuda uma imigração de calabreses de Montevideú, ao final da Guerra do Paraguai, para Santa Vitória, como comerciantes e artífices, cujos descendentes, hoje, representam 25% da população local. Sobre a causa da migração para aquele local, então remoto, existe teoria, não comprovada, de tratar-se de alguns fugitivos da justiça da Máfia. É uma boa e inédita contribuição.

Frustrada invasão da fronteira extrema estuda tentativa, em 1925, de Adalberto Corrêa, irmão de Octávio, dos 18 do Forte, de conquistar Santa Vitória, com o concurso de 35 homens do couraçado São Paulo que se sublevaram em Montevideú, e mais 55 remanescentes de unidade do general Zeca Neto, naturais de Herval do Sul, Canguçu, Camaquã etc, para transformarem-se em base de partida para a derrubada do Presidente do Estado.

São Vicente de Castilhos estuda a cidade gêmea de Santa Vitória, à qual se liga, tradicionalmente, por fortes laços de sangue, sociais e esportivos. Cidade fundada pelo luso-uruguaio Formoso Lopes que alcançou grande projeção política e social na república irmã. Péricles Azambuja estuda aspectos desta cidade povoada por 10 000 habitantes, predominantemente luso-uruguaio. Próximo ergue-se o Forte de Santa Tereza, fundado em 1762 pelo tenente-coronel Thomaz Luiz Osório, quando

a região pertenceu a Portugal pelo Tratado de Madrid. O Forte é atração turística de rara beleza; sua reconstituição se deve a Horacio Arredondo, grande e modelar preservador da memória uruguaia, ao qual, aqui, lhe foi prestada sincera homenagem, pelo relevante trabalho que realizou, bem como no Forte São Miguel. Las Balizas, o rio gêmeo do Chuí estuda as características comuns aos dois de instabilidade de foz. Localiza, no leito do Las Balizas, o marco divisório entre Espanha e Portugal, pelo Tratado de Madrid, lá colocado, há 225 anos passados, pelos exércitos demarcadores. Péricles Azambuja evoca a memória do grande e culto museólogo castilhense Dr. Horácio Ferrer que dentre outras peças de real valor possuía o sino do navio Beagle, a bordo do qual Darwin percorreu, em 1831, o litoral da região.

Chuí internacional estuda aspectos das vilas Chuí brasileira e uruguaia, separadas por um canteiro de avenida, e do balneário Chuí, cujas praias, dependendo dos caprichos do rio Chuí, ora pertencem ao Uruguai ora ao Brasil. Estuda, além, aspectos das localidades uruguaias de Lascano, Forte São Miguel e 18 de Julho. Registra os trabalhos dos membros da Comissão de Limites. Dentre eles o Major Alfredo Malan d'Angrone, mais tarde Chefe do Estado-Maior do Exército, como viria ser seu filho o General Ex. Alfredo Souto Malan, em cuja gestão e por seu estímulo foi editada a **História do Exército Brasileiro**, projeto que tivemos a honra de participar como historiador e membro da Comissão de História do Exército do Estado-Maior. Péricles Azambuja registra, ao final, a inauguração, na vila Chuí, do único monumento erigido no Brasil aos heróis brasileiros da Reconquista do Rio Grande do Sul, em 1776, definidora de seu destino brasileiro. Homenagem justa, fruto de seu patriotismo e amor ao culto de nossa História e Tradição e empenhos junto à comunidade e ao Prefeito Dr. Aury de Oliveira. Na ocasião tivemos a honra e o prazer cívico de nos deslocar representando e apoiado pelo comandante do 2º Exército, Gen. Ex. Dilermando Gomes Monteiro, em São Paulo, para, a convite da comunidade, proferirmos conferência no Clube Comercial sobre a Guerra de Reconquista do Rio Grande do Sul, na qual militares paulistas emprestaram valioso e decisivo concurso.

O porto de Santa Vitória estuda a luta vencida para dotar-se Santa Vitória de um porto, hoje semi-abandonado, não muito distante do ancoradouro dos Afogados, local onde, em 1737 aportou Silva Pais, o descobridor da Lagoa Mirim — para fundar o Forte de São Miguel e estabelecer uma guarda no Chuí.

Irados mares do Chuí, capítulo de interesse histórico internacional, registra os inúmeros naufrágios naquele perigoso litoral. Inicia com o controvertido naufrágio, em 1531, de Martim Afonso junto à foz do Chuí. O naufrágio do Príncipe de Galles, seguido da pilhagem de seus salvados, causa da rumorosa Questão Christie entre o Brasil e a Inglaterra. Questão que teve fim pouco antes do Imperador D. Pedro II, em companhia do Duque

de Caxias, visitar Santa Vitória, em 20 e 21 de outubro de 1865, proveniente de Uruguiana, onde assistira à rendição paraguaia.

Registra Péricles, Azambuja que em 1932, com as vergas e mastreação intactas do Príncipe de Galles, colidiu um hidroavião da Air France, tragado, mais adiante, pelos pântanos da Lagoa Mangueira, sepulcro do mbaixador -francês em Buenos Aires que nele viajava. Registra outros barcos sinistrados nos irados mares do Chuí: **Galera, Júlia, Horácio, Tapuia, Hans, Dannemborg, Joe, São Salvador, Moço Rosa, Equador, Leopoldina Rosa, Bessie Staton, Luciano Castro, Visconde de Lapèrouse e Taquary**. Evoca os naufragos que se incorporaram às comunidades da região e que estuda, com o tenente da Marinha de Guerra da França, Jules Capdevile, naufrago da Visconde de Lapèrouse. Tornou-se professor em Santa Vitória, e seus alunos agradecidos erigiram jazigo no cemitério local onde foi sepultado.

Estuda, além, a grande riqueza ictiológica dos mares do Chuí e as colônias de lobos-do-mar dessas ilhas junto ao cabo Polônio. Registra a presença em Santa Vitória, por seus empenhos e para conferência, do grande cientista brasileiro do mar Almirante Moreira da Silva, e a inauguração, na ocasião, como homenagem à Marinha do Brasil, de monumento ao Almirante José de Saldanha da Gama, criador da Fundação dos Estudos do Mar (FEMAR), sobrinho-neto do herói de 93, aquele outro Saldanha da Gama, figura excepcional de nossa Marinha de Guerra como acaba de demonstrar em artigo na **Fragata** — do Colégio Naval, em 1976 — seu parente, o historiador naval e professor (de dois de meus filhos naquele estabelecimento) Guilherme Andréa Frota, parente do fundador de Santa Vitória. Péricles Azambuja estuda os faróis Albardão, Verga, Sarita e Chuí e o levantamento do litoral Cassino- Chuí pelo **Tiradentes**, ao comando do CF Americano Freire. Trabalhos de nossa Marinha de Guerra de proteção aos navegantes naqueles irados mares do Chuí.

Aspectos naturais e pré-história estuda a região quanto à posição geográfica, população, solo, geologia, clima fósseis e pré-história. Registra o encontro no leito do Chuí da cabeça fossilizada de uma preguiça gigante. Revela a existência em Santa Vitória de coleção sobre paleontologia e indologia de Emíldio Pinto Martino. Coleção que junto à existente no Forte Santa Tereza e mais o material existente nos sambaquis de Provedores, Arroio do Eixo, Geribatu e outros existentes nas lagoas do município, farão a alegria dos estudiosos do assunto. Comovente é a notícia que Péricles Azambuja transmite sobre os últimos e outrora audazes guerreiros cavaleiros charruas, imortalizados por Debret em gravuras: Por volta de 1900 andavam num grupo, vestidos à gaúcha, pobres, vivendo de changas nas estâncias. Tinham pele escura e nariz de "carancho", cabelos largos e negros, marginalizados de tudo e ariscos. E assim se apagou a nação charrua, tragada pela voragem do infortúnio e envolta no pó da conquista de suas terras. Em tudo parece ter havido um grande equívoco, um paradoxo, uma inversão dos propósitos da História. A anunciação do Senhor, nas

terras de além-mar, se fez sob o fio da espada e estrondo dos canhões, registrou o autor.

A riqueza econômica da extremadura brasílica recorda a introdução do gado vacum, cavalar e o pioneirismo de Plácido Terra, ao introduzir a ovelha merina em Santa Vitória. Explica a razão da região produzir um dos melhores couros do mundo, por infensa a carrapatos. Registra a ação da Associação Rural local, a potencialidade da pecuária vitoriense — com 3 000 propriedades, 157 804 bovinos e 667 206 ovinos — e sua tradição, como fornecedor de cavalos para o Exército, nas lutas internas e externas no Sul.

E mais, o costume, em certa época, de matar-se cavalhadas selvagens chimarrões para venda do couro. Na agricultura registra o pioneirismo, e de Gustavo Schelle, na ora pujante cultura santa-vitoriense de arroz, com os fatores responsáveis pela progressiva melhoria do desempenho da economia municipal: a instalação da agência do Banco do Brasil, 1947; da Cooperativa Agrícola Vitoriense, em 1961; e, principal e fundamentalmente, a inauguração da rodovia Silva Pais que tirou a região do insulamento em que vivia do Brasil há 232 anos, ocasião em que o Brigadeiro José da Silva Pais conquistou a região em nome de Portugal, ao fundar o Forte São Miguel e estabelecer nele um guarda no arroio Chuí.

Baixada sul-rio-grandense estuda aspectos do projeto de melhor aproveitamento das terras da Bacia (Cuenca) da Lagoa Mirim, para evitar que sejam atingidas pela salinidade das águas oceânicas. Registra que concretizou sonho alimentado há quase dois séculos, a inauguração, em março de 1977, pelo Presidente Geisel, da Barragem Eclusa. Registra a decisão de fixar em definitivo nossos limites no Chuí, pela construção de molhes que dominem seus caprichos e surpresas. Finaliza estudando a da Estação Ecológica do Taim, pelo Governo Federal, destinada à preservação da imensa e variada riqueza natural que encerra sua fauna e flora, com paradisíaco e deslumbrante panorama, escreve o autor, aves migrantes da Patagônia encontram excelentes condições de sobrevivência. É espetáculo de rara beleza que o turista passa a contemplar a partir do Taim (e importante ponto de referência de nossa História ao demandar o Uruguai pela rodovia Silva Pais., o autor analisa os fatos e acontecimentos do fenômeno o ambiente natural da orla marítima do Chuí, descrevendo o navio Taquary, afundado em 1971, julgado por muitos como poluição desses mares.

Do ensolarado ao enregelado pólo itinerário ao sul. Aqui Péricles, como intelectual e sentinela cívica mais meridional da Pátria, termina seu belo ensaio com considerações muito abalizadas. Sonhando, muito patrioticamente, com olhos voltados para aquela que o Brasil venha um dia partilhar, em condomínio com outras nações riquezas e benefícios.

Esta é a síntese do conteúdo do ensaio que Pericles Azambuja, da Academia Brasileira de História, colocada á disposição de setores das autoridades brasileiras e uruguaias. Trabalho realizado como hobby, por dedicado pesquisador e defensor de nossa História e Tradição, com

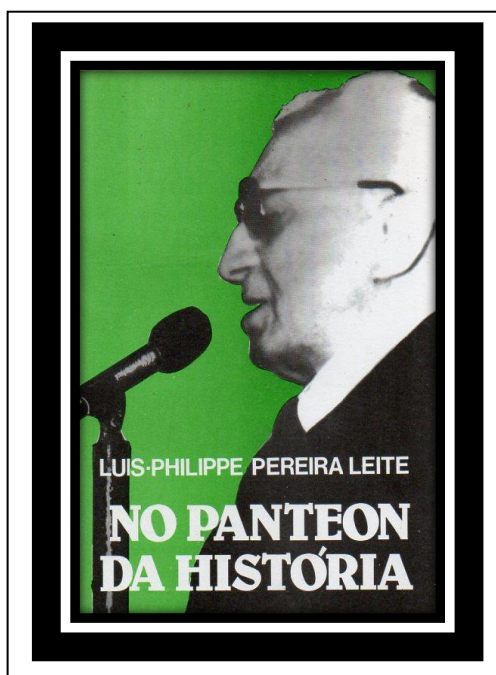
competência intelectual e cívica e grande vibração gaucha santa vitoriense .
Tudo a serviço da Unidade Nacional e da maior fraternidade e Amizade
entre duas nações irmãs- as repúblicas do Brasil e a Oriental do Uruguai.

Major Eng QEMA Claudio Moreira Bento Historiador da Comissão de
História do Exército Brasileiro do Estado-Maior do Exército

Nota: Prefácio digitalizado que contém falhas que em princípio não
comprometem a idéia geral.

**Cel Cláudio Moreira Bento - Turma Aspirante Mega da AMAN 15
fevereiro 1955 Presidente da Academia de História Militar Terrestre do
Brasil Resende, a cidade dos Cadetes 20 de agosto de 2008**

**27- MINHA RECEPÇÃO A LUIS-PHILIPPE PEREIRA LEITE
COMO SÓCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO BRASILEIRO EM 23/04/1986
Cel Cláudio Moreira Bento**



E com grande prazer cívico, e para que não dizer com muita emoção,
que passo a desempenhar a honrosa delegação de saudar a posse, nesta
Casa de Memória Nacional, como sócio correspondente em Mato Grosso, do
ilustre historiador Dr. Luis-Philippe Pereira Leite. Intelectual que encarna de
modo expressivo, o espírito heróico do passado da terra e da gente mato-
grossense e que, segundo o mestre Pedro Calmon, "se constitui num dos
mais claros e mais altos espíritos de Mato Grosso, que deu-nos páginas
magistrais da tradição Regional".

Ele teve o seu nome sufragado, em primeiro lugar, em disputada

eleição para duas vagas de sócio correspondente, para as quais existiam 5 fortes candidatos, e a primeira no gênero que tive notícias. Assim, Luis-Philippe vem, muito merecidamente, dar continuidade a trabalhos nesta Casa de antigos confrades representantes do Estado de Mato Grosso.

Antigos confrades do porte do D. José Antônio dos Reis, primeiro bispo de Cuiabá, então a maior Diocese do Brasil; de D. Carlos Luis D' Amour, maranhense, bispo de Cuiabá por 43 anos; de D. Francisco de Aquino Correia, que ao ser sagrado era o bispo mais jovem do mundo, que foi grande orador sacro e proferiu memoráveis discursos em ocasiões de grande significado cívico e histórico nacional, além de autor do hino do Duque de Caxias.

E, finalmente, do ilustre confrade Virgílio Alves Correia Filho, sucessor de Max Fleiuss, em 1936, na Secretaria do Instituto, ao qual dedicou cerca de 37 anos. Sem dúvida, é um pesado, mas honroso legado, que temos certeza, Luis-Philippe Pereira Leite estará à altura.

Quem é Luis-Philippe Pereira Leite?

Para melhor defini-lo é preciso que se esclareça a singular circunstância que o envolve e que não o impede de trabalhar. É um homem privado da visão desde 1953. Refiro-me à visão corpórea e não à visão anímica, que é aguda e superalimentada por uma fé cristã robusta.

Em 1972, o Dr. João Antônio Neto, ex- Presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso e desembargador aposentado, assim se referiu a sua privação de visão corpórea:

"Luis-Philippe Pereira Leite, da penumbra em que se agasalha, não possui a expressão vencida e abandonada dos pássaros feridos - porque de sua pessoa irradia uma aura de calor vivificante e de silenciosa bravura - nesse heroísmo consciente e vertical da compostura desafiadora, integrada em todas as dimensões do acabamento e da realização."

Segundo ainda o citado desembargador, há 14 anos passados, "Luis-Philippe, já havia quase que se transformado num desses seres quase topográficos da comunidade mato-grossense, pelo que muito dela e nela se embebeu, vinculando-se a seu espaço e a seu tempo, como o fruto a sua flor e a sua árvore", e além disso - completou a certa altura - "patrimônio indisponível da cultura e da inteligência mato-grossense".

Faz um decênio fui colocado em contato com Luis-Philippe, através de outro ilustre mato-grossense, então meu comandante no II Exército em São Paulo - O general Dilermando Gomes Monteiro, que me delegou a honra naquela época de representar o Exército Brasileiro na cerimônia de deposição definitiva dos restos mortais de D. Pedro I no Monumento do Ipiranga, como estímulo a nossa atividade, em prol da Memória Nacional. Revelou-me, então, o General Dilermando, possuir um grande apreço por Luis-Philippe, seu amigo desde a infância. Aconselhou-me a estreitar contato com o mesmo, o que culturalmente seria benéfico e gratificante para ambos

e uma alegria para ele. E desde então tem sido assim, como previra aquele ilustre chefe.

Olhando o mapa do Brasil, em cada Estado eu vejo nomes que por seus escritos, atuação, doação cívica e projeção cultural expressivas, em prol da Memória Nacional, os defino como acidentes culturais culminantes, num paralelo figurado com a topografia.

Assim, defino Luis-Philippe como acidente cultural culminante em Mato Grosso, de igual forma e de modo relativo como denomino Arthur Cezar Ferreira Reis em relação à Amazônia, José Honório Rodrigues em relação ao Ceará; Câmara Cascudo em relação ao Rio Grande do Norte, General Lyra Tavares em relação à Paraíba; Gilberto Freyre e Barbosa Lima Sobrinho em relação a Pernambuco; Pedro Calmon, até falecer, em relação à Bahia e Viana Moog, Arthur Ferreira Filho e Dante de Laytano em relação ao meu Rio Grande; Luis Carlos Pereira Tourinho em relação ao Paraná e Walter Piazza em relação a Santa Catarina ...No tocante aos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, estas culminâncias culturais se adensam. Assim, dentre muitas, no Rio de Janeiro citaria Américo Jacobina Lacombe, e o acidente cultural geminado Marcello e Cybele de Ipanema. Em São Paulo, Nelson Omegna, o paulista filho de Niterói, e Venício Steim Campos, o semeador de museus municipais. Em Minas Gerais, Afonso Arinos de Melo Franco e Marcos Carneiro de Mendonça e assim por diante...

De igual modo poderia comparar Luis-Philippe às culminâncias culturais representadas no Exército pelos generais Aurélio de Lyra Tavares, Jonas Correia, Francisco de Paula de Azevedo Pondé, Umberto Peregrino e, na nossa Marinha, pelo almirante Paulo Prado Maia. Aliás duas de nossas Forças Armadas, onde Luis-Philippe desfrutava de um largo círculo de amigos e admiradores de sua obra, também reconhecida pelas Medalhas do Pacificador e de Tamandaré e títulos de Colaborador Emérito do Exército e de Amigo da Marinha com que foi distinguido.

Luis-Philippe nasceu em Cuiabá (12/12/1916) de onde somente se afastou para cursar a Faculdade de Direito de Niterói.

Retornando em 1941. Segundo D. Aquino Correia, ao recebê-lo na Academia Mato-grossense de Letras, há 40 anos atrás, Luis-Philippe, por ocasião da Páscoa dos Militares e dos estudantes de Cuiabá, lançou em alto e bom som sua profissão de fé: "Aqui reunidos, estudantes e militares, o que há de mais puro em nossa juventude, celebramos a Páscoa anual e damos uma demonstração de patriotismo".

Em 1944, aspirante a oficial da Reserva do CPOR de Cuiabá, segundo ainda D. Aquino, assim o militar da Reserva Luis-Philippe demonstrava o seu amor à Pátria, às vésperas do envio, pelo Brasil, da Força Expedicionária Brasileira:

"Só sabe morrer pela Pátria quem sabe viver por ela. Se amanhã merecermos a honra de figurar entre os soldados que o Brasil enviar aos campos de luta, se tivermos a felicidade de estar nas frentes para onde vão

nossos expedicionários, em prol da causa aliada que o Brasil fez sua; se for dada a glória de derramar o nosso sangue em defesa dos princípios pelas quais nos batemos, estejamos todos prontos para a luta, para a vida e para a morte, ao livre aceno daquela divisa, que é toda a nossa história. O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever.”

O seu amor a Mato Grosso, a sua província, ele o definiu em discurso na Liga dos Estados em 1937, aos 21 anos:

“Mato Grosso tem produzido filhos notáveis, capazes de engrandecer e honrar qualquer país do mundo.

Mato Grosso não é terra somente de feras e selvagens. É berço de brasileiros, bem brasileiros, que anseiam tanto como vós outros pela felicidade do Brasil, pela grandeza de nossa terra comum, pela unidade desse colosso gigante que se estende do Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Pará.”

Luis-Philippe integra a Academia Mato-Grossense de Letras da qual é tesoureiro há mais de 36 anos. Ali ocupa a cadeira que tem como patrono o cuiabano, herói do Exército na Guerra do Paraguai, além de engenheiro e professor. Cel. Corsino do Amarante. Preside faz quase 10 anos o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, cuja sede junto com a da Academia de Letras, situa-se na casa que pertenceu ao heróico Almirante Leverger e Barão do Melgaço. É sócio correspondente dos institutos históricos do Amazonas, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Alagoas, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Guarujá-Bertioga.

Sua obra literária publicada, gira em torno das histórias de Mato Grosso em geral, cidades de Cuiabá (seu berço natal) e de Cáceres, onde estão as raízes de sua família, e de cuja fundação participou seu tetravô Leonardo Soares de Sousa, e mais a dos grandes filhos de Mato Grosso que se projetaram nacionalmente - o bispo D. Aquino, os marechais Cândido Mariano Rondon e Eurico Gaspar Dutra, o almirante Batista das Neves e ten. Antônio João etc. Assim, em torno de Cáceres, produziu a trilogia: **O Engenho da Estrada Real** (vetusto solar de seus ancestrais); **Vila Maria dos Meus Maiores** e **O Médico de Jacobina**. Sobre a história do Mato Grosso escreveu: **Forquilha - o Fundador e a Padroeira** (sobre Cuiabá). **A Capitania de Mato Grosso e A Independência**; **Capitães Gerais de Mato Grosso**; **Vilas e Fronteiras Coloniais**; **Três Sorocabanos no Arraial**.

Como obras biográficas escreveu: **Elogio de Corsino Amarante**; **Marinheiro da Selva**; **Bispo do Império** (prefácio de Pedro Calmon); **Vida e Glória de um Cientista Cuiabano** (biografia de seu irmão cientista) e **Coração Peregrino** (biografia do padre Vamir Delfino César)

Escreveu ainda Palestras Acadêmicas; Instantes Vivos; Exaltação da Humildade: Louvor à Bondade e a obra Dombosquina e o Oeste Brasileiro, além de inúmeros artigos na imprensa mato-grossense.

Segundo Gervásio Leite - Presidente da Academia Mato-Grossense de

Letras:

“Luis-Philippe é escritor de vivo e interessante estilo, pesquisador sagaz e historiador que compreende a pesquisa séria e bem conduzida, como a maneira única de levantar do fundo do tempo a verdade do passado, bem como os seus erros e desacertos, para que a história se transforme, verdadeiramente, na Mestra da Vida da concepção ciceroniana.”

Como Cidadão mato-grossense emprestou o concurso de sua inteligência no desempenho de várias funções nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário do Estado de Mato Grosso. Possui inúmeras condecorações e distinções, que seria fastidioso enumerar. Mas cito dentre muitas: Pela Santa Fé - A Ordem de São Gregório Magno e a Medalha Pró Eclésia et Pontífice de que é o único mato-grossense vivo a possuí-la. Por Cuiabá: Medalha Paschoal Moreira Cabral, Personalidade da Cidade e Ordem do Mérito Legislativo. Pela Assembléia Legislativa - Medalha do Mérito Filinto Müller. Possui o Botão de Ouro por serviços à Legião Brasileira de Assistência. Como jornalista pertence à Associação Mato-Grossense de Imprensa, e, como jurista, foi um dos autores da Constituição de Mato Grosso de 1947. Teve o concurso de sua bolsa generosa a construção de monumental cripta da Catedral do Bom Jesus de Cuiabá. É Notário em Cuiabá.

E foi no seu escritório de notário que o confrade Antônio Carlos Vilaça esteve com Luis-Philippe, em agosto de 1985, e assim o retratou:

“Cel Bento, vi Luis-Philippe na sua cidade e no seu cartório, sentado tranquilamente numa cadeira de balanço e cercado pelo carinho de seus auxiliares. Conversamos durante uma hora. E pude sentir vivamente que Luis-Philippe é sobretudo um historiador. Ele me falou de sua terra e de sua gente. O livro dele sobre o seu irmão cientista é obra definitiva. Pereira Leite é um sábio.”

Eis aí, senhor Presidente, do IHGB confrades, meus senhores e minhas senhoras, traços do perfil cultural do Dr. Luis-Philippe, que hoje completa meio século de serviço público. Perfil cultural que assim sintetizo:

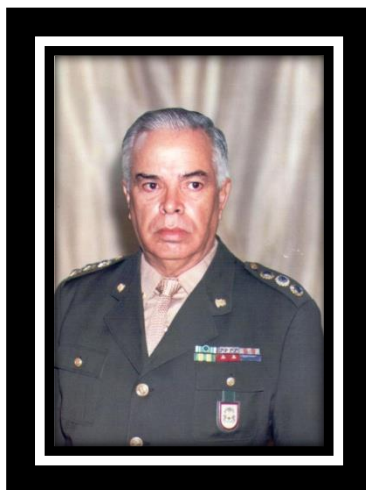
“Alicerce, cabeça e motor, de longa data, em Mato Grosso, de atividades culturais literárias em geral, e históricas, em particular. Defensor da História e Tradição de Mato Grosso que mantém acesas e vivas na memória local. Por tudo pode ser considerado um fronteiro moderno do Oeste do Brasil, por onde, segundo o mestre Pedro Calmon, “corre a verde fronteira da Pátria, mais rica, autêntica e heróica”. Fronteira cuja história foi muito pesquisada e divulgada por um ilustre co-estaduano nosso e irmão na Arma de Engenharia no Exército - o General Raul Silveira de Mello que, se vivo fosse, estaria aqui exultando e partilhando de sua glória, Dr. Luis-Philippe.

Seja bem-vindo representante do heróico estado de Mato Grosso, nesta quase sesquicentenária Casa da Memória Nacional, Tomai assento,

ficai a vontade . Esta casa é vossa.

Cel Claudio Moreira Bento Sócio do IHGB

28- MINHA OPINIÃO COMO MEMBRO DA COMISSÃO DE HISTÓRIA DO EXÉRCITO SOBRE O LOCAL DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL EM BAIÁ DE CABRÁLIA.



Cel Historiador Cláudio Moreira Bento

O Ministério dos Transportes encaminhou ao Estado – Maior do Exército, a seguinte pergunta sobre qual era a sua opinião sobre local que foi descoberto o Brasil. Se em Porto Seguro, não seria construída a rodovia Porto Seguro - Baía de Cabralia. Caso confirmada como sendo em Baía de Cabralia, a rodovia seria construída. E segundo o Coronel Rocha Maia em seu livro **Do Monte Pascal a Cabralia** eles assim escreveu as p.25-26 do citado livro, citando subsídio histórico que pesquisei no caso .

“Para responder às indagações levantadas, abandonemos um pouco a carta de Caminha e recorramos a algumas das organizações que especificamente cuidam da nossa História.

Ouvimos primeiro a Comissão de História do Exército, órgão do Estado- Maior do Exército, e dela, através de seu presidente, Coronel Francisco Ruas Santos, recebemos carta e os preciosos Subsídios Históricos n.ºs 1 e 2/73, assinados pelo Major Cláudio Moreira Bento, Adjunto da CHEB.que confirmou o Descobrimento do Brasil em Cabralia

Assim se exprime o Coronel Francisco Ruas Santos, em sua carta:

"Remeto-vos subsídios históricos, em anexo, elaborados pela Comissão de História do Exército Brasileiro. Eles versam sobre o local do descobrimento do Brasil. Todos os elementos disponíveis conduzem para a Baía de Cabralia."

Por sua vez, o Subsídio Histórico n.º 1/73, do Major Claudio Moreira Bento anexo à carta do Coronel Ruas informa, na parte que interessa, o seguinte:

"Com a publicação da carta de Pero Vaz de Caminha pelo Padre Aires da Cunha em **Coreografia Brasileira**, teve origem a controvérsia sobre os dois locais (Porto Seguro ou Cabrália).

"O Visconde de Porto Seguro endossou Casal em duas edições de sua **História Geral** para depois contestá-lo.

"Em 1889 o major do Exército Salvador Pires de Carvalho apresentou o trabalho Estudos Sobre a Baía Cabrália e Vera Cruz.

"Baseou seu estudo na carta de Caminha conjugado com a análise da topografia. Concluiu por Cabrália.

"Em 1943, Jaime Cortesão publicou A Carta de Pero Vaz de Caminha. Em 1944, **Cabral e as Origens do Brasil**. Em ambos, concluiu por Cabrália.

"Antes do trabalho de Jaime Cortesão o Presidente Getúlio Vargas nomeou uma Comissão para dirimir dúvidas.

Representou o Exército o Coronel Leopoldo Nery da Fonseca. A Comissão Oficial nomeada pela Presidência da República foi unânime em concordar com Cabrália."

No Subsídio Histórico n.º 2/73, o Major Cláudio Moreira Bento acrescenta: "O abalizado pesquisador Comandante Max Justo Guedes publicou, em 1966, trabalho intitulado **O Descobrimento do Brasil**. Em sua obra revê todos os estudos anteriores e endossa a tese — Baía de Cabrália local do Descobrimento do Brasil e início da Nacionalidade."

**29 - ORAÇÃO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO DE RECEPÇÃO
NO IGHMB, EM 9 JULHO 1985, AO SÓCIO CEL MÉDICO ALBERTO
MARTINS DA SILVA, NA CADEIRA 23 - MARECHAL GREGÓRIO
THAUMATURGO DE AZEVEDO.**



Gen Alberto Martins Silva

Palavras de Saudação

Ainda não ouvi de pessoa culta, sensata e consciente de nossas realidades militares, a negação da importância do estudo crítico de nossa História Militar, bem como, do valor do culto e divulgação de nossas tradições militares, como ferramentas básicas para a construção de nossas Forças Armadas, a altura do destino, viável, de grandeza, a ser construído para o Brasil, se assim o decidir a vontade nacional.

No entanto constato, com pesar a preocupação e, o pior, sem poder oferecer uma interpretação satisfatória, a pouca representação de minha geração do Exército, nesta Casa da Memória Militar. Geração aqui ausente no tocante a nossa Marinha de Guerra e Força Aérea e, no Exército, egressa da AMAN em maioria sob égide da Doutrina Militar Americana, que substituiu a Doutrina Militar Francesa. Doutrina esta, em cuja vigência (1920-1939) registrou-se o maior surto de historiadores e geógrafos militares, dos quais muitos altos chefes que elevaram bem alto o nome desta casa muitos altos chefes que elevaram bem alto o nome desta Casa. Historiadores e geógrafos militares responsáveis pela sustentação por quase meio século, de uma vigorosa e nacionalista corrente do pensamento militar brasileiro (de 1913- 1960).

Constatar isto é obra de simples verificação, na relação de sócios desta Casa desde sua fundação e nos índices de nossas revistas militares e obras editadas pela BIBLIEx.

Olhando em torno, deparo, na minha geração com o Cel Neomil Portella Ferreira Alves, cuja contribuição a História e Tradição Militar Brasileira se confunde com o seu benemérito **Letras em Marcha**, há mais de 10 anos sem interrupção e baluarte da divulgação do Ontem, do Hoje e do Amanhã de nossas Forças Armadas e, assim, poderoso agente de

integração da Família Militar Brasileira, no Brasil e Exterior.

Mais além o Coronel Fernando Maya Pedrosa, com destacados serviços à História Militar, como instrutor e escritor, mas há algum tempo em relativo recesso, por imposição de encargos profissionais. Vem logo a seguir o Cel Luiz Paulo Macedo de Carvalho, grande valor que acaba de ingressar nesta Casa com brilhante oração de posse, na qual focalizou com argúcia, muito conhecimento e, sobretudo, autenticidade e coragem, algumas das razões a explicar a pouca e talvez, até inexpressiva presença de nossa geração nesta Casa e, no qual esta mesma Casa deposita grandes esperanças.

Alargando os horizontes além desta Casa de paro com o Cel Pedro Shirmer, grande valor prestes a empossar-se, e mais o Cel José Celso Pires, com um imenso potencial para dar uma grande contribuição para os estudos deste Instituto e, finalmente, o Tenente Coronel Hiram Freitas Câmara, a mais recente e agradável revelação como biógrafo do Marechal José Pessoa - o idealizador de nossa AMAN.

Mas esta pouca presença de minha geração nesta Casa acaba de ser golpeada rudemente com o brusco e inesperado passamento do já saudoso e querido confrade Cel Aldílio Sarmento Xavier. Confrade que já prestara assinalados serviços a nossa História Militar como instrutor e que apesar de pouco escrever, por questões de ética projetava de forma marcante sua obra nesta Casa, como um providencial, competente e muito sério empresário da Cultura do Exército. Pois criou, viabilizou e consolidou, economicamente, condições para a pesquisa e divulgação, em alto nível, de nossa História Geográfica e Estratégica Militar, na Bibliex, revistas do Clube Militar, do Exército e na A Defesa Nacional. Nesta última teve a feliz iniciativa de criar e apoiar a Comissão de Pesquisa Histórica Básica de A Defesa Nacional, cuja a presidência nos confiou, faz quase 2 anos.

Aqui, pois, nossas saudades e sinceras homenagens ao Cel Aldílio Xavier, grande perda para esta Casa e para a cultura Militar Brasileira, quando ambas e seus amigos e admiradores, muito ainda esperavam de sua dedicação, abnegação, inteligência e espírito empresarial e que valia por uma equipe.

Meus Senhores e minhas Senhoras!!!

Todas estas considerações iniciais, em torno da pouca representatividade nesta Casa, particularmente de oficiais egressos da AMAN, no após guerra, sob a égide da Doutrina Militar Americana e mais as palavras de saudade e reconhecimento ao confrade Cel Aldílio Xavier, servem como moldura a recepção do Coronel Médico Alberto Martins da Silva, integrante da minha geração, que acaba de ser empossado na cadeira 23 que tem por patrono o Marechal Gregório Thaumaturgo de Azevedo.

O novo confrade é um grande nome como profissional de escol do

nosso serviço de Saúde e o maior nome, no Exército, como historiador consagrado deste mesmo e benemérito Serviço de Saúde. Enfim trata-se, de um profissional militar exponencial e homem de Cultura destacado, como foi o seu Patrono de Serviço - o General Severiano da Fonseca, que inclusive, secretariou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Instituição esta sem dúvida nenhuma agora - a Casa de Pedro Calmon. Este hoje, imensa lacuna nesta Casa, que com o seu passamento, perdeu maior interprete, cultor e divulgador privilegiado das glórias e tradições militares do Brasil.

Meus Senhores e minhas Senhoras!

É com grande prazer e satisfação que passo, de forma sintética, a traçar-lhes o perfil do confrade Cel Alberto, suas raízes, família e perfil como profissional de Saúde de nosso Exército e, sobretudo o de historiador militar.

O Cel Alberto nasceu em 8 março 1934, em João Pessoa, Paraíba. Integra uma família de 22 irmãos. Casado com sua conterrânea D. Maria Inez Martins. Possuem quatro filhos: Ileanne, Albeane, Cristiane e Alberto André.

O Médico Militar

Médico pela Faculdade de João Pessoa 1959. Kursou a Escola de Saúde do Exército em 1961, a qual hoje tem a honra de comandar. Teve oportunidade, nos últimos 24 anos, no Exército, de exercer importantes funções como médico militar, com acentuada inclinação para a Tisiologia. Iniciou o exercício da Medicina Militar no seio da Arma de Engenharia em Caicó - Rio Grande do Norte e logo a seguir na Arma de Comunicações, no Recife .

Após cursar a EsAO de Saúde, em 1971, consagrou-se como instrutor e assessor de alto nível de Saúde Militar, Instrutor da EsAO (1971-75); Chefe de Assistência Médico Hospitalar e Sanitária da Diretoria de Saúde(19781); Chefe de Gabinete Interino da Diretoria de Saúde e Assistente do Diretor de Saúde (1978-79); Adjunto da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai (1980-1982); Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (1982-85) e agora, como coroamento, a Direção da Formação dos Oficiais de Saúde do Exército, como Comandante da Escola de Saúde do Exército.

No Paraguai foi assessor dos diretores de Saúde, do Hospital Central das Forças Armadas, e da Escola de Saúde Militar, além de instrutor das Escolas de Educação Física, de Aperfeiçoamento de oficiais e de Comando e Estado-Maior das Forças Armadas.

Em reconhecimento o Paraguai outorgou-lhe a Medalha do Mérito Militar, no grau de Oficial, e mais três distinções militares na forma de medalha e diplomas.

Assim o Cel Alberto esteve em Assunção e por igual período e com uma defasagem de 111 anos do seu patrono do Serviço de Saúde - o General João Severiano da Fonseca, então Chefe de Enfermaria do Exército Brasileiro e hoje vulto maior do Serviço de Saúde do Exército, cujo exemplo, repito, como profissional de Saúde Militar e homem de cultura, de expressão Nacional, o Cel Alberto procura seguir e honrar como se verá, além de ser também o seu biógrafo.

O Historiador Militar

Além de charadista destacado o Cel Alberto firmou-se como historiador crítico do Serviço de Saúde do Exército. Rebuscando as raízes de sua vocação de historiador vamos encontrá-las: Em primeiro lugar, na admiração e convívio com seu irmão Eduardo Martins, com 17 anos a mais do que ele e que possui em João Pessoa a maior biblioteca particular de assuntos paraibanos e, particularmente, História e Poesia da Paraíba.

Em segundo lugar contribuiu para sua vocação, o adquirir em 1965, no Recife, valiosa e riquíssima biblioteca de História que pertencera ao Cel Algedy Ubiracy de Souza que fora professor de História no Colégio Militar, do Recife, Biblioteca que inclui valiosas e completas coleções de revistas de institutos históricos e obras raras de História.

Desde então e nos últimos 20 anos, o Cel Alberto vem proferindo conferências e publicando artigos sobre o Serviço de Saúde, no passado e no presente, bem como sobre dois destacados heróis do Serviço de Saúde - o General Severiano da Fonseca e o Capitão Médico Dr. Quintana, Herói da Retirada de Laguna.

Possui prontos os seguintes trabalhos aguardando publicação:

- Biografia do Patrono do Serviço de Saúde
- Biografia do Capitão Médico Dr. Cândido Manoel de Oliveira Quintana.
- O Serviço de Saúde na Campanha de Canudos
- O Serviço de Saúde na Guerra da Tríplice Aliança (do Paraguai, Argentina e Uruguai).

E finalmente, em andamento, o importante e muito atual assunto:

- O apoio de Saúde na Guerra das Malvinas.

Já deu os primeiros passos no sentido de iniciar a pesquisa do Serviço de Saúde na Campanha do Contestado.

Da sua alentada e significativa obra como historiador militar e pesquisador da Comissão de Pesquisa Histórica Básica de A Defesa Nacional destaque, por amostragem, dois exemplos eloquentes da ação e projeção cultural do Cel Alberto.

Primeiro foi a liderança da Campanha Nacional, trabalhosa mais

vitoriosa, em 27 maio 1978 de traslado, de Alegrete para o Monumento aos Heróis de Laguna, na Praia Vermelha, dos restos mortais do Capitão Médico Dr. Quintana, carioca e avô do poeta gaúcho Mário Quintana e que foi o heróico chefe do Serviço de Saúde da Retirada de Laguna. Feito de nossa história imortalizado internacionalmente, na pena brilhante e inspirada do Capitão de Engenheiros Alfredo de Taunay.

Campanha idealizada pelo ilustre médico civil Dr. Luiz de Castro Souza, que honra sobremodo os quadros desta Casa, após localizar os restos mortais do herói em Alegrete, como resultado de trabalhosa e intrincada pesquisa, como segundo exemplo registro sua plaqueta lançada sob o título **"Pavilhão General de Brigada Médico Dr. João Severiano da Fonseca"** mandada imprimir pelo Exmo Sr. Gen Bda Antônio Luiz Coimbra Castro, Diretor do HCE, no qual se inserem sínteses biográficas do General Severiano e do Hospital Central do Exército.

Neste trabalho, o Cel Alberto evidencia a sua grande capacidade de historiador militar crítico, aliada a grande poder de síntese, precisão histórica, clareza, estilo agradável e muito comunicativo.

E trabalho que faz jus aquele clássico comentário, para traduzir o agrado da leitura de um livro. "O li de um só fôlego".

Sobre o nosso atual HCE a mais importante e tradicional organização de Saúde de nosso Exército o Cel Alberto nos ensina; Foi criado em 1768 no Morro do Castelo, onde 40 anos mais tarde foi fundado o ensino médico no Rio de Janeiro. Extinto em 1832 pela Regência, e desdobrado em hospitais regimentais voltou a situação inicial em 1844. Situação que perdurou até 1902 quando transferiu-se para o atual local, junto com Enfermaria do Andaraí que funcionava desde 1876 no atual Quartel do 1º BPE. Portanto depois de funcionar, mais de 2 séculos, no hoje arrasado Morro do Castelo, sendo que nos primeiros 76 anos atendendo o Exército e a Marinha. Enfim síntese valiosa para entender-se o hoje do HCE. Ou seja, a grande significação histórica das novas instalações inauguradas em 18 novembro de 1982, sob a direção do Exmo Sr Gen Bda Med Antônio Luiz Coimbra de Castro com que tivemos o privilégio de cursar a ECEME.

Prezado e ilustre confrade e amigo Cel Alberto:

Em nome do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil as nossas boas vindas, na certeza de que irá engrandecê-lo ainda mais com sua presença e atuação assinalada e distinta, como expoente do nosso Serviço de Saúde e o seu historiador maior do Exército.

Esperamos que sua atuação nesta Casa contribua para minimizar de certa forma, duas grandes ausências - a do Professor Pedro Calmon e a do Cel Aldílio Xavier.

Muito Obrigado.

30 - MINHA APRESENTAÇÃO DO LIVRO CANGUÇU – PRIMEIROS MORADORES DA GENEALOGISTA ILKA GUITTZ NEVES



Genealogista Professora Ilka Guittez Neves

Em 30 de dezembro de 1799, 140 moradores de "arolo das Pedras do denominado Cangussu, distrito da Freguesia do Rio Grande" tiveram despacho favorável do Ten. Gen. Sebastião Xavier Veiga Cabral da Câmara (1742-1801), Governador do Continente do Rio Grande de São Pedro do Sul (atual Rio Grande do Sul) para erigirem uma capela curada, tendo reunido 2.000 réis para tal.

Em 1º de janeiro de 1800, o padre Bento Cortez de Toledo, natural de Taubaté - SP, na qualidade de Visitador do Rio Grande, em nome do Bispo do Rio de Janeiro, lançou a pedra fundamental da atual igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição de Canguçu como capela curada subordinada à igreja matriz de São Pedro do Rio Grande.

O padre Toledo conforme assinou no 1º livro de batismo, retornou de sua missão fixando-se em Taubaté onde faleceu em 1843, conforme seu testamento que obtive no Arquivo Municipal de Taubaté.

Durante mais de 31 anos procuramos no Rio, Porto Alegre, Pelotas, Canguçu e agora em Taubaté, a lista dos 140 moradores primitivos de Canguçu, com as respectivas quantias doadas, sem sucesso.

Passamos em 1980 dois dias e duas noites em Petrópolis na casa do grande genealogista Carlos Grandmasson Rheingantz que nos forneceu uma lista de grande número dos que teriam sido os povoadores de Canguçu, a qual publicamos em nosso livro e com maiores detalhes na obra completa inédita: **Canguçu reencontro com a História**. Palegre, IEL, 1983.

Agora a genealogista e historiadora profª Ilka Neves que se iniciou no magistério em Canguçu, em 1946- 1947 e cujo belo currículo que construiu após, inserido ao final, homenageia Canguçu e o seu povo com o presente trabalho que intitulou: **Canguçu-RS, Primitivos Moradores, Primeiros**

Batismos, onde relacionou 833 forasteiros ou migrantes e Imigrantes das mais diversas procedências que batizaram, por cerca de 13 anos, de 3 de fev. 1800 a 24 de setembro de 1813, seus 1326 filhos nascidos em Canguçu, dos quais 702 meninos e 624 meninas, resgatando, assim, indiretamente, os nomes dos 140 primitivos moradores e os 1 000 dependentes citados no requerimento de fundação da capela.

Das crianças nascidas em Canguçu de 1800-1813 conforme demonstra a professora Ilka Neves, 1148 eram brancas, 83 pardas (negras), 47 índias e 48 expostas, denominação de enjeitadas sem paternidade e maternidade definidas que, segundo o costume da época, eram deixadas em rodas de instituições religiosas que as criavam. As índias eram em grande parte filhos de índios migrantes de Aldeia dos Anjos (Gravataí) que ali haviam sido aldeados depois da guerra de reconquista do Rio Grande aos Espanhóis - 1776.

Abordamos as origens de Canguçu, requerimento para sua fundação, síntese biográfica do Ten. Gen. Veiga Cabral, do padre Toledo, conjuntura do Brasil, do Rio Grande e do mundo na época, em nosso citado **Canguçu reencontro com a História**, na História da Igreja Nossa Senhora de Canguçu no **Diário Popular**, Pelotas, 16, 23 e 30 de abril de 1972 (Coluna Querência), em **Município de Canguçu - Formação Histórica** (Canguçu, ACANDHIS- Prefeitura, 1991) **Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu 783-89** (Canguçu, ACANDHIS- Prefeitura, 1992), No último tivemos valiosa colaboração da professora Ilka, na genealogia do capitão mor. Paulo Rodrigues Xavier Prates um dos contendores da questão de terras que deu origem a atual cidade de Canguçu, tendo a enfrentá-lo o alteres José de Souza Pereira, que o presente estudo revela tratar-se de um filho da localidade de Prados, próximo das cidades de São João del-Rei, Tiradentes e Barbacena nas Minas Gerais. Ele casado com Catarina Leite de Oliveira, filha do português de Braga José Leite de Oliveira e de Bibiana Dorneles de Menezes de Guaratinguetá-SP e nascida em Triunfo. Tiveram um único filho, Francisco, nascido em Canguçu, em 12 de março de 1801.

Sabia-se por tradição que Canguçu havia sido povoado por migrantes do Rio Grande do Sul, em especial de Rio Pardo, Triunfo, Santo Amaro, Estreito e Mostardas e por portugueses, notadamente de Braga e da ilha do Faial nos Açores. Residindo no Vale do Paraíba e pertencendo ao Instituto de Estudos Valeparaibanos e as outras entidades históricas que abrangem a região citada, fomos surpreendidos com a expressiva contribuição paulista (abrangendo o Paraná) no povoamento de Canguçu que a autora da presente pesquisa avaliou numericamente pela origem dos pais dos primeiros canguçuenses. De diversos locais do Rio Grande do Sul 594 pais; de São Paulo (incluindo hoje o Paraná) 149; de Santa Catarina 24; do Rio de Janeiro 18; da Bahia 3; de Pernambuco 2. De Portugal 35, dos quais o maior

contingente de povoadores primitivos foi de Braga, em número de 15. Da ilha açoriana do Faial 50, das demais ilhas dos Açores 15, da ilhas (Portugal) sem outros dados 5 e da ilha da Madeira 1.

Na época da fundação de Canguçu, dentro de um contexto de guerra iminente entre Espanha e Portugal, a fronteira entre ambos, de fato, era o rio Piratini, sendo Canguçu então fronteira. A vitoriosa guerra de 1801 a dilatou até o rio Jaguarão e do Taim até Chuí, além de incorporar-se outros territórios como os Sete Povos das Missões e até o rio Santa Maria, anulando assim o Tratado de Santo Ildefonso de 1777, Guerra em que os primeiros povoadores de Canguçu desempenharam importante papel, integrando a Cavalaria Ligeira ao comando do cel. Manuel Marques de Souza 1º, nome que elaboramos proposta aprovada a pedido do general de Brigada Virgílio Ribeiro Muxfeldt comandante da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada em Pelotas, para ser sua denominação histórica, pelos relevantes serviços militares que este herói prestou à Região Sul do Rio Grande do Sul 1776-1820, na então conhecida Fronteira do Rio Grande, dividida do Rio Pardo pelo rio Camaquã e cabeceiras do Jaguarão. Hoje é denominação histórica da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada.

Em 1806 foi criado o atual Rio Grande do Sul, como unidade independente do Rio de Janeiro, bem como pela mesma Carta Régia a atual 3ª Região Militar cuja história escrevemos em 1995 em 2 v. a convite daquele comando, e que equivale à História Militar do Rio Grande do Sul. Com as agitações no Rio da Prata, foi criado o Exército Pacificador da Banda Oriental 1811/1812 que invadiu o Uruguai, para defendê-lo, dentro de interesses da Espanha cujo rei era irmão da rainha de Portugal D. Carlota Joaquina. Este evento provocou a vinda de São Paulo da Legião de São Paulo que atuou no Rio Grande do Sul até 1824, cuja síntese histórica abordamos na citada História da 3ª Região Militar. Pela mesma época atuou de 1815-1822 no Uruguai, a Divisão de Voluntários Reais de Portugal, da qual se fixaram no Rio Grande muitos de seus integrantes, aos serem junto com o Exército do Sul, em Piratini em 1828, então ao comando do general Carlos Frederico Lecor.

Ao final da campanha do Exército Pacificador, Pelotas e Canguçu foram elevadas a freguesias independentes da de Rio Grande.

Sabemos que tropas paulistas atuaram no Rio Grande do Sul como expedicionários de 1775-1778 e de 1810-1824.

As comunicações do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, a partir de 1720 e por longos anos após, se fizeram, por terra, dentro da Estrada das Tropas, onde se desenvolveu o Tropeirismo que de uns tempos para cá começa a ser resgatado. Estrada mais ou menos balizada hoje, a partir de Canguçu, por Pelotas-Rio Grande- Mostardas- Viamão e Porto Alegre - Santo Antônio da Patrulha, Bom Jesus- Vacaria -Lages- RIO Negro- Lapa- Curitiba- Ponta Grossa- Castro- Faxina -Itararé- Itapetininga- São Paulo-Mogi das Cruzes, Taubaté- Pindamonhagaba- Guaratinguetá- Lorena- Resende- São João Marcos- Rio de Janeiro e, a partir de Guaratinguetá, Minas Gerais e cidades

auríferas. Canguçu foi no início um dos grandes produtores de muare que eram consumidos pelo ciclo da exploração do ouro em exaustão nas Minas Gerais e do café em seu início no vale do Paraíba e notadamente em Resende e Itatiaia onde residimos, sendo que Resende fundada como capela Curada em 1744. E foram das comunidades localizadas ao longo do caminho das tropas que vieram os paulistas e hoje também paranaenses para povoar Canguçu. Através da identificação dos genitores e suas origens a autora tabulou os dados em cada comunidade registrando os respectivos totais aos quais acrescentamos a seguir a nominata de algumas famílias. Assim procediam, entre outros, de Curitiba 38 (Barbosa, Borges, Freitas, Moura, Nascimento, Oliveira Pedroso etc); de São Paulo 17 (Bueno da família Amador Bueno, Camargo, Pedroso, Oliveira, Rosa etc.); de Itapetininga 16 (Prestes, Quevedo, Teixeira etc); de Sorocaba 12 (Fonseca, Rodrigues de Oliveira etc.); de Castro 13 (Oliveira Cavalheiro, Furtado); da Lapa 13; de Taubaté 6 (Arzão, Barbosa Prestes etc.); de Lages 11; de Laguna 3; de vila Faxina 3; de Guaratinguetá 1 (Rocha). Ainda de São Paulo registre-se entre os povoadores de Canguçu paulistas das localidades de Atibaia, Cotia, Caraguatatuba, Iguape, Itu, Jundiaí, Santana do Parnaíba (Coelho), São Carlos, São Roque, etc.

Do Rio de Janeiro temos os Picanço e os Coutinho da Rocha de São Marcos, antiga Vila Príncipe hoje submersa. De Minas temos os Claro da Cunha, de São João dei Rei os Rodrigues Cardoso. Da Bahia os Favila que deram nome à região Favila.

Os Gomes e os Dias, famílias tradicionais de estanceiros procedem de Maldonado no Uruguai. Do arquipélago dos Açores vieram os Ávila, Balação, Duarte, Farias Goularte, Mattos, Nunes, Oliveira, Santos. De Santa Catarina os Saraiva do Amaral dos quais descende Gumercindo Saraiva, com origem nos Açores, após por Mostardas e permanecerem por uma geração em Canguçu em cuja toponímia deixaram seus sobrenomes.

Os Vaz de Bragança-Portugal; os Borbas, de Triunfo, com origem açoriana; os Cunha de Portugal e os Soares de Paiva de Rio Pardo.

À genealogista Ilka Neves já devíamos seu excelente estudo “Dos Leme aos Moreira Bento de Canguçu”, muito aproveitado por Luiz Carlos Barbosa Lessa para desenvolver estudos genealógicos da Associação de descendentes e afins dos Leme, com sede na Armada, em Canguçu. Estudo que a genealogista pelotense Alda Maria de Moraes Jaccotet complementou demonstrando, entre outras Oliveira e Souza Mattos são a mesma família e que a diferença se deveu a mudança do Oliveira por Mattos por nosso trisavô Antônio de Souza Oliveira (Mattos), nascido em Mostardas em 14 de agosto de 1788, filho de Manoel de Souza Oliveira, nascido em Rio Grande, em 28 de agosto de 1761 por haver substituído Matos por Oliveira, para o tio e primo Antônio de Souza Oliveira e Antônio de Souza Oliveira Filho. Do

mesmo modo fui informado por Carlos Rheingantz que o nome Piegas foi acrescido ao de Felisberto da Cruz por ser a família muito religiosa. Aliás o autor citado os estuda, bem como muitas do Canguçu na tese “Povoamento do Rio Grande de São Pedro - a contribuição da Colônia do Sacramento”, nos **Anais do Simpósio do Bicentenário da Restauração do Rio Grande 1776-1976**. Rio, IHGB, 1979. v.2, pp. 7-524.

Assim, graças à Genealogia, disciplina auxiliar da História que estuda a História das famílias, tivemos satisfeita nossa curiosidade sobre nossas origens familiares, através dos citados genealogistas Carlos Rheingantz, Ilka Neves, Alda Jaccottet, estudiosos da ADALEME (Associação de descendentes e afins dos Leme), da historiadora Heloisa Nascimento, e do professor Adail Bento Costa, bem como de nossa mãe Cacilda Moreira Bento e de Ester de Souza Lopes. Conhecemos, como nossas mais remotas origens os Lemes dos Países Baixos, ligações de parentesco com Bento Gonçalves da Silva, o líder farrapo, um dos mais ilustres membros da ADALEME.

Concluimos que a grosso modo entraram em minha genealogia e assim de meu complexo de gens, os das famílias Leme, Machado, Ferreira, Vaz, Gomes, Silveira, Borba, Mattos (Oliveira), Souza, Monteiro e Bento. A exceção dos três últimos sobrenomes, os demais seriam de canguçuenses de 200 anos, povoadores de Canguçu e também de Piratini e Pedro Osório, hoje. As famílias Moreira e Bento chegaram em Canguçu com a sua elevação a município em 1857, sendo os Moreira através de José Ignácio Moreira, funcionário da Justiça único, destinado ao novel município e ex-funcionário do Ministério da República Rio-Grandense e genro de Serafim José da Silveira, presidente da Câmara de Piratini, ao qual se deve a eleição de Gomes Jardim para substituir Bento Gonçalves preso na ilha do Fanfa. Moreira com raízes na Serra da Mantiqueira, no sul de Minas, com ramificações diversas em Resende, Silveiras, etc. Os Bento chegaram com o pelotense Antônio Joaquim Bento, como 1º professor régio do município de Canguçu, em 1857, que por sua vez, segundo Adail Bento Costa, chegaram ao Rio Grande do Sul por volta de 1815 com a Divisão de Voluntários Reais, na pessoa de Antônio Joaquim Bento, natural de Braga e que desmobilizado em 1828, casou em Piratini com Cecília Maria Matos, natural de Guimarães. Os Gomes que se fixaram no vale do rio Piratini junto com os Dias, forneceram o primeiro historiador de Canguçu, o comendador Manoel José Gomes de Freitas, autor de **Memória**, que Simões Lopes Neto, o 2º historiador de Canguçu, publicou na **Revista do Centenário de Pelotas nº 4 Bosquejo Histórico de Canguçu - 1912**. Os Monteiro estiveram em Canguçu no final do século passado trabalhando com mármore e provenientes do Rio de Janeiro, com parentesco com a família Niemeyer do Rio.

Ao final do livro de batismos nº 1 em 1813, Canguçu foi visitado dois anos mais tarde, em 25, 26 e 27 de novembro de 1815 pelo 8º bispo do Rio

de Janeiro D. José Caetano da Silva, cujas impressões registramos em nosso citado **Canguçu reencontro com a História e no Diário Popular**,. Pelotas, 27 de março de 1977. Ele observou entre outras coisas que Canguçu era uma das mais notáveis da Capitania na produção de trigo e, que o próprio pároco padre Tsurem era um grande produtor e que Canguçu já possuía por volta de 3.000 moradores. Por esta época era um grande produtor de trigo em Canguçu que vendia no Passo Rico, no São Gonçalo, nosso trisavô Antônio de Souza (Oliveira) Mattos já citado, pai de Rafaela Mattos, mãe do gen. José Mattos Netto (Zeca Netto) e do Ten. Cel. Honorário do Exército, Theófilo de Souza Mattos, que comandou os canguçuenses na Guerra do Paraguai. Por descendente de Zeca Neto conhecemos que em Canguçu, os campos da costa do Camaquã, na Armada, eram destinados ao trigo antes que a Pecuária, pelos Matos.

A pesquisa histórica permite aproximações sucessivas na procura da verdade. Temos certeza que os subsídios que ora a professora Ilka Neves presenteia Canguçu e a Genealogia do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná e de São Paulo, para não falar-se na genealogia de Portugal, irão produzir muitos frutos para o progressivo resgate da História e, no caso presente, a de Canguçu, que foi muito descurada com grave prejuízo para a sua identidade no concerto das demais comunidades gaúchas e com isto elevar-se o nível de auto-estima das atuais e futuras gerações de canguçuenses. Pois, é preciso que eles encontrem respostas acerca de onde vieram e de como se incorporaram à comunidade canguçuense. E, a presente contribuição os ajudará a homenagear, de justiça, os construtores da comunidade canguçuense dos quais descendemos. Enfim, a contribuição de Ilka Neves que em 1946-1947 ensinou alguns canguçuenses no Grupo Escolar Irmãos Andrada 1946-1947 hoje ajuda e ajudará os canguçuenses do presente e do futuro a terem uma consciência alta e nobre de suas raízes familiares e da existência da comunidade canguçuense, pois nenhuma criatura humana vive feliz sem sentir emoção e orgulho da terra em que nasceu e que seus ancestrais construíram para ela, no caso, ao longo de quase 2 séculos desde a fundação de Canguçu no longínquo ano de 1800.

Para melhor entender-se o povoamento e o desenvolvimento de Canguçu e mistér conhecer a História do Charque em Pelotas e suas repercussões em Canguçu. Disto nos deu idéia Alvarino Marques em sua Trilogia sobre o Charque. E, mais, entender-se o Tropeirismo, assunto que vem sendo resgatado e que se encontrava recoberto pela pátina dos tempos e acaba de ser esclarecido pelo Dr. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca médico em Passo Fundo, município gêmeo de Canguçu.

O Tropeirismo de Mulas no Brasil teve grande repercussão geopolítica e assim tentaremos explicá-lo num grande esforço de síntese:

Com a descoberta da prata no Perú era necessário transportá-la para o mar do Caribe, através dos Andes. A solução foi produzir e criar-se mulas em terras da atual Argentina, para transportar a prata. O declínio da prata no Peru coincidiu em linhas gerais com a descoberta do ouro nas Minas Gerais. E para abastecê-la de mulas e outros itens para sustentar a atividade de exploração do ouro, foi necessário recorrer-se ao Tropeirismo de Mulas. Este, com seus tropeiros espanhóis, se voltaram para o promissor negócio. E por anos e anos mulas argentinas com tropeiros espanhóis exploravam o novo negócio no Brasil.

Com a Guerra entre Espanha e Portugal 1763- 1776, envolvendo o Rio Grande do Sul, impôs-se aqui produzir muares, bem como o surgimento de tropeiros portugueses e em especial gaúchos. Tornou-se tão rendosa a produção de mulas que o Rei baixou um decreto para que cada fazenda produzisse uma quantia mínima de cavalos e, não só mulas, para poder atender às necessidades militares da Cavalaria do seu Exército. E assim foi feito sob rigorosa fiscalização.

E o Tropeirismo de Mulas intensificou-se a cada dia, principalmente na Estrada das Tropas ligando os atuais Rio Grande do Sul-Santa Catarina-Paraná-São Paulo-Rio de Janeiro. E a partir de São Paulo com as minas de Minas Gerais, de Goiás e de Cuiabá. E foram tropeiros muitos gaúchos.

Com a decadência do Ciclo do Ouro em Minas e início do Ciclo do Café no Vale do Paraíba, o Tropeirismo de Mulas voltou-se para, fundamentalmente, produzir e abastecer de mulas as fazendas de café para movimentá-las o transportar o café produzido em lombo de mulas e, por longos anos, através da Serra do Mar, para os portos litorâneos como Angra do Reis, Parati etc.

Assim, segundo estudiosos do assunto, não fora o Tropeirismo de Mulas, os mineiros de ouro de Minas teriam morrido a míngua por falta de abastecimentos logísticos fundamentais e de meios para transportar a produção do ouro para o Rio de Janeiro. E mais, que o Rio Grande do Sul não teria sido do Brasil. Disto decorre a sua grande importância geopolítica.

Canguçu na região próxima de Vila Freire foi um grande produtor de mulões, mulas de grande estatura e muito disputadas em Sorocaba. Na toponímia local ficou a denominação de Rincão dos Mulões que foi passado para um mapa antigo de Canguçu como Rincão dos Melões, de igual forma que Bom Será, que em realidade chamou-se Bom Ceral, devido a produção de cera de abelha muito conhecida. Ou também esquecida a origem do Passo da Armada dada por ali haver passado com grandes dificuldades em retirada em 1774 a tropa do Governador de Buenos Aires, o mexicano D. Vertiz y Salcedo, acossado com a sua Real **Armada** (Exército) por guerrilheiros de Rafael Pinto Bandeira.

Esta regressão se impunha para entender-se como o Tropeirismo de

Mulas, bem como o Tropeirismo de Bovinos para as Charqueadas de Pelotas, das quais Canguçu era ponto obrigatório de passagem, influíram no seu povoamento e desenvolvimento, ao lado das guerras de 1763- 1776, 1801 e Campanha do Exército Pacificador da Banda Oriental em 1812 etc.

Tem, pois o leitor e pesquisador interessado no presente e original resgate da professora Ilka Neves, a oportunidade de pesquisar e descobrir os seus ancestrais povoadores de Canguçu e de onde procediam para se incorporarem, faz cerca de 200 anos, à comunidade canguçuense que, no início do 3º Milênio, completará 200 anos de existência.

Boas pesquisas e felizes conclusões e principalmente para os canguçuenses de 200 anos pertencentes hoje ao 22º município gaúcho criado.

Votos de que o 3º Milênio produza historiadores canguçuenses que dêem continuidade aos trabalhos de resgate e divulgação histórica de Canguçu, como nos orgulhamos de tê-lo feito, assim, como a professora Marlene Barbosa Coelho de modo especial no Museu Municipal Cap Henrique José Barbosa e, como ora o faz brilhantemente a professora Ilka Neves com **Canguçu-RS, Primitivos Moradores. Primeiros Batismos.**

Cel. Cláudio Moreira Bento¹

¹ Presidente das academias Canguçuense de História e da de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul.

**31 - A GUIA DE PREFÁCIO ANÁLISE DO LIVRO A FORÇA DO
ESPELHO DE UM BARBEIRO DE CANGUÇU , DA PROFESSORA AUTA
SIRLEI BARBOSA DE OLIVEIRA, ACADEMICA DA ACANDHIS, PELO
CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO PRESIDENTE DA ACANDHIS A
FORÇA DO ESPELHO**



Professora Auta Sirlei Barbosa de Oliveira

A autora Professora Auta Sirlei Barbosa de Oliveira Foi uma surpresa muito agradável ler o primoroso livro A Força do Espelho de autoria da acadêmica Auta Sirlei Barbosa de Oliveira, tendo como homenageado o hoje acadêmico da ACANDHIS Rubem da Rosa Ferreira. Este, um historiador popular que transmite oralmente a História de Canguçu, em especial aos frequentadores de seu concorrido salão de barbeiro. Salão rodeado de fotos históricas de Canguçu. Aliás uma justa homenagem a ele prestada!

Auta Sirlei dedica seu livro de maneira amorosa a seu filho Tibiriçá Santos Oliveira, e nele registra a vida de Rubem Rosa Ferreira seu velho amigo “A quem soube me conduzir pelo doce caminho das histórias.” E abre seu livro com a inspirada poesia Barbearia de Campanha da dupla de Bino Pires Érlon Péricles.

Seu estilo é elegante, direto, preciso e conciso. Observa em sua redação todas as normas da ABNT e utiliza fontes bibliográficas e da Internet e as registra, citando as fontes em que se baseia, não ignorando os trabalhos de autores que utilizou, ao contrário de autores que as ignoram para dar a impressão que toda pesquisa é de sua autoria. O seu livro é muito bem ilustrado, o que o valoriza sobremodo. E soube pesquisar na Internet várias das ilustrações que constam de seu precioso livro.

Nos chamou a atenção por desconhecer-lá, a foto da inauguração em Set de 1935 do Sanatório do Dr João Swindt, onde ele figura aos lado do Prefeito, o atual Patrono da ACANDHIS.

Revela muito bom gosto literário ao recorrer a citações de Machado de Assis, o fundador da Academia Brasileira de Letras, a Mario Quintana nosso poeta maior, a João Guimarães Rosa e ao argentino Fernando Assunção com quem muito aprendi e a Bruno Martins Farias que realiza trabalho valioso e original **Imagens do meu Rio Grande do Sul Antigo** e seus vizinhos que dele, recebi em 15 Set 2016 com Dedicatória, em nosso encontro no Hotel Curi em Pelotas. Aborda diversos assuntos ou teorias da origem do gaúcho. Assunto do qual minha teoria é que o nome gaúcho seria uma corruptela de garrucho, uma lança com sua ponta em forma de meia lua, que os gaudérios changadores usavam para desgarronar (Cortar os garrões) os vacuns, os prostrando por terra e a seguir os sangrando para retirar o couro e vendê-los, em especial em Rio Pardo e de contrabando das terras do Rei de Espanha.

Aliás, sobre a origem de gaúcho e sua evolução ele foram divididos em três categorias: O Gaúcho Primitivo, o Gaúcho Histórico e o Gaúcho Romance. O Gaúcho Primitivo seriam aqueles gaudérios changadores, “sem lei e sem Rei” que abatiam vacuns nos territórios dos reis de Espanha e vendiam seus couros de contrabando a portugueses e a contrabandistas de outras nacionalidades. Gaúcho Histórico eram aqueles que nas guerras no Pampa se tornaram soldados e passaram a ganhar o respeito e admiração das bandeiras pelas quais lutavam, as de Espanha e Portugal.

Ao abordar o Rincão do Tamanduá informo que ele foi doado ao Capitão Mór Paulo Rodrigues Xavier Prates pelo Vice Rei Conde de Resende, personagem que é meu patrono de cadeira Academia Resendense de História, for mim fundada em 1992. Personagem que criou a primeira Academia Militar das Américas em 1792, a Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho a raiz histórica da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, cidade e município por ele fundados em 1801

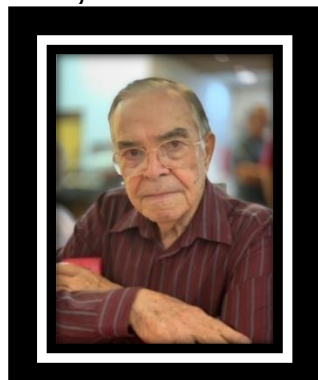
A autora por duas vezes recorre a frases do grande poeta português Fernando Pessoa, autor desta frase: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena.”E também recorre a pensamentos de outras grandes figuras da Literatura que já referi.

Nas páginas 97 e 98 sobre o dia da inauguração a Luz Elétrica as datas nelas constantes foram ali colocadas pelo Patrono da ACANDHIS. E na página 38 seta que coloquei indicando a primitiva cadeia pública mandada construir pelo Ten Cel Francisco Pedro de Abreu o Moringue, para servir ironicamente de “Casa de hóspedes dos líderes farroupilhas. E nela estiveram presos os ministros farroupilhas Domingos Jose de Almeida, Cel José Mariano de Mattos e o Cel Joaquim Pedro Soares, veterano das guerras contra Napoleão em Portugal e que dispôs as forças para Antônio Netto na vitória de Seival e teve a idéia de criar a tropa de Lanceiros Negros que foram comandadas pelo canguçuense Cel Joaquim Teixeira Nunes. A Guerra Guaranítica que a autora aborda é uma das pesquisas que redigi e a publiquei na História da 3ª Região Militar 1808-1889 e Antecedentes v.1,p.90/97. Sobre os primeiros moradores de Canguçu que contribuíram para a construção da Capela Curada N. S. da Conceição, resgatei seus nomes no Arquivo Nacional onde encontrei correspondência enviada a Câmara de Deputados pelo Provedor da Igreja N.S.da Conceição o Vereador Theóphilo de Souza Mattos e pelo vice-provedor Antônio Joaquim Bento, meus bisavós. Pleiteavam a devolução dos terrenos doados a N.S da Conceição. Mas não devolvidos por razões de leis vigentes. Canguçu foi um grande produtor de mulas. Estas eram maiores que o normal. Eram conhecidas como mulões no tropeirismo de mulas. O rincão que figura num mapa como Rincão dos Melões, consta que em realidade era Rincão dos Mulões, no hoje 4º Distrito, onde elas eram produzidas. A confirmar! Sobre a construção da Ferrovia Pelotas-Canguçu ela foi idealizada pelo Senador 4 General Osório, por razões militares. E previa que em caso de mais uma invasão do Rio Grande do Sul, as forças brasileiras se retiraram do litoral para a Serra dos Tapes em Canguçu, onde se prepararam para uma contra-ofensiva. Este foi um dos motivos da denominação da rua principal de General Osório o qual também conseguiu ligar Canguçu com vários locais do Brasil servidos por telégrafo. Sobre a presença dos índios no Rio Grande do Sul, existe a teoria de Canales Frau “Índios haviam chegado na América do Sul pela América Central. E uma parte desceu pelo litoral e outra parte por detrás do Andes. A parte de litoral chegou até a Patagônia e subiu até os rios Ibicuí e Jacuí onde eles se encontraram e travaram muitos combates registrados em denominações área, Os minuanos e charruas, índios cavaleiros vindos do Sul e os índios guaranis vindos do Norte. O Hospital de Canguçu ele foi construído pelo Exército através do 1º Batalhão Ferroviário e tomou o nome de Hospital Júlio Limeira, o comandante desta unidade, na qual eu serviria de 1957 a 1966, por cerca de 9 anos, e lá encontrei e trabalhei com alguns filhos de Canguçu e comandeí tratores que haviam participado em Canguçu da construção da Avenida Exército Nacional Avenida, a qual foi acrescido em 2010, o nome Brigadeiro Antônio de Sampaio, personagem que como Capitão comandou em Canguçu uma Companhia de Infantaria do início de 1845 até 1849. Trop destinada a manter nas Serras do Sudeste a Paz de Ponche Verde. E casou em Jaguarão com a canguçuense Júlia dos Santos Miranda, ligada aos fundadores da Estância

do Cristal. O Cinema mudo em Canguçu funcionou no início da década de 30 do século XX, na rua da Igreja. Cinema que frequentei muito criança e lembro de alguns filmes e dos espetáculos do ventríloquo Acyr Portela e da Maestra, uma mulher que usava trajes masculinos. A autora descreve como o prédio foi usado através dos tempos. Por último lembro de ali funcionar a Oficina Mecânica e Emílio Klug que transformou o histórico local em duas casas. A autora conta o histórico do Cine Teatro Glória, cuja inauguração teve lugar em 16 set 1939, quando eu tinha próximo de 8 anos. Não estive presente na inauguração. A autora descreve a composição da Zona Sul, assunto que eu tinha muita curiosidade em saber. E relaciona os 27 municípios que a compõem, e muitos municípios novos. Com apoio em fontes seguras aborda a população de Canguçu constituída de 55.137 habitantes dos quais 63% no Interior e 37% na sede, cerca de 20.000, habitando em 6.300 casas e no interior 17.175 propriedades rurais que fariam de Canguçu "a Capital da Agricultura Familiar e o maior minifúndio da América Latina." A autora aborda a presença do Negro em Canguçu. Presença que abordei no Rio Grande do Sul em meu livro premiado em 1º lugar em Concurso promovido por Rio Grande do Sul O Negro e seus descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul, disponível para ser baixado no site www.ahimtb.org.br. Livro que a autora muito bem explorou informações ali contidas. A autora menciona que em 1887 Canguçu era o 2º lugar em número de escravos, com 839 escravos. Sobre o negro na Revolução Farroupilha, muitos integraram o Corpo de Lanceiros Negros que foram comandados pelo canguçuense Cel Joaquim Teixeira Nunes tendo como porta-bandeira o tenente Manoel Alves da Silva Caldeira, hoje patronos de cadeira na ACANDHIS. Assunto que pioneiramente abordei em diversos trabalhos e em especial em meu livro O Exército farrapo e seu chefes, disponível para ser baixado no meu site www.ahimtb.org.br. Notável em seu valioso trabalho a abordagem os Quilombolas em Canguçu, distribuídos em 12 núcleos num total de 428 famílias, concentrados 3 núcleos em cada dos 1º, 2º e 3º distritos, 2 no 5º distrito e 1 no 4º distrito. Assunto que pela primeira vez conheci através da então professora Ingrid Bohmer, que pesquisava o assunto. Pomeranos é outro assunto que a autora mergulhou fundo. Assunto do qual se tornou especialista o acadêmico Nilson Pinz. Eu também escrevi sobre o assunto em data recente. Seria útil uma integração destes três trabalhos e divulgar em Canguçu, em livro digital, onde 40% de sua população é de origem pomerana. No capítulo 12, Rubem e seus afetos, a autora aborda os animais que Rubem e sua esposa Rosa "escolheram para proteger amar e cuidar": A mula Gisele, que toma chimarrão; a cachorra perdigueira Safira; a ovelha criada desde pequena; a galinha e os pica-paus que moram na casa. É um capítulo emocionante! No capítulo 13 Conversa com o Espelho, a autora presta uma homenagem final ao barbeiro Rubem Rosa Ferreira, a iniciando com uma poesia de autoria de Charlie Chaplin. Foi um grande prazer ler o excelente livro A Força do Espelho, também uma preciosa lição de como se escrever um livro. Lição preciosa para canguçuenses escreverem livros digitais e colocá-los na Internet. Como arremates desta análise. Eu nasci em 1931 e Rubem em 1944, 13 anos depois, E assim não convivemos. Ele lembra da Orquestra a Furiosa que não conheci e menciona o seu Molina e seus filhos dos quais destaco o Júlio Alci Gomes Molina, meu amigo com o

qual muito convivi e juntos prestamos concurso para admissão no Ginásio Gonzaga em 1944. O recebi ao chegar em Canguçu. Lamentavelmente ele foi vítima fatal de acidente rodoviário. Quando ao seu Molina, como gostava muito de cantar formávamos um dupla para serenatas. Cujo repertório era único a música Saudades de Matão que eu cantava e por ele acompanhada de violão em dó maior. Merece destaque no trabalho as ilustrações de trajes típicos da gaúcho e dos usados pelas mulheres pomeranas. Gumex era um produto usado por barbeiros para penteados dos clientes. E lembro que como cadete quando outro cadete cometia uma falta disciplinar e era punido, os colegas assim justificavam a punição. “Prezado amigo. Dura Lex sede Lex, no cabelo só Gumex.” Ou a Lei é Dura, mas é Lei. Concluindo, este livro me trouxe muitas saudades dos meus tempos muito felizes de minha Infância, Meninice e Adolescência em Canguçu. Saudades que muito gosto de ter e que as registro em minhas Memórias, disponíveis em Cel Bento no site www.ahimtb.org.br

32 – MINHA INTRODUÇÃO NO LIVRO A CASA DA MEMÓRIA HISTÓRICA DE CANGUÇU – PATRONOS, ACADÊMICOS, HOMENAGEADOS, PRESIDENTES DE HONRA...



Cel Cláudio Moreira Bento
Presidente da ACANDHIS e Fundador da ACANDHIS

Menino, cedendo a uma vocação de historiador, procurava em livros e jornais algo sobre a História de Canguçu e nada encontrava. Passei a conviver com uma sensação de haver nascido num município marginal sem História. Declarado Aspirante a Oficial em 15 Fev 1955, pela Academia Militar das Agulhas Negras em Resende-RJ, tomei a decisão de iniciar o resgate da esquecida História de Canguçu, com vistas ao centenário de Canguçu município em 1957. E passei a pesquisá-la intensa e febrilmente em todas as fontes orais e escritas possíveis. E muito me valeu o arquivo de documentos em geral sobre Canguçu que meu pai colecionava e anotava, inclusive fotos sobre a História de Canguçu nas quais anotava a data. E com persistência conseguimos escrever a História de Canguçu em dois alentados volumes, dos quais remetemos diversas cópias a várias entidades. Somente em 1983, com apoio do Instituto Estadual do Livro, sendo Secretário Estadual da Cultura o hoje patrono de cadeira na ACANDHIS Luís Carlos Barbosa Lessa, conseguimos publicar uma síntese por ele prefaciada de nossa ampla pesquisa sobre a História de Canguçu. Livro intitulado **Canguçu, reencontro com a História um exemplo de reconstituição comunitária**. Livro que registra o destino de exemplares da ampla pesquisa

original, cujo título traduz o reencontro com a História de Canguçu que foi perdida ou esquecida, mas não apagada. Neste livro publico um esboço da cidade de Canguçu em 1983, pelo qual se conclui a expressiva e para mim surpreendente e impensável evolução urbana de Canguçu. Livro este reeditado em 2007, nos 150 anos de Canguçu e bastante ampliado e prefaciado pelo estimado amigo e primo jornalista Cairo Moreira Pinheiro. Em 1978, fundamos em Canguçu, a Delegacia da Academia Brasileira de História como seu acadêmico, a qual realizou magnífico trabalho sob a coordenação da hoje patrono de cadeira Irmã Firmina Simon, cujos preciosos relatórios, figuram nos originais sobre a História de Canguçu, o ponto de inflexão cultural em que Canguçu mergulhou depois da Revolução de 93, ao que passou a ser praticado depois de 1978, que poderia ser chamado de Renascimento Cultural de Canguçu. Em 1988, fundamos a Academia Canguçuense de História, que desde então desempenha papel relevante na pesquisa, preservação e divulgação da História de Canguçu, como poderá ser apreciado nas sínteses biográficas de patronos, acadêmicos e presidentes de Honra e homenageados, objetivo maior do presente livro, que esperamos seja o mensageiro, do quanto a ACANDHIS e seus integrantes fizeram pela Memória Histórica da terra e gente canguçuense, de nascimento ou de coração. E que os pósteros se esforcem para preservar o seu precioso trabalho e que a História de Canguçu, hoje restaurada e de projeção regional, estadual, nacional e internacional, não retorne aos humilhantes padrões de 1895/1957. Decorridos 27 anos a ACANDHIS teve inaugurada sua bela sede própria, a concretização de um grande sonho sonhado, para o qual tivemos o apoio do Poder Público Executivo e Legislativo, cujas histórias a ACANDHIS resgatou, bem como do Judiciário, na **Revista da ACANDHIS dos 200 anos de Canguçu**, valiosa documentação pela riqueza de informações que ela contém. Ao tomarmos posse na Cadeira Marechal Floriano Peixoto na ABH de Barra Mansa- RJ, ouvimos de um historiador esta afirmação: “O ser humano tem 3 mortes. A primeira ao dar o último suspiro. A segunda ao baixar a sepultura. E a terceira e definitiva, a última vez que seu nome for lembrado ou pronunciado.” Daí o poder ressuscitador da ACANDHIS, aos resgatar da morte definitiva milhares de canguçuenses esquecidos ao longo dos tempos. O presente livro é um atestado da contribuição de canguçuenses esquecidos que de alguma forma contribuíram para a construção e desenvolvimento da memória histórica da Terra e Gente canguçuense e que a projetaram, na memória regional, estadual, nacional e internacional onde, até 1978 ela era uma ausência. Confirmar é obra de simples raciocínio e verificação! Circunstância que enche de justo orgulho os que tem atuado nos quadros da ACANDHIS e que aqui nesta obra entram para a História, através inclusive do site www.ahimtb.org.br que as disponibiliza na rede mundial, na Era da Digital. E praza a Deus que no futuro surjam novos canguçuenses de nascimento e coração para darem continuidade ao projeto ACANDHIS. Que assim seja!

**33 – MEU PREFÁCIO NO LIVRO DIGITAL SÍNTESE DAS ATAS DA
ACANDHIS PELA ACADÊMICA PROFESSORA MIRIAM ZULEICA REIS
BARBOSA**



**Professora de História de Canguçu da Rede Municipal
Miriam Zuleica Reis Barbosa**

Foi com muita satisfação que vi concretizado este projeto de resgate de sínteses das Atas de sessões da ACANDHIS durante seus 30 anos de profícua existência, o qual com o concurso da inteligência artificial será disponibilizado em Canguçu-RS em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, que fundei e presido; site criado e administrado por meu filho, Capitão de Mar e Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, também historiador naval e instrutor de navegação na Escola Naval. Trabalho que atendeu a nosso pedido a historiadora e acadêmica Miriam Zuleica Reyes Barbosa e por ela ilustrado com fotos de álbuns sobre a história da ACANDHIS, colecionadas pela acadêmica Vanja Rocha Wiskow. Sínteses revisadas pela acadêmica secretária Aliette Martins Ribeiro, autora da maioria das atas que foram lavradas com muita precisão. Trabalho este que complementamos com as legendas das fotos e notas esclarecedoras visando enriquecê-las. As sínteses retratam o ocorrido durante os 30 anos de existência da ACANDHIS. Este trabalho como livro virtual, será acessível a qualquer computador ou smartphone na rede mundial, ao leitor ou pesquisador interessados, em especial aos canguçuenses que poderão consultar cópias xerox dos livros de Atas originais na ACANDHIS, Biblioteca Clóvis Rocha Moreira ou na Biblioteca do CEFNSA, porém, devem ser preservados, intocáveis, os livros originais contendo as Atas. De longa data sonhava restaurar a perdida História de Canguçu que, como historiador de vocação, ainda aluno do CFNSA a procurava e não a encontrava, julgando haver nascido num município marginal e sem História, porém, conhecido na crônica policial em Bagé. Ao sermos declarado, em 15 de fev 1955, Aspirante a Oficial da Arma de Engenharia do Exército, ao qual sirvo como profissional e historiador militar a 68 anos, iniciamos a pesquisar a História de Canguçu com vistas às comemorações do centenário, no qual pouco ou quase nada se revelou de sua História e o pior foi o extravio dos relatórios anuais dos Intendentes de Canguçu (1889/1929) que foram retirados da Biblioteca Pública de Rio Grande para que o Dr. Oswaldo Müller Barlém ,

Juiz de Direito em Canguçu, fizesse o discurso alusivo ao Centenário. Com sua morte repentina em Piratini, os citados relatórios não retornaram a Biblioteca de Rio Grande, perdendo-se preciosas fontes primárias de cerca de 40 anos, relativas a República Velha em Canguçu. E prosseguimos neste intento, como a procurar uma agulha num palheiro, com vistas à produção de meu primeiro livro sobre Canguçu intitulado: **Canguçu reencontro com a História, um exemplo de reconstituição da memória comunitária**, que só foi publicado em 1983 pelo Instituto Estadual do Livro, sendo Secretário da Cultura do Rio Grande do Sul, o hoje patrono de cadeira na ACANDHIS, Luiz Carlos Barbosa Lessa e que o prefaciou. Dos originais de Canguçu reencontro... em dois densos volumes e até hoje pouco explorados, foram distribuídas cópias a diversas entidades, o que abordo na apresentação do citado livro e na sua reedição em 2007, esta com capa de autoria de meu filho Capitão de Mar e Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento. Em 1973 tendo sido empossado acadêmico da Academia Brasileira de História, em São Paulo, presidida pelo Mestre Dante Laytano, o qual me recebeu falando na História de Canguçu, tivemos sua aprovação no sentido de criar em Canguçu a Delegacia de Canguçu da Academia Brasileira de História, cabendo a função de Delegada a saudosa Irmã Firmina Simon e integrada pelas professors Laedi Bachini Bosembecker e Marlene Barbosa Coelho e pelo radialista Jesus Marques Pereira que desde 1970, Centenário da Guerra do Paraguai, me ajudava através das rádios Liberdade e Cultura a levar a História ao reconhecimento do povo de Canguçu. Marlene Barbosa Coelho, por esta época, liderou um grupo chamado Flor do Lácio que começou a pesquisar Canguçu e a Guerra do Paraguai. Esta Delegacia, com o apoio do Prefeito Gilberto Moreira Mussi, promoveu a 1ª Semana Cultural de Canguçu no ano de 1978, o que a Irmã Firmina me relatou e que preservei nos originais de Canguçu reencontro com a História citados. Foi o renascimento cultural de Canguçu, adormecido desde a Revolução de 1893 que dividiu as famílias canguçuenses. Em 13 de setembro de 1988, centenário de meu pai, cujas fontes da História de Canguçu que colecionava me ajudaram a escrever **Canguçu reencontro com a História...** fundamos ACANDHIS, destinada a pesquisar, preservar e divulgar a História de Canguçu. A ACANDHIS, a considero segundo define o dicionário, “um lugar de recordações memoráveis eternas”, que suas Atas registram e de igual forma seu precioso acervo de livros e arquivos, bem como a memória de seus acadêmicos que comigo enfrentaram e venceram a tarefa de preservar a história da gente e terra canguçuenses; sem esquecer a original e pioneira decoração com fotos históricas nas paredes da ACANDHIS, idealizada pela arquiteta Alice Tabim Parode, com a supervisão e aprovação da vice-presidente Yonne Scherer Bento, que também mandou reformar o mobiliário doado por acadêmicos e pela comunidade, o que as ilustrações das sínteses documentam. Em 1957 não existia nenhum livro que abordasse a História de Canguçu, a não ser a **Revista nº 4 do Centenário de Pelotas- Freguesia**,

em que João Simões Lopes Neto publicou um Bosquejo histórico de Canguçu guiado por meus avós Cel. Genes Gentil Bento, então intendente e Capitão da GN Carlos Norberto Moreira, conforme Simões Lopes Neto registrou em sua reportagem exemplar, que meu pai guardava em seu cofre. Depois chegou ao meu conhecimento que também possuíam exemplares Félix Goulart, pai da acadêmica Ceres de Rosa Goulart e Hugo Nobre do Nascimento. Em 1933 meu pai publicou um relatório em que a parte histórica foi escrita por Longin Von Hausen tendo com foco na Revolução de 93, seguramente por influência do irmão do Coronel da GN Maneco Pedroso que escapara do Cerco do Rio Negro e do qual foi assessor quando este foi intendente em Piratini. A partir daí publicamos os seguintes livros especificamente sobre Canguçu, afora referência a Canguçu na minha bibliografia sobre a História do Rio Grande do Sul: **Canguçu reencontro com a História...** 2 edições, **Os 200 anos da Igreja Matriz N. Sr^a. Da Conceição de Canguçu 1800-2000. Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão de canguçu 1783-1789**, 2 edições, **Centenário de Conrado Ernani Bento, Minhas memórias infantis, Dos Lemes da Ilha da Madeira aos Matos, Moreiras Bentos de Canguçu, Bicentenário da Freguesia de N. Sr^a. Da Conceição de Canguçu** e números artigos; hoje todos estes trabalhos estão disponíveis no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br.

E prefaciamos os seguintes livros: **Canguçu primitivos moradores, primeiros batismos** da ex professora do Grupo Escolar Irmãos Andradas Ilka Guittes Neves, grande genealogista. **Canguçu um novo olhar**, organizado pela Irmã Cecília Ivone Rigo com a participação de um grupo de professoras respondendo a nosso desafio e onde se destaca a historiadora didática de Canguçu, Laedi Bachini Bosenbecker; e mais, **Era uma vez em Canguçu, quando as crianças faziam arte** de Eloah Moreira Morales do Nascimento, minha prima irmã, patrocinado pela Rádio Liberdade, pelo hoje acadêmico Dr. Sebastião Ribeiro Neto. Prefácios disponíveis em site da FAHIMTB. Clóvis Rocha Moreira, nosso primo, escreveu **João Gancho e China Velha; João Gancho** prefaciado pelo acadêmico Carlos Eugênio Meirelles e que mereceu de minha parte comentário disponível em Canguçu RS, em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB. Livros cujos exemplares preservávamos no Arquivo Conrado Ernani Bento. São livros escritos por canguçuenses ou referentes à Canguçu: **Pálidos traços da História de Canguçu, Alauê, Marcas de uma época e Meu Recado**, da acadêmica Céres da Rosa Goulart Da acadêmica Laedi Bachini Bosenbecker os livros didáticos do CFNSA, **Conhecendo Canguçu** – 2 edições, livro que comentei e hoje disponível em Canguçu-RS, no site da FAHIMTB. **Genealogia da família Puente**, obra do acadêmico Géder Luís Goularte Barbosa: **Domingos José de Almeida- Um marco na História do Rio Grande do Sul, Anais do 1º Seminário de História e Maçonaria e Abolição da Escravatura no Sul do Brasil**, da professora Carmem Gessilda Burguet

Schiavon. **Homeopatia Ciência Divina**, escrito pela Dra. Dilza da Silva Boemeke. **João Antônio Saraiva- Um bravo republicano**, escrito por Antônio Saraiva: **A Força do Espelho**, da acadêmica Auta Sirlei Barbosa de Oliveira: Da acadêmica Maria Helena Fonseca Rodrigues: **Nas ruas da vida a vida nas ruas**, com o concurso de seus alunos do Curso Normal do CFNSA. Maria Helena é neta do ilustre casal Antônio (Antonico) Valente e Leontina Aguiar Valente, esta prima irmã de Conrado Ernani Bento e de Isaura Duarte Rodrigues e tetraneta, como muitos canguçuenses, do 1º Professor de Canguçu, em 1857, o professor Antônio Joaquim Bento. Do acadêmico Nilso Pinz: **A colonização Pomerana em Canguçu**, que foi reforçada pela palestra na ACANDHIS de Diuly Pereira Rutz: **Colonização Açoriana- Arte de costurar, Arte de remendar**. O livro **Querer + Ação = Poder**, escrito pelo sócio efetivo Adão Coelho da Silva. A freira Franciscana filha de Canguçu, Irmã Ida Therezinha Ceron, em visita a ACANDHIS anunciou que estava escrevendo um livro. Por fim, o jovem escritor e sócio efetivo da ACANDHIS, **André Pereira da Silva**, escreveu quatro livros, os quais não tive o prazer de ler. A Rádio Liberdade preserva os originais das inspiradas crônicas do acadêmico Lúcio Newton Meirelles Prestes, as quais sugiro poderiam ser digitalizadas e integradas ao site da Rádio Liberdade; aliás, consegui resgatar da Rádio Liberdade a bela crônica do Tenente Noguês alusiva ao falecimento de meu pai Conrado Ernani Bento, hoje Patrono da ACANDHIS, a qual está disponível em Canguçu RS, em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB. Uma grande contribuição coletiva para a História de canguçu foi a **Revista dos 200 anos de Canguçu**- 1º de janeiro de 2000, comemorativa dos 200 ano de Canguçu, 500 anos do Descobrimento do Brasil e do ingresso no 3º milênio. Nela colaboraram com assuntos históricos diversos 47 colaboradores: acadêmicos, ex-prefeitos, um vereador, o tabelião, radialistas, esportistas, etc... que estão relacionados nas abas da Revista, a qual a ACANDHIS possui um grande número disponível. Tivemos a revelação de um grande poeta da Vila dos Campos, Sabino Campos. O Hino de Canguçu de autoria do acadêmico Carlos Eugênio Meirelles e muitas poesias da inspirada poetisa Irmã Cecília Ivone Rigo e agora este livro da historiadora de vocação e formação, acadêmica Miriam Zuleica Reyes Barbosa, sintetiza os livros de ATAS redigidas, em sua maioria, pela acadêmica Aliette Martins Ribeiro ao substituir as primeiras redatoras, as acadêmicas Vanja Rocha Wiskow e Marlene Barbosa Coelho; livro que contou com nossa contribuição colocando legendas nas fotos e sempre que necessário colocando notas ao texto. É da acadêmica Miriam Zuleica Reyes Barbosa o rico Blog: **De Cangussu a Canguçu**- Muitas Histórias, ou de Cangussu (1800-c1940) a Canguçu (c1941- atualidade). Ou cerca de 140 anos de Cangussu e 78 anos de Canguçu. A História de Canguçu está perenizada em Canguçu RS, em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB (Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil) que fundei e presido na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende –

RJ. Hoje a ACANDHIS possui sede própria, com suas paredes decoradas com fotos de sua História e da cidade de Canguçu e o precioso arquivo Conrado Ernani Bento com sua rica e bela História integrada nas da FAHIMTB e de IHTRGS em todos os meus trabalhos colocados na internet e grande parte do acervo da História do Exército Brasileiro, em decorrência da minha atividade principal de Historiador do Exército a 48 anos. Não posso deixar de registrar o concurso dos Pontos de Cultura de Canguçu, feliz iniciativa do Ministério de Cultura implantado pela FURG e sua contribuição para a construção da sede da ACANDHIS, seu aparelhamento e para a revelação de novos valores culturais. Para envolver os jovens em atividades literárias foram realizados quatro concursos literários promovidos pela ACANDHIS e pelo CFNSA em seus tradicionais ELAs (Encontros Literários do Aparecida) dos quais tive a grande honra de ser patrono do ELA 2010, do qual guardo foto junto com os alunos premiados. História perdida, que constatei em 1957 e que hoje está restaurada, perenizada e disponível para as gerações futuras com ajuda da Ciência da Informação e Inteligência Artificial; preservá-la, pesquisá-la e divulgá-la, este é o nosso desafio para as futuras gerações de canguçuenses de nascimento e de coração. A ACANDHIS cumpriu sua nobre missão e o futuro, a Deus pertence"! Para concluir, uma reverência ao patrono de Cadeira e acadêmicos falecidos que contribuíram para restaurar, preservar e divulgar a perdida História de Canguçu. Patrono: DR. NILSON MEIRELLES PRESTES , talvez o mais inspirado artista que Canguçu até hoje revelou. Acadêmicos: AMILTON VALENTE DA SILVEIRA ANNA LUIZA DE SOUZA OLIVEIRA THOMAZ ÂNGELO PIRES MOREIRA ARMANDO ECÍQUIO PERES CÉRES DA ROSA GOULART FLÁVIO AZAMBUJA KREMER LÚCIO NEWTON MEIRELLES PRESTES MARLENE BARBOSA COELHO MOACYR PEREIRA DE MATTOS OSÓRIO SANTANA FIGUEIREDO (correspondente) JOSÉ LUIZ SILVEIRA Ten. Cel. Briga Militar (correspondente) Um agradecimento especial: Ao acadêmico benemérito da FAHIMTB Professor FLÁVIO CAMARGO da UFRGS, por haver doado a ACANDHIS exemplares da Comenda Cerro da Liberdade que ele projetou. Ao acadêmico da FAHIMTB Sub Ten. EVILÁCIO BARBOSA SALDANHA por haver composto a letra do Hino da ACANDHIS. A Rádio Liberdade pelo apoio dado a ACANDHIS, colocando seus microfones a disposição desta Presidência sempre que necessário. Aos poderes EXECUTIVO e LEGISLATIVO pelo apoio que sempre dispensaram a ACANDHIS nestes 30 anos de vitoriosa existência, seguramente no entendimento de que a nobre missão de preservar, pesquisar e divulgar a Memória histórica de Canguçu e do povo canguçuense é tarefa desses poderes como seus representantes; tarefa que a ACANDHIS realiza para eles gratuitamente, coerente com esta afirmação de uma grande autoridade brasileira, o Presidente Emílio Médici, ao assumir a Presidência de Honra do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Casa da Memória Nacional: "Não se governa bem sem História

e Historiadores”. Estas efemérides juntam-se as Efemérides Canguçuenses que coloquei no livro que esta disponível em Canguçu RS, em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB. Ouvi certa feita esta afirmação: “O ser humano vem a este mundo, escreve sua história e parte; história sem valor e histórias de muito valor, das quais muitas servem de exemplos as gerações futuras”. Creio e tenho fé que os acadêmicos da ACANDHIS deixam à posteridade canguçuense uma história de muito valor e exemplar às futuras gerações que desejarem dar continuidade a História de Canguçu. Que assim seja e sob a inspiração de Deus.

34 – MINHA APRESENTAÇÃO NO LIVRO DIGITAL POSSE DE INGRID GOULART BOHMER FERRAZ



Professora Ingrid Goulart Bohmer Ferraz

RECEPÇÃO COMO ACADÊMICA DA PROFESSORA INGRID GOULART BOHMER FERRAZ

Em 13 de Setembro de 1988, há 33 anos, ao inaugurarmos a Academia Canguçuense de História no hoje Salão de Honra da Casa de Cultura Marlene Barbosa Coelho, fomos apresentados a uma graciosa e animada menina aos 12 anos, que cedo havia participado em atividades tradicionalistas, representando Canguçu como Prenda em vários eventos nacionais.

Então decidimos admiti-la como primeira sócia júnior da ACANDHIS.

E esta animada menina, decorridos 33 anos da fundação da ACANDHIS é hoje a professora Ingrid Bohmer Goulart Ferraz, casada com o Sr Jardel Martins Ferraz e mãe de Ana Carolina e Maria Laura.

Ingrid é bisneta de Nico Duarte que faleceu centenário e de Badico Creut Goulart e neta Hipocrates (Santos) Goulart, um dos pioneiros no futebol em Canguçu, junto com meu cunhado Altair Bandarra. Hipocrates irmão de meu saudoso amigo de infância e adolescência Nede Goulart e também de meu amigo Osmar Goulart, ambos falecidos;.

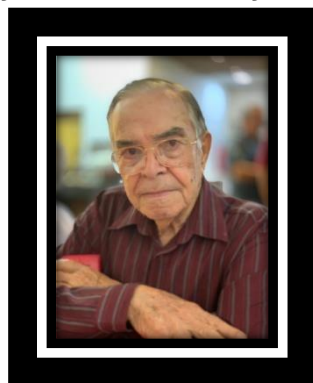
Ingrid muito participou das atividades da ACANDHIS como locutora. E passado os anos, a reencontro como professora municipal no interior pesquisando sobre quilombolas de Canguçu. E, daí em diante perdemos o contato. Ela formou-se em Comunicação Social e Jornalismo e Licenciatura em Letras pela Universidade Católica de Pelotas e se especializou em Educação continuada pelo IFSUL.

Ao escrevermos nosso livro recente **ACANDHIS A CASA DA MEMÓRIA HISTÓRIA DE CANGUÇU**, procuramos em vão encontrar o seu endereço, telefone e e-mail para homenageá-la, mais sem sucesso.

Hoje Ingrid também é descendente de pomeranos e se “considera uma apaixonada pelo Magistério, o qual junto com sua família, constituem os pilares de sua existência.”

Seja bem vinda à Casa da ACANDHIS hoje com 33 anos de profícua existência, A casa é sua. Tome assento e fale-nos do ilustre canguçuense Arcebispo de Campos D. Otaviano de Albuquerque, e da falecida e saudosa acadêmica Professora Rosenda Barbosa Telesca que tanto contribuiu para o desenvolvimento da ACANDHIS, como historiadora da infra-estrutura de proteção a saúde em nossa terra, homenageando aos que se dedicaram a este importante ramo. Temos estudado a vida deste ilustre canguçuense Dom Octaviano que foi amigo de infância e adolescência de meu avô Cel Genes Gentil Bento. Ao se fixar no Rio de Janeiro no Mosteiro de São Bento deu início no Rio de Janeiro a Páscoa dos Militares. Celebrou no rio a missa pela alma do heróico neto de D. Pedro II em cerimônia que reuniu integrantes da família imperial Brasileira. Por ocasião da Intentona Comunista na Praia Vermelha foram mortos vários soldados comunistas e também dos reprimiram a revolta. E a irmã de um deles escreveu um livro resgatando a memória de seu irmão defendendo que ele não fora revoltoso e pediu ao Presidente João Figueiredo que o prefaciasse. E o livro foi submetido a minha apreciação como historiador militar, para que o presidente não viesse praticar um erro de Julgamento. E na minha análise deparei com a opinião no caso do meu ilustre conterrâneo Arcebispo D. Otaviano, opinando ao Presidente Getúlio Vargas que o soldado morto era de família muito católica e que jamais se envolveria numa atividade revolucionária comunista. E meu relatório de segurança foi para que o Presidente prefaciasse o citado livro da irmã em defesa da memória de seu irmão, a limpar o seu nome da suspeita de haver participado da Intentona. Assunto que abordei ao tratar D. Otaviano como filho ilustre da Canguçu as p.278/280 de meu livro **Canguçu reencontro com a História...** disponível para ser baixado em Livros e Plaquetas, em Canguçu-RS no site www.ahimtb.org.br Renovados parabéns a nova acadêmica de quem muito espera a ACANDHIS em dedicação.

35 – MINHA APRESENTAÇÃO DO LIVRO 200 ANOS DA MATRIZ N.S DA CONCEIÇÃO DE CANGUÇU 1800-2000



Cel Cláudio Moreira Bento
Presidente da ACANDHIS

O presente trabalho comemorativo, em 1 º de janeiro de 2.000, dos 200 anos da Igreja Matriz N.S da Conceição de Canguçu, é uma ampliação expressiva de trabalho pôr nós publicado na Coluna Querência da União Gaúcha J.Simões Lopes Neto do **Diário Popular** de Pelotas em 1972 ,ano do Sesquicentenário da Independência . Ele incorpora estudos realizados pêlos padres jesuítas A Raupert e Diebels, Heloísa Assumpção do Nascimento, Ilka Guittes Neves, Maria da Graça Valente da Silveira, subsídios de Flávio Azambuja Kremer, fotos do Arquivo Conrado Ernani Bento e a muito esclarecedora pesquisa que realizamos em 27 janeiro 1999 no Arquivo Nacional, reveladora dos nomes dos 63 moradores e esposas que contribuíram, financeiramente, para a construção da capela primitiva em1800-1804 e, a real explicação da perda legal para o município, em 1857, dos terrenos doados à padroeira em 1800, assunto até então não explicado. Nosso trabalho é um misto de saudades, de memórias pessoais, de reverências, de genealogia, de efemérides, de justiça e de interpretação históricas que balizam os 200 anos da igreja matriz N. S. da Conceição de Canguçu, a célula mater. da comunidade canguçuense que nasceu e se desenvolveu a sua sombra. E antes de tudo, hoje, um monumento comunitário acima de religiões. É com profunda emoção de filho amante de Canguçu, meu torrão natal, que ofereço às atuais e futuras gerações este trabalho feito com muito amor e vigílias, esperando que nos anos 2100, 2.200, 2.330 etc ainda dele restem exemplares. E assim, que meu esforço tenha continuadores quando meu corpo e minha alma deixarem o mundo dos vivos e só permanecer pairando sobre o meu Canguçu amado o meu espírito, traduzido pôr minhas obras históricas sobre a minha terra e gente canguçuenses . E tudo coerente com a afirmação de que o homem é eterno enquanto sua obra for lembrada. E que assim seja!

Cel Cláudio Moreira Bento
Presidente da Academia Canguçuense de História

**36 - MEU PREFÁCIO DO LIVRO DIGITAL O MAIS “GARBOSO”
DOS SINUELOS, DA ACADÊMICA PROFESSORA AUTA
SIRLEI BARBOSA OLIVEIRA**



Acadêmica Professora Auta Sirlei Barbosa de Oliveira

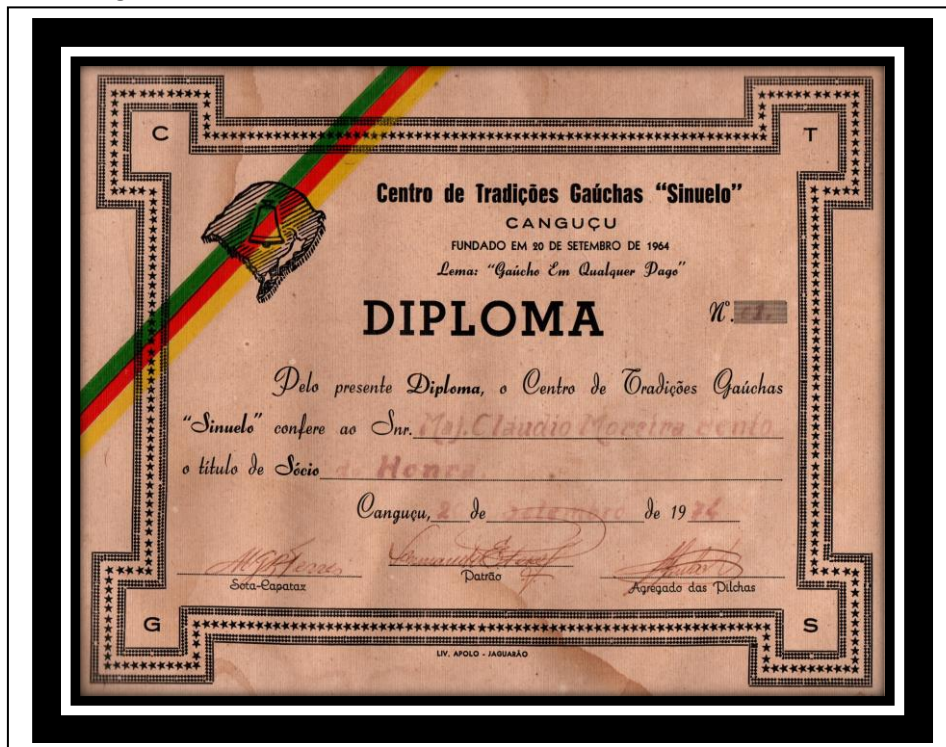
Muito honrado como historiador e tradicionalista gaúcho, que prefacio o segundo livro digital da dedicada acadêmica Auta Sirlei Barbosa de Oliveira, focalizando a vida e obra de seu falecido marido Adali Prestes dos Santos, falecido repentinamente aos 75 anos em 5 fev 2015 e acompanhado, até a sua última morada, por um enorme cortejo de tradicionalistas canguçuenses a cavalo. Casal pais do jovem Tibiriça Oliveira Santos. Por este livro como historiador e também tradicionalista pude constatar com muita satisfação de canguçuense, o grande desenvolvimento do tradicionalismo gaúcho em Canguçu. Lembro que em minha infância e adolescência em Canguçu se destacavam em trajar-se a moda gaúcha Carlos (Carlitos) Silveira, Mano Pires Terres e Gaudêncio da vila dos Campos. Os demais não praticavam esta tradição. Lembro que era comum o uso ao invés do chapéu de aba larga, os capacetes Ramenzoni.

Além de historiador, hoje o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e diversidade de minha produção historiográfica militar e civil, conforme registrou Auta Sirlei nas abas de meu livro **ACANDHIS-A Casa da Memória Histórica de Canguçu...** Tenho sido um tradicionalista gaúcho como registro a seguir.

Em 1951 ao ingressarmos na Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre integramos um pequeno grupo dedicado ali a cultuar as Tradições Gauchas. E este grupo foi visitar o escritor Manoelito de Ornelas, autor do livro **Gaúchos e beduínos** para beber em sua fonte. E a convite desse grupo ele proferiu conferência sobre o assunto na citada Escola, onde o Tenente Coronel João Cezimbra Jaques, atual patrono do MTG, havia dado início, com o concurso de alunos da então Escola de Guerra de Porto Alegre, ao culto das Tradições Gauchas. Cezimbra Jaques que em Rio Pardo na Escola Militar de Rio Pardo continuava a manter as tradições gaúchas conforme revelei em meu livro **Escolas Militares de Rio Pardo**, disponível para baixar em meu site www.ahimtb.org.br

Ao mesmo tempo visitamos o CTG 35 em Porto Alegre e acompanhamos nosso primo Barbosa Lessa e, Paixão Cortes em alguns eventos. E na Academia Militar das Agulhas Negras, da qual sou o seu maior historiador, aquele grupo de Porto Alegre continuou cultuando as tradições gauchas numa roda de mate muito concorrida.

Em 1974 depois de haver servido no Recife e lá haver publicado meus três primeiros livros **As Batalhas do Guararapes, A Grande Festa dos Lanceiros e Autoria dos Símbolos do Rio Grande do Sul**, visitamos O GTG Sinuelo em 20 set 1774 e lhe ofertamos os citados livros .E então fomos pelo GTG Sinuelo diplomados como seu Sócio de Honra nº 1. Diploma assinado por Armando Ecíquo Peres, Raul Silveira e pela filha de Leão Pires Terres. Neste dia foi servido um churrasco em minha homenagem, e assado por meu amigo Raul Silveira.



No **Diário Popular** de Pelotas publiquei denso e rico caderno alusivo a Revolução Farroupilha na Zona Sul, da qual resultou a proclamação da Republica Rio Grandense. E a seguir publicamos denso artigo no citado jornal sobre o Sesquicentenário da instalação da Republica Rio-Grandense em Piratini onde fomos representado no evento pelo grande tradicionalista Armando Eciquo Peres, que também nos representaria em Congresso Tradicionalista em Santa Vitória levando nosso artigo Santa Vitória na História Militar.

Em 10 de setembro de 1986 fundamos, no Auditório da Escola Técnica Federal em Pelotas, o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul IHTRGS, que reuniu destacados historiadores e tradicionalistas gaúchos dentre eles ligados a Canguçu o Major Ângelo Pires Moreira e Mario Barbosa Mattos Evento em que Canguçu se fez representar pelo sua secretaria de Educação Professora Aliette Martins Ribeiro. Então viajamos até Seival e Campo do Menezes onde encontrei o Piquete Vanguardeiro e seus integrantes, IHTRGS que continua exercendo seus objetivos culturais há 35 anos, a serviço da História e Tradições do Rio Grande do Sul e do qual sou Presidente Emérito e membro, tendo passado sua presidência ao historiador e tradicionalista Juarez Nunes da Silva há 3 anos, IHTRGS que possui Delegacia em Canguçu que integra diversos de seus membros,e dirigidos por seu Delegado Géder Goularte Barbosa historiador e destacado

tradicionalista, e acadêmico da ACANDHIS, titular da cadeira Luiz Carlos Barbosa Lessa, o filósofo do tradicionalismo gaúcho.

E estou ligado as origens do Piquete Vanguardeiro. A amiga, historiadora e tradicionalista Marlene Barbosa Coelho nos pediu sugestão de um nome para um Piquete tradicionalista de Canguçu e eu sugeri o nome do heróico General Honorário Hipólito Pinto Ribeiro que teria sido o Vanguardeiro do Vanguardeiro General Andrade Neves e Barão do Triunfo. E o nome foi aceito. Herói que abordei no Rio de Janeiro em simpósio sobre a Proclamação e Consolidação da República. E em todas as atividades do Vanguardeiro me senti espiritualmente presente em razão das homenagens por ele prestadas em suas históricas cavalgadas serem temas por mim abordados em meu Caderno sobre o Sesquicentenário da Revolução Farroupilha no **Diário Popular** e em meus livros **Canguçu reencontro com a História** edições de 1983 e 2007 e mais no **O Exército Farrapo e os seus Chefes**. Assessoria imagino prestada pela acadêmica Maria Helena Valente da Fonseca Rodrigues a seu pai.

Em 2000 figurei pilchado na Comissão de Frente do desfile tradicionalista em 20 set em Canguçu, como presidente do IHTRGS e da ACANDHIS ao lado de meus primos Barbosa Lessa, o filósofo do tradicionalismo Gaúcho, Moacyr Mattos, Caio Moreira Pinheiro e de meu irmão José Moreira Bento, segundo Cairo um pioneiro tradicionalista.

Neste mesmo ano como presidente e fundador da ACANDHIS organizamos a **Revista do 200 anos de Canguçu** na qual Armando Ecíquo Peres e Cairo Moreira Pinheiro abordaram as raízes do tradicionalismo gaúcho em Canguçu.

Fundei o IHTRGS sobre o argumento de que a História é a mãe da Tradição, e que Tradição sem base na História não é Tradição é fantasia. E mais de que tradição esta para um povo como o perfume para a flor. Enfim para tentar frear, em especial nas colônias alemãs e italianas, algumas fantasias consideradas tradições, mas sem apoio na História.

Mas passemos ao objetivo do presente livro sobre Adali. Quando saiu de Canguçu para estudar Adali possuía cerca de 4 anos e quando iniciei a pesquisar a história de Canguçu ele possuía 16 anos. Então conheci sua irmã Mary Prestes dos Santos, estudante muito aplicada qual em 1956 era uma espécie de Secretária de Educação, do Dr. Jaques Machado. A ela apresentei minha pesquisa inicial da perdida ou esquecida História de Canguçu a cujo resgate e divulgação me dedico há 55 anos. Mas o trabalho não foi aproveitado e foi feito um álbum comemorativo que nada tinha a haver com a História de Canguçu ainda esquecida ou perdida. Nesta oportunidade a memória histórica de Canguçu sofreu rude golpe. O Dr Emílio Barlém, juiz municipal e muito estimado em Canguçu, foi convidado para fazer o discurso comemorativo do Centenário de Canguçu. E para tal retirou da Biblioteca Pública de Rio Grande os relatórios anuais dos intendentes de Canguçu da República Velha. Com sua morte repentina em Piratini os citados relatórios não retornaram à Biblioteca. Foram extraviados e com eles parte deles importantes fontes da História de Canguçu de 1889-1929, ou 40 anos. E seu discurso não foi publicado. Suas palavras voaram, não permaneceram escritas. Antes o secretário da Irmandade de N.S. da Conceição de Canguçu João Baptista Pereira Galvão havia escrito a história de Canguçu, mas consta que um filho seu as incinerou. E parte importante

delas consegui resgatar no Arquivo Nacional quando éramos Diretor do Arquivo Histórico do Exército. Parte relativa aos primeiros habitantes de Canguçu que contribuíram para a estruturação da Capela Curada N.S da Conceição de Canguçu. Desta fundação, em 1812 no Centenário da Freguesia, meu avô Carlos Norberto Moreira conseguiu obter dados sobre a fundação da Capela Curada, escritas pelo filho de Canguçu Manoel José de Freitas ,grande historiador em seu tempo. Subsidio que passou para o escritor João Simões Lopes Neto que o usou no seu Bosquejo Histórico de Cangussu na **Revista do Centenário de Pelotas nº 12**. Assim o primeiro historiador de Canguçu foi o mais tarde Comendador Manoel Jose de Freitas e o segundo João Simões Lopes, orientado que foi, conforme ele registrou por meus avós Genes Gentil Bento e Carlos Norberto Moreira.

Mas passemos a descrever a história de vida de Adali escrita por sua mulher a novel escritora Auta Sirlei Barbosa de Oliveira e dentro da idéia do escritor Álvaro Moreira **As Amargas não**. Ou seja, só recordar as boas lembranças e as amargas Não!

E recorda a caminhada de Adali a partir de seu falecimento repentino e as homenagens que recebeu como tradicionalista gaúcho de altíssimo quilate. Inicialmente uma foto da enorme cavalgada de tradicionalistas o acompanhando até a última morada seguida de sua expressiva encomendação em poesia pelo Reverendo Paulo Fernando de Souza, canguçuense de cujo pai fui amigo como caçadores de perdiz e como enfermeiro que foi de uma Companhia do 1º Batalhão Ferroviário que construiu a ferrovia Pelotas Canguçu aquartelada nos fundos de chácara de minha avó Firmina Moreira e, na altura do atual Ginásio de Esportes Municipal Conrado Ernani Bento, A seguir poesia Francisco José Coelho seu primo. E a seguir poesia de Virgílio Camargo da qual destaco este trecho:

**“Adali, teu legado está aqui,
Na tradição ficou tua raiz
E relembrar-te nos faz feliz
Adali, deixou um legado entre nós
De valorizar a tradição
Sejam crianças, pais ou avós.”**

A seguir a autora aborda sua ligação com Adali e o fruto desta união o filho Tibiriça hoje com 25 anos.

Emocionante a homenagem que lhe presta o tradicionalista e acadêmico da ACANDHIS e Delegado em Canguçu do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul Géder Goulart Barbosa.

E assim foi a caminhada de Adali. Começa como agricultor, Aos 19 anos integra a diretoria da Sociedade Recreativa Floridense, ano em que participa da fundação do GTG Joaquim Paulo de Freitas, que adolescente o conheci num baile lá para os lados de Piratini, onde ele conversava muito cercado por um grupo de admiradores tomava bastante cerveja e volta e meia e com freqüência saía do baile e ia do lado de fora “tirar água do Joelho.”

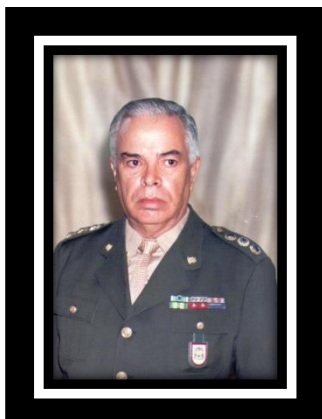
Em 1967 participa da organização e fundação da Sociedade Rural de Canguçu. Em 1967 integrou grupo que fundou o GTG Sinuelo do qual foi eleito aos 37 anos em 1977 seu Patrão. Coordenou a 21 RT em 1978/1979. Em 1980 passou a ser Posteiro de Invernada e a seguir da Invernada Campeira.

E continua Auta Sirlei,descrevendo a Saga tradicionalista dr Adali em obra apoiada em 40 fotos coloridas.Esperamos que os tradicionalistas canguçuense apreciem a presente obra de uma notável escritora e historiadora canguçuense que desponta e se reafirma.Boa leitura aos leitores e tradicionalistas interessados.Livro que estará disponível na rede mundial de computadores em meu site www.ahimtb.org.br .

Cel Claudio Moreira Bento

Historiador, tradicionalista,memorialista e jornalista

37-MINHA APRESENTAÇÃO DO INDICE DA REVISTA DO CLUBE MILITAR 1926-1987 O



Cel Cláudio Moreira Bento
Diretor do Arquivo Histórico do Exército

O presente Instrumento de Trabalho nº 5, índice PROVISÓRIO da **Revista do Clube Militar (RCM)**, é uma contribuição do Arquivo Histórico do Exército (AHEx) ao Centenário do Clube Militar, fundado em 26 de junho de 1887, na sede do Clube Naval (CN) na atual Praça Tiradentes.

Foi elaborado sob nossa Direção na dupla condição Diretor do Arquivo Histórico do Exército e de Diretor do Departamento Cultural e da Revista do Clube Militar.

A presente contribuição se resumiu na microfilmagem da Revista e do presente índice PROVISÓRIO, na classificação por autores, em ordem alfabética, por assuntos e, no **Sistema de Classificação de Assuntos de História do Exército (SCAHEx)**, em utilização / pelo Arquivo.

Por não ter sido feito por especialistas em Biblioteconomia, Arquivologia e História, seu caráter, é PROVISÓRIO para o fim de progressivo aperfeiçoamento.

Assim, o AHEx e o CM solicitam dos consulentes, que comuniquem possíveis incorreções para aperfeiçoá-lo progressivamente, pela alteração do original datilografado em poder do Arquivo, para posterior substituição definitiva da presente edição experimental.

A seguir, além do índice, anexa-se outros elementos de interesse:

- Como usar este Instrumento de Trabalho;

- Lista de Distribuição do presente Instrumento de Trabalho, -
Relação de Presidentes do Clube Militar, - Relação de Diretores do
Departamento Cultural do Clube Militar- Relação de Diretores da Revista do
Clube Militar, - Equipe que trabalharam na elaboração deste Instrumento de
Trabalho (no final).

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1987

COMO UTILIZAR O PRESENTE INSTRUMENTO DE TRABALHO

Procurar o nome do autor em ordem alfabética pelo seu último nome.
Logo a seguir, na coluna SCAHEX, verificar como o assunto foi classificado a
luz do Sistema de Classificação de Assuntos de História do Exército - O
Instrumento de Trabalho nº 3, editado pelo Arquivo Histórico do Exército.

Nas colunas seguintes se obterão o ano da revista, o seu número, a
página inicial da matéria, o semestre, e última, o número do rolo do
microfilme onde se encontra a matéria procurada.

Da coluna SCAHEX, se pode ter a orientação acerca de quantas vezes
determinado assunto classificado é tratado, possibilitando, sem muito rigor, a
organização de listas hemerográficas específicas sobre um assunto
pesquisado.

As fichas que deram origem ao presente índice por autores, títulos e
assuntos classificados pelo **Sistema de Classificação de Assuntos de
História do Exército**, foram incorporados à Biblioteca do Clube Militar, onde
se encontra uma coleção completa da revista.

ADVERTÊNCIA

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro é a mais antiga
da América do Sul. Ela é distribuída aos principais centros de estudos de
História do Mundo.

Sua coleção está a disposição dos consulentes nos seguintes locais
entre outros:

Rio de Janeiro

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Rua Augusto Severo 84 – 1º
Andar

Arquivo Histórico do Exército Palácio Duque de Caxias – 6º Andar

Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro - Cinelândia

Brasília

Centro de Documentação do Exército

QG do Exército - SMU

Rio Grande do Sul

Biblioteca Rio-Grandense - Rio Grande - RS

Porto Alegre

Pontifícia Universidade Católica

(que possui indicações de outras coleções no Rio Grande do Sul)

LISTA DE DISTRIBUIÇÃO

Exemplar

nº 01 - Ministro do Exército

nº 02 - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

nº 03 - Centro de Documentação do Exército - Biblioteca

nº 04 - Museu Histórico do Exército

nº 05 - Biblioteca do Exército

nº 06 - ECEME - Cadeira de Historia Militar

nº 07 - AMAN - Cadeira de Historia Militar

nº 08 - Arquivo Nacional

nº 09 - Arquivo Histórico do Itamarati

nº 10 - Centro de História Contemporânea - FGV

nº 11 - Museu Histórico Nacional - Biblioteca

nº 12 - Arquivo Histórico do Exército

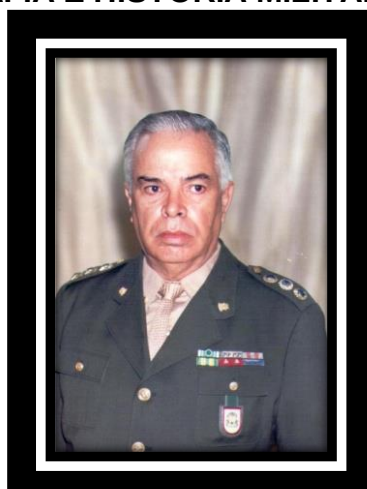
nº 13 - Diretor do Arquivo Histórico do Exército

OBSERVAÇÕES

- O instrumento de trabalho nº 7, ora distribuído será melhor entendido a luz do instrumento de trabalho nº 3 (Sistema de Classificação de Assuntos de História do Exército) já distribuído.

- O original encontra-se arquivado, para futuras reproduções que se fizerem necessárias.

38-MINHA APRESENTAÇÃO DO INDICE DA REVISTA DO INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTORIA MILITAR DO BRASIL



Cel Cláudio Moreira Bento

O presente índice PROVISÓRIO da Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (RIHGMB) é uma contribuição ao seu

Cinquentenário, em 1986, de parte do Arquivo Histórico do Exército (AHEx).

Foi elaborado sob nossa direção na dupla condição de Diretor do AHEx e Bibliotecário do IGHMB com apoio em trabalho esboçado pelo Cel Jardro de Alcântara Avellar.

A presente contribuição se resumiu na microfilmagem da Revista e sua classificação, por autores em ordem alfabética, por assuntos e pelo Sistema de Classificação de Assuntos de História do Exército (SCAHE), em utilização pelo Arquivo,

Por não ter sido feita por especialistas em Biblioteconomia e História, seu 'caráter' é PROVISÓRIO para o fim de progressivo aperfeiçoamento I

Assim, o AHEx e o IGHMB solicitam dos consulentes que comuniquem possíveis incorreções para aperfeiçoá-lo progressivamente, pela alteração do original datilografado, em poder do Arquivo, para posterior substituição definitiva.

Rio de Janeiro, RJ, 30 de outubro de 1986.

CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Coronel Diretor do AHEx e Bibliotecário do IGHMB

COMO UTILIZAR O PRESENTE INSTRUMENTO DE TRABALHO

Procurar o nome do autor em ordem alfabética pelo seu último nome. Logo a seguir, na coluna SCAHE, verificar como o assunto foi classificado a luz do **Sistema de Classificação de Assuntos de História do Exército** - o Instrumento de Trabalho nº 3, editado pelo Arquivo.

Nas colunas seguintes se obterá o ano da revista, o seu número, a página inicial da matéria, o semestre e na última, o número do rolo do microfilme onde se encontra a matéria procurada.

Da coluna SCAHE se pode ter a orientação acerca de quantas vezes determinado assunto classificado é tratado, possibilitando, sem muito rigor, a organização de listas hemerograficas específicas sobre um assunto pesquisado.

As fichas que deram origem ao presente índice por autores, títulos e assuntos classificados pelo SCAHE, foram incorporados ao Fichário Geral do Arquivo.

- Executaram o presente trabalho, sob orientação superior, o Sub ten Inf ANECY CAMPOS FILHO e as Funcionárias JACY VIEIRA DOS SANTOS e VALCIRA BARBOSA HENRIQUE, todos do AHEx.

LISTA DE DISTRIBUIÇÃO

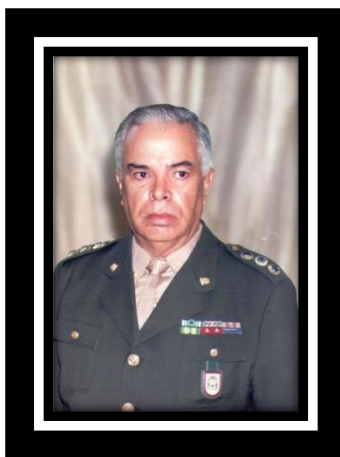
- Ministro do Exército
- **Presidente do Clube Militar**
- Secretário Geral do Exército
- Arquivo Histórico do Exército
- Museu do Clube Militar
- Biblioteca do Clube Militar

- Biblioteca do Exército
- Centro de Documentação do Exército
- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
- Centro de Historia Contemporânea - FGV
- Diretor do Arquivo Histórico do Exército

OBSERVAÇÃO:

O original do microfilme deste Instrumento de Trabalho encontra-se em Brasília na Diretoria de Informática no Arquivo Histórico do Exército que também mantém em seu poder os originais do índice, para posteriores reproduções de cópias necessárias.

39 - O EXÉRCITO NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO E EM SUA REVISTA



Cel Cláudio Moreira Bento

APRESENTAÇÃO

O presente Instrumento de Trabalho nº 7 - **O EXÉRCITO NA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (1839-1987)** e laborado à luz do SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO DE ASSUNTOS DE HISTORIA DO EXÉRCITO (SCAHex), é uma contribuição do Arquivo Histórico do Exército, ao Sesquicentenário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1988, e a sua revista em 1989.

Ele abrange assuntos de interesse direto e alguns de interesse indireto da História do Exército. Esta entendida como a do Exército Brasileiro a partir da Independência e a das Forças Terrestres Brasileiras que o antecederam, do Descobrimento à Independência .

É um Instrumento de Trabalho PROVISÓRIO com classificação não rigorosa, e em contínuo aperfeiçoamento.

Ele se baseou no índice dos **Assuntos Gerais da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, doado ao Arquivo Histórico do Exército

e a este seu Diretor, pelo Professor de História da PUC - Porto Alegre, João Planella, oficial R/2 do Exército e meu antigo professor na 2ª Serie do Ginázio Gonzaga em Pelotas RS em 1946..

Foi elaborado pela funcionária do Arquivo, D. Ângela Maria Cardoso Vieira, sob nossa orientação.

Rio de Janeiro,RJ, 01 de janeiro de 1988
CLÁUDIO MOREIRA BENTO, Cel Dir AHEX

COMO UTILIZAR O PRESENTE INSTRUMENTO DE TRABALHO

Procurar o nome do autor em ordem alfabética pelo seu último nome. Logo a seguir, na coluna SCAHE, verificar como o assunto foi classificado a luz do **Sistema de Classificação de Assuntos de História do Exército** - o Instrumento de Trabalho nº 3, editado pelo Arquivo.

Nas colunas seguintes se obterá o ano da revista, o seu número, a página inicial da matéria, o semestre e na última, o número do rolo do microfilme onde se encontra a matéria procurada.

Da coluna SCAHE se pode ter a orientação acerca de quantas vezes determinado assunto classificado é tratado, possibilitando, sem muito rigor, a organização de listas hidrográficas específicas sobre um assunto pesquisado.

ADVERTÊNCIA

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro é a mais antiga da America do Sul. Ela é distribuída aos principais centros de estudos de História do Mundo.

Sua coleção está a disposição dos consulentes nos seguintes locais entre outros:

Rio de Janeiro

- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Rua Augusto Severo 84 – 1º Andar
- Arquivo Histórico do Exército Palácio Duque de Caxias – 6º Andar
- Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro - Cinelândia

Brasília

- Centro de Documentação do Exército
- QG do Exército - SMU

Rio Grande do Sul

- Biblioteca Rio-Grandense - Rio Grande - RS

Porto Alegre

- Pontifícia Universidade Católica
- (que possui indicações de outras coleções no Rio Grande do Sul)

LISTA DE DISTRIBUIÇÃO

Exemplar

- nº 01 - Ministro do Exército
- nº 02 - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
- nº 03 - Centro de Documentação do Exército - Biblioteca
- nº 04 - Museu Histórico do Exército
- nº 05 - Biblioteca do Exército
- nº 06 - ECEME - Cadeira de Historia Militar
- nº 07 - AMAN - Cadeira de Historia Militar
- nº 08 - Arquivo Nacional
- nº 09 - Arquivo Histórico do Itamarati
- nº 10 - Centro de História Contemporânea - FGV
- nº 11 - Museu> Histórico Nacional - Biblioteca
- nº 12 - Arquivo Histórico do Exército
- nº 13 - Diretor do Arquivo Histórico do Exército

OBSERVAÇÕES

- O instrumento de trabalho nº 7, ora distribuído será melhor entendido a luz do instrumento de trabalho nº 3 (Sistema de Classificação de Assuntos de História do Exército) já distribuído.

- O original encontra-se arquivado, para futuras reproduções que se fizerem necessárias.

O EXÉRCITO NO IHGB Cel Cláudio Moreira Bento

(Passagens de sua oração no IHGB no encerramento das comemorações do Sesquicentenário de Nascimento do Gen João Severiano Fonseca em 1987)

O Instituto em sua fundação contou com o concurso do "brigadeiro - Raimundo José da Cunha Mattos. E durante 25 anos, desde a idade de 49 anos foi seu sócio honorário o Duque de Caxias, Patrono do nosso Exército. O IHGB guarda deste ilustre sócio grande parte da documentação que balizou sua carreira de oficial e como titular do Império, bem como nomeações para comandar forças em lutas internas que pacificou e lutas externas que venceu, e apreciação pessoal crítica sobre a Batalha do Passo do Rosário, em 20 fev 1827.

O IHGB guarda como a maior de suas relíquias, há 62 anos, a invicta espada de Caxias de seis campanhas da qual o espadim dos cadetes, - instituído em 1931, como a arma privativa dos mesmos e para eles símbolo

da Honra Militar, são cópias fiéis em escala da invicta espada.

Alem da documentação de Caxias é patrimônio do IHGB o Arquivo do Marechal Osório, atual Patrono da Arma de Cavalaria e o maior líder de combate de nossa História.

Foi seu membro o Marechal do Exército Jose Antonio Correia da Câmara e Visconde de Pelotas, genro de um dos ilustres fundadores do Instituto - o Visconde de São Leopoldo, o pai das histórias do Rio Grande - do Sul e de Santa Catarina.

Coube ao então General Câmara escrever a página final da guerra - da Tríplice Aliança contra o Paraguai, em Cerro Corá, em 19 Mar 1870.

Foram membros do IHGB o Visconde de Taunay e o escritor Euclides/da Cunha; general João Severiano da Fonseca; o general Couto Magalhães autor de **O Selvagem**; general Augusto Tasso Fragoso, pai da História - Crítica do Exército; o general Emílio Fernandes de Souza, assinalado / historiador da projeção do Brasil no Prata; general José Maria Moreira Guimarães, líder e fundador da Sociedade Brasileira de Filosofia em 1927; Coronel J.B. Magalhães junto com o Mal Castelo Branco um dos mais fecundos pensadores militares brasileiros; o Marechal Estevão Leitão - de Carvalho, líder dos jovens turcos que fundaram a revista **A Defesa Nacional** em 1913, que teve assinalada projeção na profissionalização do Exército durante a Reforma Militar. Reforma que arrancou o nosso Exército dos ultrapassados padrões operacionais revelados em Canudos, aos atingidos por nossa FEB na Itália, onde esta Força representou muito bem o nosso Exército, ao lutar contra ou em aliança com frações dos melhores exércitos presentes na Europa

E para isto muito contribuiu o confrade Marechal Leitão de Carvalho, como elo nos Estados Unidos, entre o governo desse país e o do Brasil e os respectivos exércitos.

Segundo se conclui do inesquecível mestre Pedro Calmon muito o IHGB deve a sua condigna sede a gestões do confrade Leitão de Carvalho junto a seu antigo instruendo que por ele nutria grande admiração e - respeito profissional - o então Presidente Mediei, a quem se deve, em grande parte, as instalações condignas do nosso Instituto, o qual, em reconhecimento, criou a Sala Presidente Mediei.

Integrou o IHGB o general Waldemiro Pimentel, pioneiro da inseminação artificial na Amazônia, membro da Academia de História do Japão e que se notabilizou nesta casa pelo estudo da História dos Prisioneiros de Guerra do Brasil.

Embora membro da Aeronáutica, mas com formação e vivência de cerca de 14 anos de Exército, fato de que muito se orgulhava, foi sócio do IHGB o tenente- brigadeiro -do- ar Nelson Lavanere-Wanderley, um dos dois

pilotos do Exército, pioneiros do 1º vôo do Correio Aéreo Nacional em 1931, e consagrado historiador da Força Aérea Brasileira.

A presença do Exército hoje na Casa da Memória Nacional se traduz Pelo General Edmundo de Macedo Soares, neto político do general João Severiano. Macedo Soares, e foi o construtor de Volta Redonda, sobre o qual se erigiu a industrialização do Brasil, além de ponto de inflexão do Brasil agrícola para um Brasil agrícola e industrial. Hoje preside o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Pelo General- de- Exército Aurélio de Lyra Tavares, ex- Ministro do Exército, historiador e sobretudo escritor castrense consagrado pela Academia Brasileira de Letras que integra.

Pelo General- de- Divisão Professor Jonas Correia, mestre querido de diversas/ gerações do Colégio Militar, 2º Vice-Presidente desta Casa e um dos fundadores do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil que presidiu por 12 anos.

Pelo General- de- Divisão Ref Francisco de Paula e Azevedo Pondé, Tesoureiro desta Casa, de assinalada atuação na Indústria Bélica do Exército de que é o historiador, além de autor da História Administrativa do Exército, no prelo. Sem esquecer-me hoje como sócio emérito do IHGB.

Por oportuno vale aqui registrar a seguinte História. Como sócio do IHGB e Diretor do Arquivo Histórico do Exército teve a iniciativa de aproveitar cofre descarredo existente no Arquivo e solicitar que o Arsenal de Guerra ao adaptasse para nele no Museu do IHGB ser guardada a espada de Campanha do Duque de Caxias, a qual era guardada no cofre do IHGB misturada com diversos outros objetos de valor. E eu julgava que ele deveria ser isolada E foi o que conseguimos como o referido cofre.

**40 - ACADEMIA ITATIAIENSE DE HISTÓRIA SAUDAÇÃO A EVA HILDEN
NA CADEIRA TOIVO SUNI PELO CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO -
PRESIDENTE E FUNDADOR DA ACIDHIS**



Eva Hilden

Eva Hilden é escritora de rara sensibilidade, bem como historiadora consagrada em sua obra - "A Saga de Penedo: História da Colônia Finlandesa no Brasil (Rio, 1989), na qual resgata os 60 anos dos imigrantes finlandeses em Penedo, aqui chegados em número de 28, em 1929, sob a liderança de Toivo Uuskallio, que na Finlândia havia se notabilizado por haver transformando a fazenda de Tomela, abandonada, em fazenda modelo. Uuskallio havia padecido de horrores na 1ª Guerra Mundial. Ao pressentir a 2ª Guerra Mundial sonhou em comprar e construir no Brasil o que eu denominaria de Paraíso Naturalista Tropical, ou seja: "Fundar uma colônia onde a humanidade vivesse em harmonia com a Natureza e onde reinasse a saúde, a alegria, a paz, a felicidade e a gratidão e seus membros fossem abastêmios do fumo, do álcool e até do café, e se praticassem exercícios respiratórios. Enfim, um lugar onde levassem uma vida natural, sem preocupação com o comércio e sociedade de consumo, onde cada família cultivasse tudo o que necessitasse para a sua alimentação, vestissem roupas mais leves e se desfrutassem dos raios desol reparadores e se respirasse ar puro, sem poluição, e se pudesse viver em paz longe de revoluções e guerras. E o local escolhido foi a Fazenda Penedo, de 3.500 hectares aqui em Itatiaia, adquirida da abadia de N. S. de Mont' Serrat. Eva Hilden, em **"A Saga de Penedo"**, conta a sua própria história desde que aqui chegou em julho de 1929, aos 6 anos de idade, junto com seus pais Toivo Suni e Laura e com seu querido irmãozinho Paavo e grande amigo que foi colhido mais tarde, pela voragem da guerra em defesa da Finlândia. Segundo Ivan Lima, **"A Saga de Penedo"** de Eva Hilden é uma história tão interessante que temos a impressão de estarmos num filme". Para Frederico de Carvalho: **A Saga de Penedo**, ninguém poderia te-la escrito melhor que a jovem senhora Eva Hilden: "Primeiro por tratar-se da maior cultura entre nós das tradições finlandesas. Segundo por ser dona Eva uma excelente escritora que revela memória prodigiosa e a paciência de uma pesquisadora nata". Para Mauro, "Eva Hilden em **A Saga de Penedo** conta em estilo direto e simples. A menina finlandesa que fez tantas viagens e viveu em tanto lugares tem a verve da narrativa.. Pense o leitor pelo frescor das memórias e de como a promessa da mata tropical atraiu naturalistas finlandeses". Para mim, **"A Saga de Penedo"** é a primeira obra histórica produzida sobre o município de Itatiaia, o que é mais um pioneirismo de Eva Hilden, a juntar-se aos seus 3 pioneirismos de ser uma integrante dos 28 pioneiros finlandeses e uma das 4 crianças aqui chegadas com o grupo e a mais antiga imigrante de 1929 a residir em Penedo e não a mais antiga pioneira viva, título que ao que parece cabe a sua mãe Laura que vive na Finlândia aos 95 anos de idade. Eva Hilden nasceu em Juliski (Leski), em 26 de junho de 1923, província de Careli, hoje território russo, filha de Toivo Suni e de Laura citados e integrantes do grupo dos 28 primeiros imigrantes de Penedo. Naturalizou-se brasileira em 1950. É casada com Marcos Hilden, finlandês naturalizado brasileiro, de cujo consórcio nasceram Valter e Helena, engenheiros no Rio. Dona Eva empreendeu diversas viagens à Finlândia. Lá foi colhida em 1939 pela 2ª Guerra Mundial, fato que determinou sua vinda para o Brasil. Aí registro uma singularidade. Ele foi baba aos 16 anos, no Palácio Guanabara, de Cândida Darcy, neta do Presidente Getúlio Vargas e de D. Darcy Sarmenho Vargas e filha do Dr. Lutero Vargas e de sua esposa alemã Inge. Sua primeira tarefa foi cercar as

meias do presidente Vargas que lhe foram entregues por D. Darcy -"a excelentíssima", como era tratada no Palácio . Eva Hilden residiu em Penedo de 1941 -46. Em 1947 estudou inglês e pintura em Boston-EUA. Depois morou no Rio de 1948-1961, onde foi secretária executiva do senhor Samuel Apro, Cônsul honorário da Finlândia no Brasil. Faz 30 anos que reside em Penedo, com uma interrupção de 1966-68 quando' acompanhou o esposo à Colômbia e residiram em Merizal !. Desde 1982 a congreira Eva Hilden desenvolve, em anexo à sua casa, o **Museu da Eva**, que ela considera, segundo interpretei um pedacinho da Finlândia no Brasil, além de um elo cultural visando aproximar a Finlândia do Brasil ". Além disto é a dedicada diretora cultural do Clube Finlândia, em Penedo. Sua obra em finlandês é inédita e possui cópias no Arquivo Nacional de. Literatura Finlandesa e na Universidade de Turku. Nota do autor em 2017. Esta recepção à acadêmica Eva Hilden na Cadeira Toivo Suni, da Academia Itatiaense por nós fundada neste ano, com o concurso da saudosa acadêmica e historiadora de Itatiaia Alda Bernardes Faria e Silva e o Cel Geraldo Levasseur França, também foi publicada no **Jornal Tribuna do Comércio** de Resende de 26 de Novembro de 1992 há 25 anos.

41- ORAÇÃO DE RECEPÇÃO COMO ACADEMICA DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL DE ALDA BERNARDES FARIA E SILVA NA CADEIRA QUE TEM POR PATRONO O BARÃO HOMEN DE MELLO



Alda Bernardes Faria e Silva

Em 4 de setembro de 2010
No auditório do Centro de Recuperação do Exército pelo
Cel Claudio Moreira Bento Presidente da AHIMTB

História é Verdade e Justiça! Desde 1992 temos atuado intensamente no setor de História em Resende e Itatiaia, tendo fundado em 1992 as academias Resendense e a Itatiaense de História. E em 1996 aqui neste Centro de Recuperação de Itatiaia, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, no contexto do Encontro do Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV) do qual fomos o seu 3º Vice Presidente encarregado de sua direção cultural quando foi levantada a presença Militar no Vale do Paraíba.

Desde 1992 há 18 anos encontramos o apoio firme e constante da historiadora Alda Bernardes Faria e Silva. Inicialmente como coordenadora das atividades das academias Resendense e Itatiaense de História. E desde 1996, como Presidente atuante e sempre presente da Comissão de Relações Públicas da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, na qual hoje assume por seus grandes e reconhecidos méritos na condição de acadêmica, a 4ª mulher a ostentar esse título e como titular da Cadeira Especial Barão Homem de Mello que escolhi para meu patrono na ACANDHIS.

Este personagem ilustre passou seus últimos dias em Itatiaia, tendo falecido em 1918, vítima de Febre Espanhola, sendo atendido pelo jovem médico, avô do professor Marcos Cotrim Barcellos, gaúcho de Cruz Alta e atual presidente da Academia Resendense de História e neto da notável personalidade local D Graciema Cotrim.

O Barão Homem de Mello próximo aqui do CRI em sua residência findou seus dias deixando em sua passagem pela terra uma brilhante constelação de excepcionais serviços prestados ao Brasil, na Paz e na Guerra.

Como Presidente do Rio Grande do Sul, durante a Guerra do Paraguai, emprestou notável apoio ao General Osório na Mobilização do 3º Corpo de Exército. Finda a guerra tornou-se o primeiro biógrafo dos legendários Generais Osório e Andrade Neves dois grandes ícones da Cavalaria Brasileira. Foi Ministro da Guerra, vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro e o orador de sua inauguração.

Ao ele passar os últimos dias de sua profícua existência aqui em Itatiaia se deve a indicação do local ideal para o Exército instalar o Sanatório Militar de Itatiaia que substituiu o frustrado Sanatório Militar de Lavrinhas em Piquete.

Ao chegarmos em Resende em 1978 como acadêmico da Academia Brasileira de História e nela ocupante da cadeira 12 General Augusto Tasso Fragoso criamos em Resende, na AEDB, a Delegacia Barão Homem de Mello, Delegacia que deu origem 14 anos mais tarde a Academia Resendense de História.

Ao fundarmos a Academia Itatiaense de História em 1992 escolhemos como nosso patrono como já referi o Barão Homem de Mello, personagem tão ligado a Itatiaia que foi consagrado como o patrono da Delegacia Itatiaense de História e de sua medalha honorífica cuja primeira e única agraciada foi a acadêmica que ora é empossada.

Dentro das marcantes contribuições da nova acadêmica a História Militar Terrestre do Vale do Paraíba, cabe aqui ressaltar o fato de como presidente da Academia Itatiaense de História haver presidido, por escolha das diversas entidades participantes da atividade Comemorativa do Centenário de Morte do Marechal Floriano Peixoto em 1995 na Fazenda Paraíso próximo a localidade de Floriano. Data esta que foi usada em 1939 para o lançamento da Pedra Fundamental da AMAN em reconhecimento ao seu grande apreço pelas Escolas Militares, para as quais, na condição de veterano da Guerra do Paraguai e comandante do Exército, havia determinado ao Cel Carlos Emílio Jordan que escrevesse uma História de Campanha do Paraguai para ser distribuída aos alunos de nossas três escolas militares; do Ceará, de Porto Alegre e Rio de Janeiro, para conhecerem as realidades operacionais sul-americanas, que o ensino bacharelesco de nossas escolas, sob a égide do Regulamento de Ensino de 1874 não tratavam.

Mas passemos ao elogio de recepção de nossa nova acadêmica, memória viva dos tempos de construção da AMAN e da formação de suas primeiras turmas dos 14 aos 24 anos, antes de ir trabalhar em São Paulo.

A nova acadêmica nasceu em Itatiaia em 27/11/1925, filha de Waldemar Bernardes e Hermínia Arantes Bernardes. Incansável e eclética guerreira transitou em várias áreas: Fisioterapia, História, Artes..

Iniciou sua vida profissional como professora de Educação Física no Grupo Escola Ezequiel Freire e Colégio Santa Ângela, em 1948 e 1949.

De 1950 a 1952 trabalhou na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, como Fisioterapeuta. De 1953 a 1980, foi uma das fundadoras da Associação de Assistência à Criança Defeituosa (AACD), em São Paulo, sendo que vinte e dois anos foram dedicados à chefia do Departamento de Fisioterapia. Participou de vários cursos de Extensão Universitária, na área da Reabilitação das Paralisias Cerebrais, na USP e outros ministrados por professores norte-americanos convidados.

A nova acadêmica muito trabalhou desde jovem e ainda trabalha pelo desenvolvimento cultural de sua berço natal Município de Itatiaia, seu grande orgulho e amor. É Sócia fundadora da Academia Resendense de História. Quando de nossa gestão com presidente fundador foi a coordenadora geral da Academia Resendense de História. É Acadêmica, sócia fundadora e presidente da Academia Itatiaense de História tendo atuado em nossa gestão com coordenadora geral até assumir a sua Presidência: Presidente da Comissão de Relações Públicas desde a sua fundação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, na qual hoje assume a sua cadeira de acadêmica Barão Homem de Mello. É sócia do IEV- Instituto de Estudos Vale Paraibanos – SP; Sócia Fundadora da APROPANI – Associação Pró-Parque Nacional do Itatiaia; é Membro da Academia de Letras, Artes e Ciências do Lions Clube do Rio de Janeiro).

Ministrou conferências, transmitindo seus conhecimentos sobre a História de Itatiaia em Simpósio do IEV com presidente da Academia Itatiaense de História em 1996. Representou Itatiaia no I Colóquio realizado

Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, com o trabalho O MUNICÍPIO DE ITATIAIA, a participou no XV Simpósio de História do Vale do Paraíba, em Quatis-RJ, em 2000.

Organizou inúmeras exposições de artes plásticas, com conteúdos temáticos da História de Itatiaia, além da exposição do café do século XIX, com peças originais. Seus méritos culturais sociais foram reconhecidos de várias formas, em vários momentos de sua vida:

Títulos e Placas: Mérito Cultural pela Câmara Municipal de Itatiaia, em 1990. Foi eleita Personalidade Feminina pela **Revista Gerale**, em 1990; Em 1993, Destaque de Ouro, como Personalidade Feminina – Simão da Cunha Gago – Resende-RJ; EM 1993, Diploma “Amigo da Academia Militar das Agulhas Negras) em 1995, Diploma Amigos para Sempre do Colégio Estadual Ezequiel Freire, em 1996, Certificado pelo Lions Club International, em Cancun, no México; em 1996, Diploma Amigo deste Centro de Recuperação de Itatiaia em 1996, Destaque Feminina pela Associação Comercial Industrial Agropecuária e Turística de Itatiaia) em 1997, Moção de Louvor, pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro pelo deputado José Guilherme Godinho Sivuca Ferreira; em 1998, Certificado de Reconhecimento aos relevantes serviços prestados à comunidade de Itatiaia, pela Loja Maçônica de Itatiaia; em 2000 Participou do XV Simpósio de História do Vale do Paraíba, realizada na cidade de Quatis, RJ; em 2002, “Amiga da Biblioteca Pública D. Mariúcha” – Itatiaia-RJ; em 2002, Moção pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, pelo vereador Ricardo Maranhão. É detentora do Diploma de Mérito Emancipacionista, pela Câmara Municipal de Itatiaia, por ter sido a única mulher emancipadora; sócia fundadora da ACIATI – Associação Comercial, Industrial, Agropecuária e Turística de Itatiaia; em 2003 o Lions Clube do Distrito LC-1- em Portaria de Nomeação, o governador confere a Alda Bernardes de Faria e Silva para exercer as funções de Membro do Comitê de Arte e Cultura; possui a maior honraria do Lions Clubs International Foundation – o título Melvin Jones Fellow, outorgado por Howard L. Patterson. Jr (Estados Unidos). Participou de Convenções Internacionais pelo Lions Clubs (Brisbane 1991 – Hong Kong 1992 – Minneapolis 1993 – Montreal 1996 – Philadelphia 1997 – Birmingham 1998). Curso de Extensão “Histórica do Vale do Paraíba – Índios, Bandeiras, Vilas e Caminhos; As Minas Gerais, os Engenhos de Açúcar, a Jornada da Independência; Café, Escravidão, Imigração” no Simpósio de História do Vale do Paraíba; Curso de Cultura Práctica de Barcelona; recebeu Certificado de Participação do XVIII Simpósio de História – O Índigena no Vale do Paraíba e Litoral Norte, realizado no período de 25 a 27 de junho de 2004, IEV/Faculdades Integradas Módulo – Caraguatatuba/SP. Mérito Amadeu Rocha pelos relevantes serviços prestados à comunidade de Itatiaia, Maio/1996; Homenagem pelo reconhecimento do trabalho em Prol do Desenvolvimento da Educação do Município de Itatiaia, Agosto/1996; Homenagem pela Câmara Municipal de Itatiaia como Mulher Destaque no Ano de 1997, Março/1998.

Homenagem prestada pelos artistas plásticos por ocasião da 1ª Semanarte, em 22 de março de 2002.

Patronesse das Artes Conferida pela Organização da V Expoita, 2003; Homenagem na Câmara Municipal de Itatiaia em reconhecimento por representar o Município em Eventos Nacionais e Internacionais, em 27 de

Maio de 2004; Diplomada e condecorada com o colar “CRUZ DO ALVARENGA E DOS HERÓIS ANÔNIMOS”, pelo Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, Junho/2004; Agraciada com o Título de Sócia Benemérita da ACIATI, Associação Comercial, Industrial, Agropecuária e Turística de Itatiaia, pelos bons serviços prestados a esta Entidade, Junho/2004;

Na comemoração do 67º aniversário de Criação do Parque Nacional o Espaço Cultural do Centro de Visitantes Wanderbilt Duarte de Barros passou a se chamar Espaço Cultural Alda Bernardes de Faria e Silva, outorgados pelo Il.mo. Sr. Henrique Leão Teixeira Zaluar

Recebeu homenagem pela dedicação na preservação da memória histórica da cidade de Itatiaia no dia 04 de junho de 2005 pelo Presidente da Câmara Municipal de Itatiaia – Ex.mo. Sr. Izaltino Rodolfo da Cunha em Sessão Solene Comemorativa do XVI Aniversário do Município e XIII Aniversário da Academia Itatiaense de História.

Sempre lembrada pelo Poder Público com Moções de Aplauso. É a Presidente de uma organização mais experiente em exercício no município de Itatiaia. Alda Bernardes tem um lado humano muito elevado, e uma vontade política para que as coisas culturais e históricas aconteçam na cidade de Itatiaia.

Foi Diplomada pelo Instituto de Estudos Valeparaibanos em janeiro de 2005, em Lorena; Certificado do 1º Fórum Intermunicipal de Mulheres em junho de 2005, em Barra Mansa;

Diploma N.º 047 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, na categoria Cavaleiro da Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, em agosto de 2005; Certificado de Gratidão do 19º Grupo Escoteiro Campo Belo – Itatiaia/RJ, janeiro de 2006; Seminário “A importância dos documentos para o estudo de História”, no dia 19 de maio de 2007 – IEV – UNITAU; Diploma de Amigo – Santa Maria-RS, julho de 2007 da Delegacia de Santa Maria RSTen Cel. BM José Luiz Silveira”; Diploma de Mérito Regional – A União dos Escoteiros do Brasil Região do Estado do Rio de Janeiro em novembro de 2007; Comenda Barão Homem de Melo; Título “Idoso Destaque 2009”, em agosto de 2009;

PUBLICAÇÕES HISTÓRICAS:

- Memória Histórica de Itatiaia – ano de 1996 – Secretaria Municipal de Educação e Cultura
- Artigos na Revista da Academia Itatiaense de História – n.º 01 – 2005
- O Município de Itatiaia – História
- Lendas de Itatiaia nossa terra

- O café em Itatiaia século XIX
- Lendas e folclore em torno do café
- A Fazenda Itatiaia
- Evolução do transporte em Itatiaia
- A Revolução de 32 em Itatiaia e seus efeitos nos Anais do Encontro do IEV 1996 no CRI
- Conheça Itatiaia nos Anais do Simpósio no CRI 1996

OBRAS NÃO-PUBLICADAS:

- Sinopse Histórica do Município de Itatiaia – 1992;
- Patronos e Acadêmicos da ACIDHIS
- Mestras da Educação em Itatiaia;
- De Itatiaia a Campo Belo – 1832-2010

Esta é em síntese o perfil da 4ª mulher a assumir uma cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil depois da Major Enfermeira Elza Cansanção Medeiros. Jornalista Carmen Lúcia Ferreira da Silva descendente do Conde de Porto Alegre, e da Professora Carmen Lucia Rigoni. Seja bem-vinda a Academia de História Militar Terrestre, acadêmica Alda Bernardes Faria e Silva e reparta com ela o muito que tem feito pela pesquisa, preservação, culto e divulgação da História de Itatiaia. E concluo História é verdade e justiça!

42 - ORAÇÃO DE RECEPÇÃO DO SÓCIO CORRESPONDENTE DA AHIMTB EM ITATIAIA

Em 4 de de cérebro de 2010 no Centro de Recuperação de Itatiaia do Exército

Do Prof CARLOS LIMA DA SILVA



Professor Carlos Lima da Silva

Pelo Cel Claudio Moreira Bento Presidente da AHIMTB

Desde que fundamos em 1º de junho de 1992 a Academia Itatiaense de História temos acompanhado a dinâmica e devotada atuação de seu acadêmico Professor Carlos Lima da Silva, secretariando com muita competência a sua presidente Acadêmica Alda Bernardes Faria e Silva e a própria Academia Itatiaense de História, cuja documentação vem mantendo em dia, de maneira notável, persistente e sem alardes, e escrevendo sobre a História de Itatiaia e a divulgando através do blog que dirige, prestando ao resgate da memória histórica de Itatiaia excepcional contribuição. Razão de a Academia de História Militar Terrestre do Brasil o acolher como seu sócio correspondente em Itatiaia, na esperança de que ele por ela muito realize em Itatiaia, tão rica em História Militar, decorrente da presença nela de longa data do hoje Centro de Recuperação de Itatiaia e da participação de Itatiaense nos fileiras da nossa Força Expedicionária Brasileira, imortalizados pela comunidade em monumento votivo, em sua principal avenida E além pela presença de um de seus fundadores na Comitiva de D. Pedro I quando proclamou a nossa Independência estudo nosso preservado pela ACIDHIS no volume de 1997 de seu bem organizada e preservado Arquivo Histórico na pagina 103 intitulado *Resende e Itatiaia na Independência do Brasil*

O professor Carlos Lima da Silva é natural de Itatiaia, onde atua como professor de Língua Inglesa. É Pós – Graduado em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes – Rio de Janeiro – RJ e Graduado em Letras/Inglês pela antiga SOBEU (Sociedade Barra-mansense de Ensino Superior) – Barra Mansa, hoje UBM – Universidade de Barra Mansa- RJ; possui o Curso de Museologia Teoria e Prática Portal Educação - EAD

O professor Carlos Lima ingressou na Academia Itatiaense de História em 1º de Junho de 1992, como assistente de produção histórica, na

condição de secretário particular da professora Alda Bernardes que ocupava a época o cargo de Coordenadora Geral.

Primeiro Secretário e Coordenador Geral da Academia Itatiaense de História, de 1994 até o presente ano

Conferencista no XIII Simpósio do IEV – Instituto de Estudos Vale Paraibanos em 1996 – Resende/Itatiaia - respectivamente na AMAN e neste Centro de Recuperação Sargento Max Wolff , Foi o revisor do GUIA DE ESCALADAS DO ITATIAIA de autoria de Jorge Alberto Guedes e Fábio Corrêa Guedes – Gráfica do Patronato – 2001

Assinou as seguintes matérias na **Revista nº 1 da Academia Itatiaense de História** em 2005 sobre aspectos culturais de Itatiaia: Bandas de Música em Itatiaia, Folclore em Itatiaia, A folia de reis em Itatiaia, e A Malhação de Judas em Itatiaia.

Nos Anais do XIII Simpósio de História do Vale do Paraíba — 1996; - O falecimento de Duque de Caxias em Juparanã – Valença em 1880 – páginas (366-369);

Regulador do BLOG: www.academiaitatiaensedehistoria.blogspot.com

Mereceu as seguintes distinções do Povo de Itatiaia reconhecida através de seus representantes na Câmara de Vereadores

Professor Emérito em 2003; e em 2004 e pela mesma Câmara Moção de Aplauso no Dia da Consciência Negra em 2005

A primeira informação que tive do Professor Carlos Lima foi a de haver sido premiado em Concurso de poesias nos Estados Unidos onde foram publicados os seguintes trabalhos de sua autoria

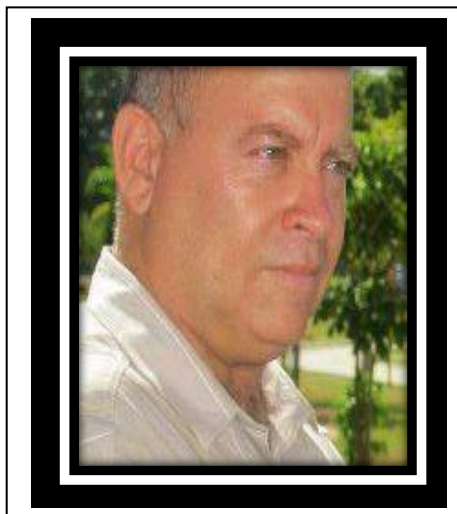
Anthology: A QUESTION OF BALANCE – “Amazonia” – The National Library of Poetry – Maryland (State of Baltimore) – The national Library of Poetry – United States of America. Dates of author – page 682;

Anthology: Best Poems of 1995 – “Green Peace” – The National Library of Poetry – Maryland (State of Baltimore) – The national Library of Poetry – United States of America;

Foi colaborador dos Jornais: O ITATIAIA e A VOZ DA CIDADE;

Este é em traços gerais o perfil do nosso sócio correspondente em Itatiaia. Seja bem-vindo a Academia de História Militar Terrestre do Brasil Professor Carlos Lima Silva e trabalhe para seu engrandecimento como o tem feito discretamente, mas com grande EFICÁCIA, por Itatiaia.

43 - RECEPÇÃO DE CELSO DUTRA COMO ACADEMICO DA ACADEMIA RESENDENSE DE HISTÓRIA



Por Claudio Moreira Bento

Acadêmico e Presidente Emérito da ARDHIS

Celso Dutra Moura é resendense, filho de João Moura Filho e Zilda Dutra de Moura. Nasceu no Hospital da AMAN e viveu no Monte Castelo até seus 20 anos. Estudou no Grupo Escolar Aníbal Benévolo, no Colégio Sousa Dantas e no Pedro Braile Neto. Cursou Engenharia agrônômica na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mas desde 1990, na área de Comunicação, a sua verdadeira vocação, onde creio que não trabalha, pois quem faz o que gosta e domina, não trabalha, se diverte .

Produziu dezenas de peças gráficas de divulgação turística e institucional em cidades dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Foi o idealizador e produtor, em 2001, da revista oficial comemorativa do Bicentenário da criação da Vila de Resende e que a lançou inclusive na sede da Academia de História Militar Terrestre do Brasil ao lado da Seção de Inativos e Pensionistas. Seu irmão que cursou na AMAN intendência foi o primeiro nascido na Família Acadêmica da AMAN a nela formar-se.

O também jornalista é o editor da revista **Cidades do Rio**, lançada em 2009, com quatro edições e foco na história resendense. O convidamos oficialmente para integrar a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil - FAHIMTB, e ocupar a cadeira cujo patrono é o Cel da Guarda Nacional, Fabiano Pereira Barreto, figura ilustre da história resendense e inclusive na História Militar de Resende , como comandante da Guarda Nacional da região que impediu que a Revolução de 1842 em São Paulo se unisse a revolucionários fluminenses, além de colaborar com Caxias na pacificação da Revolução em Minas Gerais.

O novo acadêmico Celso Dutra Moura é um dos precursores na utilização das novas ferramentas das redes sociais como meio de comunicação governamental. Especializou-se em “Governo Eletrônico” (via Organização dos Estados Americanos – OEA) e preconiza o uso, no setor

público, das tecnologias de informação e de comunicação com o objetivo de dar transparência às ações governamentais, tornando-os mais responsáveis e eficazes.

A sua contribuição ao desenvolvimento e divulgação da História de Resende é uma das mais expressivas ao produzir textos de alto nível gráfico sobre a História de Resende e vestir com traje de gala matérias produzidas por acadêmicos da Academia Resendense de História. Instituição que tivemos a honra de a fundar, a organizar e a presidir em seus primeiros passos e que hoje se afirma sob a competente presidência de meu co-estaduano gaúcho Marcos Cotrim Barcellos filho em um gaúcho de D. Pedrito, com a resendense D. Rosinha Cotrim Barcellos filha de D. Graciema Cotrim, a grande mulher resendense que foi a 1ª vereadora de Resende. Celso Dutra Moura é o atual Ouvidor-Geral da Prefeitura de Resende.

Seja bem-vindo ao Corpo Acadêmico da Academia Resendense de História, que tive a honra de fundar como filho do Rio Grande do Sul onde seus filhos tem marcado expressiva presença em sua vida desde o seu início talvez em razão de sua paisagem lembrar muito as cochilas do Rio Grande, a justificar a lenda de que quando Deus fez o Brasil, ao chegar em Uruguaiana sobrou uma enorme faixa de campo do Rio Grande atual que penetraria no hoje território da Argentina, e que Deus preocupado com os futuros choques com a futura Argentina, cortou aquela faixa de campo e a jogou entre as serras da Mantiqueira e Serra do Mar e que formaram o Campo Alegre onde surgiria a cidade de Resende.

Sela benvindo acadêmico Celso Dutra Moura e se prepare para defender seu patrono na Federação de Academia de História Militar de Resende o seu mais ilustre filho na época em que viveu o Cel da Guarda Nacional Fabiano Pereira Barreto, filho de um gaúcho da ilustre família Mena Barreto com uma fluminense e que foi senhor da modelar Fazenda Monte Alegre e pai do Dr Pereira Barreto, o maior resendense do século 19. Tome assento. A casa é sua! E escute sua expressiva contribuição a História de Resende nas **Revista Cidades do Rio** vestindo de gala artigos de membros da Academia Resendense e os ilustrando maravilhosamente:

**44 - ORAÇÃO DE RECEPÇÃO NA FAHIMTB DO ACADÊMICO CEL MED
QUEMA FLAVIO ARRUDA ALVES, NA CADEIRA ESPECIAL GEN BDA JOÃO
SEVERIANO DA FONSECA PELO ACADEMICO EMÉRITO CEL CLAUDIO
MOREIRA BENTO Presidente da FAHIMTB e AHIMTB/Resende Marechal
MARIO TRAVASSOS;**



Cel Med Flávio Arruda Alves

E com satisfação que em nome da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil/Resende Marechal Mário Travassos que recebo como acadêmico, na Cadeira Especial General de Brigada João Severiano da Fonseca, o Patrono do Serviço de Saúde do Exército, o Cel Médico do Quadro de Estado - Maior do Exército Flávio Arruda Alves.

Para mim é um reencontro, decorridos 17 anos, com o Cel Flávio, que em 1996, como Diretor do CRI, apoiou os primeiros passos da então fundada Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), no contexto do 13º Encontro do Instituto de Estudos Vale Paraibanos, (IEV) por mim coordenado cientificamente, como seu 3º vice presidente, tendo por tema a **Presença Militar no Vale do Paraíba** e realizado na AMAN, Faculdades Dom Bosco e aqui no Centro de Recuperação de Itatiaia.

Os agradecimentos ao novo acadêmico que então apoiou os primeiros passos da AHIMTB, hoje um sucesso, por sua transformação em FAHIMTB com suas 5 academias federadas em Resende, Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e Rio Grande do Sul e várias delegacias espalhadas pelo Brasil e, inclusive, a **Delegacia D. João VI** em Portugal, sem falar na sua volumosa produção literária.

Apoio do Cel Flávio a AHIMTB e por ela agradecido, ao consagrá-lo como título de seu GRANDE COLABORADOR, concedido a muitos poucos e o ter agraciado com a medalha de OFICIAL DO MÉRITO HISTÓRICO MILITAR TERRESTRE DO BRASIL. E, ao registrarmos, na página 52 de nosso livro que hoje aqui será lançado o seguinte:

“Foi expressivo então, em 1996, o apoio ao 13º Encontro do Instituto de Estudos Vale Paraibanos, do Centro de Recuperação de Itatiaia (CRI) , através de seu Centro Sargento Max Wolf, do seu Diretor Cel Médico Flávio Arruda Alves e de sua esposa D. Sônia”. História, verdade e Justiça!

O novo acadêmico é natural de Ladário em Mato Grosso do Sul, onde nasceu em 10 de março de 1946 e onde passou sua infância naquele ambiente cheio de recordações da Guerra do Paraguai que lhe despertou em seu espírito o gosto por nossa História Militar. Criou-se ouvindo histórias contadas de sua bisavó, que aos 15 anos de idade presenciou a invasão paraguaia de Corumbá e as atrocidades praticadas pelos invasores.

O Cel Flávio formou-se em Medicina pela UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE em Niterói, em 1972, com 22 anos, realizando cursos em diversas especialidades, fixando-se na especialidade DERMATOLOGICA.

Cursou a Escola de Estado-Maior do Exército na Praia Vermelha e a concluindo em 1990, como Doutor em Políticas e Estratégias de Saúde. Exerceu as funções de Médico na ECEME onde realizou muitas amizades.

Dirigiu o CRI por 5 anos, de 1994/1998, quando foi construído o Centro Sargento Max Wolff que hoje nos acolhe . A seguir foi nomeado Diretor do Hospital Geral Militar de Fortaleza, que dirigiu por 3 anos, de onde foi nomeado Diretor do Hospital da Guarnição da Vila Militar. Creio que um recorde incomum, 9 anos e meio contínuos na direção de hospitais do Exército.

Em Itatiaia quando Diretor do CRI fez uma grande círculo de amigos e admiradores e ao ser transferido para a Reserva aqui radicou-se com sua família em casa que construíram na Rua Cinco nº 131, no Bairro Jardim Itatiaia.

Clínica em Itatiaia na especialidade DERMATOLOGIA e trabalha em postos de Saúde em Itatiaia e Resende e, em especial em Engenheiro Passos.

Possui várias condecorações militares e distinções civis onde destaco as seguintes:.

Medalhas: Do Pacificador, Medalha Militar por bons serviços ao Exército, da Vitória, dos ex-combatentes do Brasil. Comendador de Mérito Militar pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, Medalha do Mérito Amazônico, por bons serviços prestados na Amazônia.

E cidadão Itatiaense pela Câmara de Itatiaia.

São inúmeros os títulos de Amigo de diversas instituições. Amigo do 23º Batalhão de Caçadores de Fortaleza, do 23º Batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro, da Polícia Militar do Ceará, do 2º Batalhão de Infantaria Motorizado do Rio de Janeiro, da 25ª Circunscrição do Serviço Militar, do 28º Grupo de Artilharia da Campanha de Criciúma, Santa Catarina, do Parque Regional de Manutenção em Fortaleza-CE, do CRI, do 10º Depósito de Suprimentos em Fortaleza, da AMAN e da 10ª Cia de Guardas Fortaleza-CE. E colaborador emérito da Academia Itatiaense em História e possui Diploma de Destaque em 1994, pela Associação Comercial Industrial, Agropecuária e Turística de Itatiaia.

Este é o perfil de novo acadêmico da FAHIMTB que inaugura a cadeira especial Gen. Bda. Medico João e Severiano da Fonseca – o patrono de Serviço de Saúde, cuja ligação com o patrono como médico é conterrâneo de suas esposa, pois ambos nasceram em Ladário –MS. Esta é parte da bela História de vida que o Cel Flávio vem escrevendo e que aos nos deixar será um belo exemplo a ser seguido. Sinta-se a vontade prezado acadêmico. A casa da FAHIMTB é sua e você ajudou a edificá-la.

45 - ORAÇÃO DE RECEPÇÃO NA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL COMO SÓCIO ACADÊMICO DE GERALDO LEVASSEUR FRANÇA, NA CADEIRA N.º 23, QUE TEM POR PATRONO O GENERAL LIBERATO BITTENCOURT, EM 26 DE JULHO DE 1997.



Professor Geraldo Levasseur França como cadete

É com grande prazer e alegria receber, em nome da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, na condição de sócio acadêmico, o confrade Geraldo Levasseur França, um destacado educador, e na cadeira n.º 23, que tem por patrono o grande militar educador general Liberato Bittencourt.

O confrade Geraldo Levasseur França, carioca de nascimento, resendense de coração e titulado cidadão resendense desde 1969, é um misto exemplar de soldado, professor, educador e artista plástico e aliado a esta última condição a pintura dos brasões das Academias Resendense, Itatiaense e de História Militar Terrestre do Brasil.

O confrade França nasceu no Rio de Janeiro em 18 de janeiro de 1925, Filho de um artista natural de Valença, o maestro e professor emérito de harmonia superior da UFRJ, Agnello Gonçalves Vianna França, cujo nome teve projeção internacional. Sua mãe, Maria José Guimarães França, mineira de Leopoldina.

Casou com Arlete Pellini com singularidade de haver sido o primeiro casamento realizado no altar mor da matriz de Resende, após o seu incêndio em 1945. Possui três filhas e quatro netos.

Teve o privilégio de frequentar com brilho o ginásio 28 de Setembro, Rio de Janeiro, dec 1936 a 1941, sob a orientação do grande educador, além de escritor, historiador e filósofo com influência positivista, general Liberato Bittencourt, hoje é o nosso grande homenageado com a cadeira n.º 23, desta Academia.

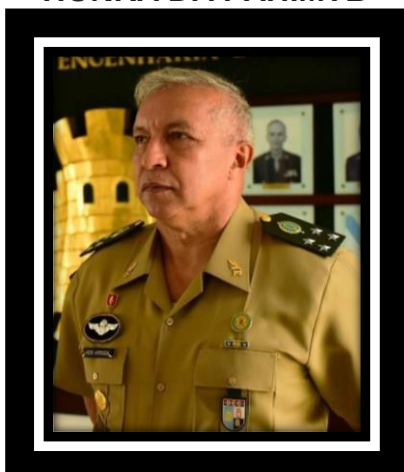
Como oficial de Infantaria, egresso da AMAN, turma Agulhas Negras - 1947, peregrinou por Rio Grande, Niterói, Lorena, Ponta Grossa e pelo BCS da AMAN, até 1956, quando passou a ser professor da AMAN durante 26 anos, de Geometria Descritiva, matéria que foi catedrático, além de autor de três trabalhos importantes sobre o assunto.

Lecionou Geometria Descritiva e Desenho Geométrico por 13 anos na Faculdade de Filosofia, curso de Matemática, em Barra Mansa, tendo sido agraciado em 1992, com o título de Professor Emérito. Foi professor em Resende dos Colégios Municipal, Dom Bosco e Pedro Braile e dos Ginásios Santa Ângela e Marechal Souza Dantas, sendo homenageado, em enquête popular em Resende, em 1975, com troféu e diploma de **Melhor Professor do Ano**. Em 1992 foi agraciado pela Câmara Municipal de Resende com o título de **Professor Emérito**.

O nosso confrade França, além de professor foi um grande educador, pois além de transmitir técnicas e soluções práticas, transmitiu também a seus alunos valores morais, espirituais e culturais, conforme atestam reconhecimentos vários de seus alunos civis e militares, que tiveram o privilégio de tê-lo como mestre de 1956 a 1986, e que lhe tributam até hoje o maior carinho e consideração. Como exemplo transcrevo esta dedicatória que recebeu de um aluno, em 06/nov/1984, prestes a encerrar a sua carreira de professor::

"Professor França que o senhor tenha sempre esta garra para expandir a mais linda e pura das essências que é a sabedoria e que o senhor seja sempre um prisioneiro de sua simpatia e humildade";

**46 - MINHA CARTA AO GEN DIV JULIO CESAR ARRUDA DIRETOR DA
DFSMIL, EM SUBSTITUIÇÃO A SUA POSSE COM PRESIDENTE DE
HONRA DA FAHIMTB**



Gen Julio Cesar de Arruda

Inicialmente meus cumprimentos orgulhosos a quem nos apoiou como historiador da AMAN e do Exército. É muito conhecida a expressão de que não ha nada melhor que a passagem dos tempos para provocar o esquecimento. E para evitar que com a passagem dos tempos venha ocorrer o esquecimento da vida e obra do Marechal José Pessoa, o idealizador da nossa AMAN, que o amigo comandou e na qual estudaram todos os oficiais combatentes que a cursaram nos últimos 70 anos, é, que resgatamos os **Pensamentos do Marechal José Pessoa há 66 anos, sobre a AMAN, o Exército e o Brasil**, que esperamos que ajude seu velho comandante a levar a bom termo a FAHIMTB e AHIMTB Resende Marechal Mário Travassos, pois apoiou a instalação das mesma no interior da AMAN e perenizou sua presença na AMAN, ao apoiar a realização do 1º Encontro de Historiadores na AMAN e prefaciou meu livro **A Pesquisa em História Militar**. Instalação completada pelo General Tomas, ex- Presidente da SAM de que o Cadete Arruda foi seu vice presidente, a qual foi completada na medida do possível pelo General Tomas , também meu ex-aluno de História Militar. E para reavivar na memória da oficialidade do Exército os ideais, e sonhos Marechal José Pessoa não realizados, como o **Fecho de Ouro** das construções da AMAN, um Pantheon ao Duque de Caxias que ele sempre apontou como exemplo a ser seguido pelos oficiais egressos da AMAN,

Fecho de Ouro que aguarda 70 anos para ser realizado. E inclusive abordo nossa proposta para que a AMAN passe a ter como denominação histórica, Marechal José Pessoa, a semelhança da ECEME de Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, conseguida quando comandante nosso acadêmico Gen Bda Luiz Eduardo Rocha. Paiva, cuja posse na cadeira Marechal Humberto de Alencar Castello Branco ocorreu no BGP em 2010. E as justificativas históricas, as apresentamos em nossa pesquisa junto. Há 44 anos atuando como historiador militar, a presente proposta eu a encaro como uma obrigação moral que deixo à sua consideração como Diretor do Ensino Superior, esperando ter a mesma acolhida de Antonio Dias Cardoso que descobri em 1970 e o indiquei e foi aprovado como Patrono de nossas Forças Especiais, Hoje nos empenhamos em preparar os originais do obra BRASIL LUTAS INTERNAS 1500/ 1916, até a Pacificação do Contestado e, de 1917 até o presente levantar fontes históricas produzidas por patronos de cadeiras e acadêmicos sobre Lutas Internas posteriores, para que estejam disponíveis nos centenários desta lutas. para possibilitarem um julgamento isento justo e o mais preciso quando seus agentes não mais existirem, conforme indica a prática historiográfica. Mas nos faltara recursos para publicá-lo E a FHE POUPEX a quem devo ate hoje a existência da FAHIMTB e, a AMAN ao acolhe-la . Há 18 anos conduzo os destinos da FAHIMTB creio que é chegado o momento do Exército de alguma forma a oficializar, pois se aproxima o dia em que terei de me afastar e não tenho para quem transferir a continuidade da missão e assistir com tristeza o extravio do material que reuni sobre a História das Forças Terrestres do Brasil em 44 anos,o único que o Exército hoje dispõe classificado à luz da **Teoria de História Operacional das FTB**, que desenvolvemos em 1970/1974 na Comissão de História do Exército do EME e foi publicado pelo EME, Teoria no tocante ao emprego das FTB em Lutas Externas e Internas, consta me meu manual publicado pelo EME **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro** edições de 1978 e 1999,Votos de Feliz e profícua gestão e nos prestigiando e a História e os historiadores do Exército hoje raríssimos, esta é a realidade E também Hierarquia depois dos 80 anos E eu estou com quase 84 anos e com 65 anos de serviços ao Exército como Profissional e historiador e PTTC. Um ano a mais do que Caxias do qual sou o último biográfico e acredito o mais completo... História do Exército, é a mãe de sua Doutrina Militar genuína sonhada e iniciada 1861 pelo Duque de Caxias ,como Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros, no contexto da humilhante Questão Christie. Com apreço e admiração E aqui as ordens para ajudar a ser encontrada uma solução. Comando para oficializar o acervo e a FAHIMTB e colocar gestores figurando em QO e subordinados diretos ao EME,onde a Historia Militar esteve vinculada por cerca de 70 anos ou ao DECEX em segurança na AMAN e a serviço em especial do Ensino e da Doutrina. Aos 84 anos disponho de pouco tempo para ajudar! Com apreço e muita admiração ao estimado amigo. Cel C.M. BENTO

Cel Claudio Moreira Bento Presidente e Fundador da FAHIMTB e
AHIMTB Resende Marechal Mário Travassos

**47 - RECEPÇÃO DO GENERAL TOMAS, COMANDANTE DA AMAN,
COMO 3º PRESIDENTE DE HONRA DA FAHIMTB E 1º DA AHIMTB
RESENDE MARECHAL MÁRIO TRAVASSOS**



Gen Tomás Miguel Miné Ribeiro Paiva

Acadêmico Emérito Cel Malebranche, Presidente do Conselho Fiscal da, FAHIMTB, lendo a oração com que ela e AHIMTB federadas iniciam as suas reuniões. O Cel Malebranche era instrutor do Curso de Cavalaria, ao tempo que o Cel Bento era cadete de Engenharia e, o Cel Bento foi instrutor de História Militar do Gen Tomas, ao tempo em que ele era cadete de Infantaria.

E com prazer que em nome da Federação e suas Academias federadas recebo como 3º Presidente de Honra da FAHIMTB e 1º da AHIMTB/Resende Marechal Mário Travassos, o General Tomas Miguel Miné Ribeiro Paiva. Federação e AHIMTB Resende desde 23 de abril de 2011 acolhidas e acomodadas com todos o seus preciosos acervos no interior na AMAN pelos ex-comandantes, generais Edson Leal Pujol e Júlio César de Arruda. O General Tomas foi nosso aluno em História Militar em 1980 no seu 3º ano na AMAN e também de seu saudoso sogro, o saudoso Cel Antônio Machado Borges, do qual seria comandado em 1982/1983, no 7º Regimento de Infantaria Blindado de Santa Maria Regimento Gomes Carneiro. Unidade cuja bela saga sintetizamos na História da 6ª Brigada de Infantaria Blindada em 2002. O General Tomas paulista paulistano, em sua bela e movimentada carreira, exerceu importantes e variadas funções. Aqui na AMAN foi escolhido por seus colegas cadetes para presidir a SAM (Sociedade Acadêmica Militar), pela qual passaram diversos cadetes, cabendo-me destacar os hoje patronos de cadeira da Federação o General Aurélio Lyra Tavares e o Cel Jarbas Passarinho e, o seu acadêmico Emérito falecido General Plínio Pitaluga, o comandante de nossa Cavalaria na FEB. O General Tomás nasceu em São Paulo em 29 de Setembro, época em que como 1º Tenente servíamos como Fiscal Administrativo em Cachoeira do

Sul, na 3ª Cia de Comunicações, na qual, em 1950, havíamos iniciado nossa vida militar como soldado, há 64 anos em Pelotas. Casou com D. Maria Cristina, que recordo menina moça, quando fui encarregado de receber seu pai, na AMAN, como instrutor de História Militar e acomodá-lo e família em Apartamento a ele destinado no Edifício Benjamin Constant. O Gen Tomas possui dois filhos, Tomás André e Tomás Felipe e duas filhas, Marcela Helena e Anne Gabriela. Em sua já longa caminhada de soldado foi instrutor na AMAN, comandante do Corpo de Cadetes e paraquedista de ponta, Serviu no Gabinete Militar de Presidência da República, onde foi ajudante de Ordens do Presidente da República. Comandou o Batalhão de Guarda Presidencial no qual fui acolhido para lançar meu livro **Caxias e Unidade Nacional**, no bicentenário em 2003 do Patrono do Exército e da FAHIMTB. Batalhão que foi comandado por Caxias com o nome de Batalhão de Imperador e que participou ativamente da Guerra da Independência na Bahia, quando Caxias era seu Capitão Ajudante. Batalhão sobre o qual produzimos artigo, em 21 de abril de 1972, no **Correio Brasiliense**, no início das comemorações do Sesquicentenário da Independência, em edição histórica a nós confiada, sobre a presença do Exército em Brasília. Comandou a Escola Preparatória de Cadetes, em Campinas – São Paulo e a 11ª Brigada de Infantaria Leve em Caçapava – SP. Foi subcomandante do Batalhão Brasileiro de Força de Paz no Haiti. E de fev/mar de 2012 comandou a Força Pacificação da Operação, no Morro do Alemão. Em Comunicação Social foi chefe de Informações Públicas no C Com Ex e Gerente da Rádio Verde Oliva. Por sua atuação destacada, foi agraciado com o Mérito Militar, Mérito de Defesa, Mérito Rio Branco, Mérito Judiciário, Mérito Tamandaré e Medalhas Pacificador, Santos Dumont, Marechal Osório, Mascarenhas de Moraes e Militar por mais de 30 anos de Bons Serviços. E com as seguintes medalhas Internacionais; Nações Unidas, Mérito Militar de Aviz/Portugal, Mérito de Ordens de Portugal, Estrelas das Forças Armadas do Equador, Mérito Aeronáutico (Bolívia) e do Libertador San Martin, Argentina. Sua movimentada e profícua vida de soldado é digna de ser um dia estudada do ponto de vista de Liderança, como o fizemos com os comandantes de todos os Grandes Comandos do Exército no Rio Grande do Sul em item que denominamos: Os comandantes de Grandes Comandos, suas experiências profissionais, ações e lições de comando. Tudo com a finalidade de registrar exemplos de Liderança e Chefia em nosso Exército, fundamentais para a formulação de uma Doutrina Militar Terrestre Brasileira, além da preservação da memória de suas passagens pelo Exército. Memórias de muitos, que aos poucos, lamentavelmente caminhavam, para o completo esquecimento.. E sobre este assunto em nosso livro no prelo **Brasil Lutas contra invasões, ameaças e pressões externas em defesa de nossos Objetivos Nacionais Permanentes**, resgatamos as vidas e obras dos bravos líderes que ajudaram com suas lideranças a alicerçar e delinear este nosso Brasil de Dimensões

Continentais que nos cabe defender, como braço armado do Povo Brasileiro. Um braço forte e mão amiga, e com o risco de nossa própria vida, conforme nosso juramento e como o fizeram muito destes chefes. “Liderança que não se impõe. Mas sim a que desperta nos comandados a vontade de fazer o sugerido.” Seja bem vindo General Tomas as Presidências de Honra da FAHIMTB/Resende e da AHIMTB/Marechal Mário Travassos há 3 anos acolhida na AMAN com o seu precioso patrimônio por nos acumulado em 44 anos e mais em 18 anos os produzidos por integrantes da FAHIMTB e que aqui reafirmo, ser único disponível em todo o Exército, classificado à luz da Teoria de História do Exército Brasileiro. Acervo fundamental por ser A História do Exército que a AMAN acolheu, fundamental para o nosso Exército, com instrumento de manterem em alto nível a auto-estima e orgulho de seu membros de pertencerem ao Exército e como instrumento de Relações Públicas com o Povo Brasileiro de que o Exército é constitucionalmente o seu Braço Armado junto com nossa Marinha e Força Aérea. História Militar Terrestre do Brasil, hoje mais que no passado, instrumento para nosso Exército desenvolver, ao máximo possível sua Doutrina Militar Genuína sonhada em 1861 pelo Duque de Caxias e com apoio no que houver de melhor nos exércitos das grandes potências, como aqui declarou seu ex-comandante acadêmico Gen Div Edson Leal Pujol, ora no comando das Forças de Paz no Haiti. E contribuir para este ideal e que justifico com muito orgulho a minha atividade como historiador militar do Exército há 44 anos, próximo dos 83 anos e orgulhoso de haver sido instrutor de História Militar Crítica em 1978/1980, de todos os generais de brigada combatentes e muitos de já de Divisão e de os livros **História Militar do Brasil e História da Doutrina Militar** que coordenei e enriqueci ajudaram a formação de 20 gerações de oficiais egressas desta Academia Militar, de que me considero o seu historiador, sem fingir falsa modéstia, ao ultrapassar a barreira dos 80 anos consciente e orgulhoso de minha vida militar, lamentando não poder começar tudo de novo!. General Tomas tome assento em sua cadeira de 1º Presidente de Honra da AHIMTB Resende, ombro a ombro com os generais de Exército: Adhemar, presidente de Honra da AHIMTB DF Marechal José Pessoa, General Modesto, Presidente de Honra da AHIMTB RJ, Marechal João Batista de Mattos, General Mourão 1º Presidente de Honra da AHIMTB RS Gen Rinaldo Pereira Câmara e, General Campos 1º Presidente de Honra da AHIMTB SP General Bertoldo Klinger em sucessão o General Adhemar que tanto prestigiou e exaltou o trabalho da FAHIMTB em Sorocaba..

**48 - Recepção do novo Acadêmico General Novaes na Cadeira
Marechal José Pessoa, pelo Cel Claudio Moreira Bento, Presidente e
Fundador da FAHIMTB**



Gen Bda André Luis Novaes Miranda

1. O novo acadêmico a ser empossado na cadeira Marechal José Pessoa, o Exmo Sr Gen Bda ANDRÉ LUIS NOVAES MIRANDA ao ser nomeado Comandante da Academia Militar das Agulhas Negras, estava comandando a 17a Bda Inf SI, Brigada Príncipe da Beira, Porto Velho, RO. Foi promovido ao posto atual em 25 de novembro de 2013. E já 4 fora empossado em cerimônia anterior como 3º Presidente de Honra da FAHIMTB e 1º Presidente de Honra da AHIMTB Resende Marechal Mario Travassos, o 1º comandante da AMAN em 1944, e único com o posto de Coronel. Nascido em 6 de fevereiro de 1963 na cidade de Mirandópolis, São Paulo; é filho do Sr ERES MIRANDA CATHARINO e da Sra. CORINA NOVAES MIRANDA. Incorporou às fileiras do Exército em 28 de fevereiro de 1977, na Escola Preparatória de Cadetes do Exército, sediada em Campinas, São Paulo. Foi declarado Aspirante a Oficial em 10 de dezembro de 1983, e foi classificado no 4º Batalhão de Infantaria Blindado. Coursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, em 1992, e a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, em 1998 e 1999. No Exterior, realizou o Curso Avançado de Infantaria no Chile, a Escola de Comando e Estado-Maior no Uruguai e o Curso Avançado de Segurança e Defesa Hemisférica nos Estados Unidos da América. Ao longo de sua carreira, exerceu as funções de Comandante de Pelotão de Fuzileiros de Selva, Comandante de Companhia e Oficial de Operações, no 26º Batalhão de Infantaria Paraquedista; Comandante do Regimento Escola de Infantaria; Comandante do Centro de Instrução de Paz "Sérgio Vieira de Melo"; Comandante das tropas do Exército na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) - 3º Contingente, e Cmt 17a Bda Inf SI. Foi condecorado com a Medalha do Serviço Amazônico, Medalha Militar de Ouro, Medalha do Corpo de Tropa e Medalha Marechal Hermes Dourada com duas coroas. É casado com a professora de Relações Internacionais Eduarda Passarelli Hamann e possui uma filha, Helena. Logo ao chegar mostrou grande interesse em que fosse montada uma Delegacia da FAHIMTB em Porto Velho constituída inclusive por professores universitários e deixou projetado o livro o **Exército Brasileiro**

nas Terra de Rondon- Raízes Históricas e demonstrou em sua visita as instalações da FAHIMTB, grande apreço e conhecimento de nossa História Militar. E trouxe em bagagem cultural a experiência e a honra de ter sido escolhido por seus companheiros cadetes Presidente da Sociedade Acadêmica Militar, função exercida dentre outros pelo General Aurélio Lyra Tavares e o Cel Art Jarbas Gonçalves Passarinho, ambos consagrado patronos de cadeira da FAHIMTB.

Seja bem-vindo ao Colégio Acadêmico da FAHIMTB. Tomai assento. A casa e vossa!

49- RECEPÇÃO DO GEN BDA RICARDO AUGUSTO FERREIRA COSTA NEVES, COMO 3ª PRESIDENTE DE HONRA DA FEDERAÇÃO DE ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL E 1º DA AHIMTB –RESENDE MARECHAL MÁRIO TRAVASSOS E COMO ACADÊMICO DA CADEIRA MARECHAL JOSÉ PESSOA. PELO CEL BENTO PRESIDENTE DA FAHIMTB

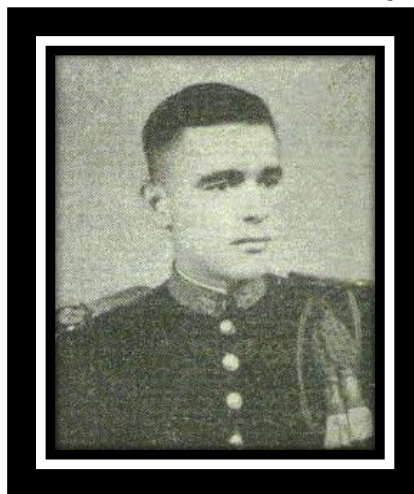


Gen Bda Ricardo Augusto Ferreira Costa Neves

General Costa Neves é natural da Olímpia- SP conhecida como a Capital do Folclore e também como Menina Moça e que foi inicialmente tratada como São José Batista dos Olhos de Águia. Sua carreira militar teve início em 17 de fevereiro de 1979, na Escola Preparatória de Cadetes do Exército em Campinas-SP. Cursou a AMAN sendo declarado Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria em 1985 – Turma Montese 1985. Lembro Forno de Taros que lembra a rendição alemã a FEB, representada pelo Regimento Ypiranga de São Paulo, com parada em Caçapava-SP. Unidade onde figura em bronze o nome de meu conterrâneo de Canguçu- RS Soldado Izidro Matoso que ferido em ação morreu 15 dias antes do final da guerra e que junto de seu conterrâneo Hortêncio Rosa, do Regimento Sampaio também morto em ação, representaram 10% dos mortos gaúchos da FEB. O General Costa Neves é casado com a sra Baldan Costa Neves de cujo consórcio nasceram Guilherme e Luciane, a mãe de seu netinho

Pedro. O General Costa Neves possui todos os cursos regulares do Exército e mais o Especial de Política e Estratégia da Escola Superior de Guerra, o Básico Paraquedista e o de Mestre de Salto, o de Manutenção de Armamento e Viatura, o Avançado de Infantaria no War College nos Estados Unidos e o de Estado-Maior e Estado-Maior Conjunto em Portugal. Comandou 62º Batalhão de Infantaria em Joinville- Santa Catarina. Foi instrutor na AMAN, do Centro de Instrução de Blindados, da ECEME. Foi membro do Estado-Maior da 7ª Bda Inf Mtz em Natal/RN, Oficial de Gabinete do Comandante do Exército e Assistente Secretário do Secretário Geral do Exército, chefe o Estado Maior da 17ª Bda Inf de Selva em Porto Velho a qual seria o seu 1º comando como oficial general, ao ser promovido a General de Brigada em 25 mar de 2015, quando comandava o Corpo de Cadetes da AMAN. Foi agraciado com as seguintes condecorações: Comendador da Ordem do Mérito Militar, Medalha Militar de Ouro, Duque de Caxias e Marechal Osório e Mérito Amazônico e Marechal Hermes da Fonseca como 1º lugar no Curso de Infantaria de sua Turma Montese. Como o oficial general conseguiu tornar realidade o precioso livro O EXÉRCITO NAS TERRAS DE RONDON, a primeira participação de professores universitários a contribuírem com a História do Exército. Trabalho iniciado por seu antecessor, o general de Divisão André Luiz Novaes Miranda, acadêmico da FAHIMTB, cadeira Marechal José Pessoa, que hoje, por sua elevação a acadêmico emérito, será ocupada pelo General Costa Neves, cadeira que, de agora em diante será privativa do comandante da AMAN, desde que o mesmo aceite a honraria. Livro O EXÉRCITO NAS TERRAS DE RONDON que foi objeto de nossa análise da 2ª edição ampliada de nosso livro AMAZÔNIA BRASILEIRA, CONQUISTA, CONSOLIDAÇÃO, MANUTENÇÃO. HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DA AMAZÔNIA 1616 /2017. Livro que será hoje aqui lançado no qual contribuíram com posfácios os generais Novaes e Costa Neves e comentário do acadêmico benemérito cel Carlos Roberto Peres, vice-presidente da FAHIMTB, o qual que recebemos há pouco como acadêmico da Academia Resendense de História ARDHIS. na cadeira General Luiz Sá Affonseca. Academia Resendense por nos fundada há 25 anos, na qual ocupamos a cadeira Conde de Resende, o fundador do ensino acadêmico das Américas e do ensino superior civil no Brasil e onde, na comunidade resendense, convivem em harmonia e em integração crescente, há 73 anos, duas das suas maiores realizações como Vice Rei, a Academia Militar das Agulhas Negras, a sucessora da Real Academia de Fortificação e Desenho por ele fundada em dez de 1792, sob a égide do Príncipe Regente D. João, no aniversário da Rainha D. Maria, a “Piedosa” que perdeu o juízo em razão da morte de seu marido e de seu filho o Príncipe da Beira. O General Costa Neves foi o Delegado de Honra da Delegacia Forte Príncipe da Beira, da FAHIMTB, criada em Porto Velho, Rondônia. Seja bem bem-vindo!!!

50 - ANÁLISE DO LIVRO MINHA VIDA DE CADETE João Bosco Camurça - Minha vida de cadete - a saga de um Cadete da Academia Militar das Agulhas Negras 1959/62. (Análise do original). Pelo Cel. Cláudio Moreira Bento, Presidente da AHIMTB, por solicitação do autor.



Cel João Bosco Camurça

Seu autor, o Tenente Coronel João Bosco Camurça Marques dos Santos, uma revelação providencial como memorialista de alto nível, escreveu suas Memórias da AMAN, como se ainda fora um cadete, cujo espírito incorporou. Ele abordou com precisão detalhada e muito realismo, aplicando o método de Descartes na divisão de sua abordagem, escrevendo com intimidade, como se estivesse conversando com todos os cerca de 30.000 cadetes que cursaram as Agulhas Negras nos últimos 60 anos. Merece destaque especial a sua análise precisa das finalidades de cada matéria que cursou, bem como o perfil de seus mestres. E, inclusive, os apelidos com que foram batizados pelos cadetes. Aborda-os como se estivesse a falar numa roda fechada com seus colegas. E, entre seus mestres, destaca por suas virtudes, entre outros, Cecil Wall Barbosa de Carvalho e Antônio Esteves, os fundadores do Ensino Superior Civil em Resende, na AEDB; Geraldo Levasseur França, admirado e estimado mestre de Descritiva em diversas escolas de Resende; Rubem Rosadas, mestre de Psicologia, e Francisco Ruas Santos, mestre de História Militar, todos ligados à nossa Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Revela apreço a seus mestres, o que não constatei numa exposição de um antigo oficial no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em que recordava seus mestres militares. Por tudo, considero esta obra Minha vida de Cadete de grande importância para a região do Vale do Paraíba fluminense, cuja Geografia e História aborda, bem como a vida social e a paisagem humana de Resende, que ele vivenciou e muito bem observou durante 4 anos. É obra importante, especialmente para os cerca de 30.000 cadetes que cursaram a AMAN recordarem seus tempos de Academia e de Resende. Para os futuros cadetes, será um guia seguro para conhecerem de antemão o que os aguarda ao chegar em Resende, permitindo-lhes preparação

adequada para os quatro anos de suas vidas como cadetes do Exército. Concluindo, poderíamos afirmar que esta obra se constitui em expressiva contribuição para a conquista e preservação do Objetivo Atual nº 1 do Exército, assim definido e em vigor: "Conquistar, preservar, cultivar e divulgar a História, as Tradições e os Valores morais, culturais e históricos do Exército Brasileiro". Considero de muita validade a elaboração de Memórias para que sejam deixadas para a posteridade, como experiência e lições colhidas em vida pelo memorialista e para a sua satisfação de deixar o seu espírito presente depois da morte de seu corpo e desencarne de sua alma. Validade consoladora com apoio no pensamento de que "o homem é eterno enquanto sua obra existir e for lembrada." E este será o caso do Ten Cel Camurça, cuja obra ajudará a recordar a saga de cada cadete que cursou a AMAN.

51 - APRESENTAÇÃO DA PLAQUETA ENG TÁCITO VIANA RODRIGUES PELO CEL ALCEU VILELA PAIVA



Cel Eng e Eng Civil Alceu Vilela Paiva

O Resendense do Século XX A presente plaqueta Dr. Tácito Viana Rodrigues - que consideramos o resendense do século XX, de autoria do acadêmico Cel Alceu Vilela Paiva, ocupante da cadeira Cel Fabiano Pereira Barreto na Academia Resendense de História e a General Liberato Bittencourt da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, se destina a evocar e divulgar, a memória do grande engenheiro civil que foi o Dr. Tácito, no transcurso de seu centenário. Seja por sua imensa projeção como construtor da rodovia Resende-Riachuelo e de 12 bairros em Resende com cerca de 4500 lotes, seja pela construção, Brasil afora, de cerca de 107 pontes, num comprimento total de cerca de 8,5 Km e todas nelas gravadas a expressão, TVR Resende-RJ. E, finalmente como animador do Aero Clube de Resende, criado inclusive, para formar reservas com vistas a 2ª Guerra Mundial. Homenagem que o Cel Alceu, de justiça na voz da História, presta ao homem que o acolheu adolescente, como uma espécie de office boy em

sua empresa construtora, para auxiliá-lo a financiar seus estudos. Circunstância que o despertou para as suas carreiras na Arma de Engenharia do Exército e mais tarde na Engenharia Civil. E o acadêmico Alceu, neste ensaio evocativo comemorativo, divulga a memória do resendense o século XX, como fruto de sua acurada pesquisa e depoimento de convivência com o mesmo. Ao fundarmos a Academia Resendense de História, em 1992, através do Cel Alceu Paiva, conhecemos a imensa projeção da figura do Dr. Tácito, que a Academia Resendense de História consagrou como seu membro honorário, ao lado dos também membros honorários Graciema Silveira Cotrim, Dr. Nilo Gomes Jardim, Augusto Pinheiro de Carvalho, Maria Emília B. Jaime, Clarice Miranda Maia, Arão Soares da Rocha, Haydée Marcondes Godoy e Adriana Marchesim de Carvalho. Embora o Dr. Tácito, ausente da cerimônia de sua posse do Cel Alceu, por impossibilitado de comparecer e entender a homenagem, Alceu Paiva, em sessão da Academia Resendense de História abordou os pontos históricos de inflexão do desenvolvimento de Resende, na interpretação do Dr Tácito, conforme assinalamos em entrevista à jornalista Anita Beviláqua, no **Jornal Imprensa Livre** de 29 set 1995 e sob o título a "História se repete". * O Dr. Tácito assinalou os seguintes marcos de desenvolvimento de Resende, que testemunhou, como o fim do seu ciclo do café, assinalado em 1875, com a Caravana Pereira Barreto para a região de Ribeirão Preto; Construção da ponte metálica em 1905; urbanização de Resende e a inauguração da AMAN em 1944; a construção da Rodovia Dutra em 1950; o início da industrialização com a Ovomaltine e IQR; a construção da subestação da CERJ na Boca do Leão e, em 1964, a duplicação da Dutra. E o resto é sabido. O Dr. Tácito deixou memória histórica valiosa publicada na **Revista ACIAR**. E ao acadêmico Cel Alceu e ora também dirigente da Confraria dos Cidadãos de Resende muito se deve o resgate, culto e divulgação da vida e obra e exemplos de cidadão do Dr. Tácito que sempre se manteve fiel ao seu lema: "Tudo o que deve ser feito merece ser bem feito". Lema que o Cel Alceu ao sub-comandar o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1969, levou para Itajubá, onde foi adotado e é praticado por aquela unidade do Exército que tivemos a ventura e a honra de comandá-la em 1981 e 1982. Alguém afirmou que "O homem é eterno enquanto a sua obra permanecer e for lembrada". E temos a certeza que a permanência da obra do resendense do século XX, Engenheiro Tácito Viana Rodrigues, será bem lembrada, graças em grande parte a gratidão e a admiração por ele do acadêmico Alceu Paiva traduzido no seu trabalho a seguir. A Academia de História Militar Terrestre do Brasil se associa a esta justa homenagem ao Dr Tácito, em vida um grande amigo da AMAN e que acompanhou inclusive o Coronel José Pessoa há 70 anos, na histórica e sofrida jornada ao Maciço do Itatiaia, no aniversário da Independência do Brasil de 1931, onde pernотaram na região das Macieiras, para colherem, no dia seguinte, a pedra que simbolicamente serviria de Pedra Fundamental da AMAN. Pedra

cujo destino resgatamos em **Resende História Militar 1744-2001**, obra comemorativa dos 200 anos de Resende, como contribuição da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, presidente emérito e fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e irmão companheiro e Tribuno da Confraria de Cidadãos de Resende.

CEL ALCEU VILELA PAIVA (1931 - 2012)

Cel Claudio Moreira Bento(x)

Na qualidade de amigo e em nome da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) da qual era titular da cadeira General Liberato Bittencourt, em substituição ao saudoso Cel Prof. Geraldo Levasseur França, cabe-me aqui reverenciar a memória do amigo Cel Professor Alceu Vilela Paiva e Engenheiro Civil falecido dia 24 de janeiro de 2012, no exercício das funções de Presidente do Conselho Fiscal da citada FAHIMTB. O Cel. Alceu foi por mim recebido na citada FAHIMTB, então simplesmente AHIMTB, em cerimônia na AMAN, em 2001 comemorativa do aniversário da mesma, a nossa querida mãe profissional, onde nos formamos respectivamente em 1952 e 1955, oficiais de Engenharia e Comunicações. (Vide Livro de Posses da AHIMTB nº 30).

O Cel Alceu era acadêmico da Academia Resendense de História (ARDHIS) por nós fundada em 1992, e ao tempo em que eu era o seu presidente. Ele inaugurou a cadeira Cel. da Guarda Nacional, Fabiano Pereira Barreto, seu ilustre conterrâneo de Pouso Alto – MG. Lembro que foi recebido em nome da citada Academia (ARDHIS), por seu irmão, grande amigo e parceiro em vários empreendimentos de interesse comunitário, o Dr. Alcir Vilela Paiva.

O Cel Alceu fez carreira na Arma de Engenharia em Lages-SC, Campina Grande-PB e em Itajubá-MG onde foi Sub. Comandante do 4º BE de Combate e onde deixou a sua marca no lema do Batalhão:

“TUDO O QUE DEVE SER FEITO, MERECE SER BEM FEITO”.

Era o lema do grande engenheiro resendense Tácito Viana Rodrigues, que Alceu considerava “o resendense do século XX” e seu ídolo profissional e com o qual trabalhara menino e adolescente em seu escritório de Engenharia e se tornaria o seu biógrafo, em plaqueta que a seu convite elaboramos o prefácio.

Neste tempo de 4º BE de Combate em Itajubá, o Cel Alceu já era Engenheiro Civil e lá construiu a bela Vila de Oficiais, junto ao Batalhão.

Comandei este Batalhão de 1981-1982 e a seguir sempre contamos com sua companhia para participar de passagens de comando do Batalhão onde possuía muitos amigos bem como naquela cidade, onde sempre visitava parentes muito queridos.

Na nossa AMAN, o Cel. Alceu foi professor de 1964-1980, por 16 anos, de Física e Resistência das Matérias. E com ele convivemos de 1978-1980 como instrutor de História Militar, já consagrado historiador e autor premiado.

O Cel. Alceu em Resende, sua terra adotiva, teve atividade comunitária intensa. Dirigiu obras da Prefeitura de Resende de 1971/72, fundou e dirigiu a Construtora Manejo (COMAL) de 1975/78 e de 1997-98, presidiu a Cooperativa Agropecuária de Resende, como fazendeiro que veio a se tornar. Passou seus últimos tempos em ampla propriedade que lhe lembrava estar numa fazenda. E nela em 2 de junho de 2011 comemorou seus 80 anos, com a presença de muitos parentes e amigos que se espalharam por diversas mesas espalhadas sob a sombra do arvoredor e com um cardápio típico mineiro. Pois psicologicamente se considerava um mineiro do interior. Alceu foi muito ligado aos destinos da Santa Casa e do Asilo de Idosos. E contribuiu graciosamente como engenheiro para a construção do hoje monumental AEDB dirigida pelo falecido acadêmico Cel Antônio Esteves, o fundador do Ensino Superior em Resende, apoiado pelos acadêmicos coronéis Geraldo Levasseur França e Cecil Wall Barbosa, este herói da conquista de Monte Castello na Itália, E junto atuava com tesoureiro seu irmão e parceiro Alcir Vilela Paiva. Presidiu a Confraria dos Cidadãos de Resende, sempre preocupada com o exercício da cidadania. E a Santa Casa de Resende, que teve a honra de escrever sua história na obra **A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende**. Rio de Janeiro: SENAI, 1992, era instituição que merecia dele e dos demais irmãos carinho especial. E neste livro faço síntese biográfica de dois provedores muito ligados à vida de Alceu, Arão Rocha e Eitel Cesar Fernandes. Este lhe apontou o caminho para prestar concurso para a AMAN. O Cel Alceu foi sempre muito receptivo a cooperar com iniciativas de interesse público. E nossa Academia de História Militar Terrestre do Brasil, hoje uma Federação, em seus primeiros anos, sempre nele encontrou grande apoio.

E inclusive na adequação de sua sede administrativa ao lado da SIP e da Casa do Laranjeira, na AMAN. E na porta da AHIMTB lá está a lembrança perene de sua contribuição uma placa de bronze informando o que existe atrás da porta.. Alceu atuou politicamente em Resende, e reconhecido como um bom conselheiro, moderador e articulador político, tendo inclusive sido candidato a Prefeito. Parte para a eternidade, prezado amigo e solidário confrade, confiante que a tua passagem pela terra foi profícua, um exemplo precioso de cidadania comunitária resendense, onde

deixastes marcas profundas de tua notável contribuição para um mundo melhor para os que aqui ficam temporariamente! Vai feliz e realizado ao encontro de tua companheira modelar, por cerca 60 anos, D.Yolanda Pinto Paiva, cuja falta e saudades percebia em tuas manifestações sinceras, nas diversas visitas que te fiz para tratar de assuntos de nossa FAHIMTB. Saudades amenizadas com a presença e cuidados de tua neta Catia e bisneto. Honrastes teus pais Argemiro Morais Paiva e D. Maria de Jesus Vilela Paiva, exemplos de encaminhamento de família numerosa, com limitados recursos, a bons e honrosos destinos, com seus exemplos de que tanto de orgulhavas.

(x) Presidente da FAHIMTB e Presidente emérito e fundador da ARDHIS. O presente artigo ora ampliado foi feito para ser lido caso fosse oportuno, na encomendação do corpo de Alceu na histórica capela da Santa Casa de Resende, aos pés da imagem de sua padroeira N.S da Piedade, tão bem representada nas 1ª e 2ª capas do meu livro citado, pelo notável artista plástico o acadêmico Cel Geraldo Levasseur França, com tantas de suas obras realizadas graciosamente em Resende e Itatiaia e sem nenhuma rua até hoje em sua homenagem. Este artigo estara disponível em Artigos no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br.

**52 - RECEPÇÃO DO ACADÊMICO DR. PEDRO CALMON FILHO, NA
CADEIRA PROFESSOR PEDRO CALMON, POR ELEVÇÃO A
ACADÊMICO EMÉRITO DO PROFESSOR HELOI JOSÉ FERNADES
MOREIRA.**



Dr. Pedro Calmon Filho

Cel Claudio Moreira Bento Presidente da FAHIMTB

É com imenso prazer que me coube a tarefa de receber como acadêmico da FAHIMTB o Dr. Pedro Calmon Filho, em nome da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil.(FAHIMTB)

O Dr. Pedro Calmon Filho possui duas singularidades relacionadas como nossa História Militar.

A primeira é a de ser 2º Tenente R/2 do Corpo de Fuzileiros Navais de nossa Marinha de Guerra, corporação que a Federação de Academias de História Militar estuda por integrar as Forças Terrestres do Brasil, objetivo das pesquisas e desenvolvimento de nossa História Militar Terrestre junto com o Exército, Infantaria da Aeronáutica e Policiais e Bombeiros Militares e Forças Terrestres que as antecederam Guarda Nacional Voluntários da Pátria etc..

A segunda singularidade é a de ser filho do Dr. Pedro Calmon, consagrado e festejado historiador civil e militar brasileiro, intimamente ligado a pesquisa da História de nossas Forças Armadas e que de longa data ouvi ser tratado por antigos chefes do Exército, com quem privei por “**O amigo de todos nós**”. O Dr. Pedro Calmon construiu a nova e ampla sede do Instituto Histórico Brasileiro com o apoio do Presidente Emilio Médici, por mediação de seu antigo instrutor o General de Exército Estevão de Carvalho membro do citado IHGB e no passado líder dos “**Jovens Turcos**” que fundaram 20 de setembro de 1913, no Clube Militar a revista **A Defesa Nacional** e que por ocasião da 2ª Guerra Mundial foi Chefe em Washington da Comissão Militar Brasil EUA que intermediou toda a participação do Brasil na 2ª Guerra e uma espécie de genro de Machado de Assis por haver casado com a herdeira deste grande escritor.

Sede condigna, hoje consagrada, como ato de justiça na voz da História, como a Casa de Pedro Calmon, na qual tomei posse há 37 anos, sendo recebido por outra notável e marcante figura, o General Jonas de Moraes Correa Filho, o qual como Pedro Calmon, além de consagrado historiador, foi um notável líder de instituições integradas por historiadores de nível nacional. E com os quais aprendi preciosas lições. Posse no IHGB que usei como meu discurso de posse a História da Academia Militar das Agulhas Negras, onde, em 1953, há 61 anos, assisti aula inaugural proferida pelo Dr Pedro Calmon que a conclui aplaudido de pé por todo o Corpo de Cadetes, por sua grande capacidade de estimular a auto estima o orgulho de se pertencer ao Exército Brasileiro tão rico em História, Valores e Tradições.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que abriga há 89 anos a Espada de Campanha de seu ilustre sócio honorário, o Duque de Caxias, da qual o Espadim de Caxias, a arma distintiva e privativa dos Cadetes do Exército, é o símbolo que figura no Brasão da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB). Instituição que consagrou o Duque de Caxias como seu patrono e de suas academias federadas por seu pioneirismo no estudo militar crítico de nossa História Militar, ao realizar pesquisa sobre a Batalha do Passo do Rosário, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar, a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Pioneirismo igualmente por ter como Ministro da Guerra, em 1861, sobre o

forte impacto da Questão Christie, procurado nacionalizar a Doutrina Militar Brasileira ao recusar adotar por completo a Doutrina Militar de Portugal, de influência inglesa, feita para as realidades operacionais européias e, a adaptar às realidades operacionais sul-americanas que ele vivenciara em 5 vitórias que ele comandara as Forças Terrestres Brasileiras em 4 campanhas pacificadoras e uma guerra externa, A guerra de 1851-52 contra Oribe e Rosas.

O Dr. Pedro Calmon Filho sucede na cadeira Pedro Calmon, por elevados sucessivamente a acadêmicos eméritos, o Professor Arno Wheling, atual Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Engenheiro Pedro Carlos Silva Telles, o historiador de Engenharia Brasileira, e o Professor Heloi José Fernandes Moreira, o presidente da Associação dos Antigos Alunos da Escola Politécnica no prédio do Largo São Francisco adaptado em 1811, para abrigar Academia Real Militar, criada em 1810, pelo Príncipe Regente D. João no Brasil. Príncipe consagrado como D. João VI, em nome de Delegacia da FAHIMTB em Lisboa.

Agora será a vez de ouvirmos o filho de Pedro Calmon, sobre a sua visão do seu ilustre pai e também, em presença de seu filho Dr. Pedro Calmon Neto aqui presente.

O novo acadêmico Dr. Pedro Calmon Filho, tem sido muito solidário com a FAHIMTB, sempre lhe enviando subsídios valiosos e estímulos a matérias produzidas pelo FAHIMTB e suas federadas, o que não é normal entre os seus membros.

O Dr. Pedro Calmon Filho exerce advocacia no Rio de Janeiro, é sócio fundador desde 1962, há 52 anos, da Sociedade de Advogados Pedro Calmon Filho, especializado em direito Marítimo, Portuário, Securitário, Comércio Internacional e Ambiental, Óleo e Paz.

De 1956 a 1980, por cerca de 24 anos, foi Professor de Direito Comercial e Marítimo na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Professor convidado em cursos de Pós Graduação em Direito Marítimo da Fundação Getúlio Vargas.

E Juiz Suplente do Tribunal Marítimo do Rio de Janeiro e Diretor para Relações Internacionais da Associação Brasileira de Direito Marítimo da qual é sócio fundador. E membro titular do Comitê Marítimo Internacional.

Serviu, numa oportunidade como chefe da Delegação Diplomática Brasileira e, em várias delas em conferências da Internacional Organização Marítima em Londres, e em conferências da IMO e UNCTAD, em Genebra.

E membro fundador do Instituto Ibero Americano de Direito Marítimo, do qual atualmente é Vice Presidente pelo Brasil. (ad honorem).

Condecorações: Mérito Tamandaré e Cavaleiro de Mérito Naval pela Marinha de Guerra e Comendador da Medalha D. Henrique por Portugal.

Seja bem vindo a FAHIMTB, acadêmico Dr. Pedro Calmon Filho, como ocupante da cadeira que tem por patrono, o seu pai, baiano filho de Amargosa, mas firme e doce, ideais defendidos por líderes farroupilhas como virtudes de **Firmeza** e **Doçura**, representadas no brasão da República Rio Grandense, na forma de dois amores perfeitos, com o significado: **Firmeza** em combate, lutar com toda a garra, valor e coragem.. E **Doçura**, depois do combate, o respeito como religião a vida, a honra, a família e ao patrimônio do vencido. Virtudes que caracterizam no Exército o General Osório e em data mais recente no Rio Grande do Sul General Honorário do Exército Flores da Cunha, ao qual muito se está a dever o apoio a construção do Monumento ao General Osório em Porto Alegre. Amores perfeitos, lamentavelmente substituídos por estrelas no Pavilhão do Rio Grande do Sul que adotou como símbolos, os símbolos da República Rio-Grandense. Virtudes degoladas na Guerra Civil de 1893-95, que passou à História como a Revolução de Bárbaros, por violências praticadas pela facções em luta fratricida e recompostas de certa forma na Revolução de 1923, denominada a Revolução de Cavalheiros.

Tome assento acadêmico Dr Pedro Calmon Filho, a Casa FAHIMTB é sua!

Depois da oração de posse do Dr Pedro Calmon Filho usaram a palavra os na seguinte seqüência o acadêmicos Cel Spangemberg Chaves, Cel Rosty e Israel Blajberg..Spangeberg recordou a magistral aula inaugural da AMAN em 1953, me proporcionando a oportunidade de fazer-lhe justiça. de haver sido meu parceiro em 1974 em artigo nosso na **Revista Cultura Militar** do Estado- Maior do Exército intitulado nº 221: *A História Militar no Desenvolvimento da Doutrina Militar do Exército nos Estados Unidos* com apoio em artigo que ele traduziu do inglês. Subsidio o precioso que nos orientou como membro da Comissão de História do Exército do Estado-Maior a produzir o **Manual Como Estudar e Pesquisar a História do Exército Brasileiro** publicado pelo Estado- Maior do Exército em 1978 e reeditá-lo em 1999, sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, em seu 3º ano de fundada e sob o abrigo da AMAN em instalações externas e distribuído a AHIMTB. AMAN, EsAO e ECEME, no ano da Modernização do Ensino.

O Acadêmico Cel Rosty lembrou a magistral conferencia do Dr Pedro Calmon na AMAN no Centenário da morte do Duque de Caxias que arrancou aplausos dos oficiais por sua originalidade . Episódio que antes

havia descrito ao Dr Pedro Calmon Filho e a seus filhos por na ocasião como oficial da AMAN e sócio do IHGB ter recebido a missão de zelar pela saúde do Dr Pedro Calmon já merecendo cuidados.

O acadêmico Eng Israel Blajberg lembrou episódio de sua mocidade de figurar em certa ocasião em foto onde apareciam o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e Pedro Calmon, ambos historiadores patronos de Cadeiras da FAHIMTB. Foto que provocou muitas gozações de seus colegas. E ressaltou o apreço que a memória do Dr Pedro Calmon desfrutava como Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro;

53 - RECEPÇÃO DO ACADÊMICO GILSON RUDINEI PIRES MOREIRA



Pelo acadêmico emérito Cel Cláudio Moreira Bento presidente e fundador da ACANDHIS

Fui procurado por Gilson e fiquei surpreso com os seus notáveis conhecimentos sobre a História de Canguçu, resultado do acompanhamento das atividades da ACANDHIS em Canguçu- RS no site www.ahimtb.org.br.

Com ele tive notícias de meu tio-avô Engenheiro Agrônomo José Vaz Bento, que foi o primeiro engenheiro agrônomo a se formar pela Escola de Agronomia Eliseu Maciel, da qual foi destacado mestre e articulista em periódico daquela Escola.

Gilson Rudinei procurava notícia das raízes de seus sobrenomes Pires e Moreira, e se ligava-se aos Pires Terres e Pires Moreira de Canguçu.

E forneci-lhe algumas genealogias para que pudesse ter a resposta a suas indagações.

Gilson nasceu no interior de Canguçu no 3º Distrito, filho de Dilson Noris Moreira e Nívia Campos Pires da Coxilha dos Campos. Passou a infância na Coxilha do Fogo, em companhia de seus avós paternos. Foi educado e alfabetizado e cursou até o 4º ano. Sua professora foi sua mãe professora da Escola Dr Liberato, hoje desativada.

Passando no exame de Admissão, mudou-se para Canguçu, onde completou o Ginásio na Escola João de Deus Nunes. Foi voluntário para o Curso Técnico de Agricultura. Integrou os 8 pioneiros a se formarem pela Escola Técnica Estadual de Canguçu.

Fundou e foi o primeiro presidente da AETAC (Associação de Estudantes de Técnicas Agrícolas). Foi bolsista voluntário no escritório da Secretaria de Agricultura, onde foi aluno do Engenheiro Agrônomo Nelson Edi Gricolleti e do falecido acadêmico Leão Pires Terres (Técnico Agrícola). Eles lhe incentivaram a persistir na área agronômica.

Foi aprovado e cursou a Eliseu Maciel em 1978/1981, período que atuou no Magistério no Colégio Aparecida e no 2º grau na ETEC do qual fora aluno.

Cursou Biologia na UCPel e foi monitor do Departamento de Zoologia, Ecologia e Genética da FAEM.

Formado Agrônomo, cursou Mestrado no Centro de Ecologia da UFRGS, onde defendeu tese em 1983 sobre o controle biológico de percevejos da Soja.

Foi contratado pela EMPASC em Santa Catarina e realizou estudos sobre insetos aquáticos hematófagos, um problema em especial da região de Joinville.

Em 1988 quando a ACANDHIS foi fundada, viajou para os Estados Unidos, e tornou-se Doutor na Universidade de Cornell, Ithaca em Nova Iorque, onde defendeu em 1993 a tese A Reprodução de Plecoptera, sobre insetos aquáticos predadores.

De retorno ao Brasil, foi aprovado em concurso público na UFRGS na qual ingressou em 1994 como Professor Titular do Curso de Pós-Graduação em Biologia Animal.

Retornou aos Estados Unidos em 2010 para treinar em nível de pós-doutorado na área de Genética Molecular, na Universidade de Harvard. Desde então coordenou atividades de Pesquisa no Departamento de Zoologia da UFRGS.

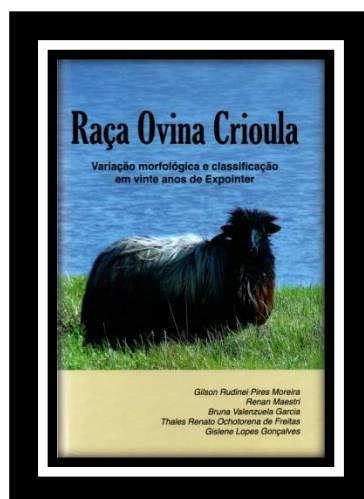
Durante sua carreira já orientou mais de 70 dissertações em nível de Bacharelato, Mestrado e Doutorado. É pesquisador do CNPQ.

Publicou mais de 100 artigos científicos em revistas, a maior parte no exterior.

Este é um cientista que orgulha sobremodo sua terra natal – Canguçu.

Desde 1944 mantém no 3º Distrito a Cabanha Sobrado Branco onde desenvolve um programa de fomento de raças de Animais domésticos ameaçados de extinção, dos quais se destaca a Raça Ovina Crioula, sendo o primeiro presidente da Associação Brasileira de Criadores, da qual é Diretor Técnico por Canguçu.

Importante na sua vida de cientista profissional a publicação de seu precioso livro que coroa até agora sua brilhante biografia **Raça Ovina Crioula** em parceria com: Renan Maestri, Bruna Valenzuela Garcia, Thales Renato Ochotorena de Freitas e Gislene Lopes Gonçalves.



Este é o perfil do canguçuense cientista Gilson Rudinei Pires Moreira, como foi o canguçuense Professor do Eliseu Maciel José Vaz Bento, filho do Professor Antônio Joaquim Bento, o primeiro professor régio para meninos do município de Canguçu. E também o Gilson Rudinei historiador, como o demonstra o elogio a seu patrono Barão de Correntes e sua homenagem a falecida acadêmica que ele substituiu na cadeira Dr Alda Maria Jacottet.

Seja bem-vindo, tome assento e nos fale sobre o canguçuense Barão de Correntes e sobre a falecida acadêmica Dra Alda Maria Jacottet.

**54 - RECEPÇÃO COMO ACADÊMICO DO DR EDSON MARTINS AREIAS
NA CADEIRA GENERAL PROFESSOR JONAS DE MORAIS CORREIA
FILHO, ANTIGO MESTRE DO CMRJ**



Dr. Edson Martins Areias

Escrevi artigo sobre o Barão do Rio Branco intitulado: Um diplomata com alma de soldado. E creio que poderei afirmar que Edson Areias é um advogado com alma de soldado.

Nosso conhecimento e amizade decorreram de nossos filhos marinheiros da Marinha de Guerra, sendo o mais moço como ele o foi Oficial de Máquinas.

Sua atuação principal alguém classificou por meteórica. Aluno deste Colégio Militar, razão de sua alma militar, foi oficial de máquinas que navegou por todos os mares e conheceu cidades em todos os continentes, sindicalista, advogado e o que é muito importante memorialista que se consagra em seu livro **Amores Marinheiros**, que acaba de receber sua meteórica vida e assim caracterizado:

- Advogado, Consultor Jurídico da CONTTMAF – Confederação Nacional dos Trabalhadores;

- Em Transportes: Aquaviário e Aéreo, na Pesca e nos Portos, do SINDMAR – órgão de Representação dos Oficiais da Marinha Mercante e da ABTF – Associação Brasileira dos Treinadores de Futebol;

- Professor de Latim Jurídico, Direito Administrativo e Direito Tributário na Escola Superior de Advocacia e Direito Administrativo em Faculdades Privadas e Preparatórios para Concursos.

- Assessoria Jurídica junto à OIT-ONU em Genebra, nas sessões das Conferências Internacionais do Trabalho, atuando junto a outros advogados de países das Américas, Europa e Ásia, principalmente na elaboração da Convenção das Leis Marítimas em Genebra, 2006.

- Assessoria jurídica e atividades de representação em Congressos e Reuniões deliberativas, no patrocínio das causas da CONTTMAF, junto à International Transport Workers Federation – ITF em Londres, Portugal, Grécia, Genebra, Bulgária, Chipre, Índia, México, Panamá, Paraguai, Uruguai e Argentina.

- Membro do Comitê Gestor do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Ministério da Ciência e Tecnologia, em Brasília por dois mandatos, vedada mais uma recondução por imperativo regimental.

- Atuação jurídica nos Tribunais Estaduais, Regionais Federais e Superiores. Atividades anteriores na área técnica: Diretor Técnico do Lloyd Brasileiro

- Presidente do Conselho de Administração da Companhia da Navegação.

**55 - RECEPÇÃO DO ACADÊMICO CAIRO MOREIRA PINHEIRO NA
ACADEMIA PIRATINENSE DE HISTÓRIA NA CADEIRA GENERAL
ANTÔNIO DE SOUZA NETTO EM 17 ABRIL 2004**

Cel Cláudio Moreira Bento(x)



Cairo Moreira Pinheiro

É com grande satisfação cultural e familiar que hoje recebo como acadêmico da Academia Piratiniense de História, o seu dedicado coordenador e para que não dizer conselheiro, para a tornar realidade E em nome da ACAPHIR recebo o historiador Cairo Moreira Pinheiro na cadeira General Antônio de Souza Neto. Acadêmico Cairo cujas mais profundas raízes genealógicas se encontram nesta histórica Capital Farroupilha, como escrevemos em título de nossa plaqueta **Piratini um sagrado símbolo farrapo gaúcho**, o qual repetimos em nossa oração de instalação desta Academia, em 6 julho de 2003 no CTG 20 de Setembro.

Suas ligações com seu patrono decorrem de um irmão do General Neto haver casado com Rafaela Mattos Neto, a mãe do General Zeca Neto, por sua vez primo irmão da bisavó de Cairo e esposa do culto advogado canguçuense Teophilo Moreira, filho do notável líder comunitário canguçuense Franklin Máximo Moreira. Este nascido nesta histórica Piratini e falecido em Canguçu faz um século. Personagem esta que passou a História de Canguçu com o idealizador e fundador do Clube Harmonia, visando então harmonizar desencontros da família canguçuense, gerados pela Revolução de 93, que passou a História como Guerra Maldita, a Revolução de Bárbaros e Revolução da Degola. Movimento que tirou a vida. por degola. num ato covarde, do Cel Maneco Pedroso que fora convocado

pelos governos federal e estadual para combater tropas federalistas que invadiram o Rio Grande do Sul.

História que passamos escrita, a membros desta Academia, esperando que eles resgatem nesta terra a vida e obra deste bravo filho que a Academia Piratiniense de História consagrou como seu patrono de cadeira, como ato de justiça na voz da História.

Eu guardo a homenagem que Cairo me prestou por meus 70 anos, com muito carinho em minha casa e outra copia em quadro no meu escritório na Academia Militar das Agulhas Negras. E ele sempre feliz nas sombras.

E como é de seu feitio, me lembrando uma estrela brilhante atrás das nuvens.

Cairo Moreira Pinheiro nasceu na cidade de Canguçu em 2 de outubro de 1945, filho de Ruy Régio Pinheiro e de Hilda Krusser Moreira Pinheiro, sendo avós paternos Ernesto Ignacio Pinheiro e Adelaide Régio Pinheiro e avós maternos José (Zequinha) Matos Moreira e Maria Conceição» Klain Krusser Moreira. Cairo é jornalista formado, animador cultural, genealogista, tradicionalista e historiador. Tem produzido valiosos trabalhos que reuniu em precioso baú de recordações. Articulista do Jornal **"O Liberal"** de Santa Vitória do Palmar onde publicou, Guerra dos Farrapos e a Revolução de 1923; Associação Atlética Boa Vista em Santa Vitória do Palmar, de que foi fundador; homenagem aos dez Anos da ACANDHIS, Homenagem a Barbosa Lessa, Homenagem aos 100 anos de Tarcílio Mattos

Cairo é trineto de José Ignacio Moreira que foi uma espécie de Chefe de Gabinete do Ministério do Interior farrapo, chefiado pelo Coronel Ulhoa Cintra, e tetraneto José Serafim da Silveira que presidiu a Câmara de Piratini, na época que funcionou como o Legislativo da República Rio Grandense. Função que exerceria também depois da Revolução Farroupilha.

Cairo cursou o primário em 4 escolas: no Aparecida e Irmãos Andradas em Canguçu e, em Pelotas, no Sagrado Coração de Jesus na Igreja do Porto e no Grupo Escolar Feliz da Cunha.

Estudou Contabilidade na Escola Medianeira em Porto Alegre.

Trabalhou no 2º Cartório do Crime em Pelotas, na Pepsi Cola, Correio do Povo e Banco da Bahia em Porto Alegre, na Cia de Cigarros Sinimbu em São Paulo e depois no Grupo Extremo Sul, em Santa Vitória do Palmar até aposentar-se há 23 anos.

São vários trabalhos em que Cairo mostrou a força de gens literário dos Moreira, refletidas em Barbosa Lessa, em Clóvis Rocha Moreira, em Ângelo Pires Moreira, entre outros escritores, onde nos incluímos hoje, com certeza.

Cairo nos desempenhou muito bem em palestra sobre a Revolução Farroupilha, a convite da Maçonaria de Piratini, feito através do hoje vice presidente da Academia Piratiniense de História, o ilustre Professor Jorge Nunes Régio. Cairo é sócio fundador do Instituto Simões Lopes Neto, em Pelotas, do Piquete Barbosa Lessa em Canguçu; fundador e presidente da Associação da Família Pinheiro. Integra como sócio efetivo o Instituto de História e Tradição do RGS, do qual é o delegado em Pelotas. É acadêmico e coordenador da Academia Canguçuense de História. Sócio do Coral Dona Conceição, da cidade de Pelotas, que em solidariedade ao seu

sócio exemplar, prestigiou a sua posse como acadêmico da Academia Canguçuense de História e o seu Colégio Acadêmico, ocupando a Cadeira de nº19..

. Seja bem vindo a Academia Piratinense de História amigo, parente nota dez, Cairo Moreira Pinheiro.

E fale-nos de General Antônio de Souza Neto, o vencedor da Batalha do Seival que criou condições para a proclamação da Republica Rio-Grandense que aqui em Piratini viveu os seus maiores dias, os quais a Academia Piratinense de História se empenhará em resgatar para orgulho das atuais e futuras gerações de piratinenses, do que nossos antepassados se descuidaram e elas foram cobertas por espessa massa da patina do tempo em que pese a sua imensa projeção na República Brasileira já com 115 anos.

(x) Acadêmico da Academia Piratinense de História, cadeira General Bento Gonçalves da Silva e seu Presidente fundador e organizador

56 – MINHA RECEPÇÃO COMO SÓCIO DO IHGB DO PROFESSOR GUILHERME ANDREA FROTA



SAUDAÇÃO A GUILHERME DE ANDRÉA FROTA COMO SOCIO DO IHGB

Cláudio Moreira Bento

Um estudo publicado em *A Fragata* despertou o interesse do orador para aquele que considera o maior estudioso, entre os civis, da história naval. Professor dedicado, tem numerosa obra histórica.

Ao final de 1975, recebemos das mãos de nosso filho que havia cursado o 1º ano do Colégio Naval em Angra dos Reis um *exemplar* da revista *A Fragata* dos alunos daquele estabelecimento, considerados «a esperança de nossa armada e o futuro da pátria sobre o mar», conforme sua canção.

Na revista *A fragata* chamou-nos atenção estudo biográfico sobre o almirante Alexandrino de Alencar, ministro da Marinha por três governos, natural da heróica Rio Fardo, no Rio Grande do Sul, criador da esquadra

brasileira e do lema 'rumo ao mar' que de assim explicava: «Quem diz Marinha diz atividade. Pois Marinha que não se move é organismo morto».

Impressionado com o excelente trabalho, muito bem ilustrado, conhecemos ser de autoria de um dinâmico professor de história do Colégio Naval, pesquisador e divulgador da história da Marinha de Guerra do Brasil entre os futuros oficiais e, particularmente, dos grandes chefes e heróis de nossa Marinha.

Este professor era Guilherme de Andréa Frota, que hoje, decorridos 11 anos, tenho a honra de receber nesta Casa da Memória Nacional.

Impressionado com a beleza e a qualidade de seu trabalho, solidarizei-me em carta a ele dirigida. E desde então nasceu entre nós uma amizade e grande afinidade intelectual, no modo de comunicar a história do Brasil. Ele, especificamente no tocante à Marinha de Guerra, e nós mais voltados para a história do Exército.

O novo confrade, fundamentalmente, é professor de história do quadro do novo Ministério da Marinha, lecionando há 14 anos no Colégio Naval. E pesquisador de nossa história Naval, dedicando-se especialmente à biografia, ao publicar vidas de vultos exponenciais de nossa Marinha de Guerra, bem como a de sem. heróis e feitos guerreiros.

Creio seja hoje o maior historiador naval civil.

Seu público alvo têm sido alunos do Colégio Naval. Muitos de seus alunos, entre os quais se encontram meus três filhos, são guardas-marinha, tenentes ou capitães.

Ao evocar para a juventude naval, como professor e historiador, a vida e obra dos chefes exponenciais da Marinha de Guerra, o professor Frota tem contribuído para inspirar e renovar a Marinha do presente e alicerçar o futuro da mesma.

Dentre os diversos cursos que possui destaque; bacharel e licenciado em história pela PUC; Escola Superior de Guerra; Marinha nas Lutas pela Independência e Conferência sobre Lord Cochrane pelo Centro de Documentação da Marinha.

É membro entre outras instituições culturais dedicadas a história. Como efetivo ou correspondente: Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, Instituto dos Centenários, IHGMG. IHGRJ e Academia Brasileira de História.

É membro da Liga de Defesa Nacional e Centro Cívico Floriano Peixoto. É cavaleiro da Ordem de Malta.

Tem feito parte de comissões de concursos de admissão em cursos da Marinha e da Polícia Militar do Rio de Janeiro e foi examinador de história no vestibular da PUC e para professor secundário de história deste estado.

Colaborou com os verbetes da letra 'A' do **Dicionário de história do Brasil** do INL e na História das Relações Diplomáticas entre o México e o Brasil. Integrou a comissão dos festejos dos 25 anos do Colégio Naval do qual é hoje o historiador, com a obra **Pequena história de uma grande**

instituição, e que representou no Simpósio do Bicentenário da Restauração do Rio Grande do Sul, promovido pelos IHGB e IGHMB em 1970.

Integra a comissão redatorial da **Revista do Cube Militar** destinada a marcar historicamente o centenário do Clube Militar, criado no Clube Naval em 1887, contando com a participação de expressiva parcela da oficialidade de nossa Marinha. Ele ajudará na parte da Marinha, coadjuvando o nosso ilustre confrade almirante João do Prado Maia, que vem transmitindo às diversas gerações de marinheiros as 'tradições dos homens do mar'.

Dentre as 14 conferências e cerca de 58 trabalhos publicados destacamos: '**Rio de Janeiro na imprensa periódica**' (1966), que mereceu voto de louvor da Assembléia Estadual; '**Pequena história do Brasil para principiantes**' (1964); '**Notas para uma bibliografia naval brasileira**'; '**Noções de história do Rio de Janeiro**'; '**O mundo entre as guerras mundiais**'; '**Um estudo sobre poder marítimo**'; '**Notas para a história do Colégio Naval**', '**O visconde de Inhaúma**', '**Discurso a Bandeira**', '**Almirante Alexandrino de Alencar**'; 'A Fragata - história de um ideal em forma de revista'; '**Contra- almirante Saldanha da Gama**'; 'Discurso de paraninfo no Colégio Naval'; 'A primeira fragata Niterói'; Tenente Mariz e Barros'; 'Almirante Álvaro Alberto, bardo de Iguatemi'. 'Almirante Delfim Carlos de Carvalho e almirante José Santos de Saldanha da Gama'

Trabalhos na maioria publicados na revista **A Fragata** dos alunos do Colégio Naval.

O professor Frota é ligado por laços de família ao heróico almirante Saldanha da Gama, oficial que, além de sua participação na Revolta na Armada, na Escola Naval, da ilha das Enxadas, segundo aprendemos com o almirante Prado Maia, revelou-se educador emérito, e deu significativos exemplos aos aspirantes de lealdade, disciplina, espírito de sacrifício e acrisolado amor à Marinha, além de imprimir aos mesmos esmerada educação civil e militar. Coube-lhe preparar os aspirantes para guarnecerem navios a vapor com couraças e equipados com complexos equipamentos

Como demonstramos, novo confrade é fundamentalmente um historiador civil da nossa Marinha de Guerra, pesquisando e difundindo sua história e tradições às sucessivas gerações de nossa mocidade naval que vem cursando o Colégio Naval há 14 anos,

Hoje, para não fugir à regra, ele abordará criticamente um grande feito militar, resultado de uma operação combinada da Marinha e do Exército. Operação consistente na conquista, por uma manobra de duplo envolvimento, da fortaleza de Humaitá — a Sebastopol americana.

Feito militar para cujo sucesso concorreram os balões cativos mandados vir por Caxias dos Estados Unidos, onde haviam prestado relevantes serviços ao exército do norte, na Guerra da Secessão. Balões que, em realidade, se inserem nos primórdios de nossa Aeronáutica militar, conforme nosso saudoso confrade Lavanére-Wanderley, em sua **História da Força Aérea Brasileira**.

Assim, talvez, Humaitá seja um exemplo pioneiro no Brasil de operação combinada de nossas forças armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica).

Humaitá era o objetivo militar dos aliados, por impedir a livre navegação do rio Paraguai, como a capital de Assunção era o objetivo político. A conquista de Humaitá pôs fim à capacidade defensiva estratégica do adversário, como Riachuelo, a maior batalha naval da América do Sul, havia posto fim à capacidade ofensiva estratégica, adversária e Tuiuti havia posto fim à capacidade ofensiva tática adversária e a Dezenbrada, depois de Humaitá, viria a pôr fim a capacidade defensiva tática adversária, assinalando tecnicamente a vitória aliada, ou o fim da Guerra da Tríplice Aliança.

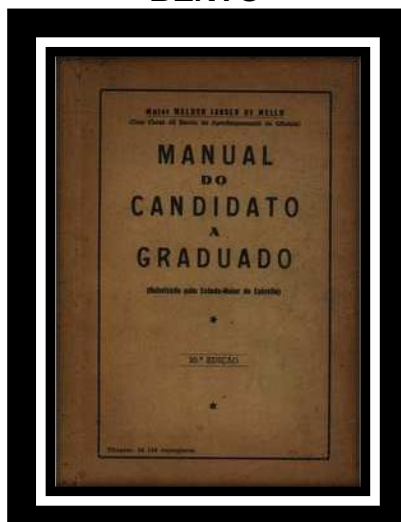
Este é, em rápidas traços, o perfil do confrade que hoje toma posse como sócio honorário Confrade que se situa entre os mais moços de nosso quadro efetivo e por esta razão o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro dele muito espera em colaborações futuras.

Sede bemvindo à Casa da Memória Nacional, professor Guilherme de Andréa Frota. Tome assento no seu lugar de sócio honorário que conquistou com tanta dedicação e trabalho profícuo. Meus cumprimentos pessoais e os de nossos três filhos, seus ex-alunos que não puderam aqui comparecer.

Votos de que outros reconhecimentos aos seus reais méritos como professor e historiador de nossa Marinha se enfileirem aos desta cerimônia.

Ficai à vontade! A cada é vossa.

**57- ORAÇÃO DE RECEPÇÃO NA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL DO ACADÊMICO TEN. CORONEL WALDYR
JANSEN DE MELLO NA CADEIRA Nº 16 QUE TEM POR PATRONO TEN. CEL.
HENRIQUE OSCAR WIEDERSPHAN - PELO CEL. CLÁUDIO MOREIRA
BENTO**



Na falta de uma fotografia do Acadêmico Tem Cel Waldyr Jansen de Mello, colocamos um exemplar de seu valioso Manual do Candidato a Graduado, que tantos serviços prestou ao ensino do Exército.

É com muita alegria e honra que um cadete de Infantaria da AMAN serve hoje de porta voz da Academia de História Militar Terrestre do Brasil para acolher em seu seio, como acadêmico o escritor e historiador militar, tenente coronel Waldyr Jansen de Mello que há mais de 50 anos integrou a 1ª turma de aspirantes de Infantaria formada na Academia Militar das Agulhas Negras aqui em Resende.

E aqui hoje veio o ilustre e velho infante para através da voz de um cadete de Infantaria da AMAN, uma espécie de seu neto profissional, por filho da sua mãe profissional em 1945.

Sr. coronel Waldyr, para que receba a consagração e os aplausos na Cidade dos cadetes do Exército, pela sua trajetória utilíssima ao País e ao Exército de cidadão e de soldado. Trajetória utilíssima traduzida no seu alentado e expressivo currículo construído, em mais de meio século de labor intenso e fecundo o qual esta colocado sob a mesa diretora dos trabalhos e a disposição dos interessados e cuja leitura demandaria muitas horas, Currículo que ora integra o patrimônio desta Academia.

O coronel Waldyr é campista, tendo passado sua infância à vista do histórico Rio Paraíba que banha esta Resende - A cidade dos Cadetes repetimos. Iniciou sua formação de oficial na velha e benemérita Escola do Realengo que forneceu a maior parte dos oficiais da FEB, que elevaram bem alto o nome do Exército na Itália, como o nosso velho e querido mestre de Direito, o coronel Cecil Wall Barbosa, herói da conquista de Monte Castelo e mais o general Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira que hoje aqui tomou posse na cadeira do ínclito filho do Maranhão, o general Tasso Fragoso, cuja túnica perfurada a bala, foto da guarnição da peça que comandava no combate da Ponta da Armação e mais citação presidencial por seu comportamento heróico naquele combate em 1893, integram o patrimônio do Museu da AMAN desde 1945.

Declarado aspirante de Infantaria aqui em Resende em 11 agosto 1945, desde 5 setembro do mesmo ano o coronel Waldyr se radicou em Curitiba onde casou com D. Aracy Miranda de tradicional família paranaense e de cujo consórcio nasceram três filhas: Vera Lúcia, Ana Lúcia e Maria Helena todas com curso superior e casadas.

De Curitiba o coronel Waldyr saiu para servir no 3º RI em São Gonçalo e para cursar a EsAO.

Sua projeção profissional e cultural transcende o Exército. É uma vida multifacetada, lembrando um enciclopedista. Mas aqui será enfatizada a sua face de historiador e de autor de assuntos de instrução de interesse militar que explicam a sua eleição para integrar o Colégio Acadêmico desta novel Academia que se propõe, entre outros alevantados objetivos, tentar aproximar as velhas gerações de soldados historiadores do Exército com as

novas gerações de alunos e alunas militares, razão da presença gratificante hoje nesta sessão de cadetes e, de alunas da Fundação Osório, criada para educar órfãs de militares das 3 Forças Armadas.

O Cel. Waldyr é engenheiro civil Administrador Economista e professor de Matemática, Física e Desenho etc..

Lecionou 3 anos no Colégio Militar de Curitiba. Por quase 7 anos esteve a disposição do Ministério da Aeronáutica em Curitiba como coordenador e professor de cursos de formação de oficiais Especialistas e de Infantaria da Aeronáutica. Sua contribuição a Infantaria da Aeronáutica é área de interesse desta Academia, conforme seus Estatutos por ela se enquadrar como força terrestre brasileira.

Foi instrutor do NPOR do 3ª RI de São Gonçalo e do CPOR de Curitiba soldados em unidades de Infantaria. Portanto larga experiência com a juventude brasileira militar.

A obra que mais o projeta no auto- adestramento e auto- educação no Exército foi o conhecido e utilíssimo **Manual do Candidato a graduado**, que com nomes diversos desde 1945 já alcançou 135 edições com cerca de 450 páginas cada, num total aproximado de meio milhão de exemplares que foram usados por diversas gerações de instrutores e monitores e de futuros graduados do Exército. Podem os profissionais do Exército bem aquilatar a projeção do instrutor Cel. Waldyr na desempenho profissional de milhares de militares de que seu manual foi guia. E este aspecto interessou sobretudo a Academia de História Militar Terrestre do Brasil em seu pragmatismo de colocar seus préstimos historiográficos terrestres a serviço da crescente operacionalidade das forças terrestres brasileiras por preservar a memória de suas atividades.

Ressalta neste **Manual do graduado** do Cel. Waldyr a sua ajuda em não só adestrar, mas a educar praças, por divulgar e auxiliar os monitores e instrutores a explicar o sentido das Virtudes Militares, escala de valores ou axiológica, da profissão soldado e essencial para que ele aceite a sua profissão com seus valores, para que não ceda às tentações da Sociedade de Consumo com escala de valores que não se coaduna com as da profissão soldado que tem algo de sacerdócio cívico na defesa das Tradições, da História e dos valores materiais, morais e espirituais da Pátria Brasileira.

E entre estas Virtudes a de Devotamento sob o seguinte argumento;

“Soldado de um país sob Deus, pacifista e que repudia a guerra de conquista, não posso como soldado brasileiro, desperdiçar um só segundo, no preparar-me o melhor possível para a indesejável e imprevisível possibilidade de uma guerra, fenômeno social ainda tão presente e vivo na História da Humanidade.”

Em 1972 o coronel Waldyr lançou trabalho de interesse desta **Academia Contribuição do Exército no Campo da Educação**, num total de 12.000 exemplares. Trabalho vencedor de concurso no Sesquicentenário da Independência.

Especialista em Fotoinformação lançou utilíssimo trabalho **Manual de Foto Informação** com 5 edições 10.000 exemplares o que atesta a aceitação e a projeção de seu trabalho no Exército e Aeronáutica nesta importante atividade ligada ao melhor conhecimento dos importantes fatores da decisão militar - o Terreno e o Inimigo

Em 1980 foi a consagração do historiador brasileiro Waldyr Jansen de Mello com o lançamento de sua **História do Brasil**, prefaciada pelo grande historiador Pedro Calmon, patrono da cadeira 25 desta Academia. Foram editadas 10.000 coleções das quais uma se encontra à disposição dos consulentes da Biblioteca do Congresso dos EUA.

Esta e só uma amostragem da obra do escritor, de interesse desta Academia.

O Coronel Waldyr tem sido conferencista de História Militar Terrestre com os temas: *Batalha de Tuiuti, Rondon, Dia da Vitória 19 de Abril-Dia do Exército Brasileiro e outros temas na Liga de Defesa Nacional*. Acaba inclusive de com o apoio desta, pronunciar palestra para a sociedade paranaense, focalizando a contribuição das Forças Armadas no Campo Cultural do Brasil.

Dentre suas 61 comendas, 72 medalhas, 94 diplomas e 14 placas destaca-se o reconhecimento do Exército e das Forças Armadas do Brasil que o agraciaram com os títulos de Cavaleiro do Mérito Militar e do Mérito das Forças Armadas e com o Mérito Santos Dumont pelo Ministério da Aeronáutica. Possui a Medalha Militar de Prata por mais de 25 anos de bons serviços ao Exército.

O Grã Cruz do Mérito Educação e Integração, comendador da Ordem do Mérito Nacional Educativo e integra a Ordem do Mérito Municipal de Campos, sua terra natal. Em Curitiba, sua terra adotiva, tem recebido as mais expressivas e consagradoras homenagens.

Ostenta no centésimo sétimo ano de República Brasileira o título de Barão do Mileto, concedido na Itália, por serviços prestados à Casa Imperial e pela antiga nobreza gozada por seus antepassados. Foi concedido por Casa Imperial Reinante do Oriente, pelo Príncipe D. Gabriel. Foi publicado no **Diário Oficial de São Paulo** e visado pela Secretaria de Estado das Relações Exteriores, em 25 maio 1968, que o legitimam.

É membro correspondente das seguintes entidades históricas dentre as 60 outras que integra delicadas aos mais variados assuntos de seus vários campos de interesse cultural:

Instituto de Geografia e História Militar do Brasil: Institutos: Históricos e Geográficos de São Paulo (cadeira Mal Rondon); do Distrito Federal; de Mato Grosso, de Minas Gerais, de Goiás, do Rio Grande do Norte etc.

Ocupa a cadeira Duque de Caxias no Colégio Histórico e Geográfico de São Paulo e a cadeira Pedro Calmon na Academia Paulista de História, além de ser membro da Academia Brasileira da História, em São Paulo e de várias de Letras.

O coronel Waldyr comemorou 50 anos de escritor profissional e fez jús ao troféu Junter" por possuir mais de 710.000 exemplares impressos de sua obra em 44 anos de escritor.

Este é em largos, traços o perfil do historiador militar terrestre Cel Waldyr Jansen de Mello que acredita e espera a Academia que tenha sido uma das mais expressivas para o velho soldado de Infantaria e guia seguro de várias gerações de instrutores e monitores e de graduados que utilizaram para instruir ou auto-instruir-se os seus cerca quase meio milhão de exemplares de seu **Manual do Candidato a graduado**.

Prezado e ilustre acadêmico coronel Waldyr. Votos de que de o melhor de seus esforços e liderança cultural para tomarmos grande e vigorosa a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, no estado do Paraná, como apelamos ao general Tácito no mesmo sentido no seu castrense Ceará, berço de Antônio Sampaio, patrono da Infantaria e do intrépido e legendário general Tibúrcio de Souza e dos marechais Castelo Branco e Tristão de Alencar Araripe, entre outros soldados assinalados.

Pois, na atual conjuntura historiográfica em que a Mídia que domina a tudo e a todos e que não dá oportunidade para o debate amplo e democrático da História do Brasil, num Projeto Verdade que se impõe, é crítica a pesquisa e difusão da História Militar Terrestre do Brasil, vítima de manipulações criminosas como o livro **Genocídio americano - A Guerra do Paraguai**, que terminam por fazer na opinião pública a mentira impor-se como verdade.

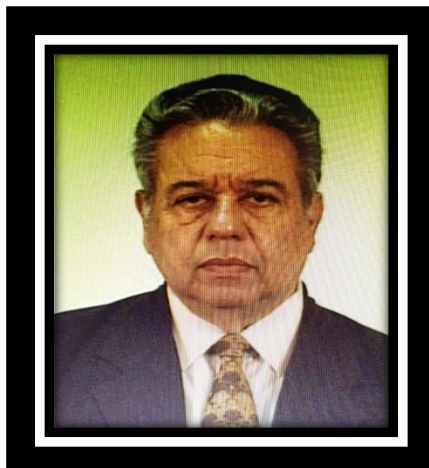
Pois, os senhores e nós, membros de todas as categorias de sócios, somos a Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Se não trabalharmos e nos conformarmos em colecionar títulos e diplomas, ela morrerá e terá sido mais uma tentativa como o foi um dia o Instituto Histórico Duque de Caxias e que teve vida curtíssima. No entanto srs general Tácito e coronel Waldyr, se trabalharmos pela Academia e não ficarmos inertes ela viverá! E com ela a preservação da História Militar Terrestre do Brasil na qual sobressai a História do nosso Exército, atualmente em crise previsível, por falta de estímulos a novas vocações de historiadores. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio! Qual é a solução? A Academia está tentando novos caminhos, e a sensibilizar as autoridades que tem o dever de Estado de promover os estudos e divulgação de História do Brasil. É

como um passarinho que tentava apagar o incêndio de uma floresta levando água no seu bico em atividade febril, tendo a consciência cívica de estar fazendo a sua parte. Os tempos são outros e os estudos históricos tem de encontrar soluções que respondam e sejam vitoriosos nos novos tempos.

E é este o grande desafio que os senhores viciados em vitórias e êxitos, enfrentarão tom a Academia. E o penhor de sucesso acreditamos sejam os seus passados de persistência e luta, em defesa da vitória das boas causas que abraçaram, sempre com denodo e determinação. E para vencer!

Senhores acadêmicos, general Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira e tenente coronel Waldyr Jansen de Mello com a permissão prévia da mesa, convido a que todos os presentes aplaudamos as vidas úteis e exemplares desses dois expoentes da Infantaria, que trilhando caminhos diferentes, deixaram um rastro luminoso atrás de si, dignos de serem refletidos e seguidos como padrões de cidadãos e soldados devotados ao Brasil e as suas grandes causas. De pé, nesta festa em família de soldados e de filhas de soldados da Fundação Osório, em que oficiais de várias gerações confraternizam e trocam experiências com os companheiros mais novos dos oficiais - os cadetes, conforme o marechal José Pessoa idealizou o sentido deste posto na República do Brasil. Aplaudamos os novos acadêmicos nesta cidade do Cadetes!

58- CURRICULUM VITAE DO ACADÊMICO CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA DINO WILLY COZZA PELA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL – AHIMTB



Na falta da foto do Acadêmico Dino Willy Cozza, colocamos o brasão do Corpo de Fuzileiros Navais ao qual ele pertencia com muito orgulho.

POSSE DE CMG (FN) DINO WILLY COZZA NA CADEIRA CFN

No dia 29 de Setembro pela manhã em seção da Academia de História Militar Terrestre do Brasil no Comando dos Fuzileiros Navais na Ilha das Cobras, no Rio, empossamos como acadêmico da AHIMTB o CMG Dino Willy Cozza em Cadeira destinada ao Corpo de Fuzileiros Navais. E sua

recepção o fizemos pela leitura de seu exemplar currículo vitae a seguir leitura então procedemos

Dino Willy Cozza nasceu em 18 de setembro de 1935 na cidade de São Paulo Residia na cidade do Rio de Janeiro. Ingressou na Marinha de Guerra Brasileira em 31 de março de 1952. Foi declarado Guarda-Marinha do Corpo de Fuzileiros Navais em 28 de dezembro de 1957, onde atingiu o posto de Capitão de Mar- e- Guerra em 31 de agosto de 1983. Todas as suas promoções como oficial Superior foram por MERECIMENTO. Ao longo de sua brilhante carreira militar recebeu 20 (vinte) citações meritórias pelos cargos e comissões que desempenhou, bem como pelos cursos que realizou. Durante sua vida militar foi designado para exercer cargos e comissões de relevo, entre os quais selecionamos:

- Comando de unidades do Corpo de Fuzileiros Navais como, por exemplo, o GRUPAMENTO DE FUZILEIROS NAVAIS DE LADÁRIO entre, setembro de 1976 e junho de 1977 e o BATALHÃO DE TRANSPORTE MOTORIZADO DO COMANDO DE REFORÇOS DA FORÇA DE FUZILEIROS DA ESQUADRA, no período de março de 1979 a janeiro de 1981;
- Exercício dos cargos de Ajudante de Ordens do Chefe do Estado-Maior da Armada, entre março de 1967 e novembro de 1968, de Oficial de Gabinete do Ministro da Marinha, por 2 (dois) anos, entre 1974 e 1976 e de Oficial de Estado-Maior do Comando de Operações Navais, de julho de 1977 a abril de 1979;
- Instrutor do Curso Avançado de Operações Anfíbias nos anos de 1970 e 1971
- Assessoria ao Comando de Apoio do Corpo de Fuzileiros Naval, em Planos e Programas, de fevereiro de 1988 a fevereiro de 1989;
- Oficial de Estado-Maior (3ª Seção) e Encarregado do Serviço de Relações Públicas do Comando do Distrito Naval, de abril a dezembro de 1972 e de dezembro de 1972 a março de 1974, respectivamente;
- Concluiu, com brilhantismo, 21 (vinte e um) cursos militares, tanto no Brasil como no Exterior, entre os quais os da Escola Naval, em 1957, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército, na Arma de Engenharia, em 1969 e o Curso Superior de Guerra Naval, da Escola de Guerra Naval, em 1981;
- É possuidor de 28 (vinte e oito) cursos e estágios na área civil em variadas áreas culturais;
- Participou de 16 (dezesesseis) Simpósios e Congressos, entre os quais destacam-se XIX Congresso Internacional de História Militar, levado a efeito na Turquia em julho de 1993, o XVI Congresso Brasileiro de Cartografia realizado em outubro de 1993 e o XXII Congresso de História Militar, na Áustria (Viena), em 1996, bem como os Simpósios de Cartografia Automatizada (patrocinado pela Sociedade Brasileira de Cartografia); sobre D. João II - o Mar e o Universalismo Lusitano, sob a égide da Academia de Marinha, em Lisboa-Portugal, no mês de outubro de 1955; e o XIII Simpósio de História do Vale do Paraíba, na cidade de Resende - RJ, quando apresentou a Comunicação. A atuação dos Fuzileiros Navais no Vale do

Paraíba nas revoluções de 1842 e 1932;

- Foi agraciado com 8 (oito) condecorações militares, entre as quais a Medalha do Pacificador, em 1972, a medalha do Mérito Santos Dumont, em 1968 e a Ordem do Mérito Judiciário Militar, no grau de Distinção em 1993 e mais duas condecorações da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros do antigo Estado da Guanabara;

- Possui, também, 12 (doze) condecorações e medalhas civis, entre as quais citamos a Medalha Condecorativa São Sebastião, a do Instituto Histórico e Geográfico da cidade do Janeiro e a Medalha do Mérito Geográfico conferida pela Sociedade Brasileira de Geografia, outorgada em novembro de 1978 e novamente em dezembro de 1991;

- Possui o Título de Cidadão do Estado da Guanabara, conferido pela Assembléia, Legislativa do Estado da Guanabara, no ano de 1974;

- Foram-lhe concedidos 13 (treze) diplomas por sua participação efetiva em variados eventos representativos da Cultura Nacional e outras atividades.

É membro de 40 (quarenta) ACADEMIAS, ASSOCIAÇÕES, SOCIEDADES e INSTITUIÇÕES Nacionais Brasileiras, Estaduais, Municipais e Estrangeiras, entre as quais, destacam-se:

- Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos, como sócio fundador;
- Associação Brasileira de Educação - membro-efetivo;
- Sociedade Brasileira de Geografia - como sócio Titular e Efetivo;
- Ordem dos Jornalistas do Brasil;- Instituto de - Arqueologia Brasileira;
- Sociedade Brasileira de Filosofia - ocupando a cadeira nº 11 René Descartes;
- Instituto de Geografia e História Militar do Brasil - sócio efetivo;
- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - sócio honorário;
- Instituto Brasileiro de Estudos Antárticos - sócio efetivo;
- Academia Luso Brasileira de Letras - cadeira nº 31 - patronímica de COELHO NETO;
- Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro - ocupando a cadeira nº 8 cujo patrono é o Barão do Rio Branco;
- Sociedade de Geografia de Lisboa - sócio correspondente;
- SOCIÉTÉ DE GÉOGRAPHIE, de Paris-França - membro titular;
- É membro das seguintes Instituições Cívicas, de Utilidade Pública e Filantrópicas:
- Liga de Defesa Nacional, desde 1977;
- Instituto dos Centenários, como membro efetivo;
- Instituto do Monumento Histórico da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro membro efetivo do Conselho Deliberativo;
- Sócio do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente/Comitê Brasileiro/ Instituto Brasil PNIJMAI, desde novembro de 1996;
- Irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro;
- Ordem Soberana Militar Hospitalar de São João de Jerusalém, de Rodes, de Malta, como Cavaleiro da Graça Magistral;
- Lions Club do Rio de Janeiro de junho de 1972 a 1980 e Lions Club de Corumbá- MS, de 1976 a 1977;

Proferiu cerca de 51 (cinquenta e uma) CONFERÊNCIAS, PALESTRAS E DISCURSOS em diversas entidades culturais e sociedades civis;
Publicou 49 (quarenta e nove) trabalhos e obras em diversos veículos de divulgação cultural;
Integrou as Comissões julgadoras do Prêmio "Almirante Tamandaré", nos anos de 1992 e 1994, pelos seus reconhecidos méritos e conhecimentos sobre o tema;
Nomeado, pelo Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, para integrar a Comissão permanente do Meio Ambiente, em 1994 e, Comissão das Comemorações do 5º Centenário do Descobrimento do Brasil em 1996;
Visitou cerca de 45 (quarenta e cinco) países, por mais de uma vez, desenvolvendo atividades e fazendo pesquisas de cunho cultural;
É membro de 06 (seis) entidades religiosas, sendo, inclusive, Comendador da Arquiepiscopal Imperial Irmandade de Nossa Senhora das Dores, da Polícia Militar do Estado do Rio Janeiro.

Esta é apenas uma pálida sinopse do extenso CURRICULUM VITAE que tentamos fornecer aos que nos honram com suas presenças hoje no Comando dos Fuzileiros Navais. Lamentavelmente o estimado amigo faleceu de mal súbito na Europa para onde se deslocara para participar de um evento cultural. Era um grande e estimado companheiro. Que descanse em Paz amigo!

59- RECEPÇÃO DO GENERAL DE BRIGADA CARLOS AUGUSTO RAMIRES TEIXEIRA



Gen Bda Carlos Augusto Ramires Teixeira
Diretor do Patrimônio História Cultural do Exército

Diretor do Patrimônio Histórico Cultural do Exército como 2º Presidente de Honra da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – Marechal João Batista de Matos. Academia cujo patrono é o Duque de Caxias.

O General Carlos Augusto integra a Turma AMAN 1988 Marechal Tronpowske, o Patrono do Magistério Militar.

É natural de Quaraí – RJ, parada do 5º Regimento de Cavalaria Mecanizada – trigenário da Cavalaria Mecanizada do Legião das Tropas Ligeiras de São Paulo, onde o jovem Manoel Luiz Osório ingressou no Exército e nela teve o seu batismo de fogo.

Unidade cuja História resgatamos em nosso livro 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Charrua.

Visitei o 5º RC Mec que foi comandado como coronel pelo atual General de Exército José Luiz Lopes da Silva, o único a atingir este posto em minha turma Aspirante mega 15 fev 1955.

O General ao ser declarado Aspirante a Oficial em 1988 eu já era Coronel e Dirigia o Arquivo Histórico do Exército. Como o tempo passa.

O General Carlos Augusto tem em sua vida militar que ultrapassa 33 anos as seguintes e destacadas funções.

- Assessor de Conselheiro Militar do Brasil junto a ONU em Nova Iorque.

- Diretor de Inteligência da Intervenção Federal na Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro sendo Interventor o Gen Ex Walter Souza Braga Neto, que foi meu aluno de História Militar na AMAN em 1978 e hoje é o nosso Ministro da Defesa.

Comandou o 6º Regimento de Cavalaria Blindada – Regimento José de Abreu, em Alegrete, Unidade cuja História abordamos em nosso livro 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, com sede em Uruguaiana.

Comandou o Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil no Rio de Janeiro.

Comandou a 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada em Bajé, cuja História publicamos sob o título.

Comandou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais que frequentamos no 2º semestre de 1964 e é o atual Diretor do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército a mesma pelo General Novaes, atual Diretor do DCEX.

E todo aquele Patrimônio Cultural do Exército se encontra lamentavelmente inativo.

Há meio século me dedico devotamente a preservação, pesquisa e divulgação do patrimônio cultural do Exército, tendo publicado 107 obras (Álbuns, Livros e Plaquetas), desde que em 1976-1978 escrevi meus primeiros livros **As Batalhas dos Guararapes – análise e descrição militar** e o grande **Festa dos Lanceiros** (sobre a inauguração do Parque História Osório). Obras que produzi que coloquei no site www.ahimtb.org.br onde podem ser baixadas.

Aliás, toda a minha produção sobre história militar coloquei no site, seguindo conselho da esposa do General Novaes e que ele me transmitiu.

De que os trabalhos para serem lidos deveriam ser disponibilizados no Google. E foi o que passei a fazer.

O maior projeto que executei e como PTTC foi a História do Exército no Rio Grande do Sul constituída de 23 livros, incluindo as grandes unidades, principais escolas militares e líderes de batalhas na área.

Integrei a Comissão de História do Exército de Estado-Maior. Fui instrutor de História Militar na AMAN por três anos e dirigi o Arquivo Histórico do Exército por 5 anos.

E desde o meu primeiro livro procurei priorizar a História Militar Crítica, aquela que agrega Sabedoria Militar ao invés da História Descritiva que só agrega Conhecimento Militar, mas que é a matéria prima da História Militar Crítica.

Na minha longa experiência de 50 anos com História Militar, minha opinião PE a de o assunto História Militar do Exército necessita uma revisão urgente em especial do seu Ensino. E para tal estou disposto a cooperar com a minha experiência.

Será bem vindo General Carlos Augusto a Academia Militar Terrestre do Brasil.

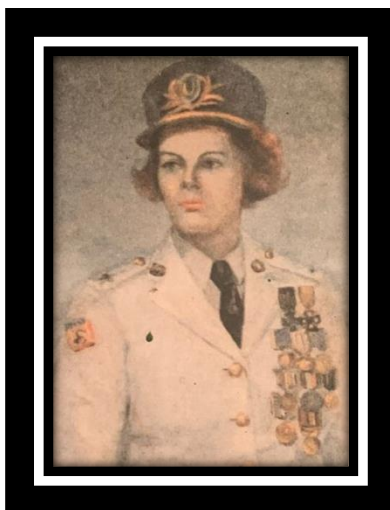
A instituição que hoje acolhe como seu 2º Presidente de Honra é a Academia de História Militar Terrestre do Brasil – Marechal João Batista de Matos mais seu patrono e o Duque de Caxias.

Ela era uma Academia de História subordinada a Federação de Academias de História do Rio de Janeiro com as suas irmãs de Distrito Federal, do Rio de Janeiro, de Resende e de São Paulo.

Fomos obrigados a extinguir a Federação depois de 23 anos de atividade profícua por falta de recursos para mantê-la.

A sua sede ampla no interior da AMAN foi no final atingida por uma forte infiltração no teto e para repará-la todo o seu acervo foi desmontado e revirado. E assim ela permanece desde o final do comando do General Costa Neves que sempre a apoiou em continuidade ao apoio prestado.

**60 – ABAS DO LIVRO *E FOI ASSIM QUE A COBRA FUMOU DE ELZA*
CANSANÇÃO MEDEIROS**



O livro ***E foi assim que a cobra fumou***, de autoria veterana da Força Expedicionária Brasileira Major Reformada Elza Cansanção Medeiros é um importante e singular relato da II Guerra Mundial. Singular por ser de autoria de uma vibrante mulher, com rara sensibilidade e sentimento de soldado e pela rica iconografia que difunde. Importante, pois nesta obra a Major Elza escreve sem pretensões literárias sobre o que viu e sentiu na parte do conflito a que assistiu e viveu intensamente como enfermeira militar.

O livro publica parte da rica iconografia que a autora reuniu, de cerca de mais de mil peças, sendo assim a mais completa sobre o assunto. Essa circunstância lhe valeu, como reconhecimento, sua eleição como a primeira mulher e na categoria de sócia efetiva, no ano do cinquentenário do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Nesta obra dirigida à juventude do Brasil, a autora procura passar aos jovens a informação histórica correta, nem sempre disponível, sobre a real dimensão da contribuição do Brasil na II Grande Guerra, em defesa da Democracia e da Liberdade Mundial.

Cláudio Moreira Bento (*Coronel*
Diretor do Arquivo Histórico do Exército)